

ESFERA



MICHAEL CRICHTON

Tradução de Isabel Veríssimo

Título Original: Sphere

Para Lynn Nesbit

”Quando um cientista vê as coisas, não considera de forma alguma
o incrível”

- LOUISI KAHN

”Não se pode enganar a natureza”

- RICHARD FEYNMAN

Durante a preparação deste manuscrito, recebi ajuda e encorajamento de Caroline Conley, Kurt Villadsen, Lisa Plonsker, Valery Pine, Anne-Marie Martin, John Deubert, Lynn Nesbit e Bob Gottlieb. Estou grato a todos eles.

A SUPERFÍCIE

A OESTE DE TONGA

Durante muito tempo o horizonte não tinha passado de uma monótona linha azul, direita, que separava o oceano Pacífico do céu. O helicóptero da Marinha avançou velozmente em frente, a voar a baixa altitude, perto das ondas. Apesar do ruído e da vibração intensa das pás, Norman Johnson adormeceu. Estava cansado; andava a viajar em diversos aviões militares há mais de catorze horas. E não era propriamente o género de coisa que um professor de Psicologia com 53 anos de idade estava acostumado a fazer.

Não fazia a menor ideia de quanto tempo tinha dormido. Quando acordou, viu que o horizonte ainda estava plano; à frente viam-se semicírculos brancos de atóis de coral. Ele disse pelo comunicador:

– Que é aquilo?

– As ilhas de Ninihina e Tafahi - respondeu o piloto. Tecnicamente, fazem parte de Tonga, mas estão desabitadas. Dormiu bem?

– Nada mal. - Norman olhou para as ilhas enquanto elas ficavam para trás; uma curva de areia branca, algumas palmeiras e depois tudo desapareceu. De novo o oceano plano.

– De onde é que veio? - perguntou o piloto.

– San Diego - disse Norman. - Saí de lá ontem.

– Então, fez Honolulu-Guam-Pago até aqui?

– Isso mesmo.

– Uma viagem muito longa – disse o piloto. - Que tipo de trabalho faz o senhor?

– Sou psicólogo – respondeu Norman.

– Um psiquiatra, hem? - O piloto sorriu. – Por que não? Eles convocaram quase tudo o que se pode imaginar.

– Que quer dizer com isso?

– Temos andado a transportar pessoas de Guam ao longo dos últimos dois dias. Médicos, biólogos, matemáticos, tudo o que possa imaginar. Toda a gente está a ser trazida para o meio de sítio nenhum, em pleno oceano Pacífico.

– Que se passa? - perguntou Norman.

O piloto olhou-o de relance e os seus olhos estavam imperscrutáveis por detrás dos óculos escuros de aviador.

– Eles não nos disseram nada, sir. E ao senhor? Que lhe disseram?

– Disseram-me - respondeu Norman - que houve um acidente aéreo.

– Pois - disse o piloto. - E o senhor é chamado quando caem aviões?

– Já fui, sim.

Há uma década que Norman constava da lista das equipas de salvamento da Força Aérea, uma lista de peritos que eram chamados de urgência para investigar desastres aéreos civis. A primeira vez tinha sido na queda do avião da United Airlines em San Diego, em 1976, depois, tinha sido chamado para Chicago, em 1978, e Dálias, em 1982. De todas as vezes, o padrão fora o mesmo

- o telefonema apressado, fazer as malas à pressa, a ausência de uma semana ou mais. Desta vez, a mulher, Ellen, tinha ficado aborrecida porque ele estava a ser chamado no dia 1 de Julho, o que significava que perderia o churrasco na praia, que faziam sempre no dia 4 de Julho. Para além do mais, Tim ia voltar no fim do segundo ano na universidade em Chicago, antes de ir para um emprego de Verão nas Cascades. E Amy, que estava agora com 16 anos, tinha acabado de chegar de Andover, e Amy e Ellen não se davam muito bem se Norman não estivesse lá para mediar. O Volvo estava novamente a fazer ruídos. E era muito possível que Norman não estivesse presente no aniversário da mãe, na semana seguinte.

- Que acidente foi esse? - tinha dito Ellen. - Não ouvi falar em nenhum acidente aéreo.

Ligara o rádio enquanto ele fazia as malas. No rádio não tinham dado qualquer notícia de um acidente de uma companhia aérea.

Quando o carro parou à frente da casa, Norman tinha ficado surpreendido ao ver que era um carro oficial da Marinha, como um motorista com o uniforme da Marinha.

- Das outras vezes nunca mandaram um carro da Marinha - disse Ellen, seguindo-o pelas escadas até à porta da frente. - É um acidente militar?

- Não sei - disse ele.

- Quando é que voltas?

Ele beijou-a.

- Depois telefono-te - disse ele. - Prometo.

Mas não tinha telefonado. Tinham sido todos delicados e agradáveis, mas tinham-no mantido afastado de telefones. Primeiro no Campo de Hickam, em Honolulu, depois na Estação Aérea Naval em Guam, onde tinha chegado às duas da manhã, e passara meia hora numa sala que cheirava a gasolina de aviação, a olhar, estupidificado, para um exemplar do American Journal of Psychology que trouxera consigo, antes de partir. Chegou a Pago, quando o dia nascia. Norman foi levado rapidamente para o grande helicóptero Sea Knight, que descolou imediatamente da pista fria e se dirigiu para oeste, sobre palmeiras e telhados de chapa enferrujada, para o Pacífico.

Estava neste helicóptero há duas horas e dormira durante parte da viagem. Ellen, Tim e Amy e o aniversário da mãe pareciam agora muito longínquos.

- Onde é que nos encontramos exactamente?

- Entre Samoa e Fiji, no Pacífico Sul - respondeu o piloto.

- Pode mostrar-me no mapa?

- Não posso fazer isso, sir. De qualquer maneira, não veria grande coisa. Neste momento, estamos a duzentas milhas de qualquer sítio, sir.

Norman contemplou o horizonte liso, ainda azul e sem formas. "Acredito", pensou. Bocejou.

- Não se aborrece ao olhar para aquilo?

– Para dizer a verdade, não, sir - disse o piloto. - Fico verdadeiramente feliz ao ver tudo liso como está. Pelo menos, temos bom tempo. E não vai manter-se assim. Está a formar-se um ciclone nas Admiralties, que deve vir para estes lados dentro de alguns dias.

– Que acontece então?

– Toda a gente se põe a mexer daqui para fora o mais depressa possível. Nesta parte do mundo o clima pode ser muito mau, sir. Eu sou da Florida e vi alguns furacões quando era miúdo, mas o senhor nunca viu nada como um ciclone do Pacífico, garanto-lhe.

Norman acenou afirmativamente.

– Quanto tempo falta para chegarmos?

– Estamos a chegar a todo o momento, sir.

Após duas horas de monotonia, o grupo de navios pareceu involuntariamente interessante. Havia mais de uma dúzia de navios de diversos tipos, alinhados em círculos mais ou menos concêntricos. No perímetro exterior, contou oito contratorpedeiros cinzentos da Marinha. Mais perto do centro encontravam-se grandes navios que tinham cascos duplos muito espaçados e se assemelhavam a docas secas flutuantes; depois, navios que pareciam caixas e eram difíceis de descrever, com cobertas planas para helicópteros; e, no centro, no meio de todo aquele cinzento, dois navios brancos, cada um com uma placa lisa e um vidro de vigia.

O piloto descreveu-os:

– Tem os seus contratorpedeiros na parte exterior, para protecção; *VPR mais para dentro, que são Veículos de Protecção Remota, para os robots; depois AAM, Apoio e Abastecimento de Missão; e NPOO no centro.*

- *NPOOs?*

– *Navios de Pesquisa e Observação Oceanográfica. - O piloto apontou para os navios brancos. - John Hawes a bombordo e William Arthur a estibordo. Vamos aterrar no Hawes. - O piloto sobrevoou a formação de navios. Norman viu lanchas a circular de um lado para o outro entre os navios, deixando pequenos rastros brancos no azul-escuro da água.*

– *Tudo isto por causa da queda de um avião?*

– *Eia - disse o piloto, e sorriu. - Eu nunca mencionei um acidente aéreo. Por favor, verifique o seu cinto de segurança, sir. Estamos quase a aterrar.*

BARNES

O vidro de vigia vermelho tornou-se maior e deslizou por debaixo deles quando o helicóptero aterrou. Norman soltou a fivela do cinto de segurança com alguma dificuldade quando um marinheiro uniformizado correu para o helicóptero e abriu a porta.

– Dr. Johnson? Norman Johnson?

– Exactamente.

– Tem alguma bagagem, *sir*?

– *Apenas isto. - Norman esticou-se para trás e puxou o saco de fim-de-semana. O marinheiro pegou nele.*

– *Tem alguns instrumentos científicos, alguma coisa desse género?*

– *Não. Apenas isto.*

– *Por aqui, *sir*. Mantenha a cabeça baixa, siga-me, e não fique para trás, *sir*.*

Norman desceu do helicóptero e encolheu-se por debaixo das pás. Seguiu o militar pelo heliporto e desceram umas escadas estreitas. O corrimão de metal era quente ao toque. Atrás dele, o helicóptero descolou e o piloto acenou-lhe uma última vez. Depois de o helicóptero desaparecer, o ar do Pacífico ficou parado e brutalmente quente.

– *Fez boa viagem, *sir*?*

– *Sim.*

– *Precisa de ir, *sir*?*

– *Acabei de chegar - disse Norman.*

– *Não, o que eu queria dizer é se precisa de usar a casa de banho, *sir*.*

– *Não - disse Norman.*

– *Ótimo. Não use as casas de banho, *sir*, estão todas avariadas.*

– *Está bem.*

– *A canalização está entupida desde a noite passada. Temos estado a tentar resolver o problema e esperamos solucioná-lo rapidamente. - Espreitou para Norman. - Neste momento, temos imensas mulheres a bordo, *sir*.*

– *Compreendo - disse Norman.*

– *Há uma casa de banho química, se precisar de a usar, *sir*.*

– *Estou bem, muito obrigado.*

– *Nesse caso, o comandante Barnes quer vê-lo imediatamente, *sir*.*

– *Gostaria de telefonar para a minha família. Baixaram-se para atravessar uma porta, saindo do sol quente para um corredor iluminado por uma luz fluorescente. Estava muito mais fresco.*

– *Ultimamente, o ar condicionado não tem avariado - disse o militar. - Pelo menos, já é alguma coisa.*

– *O ar condicionado avaria muitas vezes?*

– *Só quando está calor.*

Passaram junto a outra porta e entraram numa grande sala de trabalho: paredes metálicas, prateleiras de ferramentas, archotes de acetileno a soltar faíscas enquanto operários se debruçavam sobre pontões de metal e peças de maquinaria intrínca, cabos espalhados pelo chão como cobras.

– *Aqui fazemos reparações ROV - disse o militar; a gritar para se fazer ouvir por*

cima do barulho. - A maior parte do trabalho pesado é feito nos navios auxiliares. Aqui fazemos apenas alguns trabalhos de electrónica. Vamos por aqui, sir.

Atravessaram mais uma porta, percorreram outro corredor e entraram numa sala grande, de tecto baixo, atafalhada de monitores de vídeo. Meia dúzia de técnicos estavam sentados numa semiescuridão cheia de sombras diante dos ecrãs coloridos. Norman fez uma pausa para olhar.

- É aqui que monitorizamos os ROVs - disse o militar. - Temos três ou quatro robots no fundo do oceano, permanentemente. Para além dos MSBs e dos FDs, é claro.

Norman ouviu os estalidos e zumbidos das comunicações via rádio, fragmentos suaves de palavras que não conseguiu perceber. Num ecrã viu um mergulhador a andar no fundo. O mergulhador estava inundado por uma luz artificial desagradável e usava um fato de uma espécie que Norman nunca vira, um material azul-forte e um capacete amarelo-claro com um formato estranho. Norman apontou para o ecrã.

- A que profundidade está ele?

Não sei. Trezentos, trezentos e vinte metros, uma coisa do género.

- E que é que encontraram?

- Até agora, apenas o grande leme de titânio. - O oficial olhou em volta de relance. - Agora não se vê em nenhum dos monitores. Bill, pode mostrar o leme aqui ao Dr. Johnson?

- Lamento, sir - disse o técnico. - O MainComOps actual está a trabalhar mais a norte, no quadrante sete.

- Ah. O Quad. sete situa-se a quase uma milha do leme - disse o oficial para Norman. - É uma pena: é uma coisa que vale a pena ver. Mas vai vê-lo mais tarde, tenho a certeza. Por aqui. Vamos ter com o comandante Barnes.

Andaram mais um pouco no corredor; depois o oficial perguntou:

- Conhece o comandante, sir?

- Não, porquê?

- Apenas curiosidade. Ele tem estado à sua espera com muita ansiedade. Tem estado em contacto com os técnicos de computadores de hora a hora, para saber quando é que o senhor chega.

- Não - disse Norman, nunca o vi.

- Um homem muito simpático.

- Tenho a certeza de que é.

- O oficial olhou por cima do ombro.

- Sabe, dizem uma coisa acerca do comandante - disse ele.

- Oh? E o que é?

- Dizem que a dentada dele é pior do que o seu ladrar.

Outra porta, com uma placa onde se lia "COMANDANTE DO PROJECTO" e que tinha por baixo uma placa removível com o nome "CoM. HAROLD C. BARNES, MEU". O oficial desviou-se para o lado, e Norman entrou para uma imponente sala apainelada. Um homem corpulento, em mangas de camisa, levantou-se por detrás de uma pilha de dossiers.

O comandante Barnes era um daqueles militares impecáveis que faziam Norman sentir-se gordo e inadequado. Com quarenta e poucos anos, Hal Barnes tinha um

porte militar erecto, uma expressão alerta, cabelo curto, uma barriga lisa e um aperto de mão firme de político.

– Bem-vindo a bordo do Hawes, Dr. Johnson. Como é que se sente?

– Cansado - disse Norman.

– Sem dúvida, sem dúvida. Veio de San Diego?

– Sim.

– Então, são quinze horas, mais coisa menos coisa. Gostaria de descansar?

– Gostaria de saber o que se passa - replicou Norman.

– É perfeitamente compreensível - assentiu Barnes. - Que lhe disseram?

– Quem?

– Os homens que foram buscá-lo a San Diego, os homens que o trouxeram de avião até aqui, os homens em Guam. Não importa.

– Ninguém me disse nada.

– E viu alguns repórteres, alguma imprensa?

– Não, nada disso. Barnes sorriu.

– Ótimo. Folgo muito em ouvir isso. - Fez sinal a Norman para que se sentasse. Norman sentou-se, agradecido. - Quer um café? - perguntou Barnes, e aproximou-se de uma máquina de café que se encontrava atrás da sua secretária, mas depois as luzes apagaram-se. A sala ficou às escuras, com exceção da luz que entrava por uma vigia lateral.

– Raios partam isto! - exclamou Barnes. - Outra vez, não. Emerson! Emerson!

Um alferes entrou por uma porta lateral.

– Sir! Estamos a resolver o problema, meu comandante.

– Que aconteceu desta vez?

– Estourou no ROV Compartmento 2, sir.

– Pensava que tínhamos acrescentado linhas suplementares no Compartmento 2.

– Aparentemente, repetiu-se a sobrecarga, sir.

– Quero isto resolvido agora, Emerson!

– Esperamos resolver o problema rapidamente, sir.

A porta fechou-se; Barnes sentou-se na sua cadeira. Norman ouviu a voz na escuridão.

– Na verdade, a culpa não é deles - disse ele. - Estes navios não foram construídos para o tipo de cargas de energia que estamos a usar neles agora, e... ah, cá estamos nós. - As luzes voltaram a acender-se. Barnes sorriu. - Disse que queria café, Dr. Barnes?

– Simples, por favor - disse Norman. Barnes encheu-lhe uma caneca.

– A propósito, estou aliviado por não ter falado com ninguém. No meu trabalho, Dr. Johnson, a segurança é a nossa maior preocupação. Especialmente numa coisa como esta. Se a notícia acerca deste local se espalhar, teremos todos os tipos de problemas. E agora estão envolvidas tantas pessoas... Diabos, o CincConPac nem sequer quis dar-me os contratorpedeiros antes de eu começar a falar no reconhecimento de submarinos soviéticos. Depois disso, deram-me quatro, e depois oito contratorpedeiros.

– Reconhecimento de submarinos soviéticos? - perguntou Norman.

– Foi o que eu lhes disse em Honolulu - disse Barnes, e sorriu. Faz parte do jogo,

conseguirmos aquilo que precisamos para uma operação como esta. Temos de saber como requisitar equipamento na Marinha moderna. Mas é claro que os soviéticos não vão aproximar-se.

– Ah, não? - De certa forma, Norman sentiu que as suposições subjacentes a esta conversa lhe tinham escapado e estava a tentar compreender.

– É muito improvável. Já nos teriam detectado com os seus satélites há dois dias, mas nós estamos a emitir um fluxo permanente de mensagens descodificáveis acerca de exercícios de Busca e Salvamento no Pacífico Sul. E os exercícios B e S têm pouca prioridade para eles, embora sem dúvida pensem que caiu um avião e que nós estamos a recuperá-lo. Podem até mesmo suspeitar de que estamos a tentar recuperar ogivas nucleares, como fizemos ao largo de Espanha em 1968. Mas deixam-nos em paz... porque politicamente não querem estar implicados nos nossos problemas nucleares. Sabem que actualmente estamos a ter problemas com a Nova Zelândia.

– É o que se passa aqui? - disse Norman. - Ogivas nucleares?

– Não - disse Barnes. - Graças a Deus. Qualquer coisa nuclear, alguém na Casa Branca sente sempre a obrigação de anunciar o facto. Mas conseguimos manter isto longe do conhecimento do pessoal da Casa Branca. Na verdade, estamos a passar por cima dos JCS. Todos os relatórios vão directamente do ministro da Defesa para o presidente, pessoalmente. - Bateu com os nós dos dedos na secretária. - Até agora, tudo bem. E o doutor foi o último a chegar. Agora que está aqui, vamos fechar esta coisa hermeticamente. Não entra nada nem sai nada.

Norman continuava a não conseguir apanhar o fio à meada.

– Se não estão envolvidas ogivas nucleares no acidente - disse ele, porquê todo este segredo?

– Bem - disse Barnes. - Ainda não temos todos os factos.

– O acidente ocorreu no oceano?

– Sim. Mais ou menos directamente por baixo de nós.

– Então, não pode haver sobreviventes.

– Sobreviventes? - Barnes pareceu surpreendido. - Não, não me parece que possa haver sobreviventes.

– Então, por que é que eu fui chamado aqui? Barnes não esboçou a menor reacção.

– Bem - explicou Norman, normalmente eu sou chamado a locais de acidentes quando há sobreviventes. É por isso que incluem um psicólogo na equipa, para lidar com os problemas traumáticos agudos dos passageiros que sobrevivem. Os sentimentos deles, e os medos, e os pesadelos recorrentes. As pessoas que sobrevivem a um acidente aéreo sentem muitas vezes todas as espécies de culpa e ansiedade, relacionadas com o facto de terem sobrevivido e outros não. Uma mulher está sentada com o marido e os filhos, e, de repente, eles estão todos mortos e apenas ela está viva. Esse género de coisa. Norman recostou-se na cadeira. - Mas neste caso... um avião que se despenhou e está a trezentos metros de profundidade na água... não haveria nenhum desses problemas. Então, por que estou eu aqui?

Barnes estava a olhar para ele. Parecia pouco à-vontade. Mexeu nos dossiers que tinha na secretária.

– Na verdade, não estamos no local de um acidente aéreo, Dr. Johnson.

– Que se passa?

– Estamos no local onde caiu uma nave espacial. Seguiu-se uma curta pausa. Norman acenou.

– Compreendo.

– Isso não o surpreende? - perguntou Barnes.

– Não - respondeu Norman. - Na verdade, explica muitas coisas. Se uma nave espacial militar se despenhou no oceano, isso explica por que é que não ouvi a notícia no rádio, explica por que é que o caso foi mantido em segredo, por que é que fui trazido para cá da forma que fui... Quando é que se despenhou?

Barnes hesitou apenas uma fracção de segundo antes de responder:

– Segundo os nossos cálculos - disse ele, esta nave espacial despenhou-se há trezentos anos.

Fez-se silêncio. Norman escutou o zumbido do ar condicionado. Ouviu debilmente as comunicações via rádio na sala ao lado. Olhou para a caneca de café que tinha na mão e reparou que estava estalada na borda. Esforçou-se para assimilar o que tinha acabado de ouvir, mas a sua mente movia-se lentamente, em círculos.

"Há trezentos anos", pensou. Uma nave espacial com trezentos anos. Mas o programa espacial não tinha trezentos anos. Então, como é que podia estar ali uma nave espacial há trezentos anos? Não podia ser. Barnes tinha de estar enganado. Mas como poderia Barnes estar enganado? A Marinha não enviaria todos aqueles navios, todas aquelas pessoas, a menos que tivesse a certeza do que estava no fundo do mar. Uma nave espacial com trezentos anos.

Mas como podia ser? Não podia ser. Tinha de ser outra coisa qualquer. Pensou no assunto vezes sem conta, sem chegar a lado nenhum, com a mente entorpecida e chocada.

– Absolutamente nenhuma dúvida acerca disso - estava Barnes a dizer: - Podemos calcular a data com bastante precisão a partir do crescimento dos corais. Os corais do Pacífico crescem dois centímetros e meio por ano, e o objecto... seja o que for... está coberto por cerca de cinco metros de coral. É muito coral. Claro que o coral não cresce a uma profundidade de trezentos metros, o que significa que a prateleira actual caiu para uma profundidade maior, algures no passado. Os geólogos dizem-nos que isso aconteceu há cerca de um século, por isso estamos a presumir uma idade total para a nave de aproximadamente trezentos anos. Mas podemos estar errados nesse ponto. Na verdade, pode ser muito mais antiga. Pode ter mil anos.

Barnes mexeu novamente nos papéis que tinha em cima da secretária e organizou-os em pilhas direitas, alinhando os cantos.

– Não me importo de lhe dizer, Dr. Johnson, que esta coisa me assusta imenso. É por isso que está aqui.

Norman abanou a cabeça.

– Continuo a não compreender.

Trouxemo-lo para aqui - disse Barnes, por causa da sua associação ao projecto FVD.

– FVD? - exclamou Norman. E quase acrescentou, "Mas o FVD foi uma piada." Mas ao ver como Barnes estava sério, congratulou-se por se ter controlado a

tempo.

No entanto, o FVD era uma piada. Tudo o que estava relacionado com ele tinha sido uma piada, desde o princípio.

Em 1979, nos tempos monótonos da Administração Cárter, Norman Johnson era professor-assistente de Psicologia na Universidade da Califórnia, em San Diego; a sua investigação pessoal centrava-se na dinâmica e ansiedade de grupo, e, ocasionalmente, fazia parte das equipas de acidentes da FAA. Naquela época, os seus maiores problemas tinham sido encontrar uma casa para Ellen e para os miúdos, manter as suas publicações e saber se a UCSD o manteria ocupado. A pesquisa de Norman foi considerada brilhante, mas em termos psicológicos estava notoriamente contra as modas intelectuais, e o interesse no estudo da ansiedade estava a declinar; pois muitos investigadores tinham considerado que a ansiedade não passava de um distúrbio puramente bioquímico que podia ser tratado unicamente com uma terapia de medicamentos; um cientista tinha ido mesmo ao ponto de dizer: "A ansiedade já não é um problema em psicologia. Já não há nada para estudar." De forma semelhante, a dinâmica de grupo era considerada antiquada, um campo que tinha tido o seu apogeu nos encontros de grupos da Gestalt e nos processos de pensamento do princípio da década de 1970, mas agora estava ultrapassado e fora de moda.

O próprio Norman não conseguia perceber isto. Parecia-lhe que a sociedade americana era cada vez mais uma sociedade em que as pessoas trabalhavam em grupos, não sozinhas; o individualismo inflexível tinha sido agora substituído por reuniões intermináveis de empresas e decisões de grupos. Nesta sociedade nova, o comportamento de grupo parecia-lhe mais importante, não menos. E ele não achava que a ansiedade enquanto problema clínico pudesse ser resolvida com comprimidos. Parecia-lhe que uma sociedade na qual o medicamento mais receitado era o Valium, era, por definição, uma sociedade com problemas por resolver.

Só quando da preocupação com as técnicas de gestão japonesas na década de 80 é que o campo de Norman ganhou uma nova força na atenção académica. Aproximadamente na mesma altura, a dependência do Valium foi reconhecida como um problema sério, e todo o assunto da terapia por medicamentos para ansiedade foi reconsiderado. Mas, entretanto, Johnson passou diversos anos com a sensação de que estava em água estagnada. (Não conseguiu obter uma Bolsa de pesquisa durante quase três anos.) Trabalho e arranjar uma casa eram problemas muito reais.

Foi durante a parte pior desta época, no final de 1979, que foi abordado por um jovem advogado muito solene do Concelho Nacional de Segurança em Washington, que se sentava com o tornozelo sobre o joelho e puxava nervosamente a meia. O advogado disse a Norman que tinha vindo pedir-lhe ajuda.

Norman disse que ajudaria, se pudesse.

Sempre a puxar a meia, o advogado disse que queria falar com Norman acerca de um "problema grave de segurança nacional que o nosso país enfrenta hoje em dia".

Norman inquiriu qual era o problema.

– *Simplesmente que este país não está de forma alguma preparado para a eventualidade de uma invasão de extraterrestres. Absolutamente nada preparado. Como o advogado era jovem e como olhava para a meia enquanto falava, no começo, Norman pensou que ele estava embaraçado por ter sido enviado naquela missão tão idiota. Mas, quando o jovem ergueu os olhos, para seu grande espanto, Norman viu que ele estava profundamente sério.*

– *Nós até podíamos ser apanhados com as calças na mão numa coisa destas - disse o advogado. - Uma invasão de extraterrestres.*

Norman teve de morder o lábio.

– *Possivelmente, é verdade - disse ele.*

– *As pessoas na Administração estão preocupadas.*

– *Estão?*

– *Nos níveis mais altos há a sensação de que deveriam ser delineados planos de contingência.*

– *Quer dizer planos de contingência para a eventualidade de uma invasão de extraterrestres... - Sem saber muito bem como, Norman conseguiu manter uma expressão séria.*

– *Talvez - disse o advogado, talvez invasão seja um termo forte de mais. Vamos suavizá-lo e dizer "contacto": contacto extraterrestre.*

– *Estou a compreender.*

– *O senhor já está envolvido em equipas de acidentes civis, Dr. Johnson. Sabe como funcionam estes grupos de emergência. Queremos a sua contribuição para a concepção da composição ideal de uma equipa de emergência para confrontar um invasor extraterrestre.*

– *Estou a compreender - disse Norman, a perguntar a si mesmo como poderia livrar-se delicadamente de tudo aquilo. A ideia era nitidamente ridícula. Só conseguia encará-la como uma substituição: a Administração, confrontada com problemas enormes que não podia resolver, tinha decidido pensar noutra coisa.*

E, depois, o advogado tossiu, propôs uma pesquisa, e referiu um montante substancial para uma Bolsa de estudo de dois anos. Norman viu uma hipótese de comprar a casa. Aceitou.

– *Ainda bem que concorda que o problema é real.*

– *Oh, sim - disse Norman, perguntando a si mesmo que idade teria este advogado. Calculou que não teria mais de 25 anos.*

– *Só precisamos de obter a sua autorização de segurança disse o advogado.*

– *Preciso de autorização de segurança?*

– *Dr. Johnson - disse o advogado, e fechou a pasta, este projecto é ultra, ultra-secreto.*

– *Por mim, tudo bem - disse Norman, e estava a falar a sério. Podia imaginar as reacções dos colegas se alguma vez descobrissem aquilo.*

O que começara como uma piada tornara-se simplesmente bizarro. Ao longo do ano seguinte, Norman foi a Washington cinco vezes para reuniões com funcionários de alto nível do Concelho Nacional de Segurança, onde se falou sobre o perigo premente e iminente da invasão de extraterrestres. O seu trabalho era muito secreto. Uma das primeiras questões foi se o projecto deveria ser entregue à APPDA, a Agência de Projectos de Pesquisa Avançados do Pentágono.

Decidiram não o fazer. Foi colocada a hipótese de ser entregue à NASA, e também foi decidido não o fazer. Um funcionário da Administração disse:

– Isto não é um assunto científico, Dr. Johnson, é um assunto de segurança nacional. Não queremos torná-lo público.

Norman ficava constantemente surpreendido com o nível dos funcionários com quem o mandavam reunir-se. Um subsecretário de Estado afastou os papéis que tinha na secretária, e que estavam relacionados com a última crise do Médio Oriente, para dizer:

– Qual é a sua opinião acerca da possibilidade de estes extraterrestres serem capazes de ler as nossas mentes?

– Não sei - disse Norman.

– Bom, ocorreu-me essa ideia. Como é que vamos poder formular uma postura de negociações se eles puderem ler as nossas mentes?

– Isso poderia ser um problema - concordou Norman, e olhou de relance para o relógio.

– Raios, já é suficientemente mau as nossas mensagens codificadas serem interceptadas pelos russos. Nós sabemos que os japoneses e os israelitas descodificaram todos os nossos códigos. Estamos a rezar para que os russos ainda não tenham conseguido fazê-lo. Mas compreende aquilo a que me refiro, o problema. O problema de eles poderem ler as nossas mentes.

– Oh, sim.

– O seu relatório terá de tomar isso em consideração. Norman prometeu que não esqueceria essa eventualidade.

A ligação com o Pentágono, um major-general, convidou-o para almoçar, e, quando estavam a tomar o café, perguntou-lhe casualmente:

– Que tipo de armamentos acha que estes extraterrestres possuem?

Não tenho a certeza - disse Norman.

– Bem, é o ponto fulcral da questão, não é? E quanto às vulnerabilidades deles? Quero dizer, os extraterrestres podem nem sequer ser humanos.

– É verdade, podem não ser humanos.

– Podem ser parecidos com insectos gigantes. Os seus insectos podem suportar muita radiação.

– Sim - disse Norman.

– Talvez não conseguíssemos tocar nesses extraterrestres - disse sombriamente o homem do Pentágono. Depois, o rosto dele iluminou-se. - Mas duvido de que pudessem aguentar um ataque directo com um dispositivo nuclear multimega, não concorda?

– Sim - disse Norman. - Não me parece que conseguissem resistir.

– Iria vaporizá-los.

- Claro.

– Leis da física.

– Certo.

– O seu relatório tem de referir esse ponto muito claramente. Acerca da vulnerabilidade nuclear desses extraterrestres.

– Sim - disse Norman.

– Não queremos dar origem a um pânico - disse o homem do Pentágono. - Não faz

sentido perturbar toda a gente, não é? Sei que os JCS ficarão sossegados ao saber que os extraterrestres são vulneráveis às nossas armas nucleares.

– Não vou esquecer-me disso - disse Norman.

Por fim, as reuniões acabaram, e ele começou a escrever o seu relatório. E, ao rever as especulações publicadas sobre a vida extraterrestre, decidiu que, afinal de contas, o major-general do Pentágono não estava assim tão errado. A verdadeira questão acerca do contacto extraterrestre - se é que havia sequer uma questão real - era o pânico. Pânico psicológico. A única experiência humana importante com extraterrestres tinha sido a emissão de rádio de Orson Welles em 1938 de "A Guerra dos Mundos". E a reacção humana fora inequívoca.

As pessoas tinham ficado aterrorizadas.

Norman entregou o relatório, intitulado "Contacto com Possível Vida Extraterrestre". Foi-lhe devolvido pelo CNS, com a sugestão de que o título fosse revisto para "soar mais técnico" e para remover "qualquer sugestão de que o contacto extraterrestre era simplesmente uma possibilidade, pois o contacto extraterrestre é considerado virtualmente certo em alguns sectores da Administração".

Revisto, o documento de Norman foi devidamente classificado de Ultra-Secreto, sob o título "Recomendações para a Equipa de Contacto Humano Interagir com Formas de Vida Desconhecidas (FVD)". Segundo a forma como Norman considerava o assunto, a Equipa de Contacto FVD exigiria indivíduos particularmente estáveis. No seu relatório, tinha dito...

– Será que - disse Barnes, enquanto abria uma pasta, reconhece esta citação:

"As equipas de contacto que vão ao encontro de uma Forma de Vida Desconhecida (FVD) têm de estar preparadas para um impacto psicológico brutal. Ocorrerão quase de certeza reacções de ansiedade extrema. Têm de ser determinadas as características da personalidade de indivíduos que podem suportar ansiedade extrema, e esses indivíduos seleccionados para fazerem parte da equipa.

"A ansiedade, quando confrontada com vida desconhecida, não foi suficientemente estudada. Os medos despoletados pelo contacto com uma forma de vida nova não são conhecidos e não podem ser totalmente previstos antecipadamente. Mas a consequência mais provável do contacto é o terror mais absoluto."

Barnes fechou a pasta bruscamente.

– Recorda-se de quem disse isto?

– Sim - disse Norman. - Fui eu.

– E recordava-se por que é que o tinha dito.

Como parte da Bolsa de estudo do CSN, Norman tinha efectuado estudos de dinâmica de grupo em contextos de ansiedade psicológica. Na mesma linha dos procedimentos de Asch e Milgram, tinha criado diversos ambientes nos quais os sujeitos não sabiam que estavam a ser testados. Num caso, tinha sido dito a um grupo de pessoas que apanhassem o elevador para outro andar, para participarem num teste. O elevador avariou entre andares. Os sujeitos foram então observados por uma câmara de vídeo escondida.

Houve várias variações deste processo. Por vezes, o elevador tinha a indicação

"A Ser Reparado"; outras vezes, havia uma comunicação telefônica com o "técnico de avarias", por vezes não; às vezes, o tecto cedia e as luzes apagavam-se; e por vezes o chão do elevador era feito de um material transparente.

Noutro caso, os sujeitos eram metidos numa carrinha e levados para o deserto por um "guia experiente" que ficava sem gasolina e depois sofria um "ataque cardíaco", confundindo, assim, os sujeitos.

Na versão mais dura, os sujeitos eram levados num avião particular e o piloto sofria um "ataque cardíaco" em pleno voo.

Apesar das queixas tradicionais em relação a estes testes - que eram sádicos, que eram artificiais, que de certa forma as pessoas percebiam que as situações eram encenadas, Johnson obteve informações consideráveis acerca de grupos em situações de tensão provocada por uma ansiedade extrema.

Descobriu que as reacções ao medo eram minimizadas quando o grupo era pequeno (cinco ou menos); quando os elementos do grupo se conheciam bem uns aos outros; quando os elementos do grupo podiam ver-se uns aos outros e não estavam isolados; quando partilhavam objectivos de grupo definidos e limites de tempo fixados; quando os grupos tinham idades mistas e sexos mistos; e quando os membros do grupo tinham personalidades fortemente tolerantes às fobias medidas por testes LAS para ansiedade, que por sua vez se correlacionavam com a boa forma física.

Os resultados do estudo foram formulados em densos gráficos estatísticos, embora, em essência, Norman tivesse consciência de que tinha verificado simplesmente senso comum: se uma pessoa ficasse presa num elevador, era melhor estar com algumas pessoas descontraídas e bem preparadas fisicamente que conhecesse, manter as luzes acesas, e saber que alguém estava a trabalhar para os libertar.

Todavia, Norman sabia que alguns dos seus resultados eram contra-intuitivos, como a importância da composição do grupo. Grupos compostos inteiramente por homens ou inteiramente por mulheres eram mais deficientes no controlo da ansiedade do que grupos mistos; grupos compostos por indivíduos sensivelmente com a mesma idade eram muito mais pobres do que grupos de idades variadas. E grupos preexistentes, formados com outro objectivo, eram os que tinham o comportamento pior; a dado ponto, tinha provocado ansiedade numa equipa de basquetebol do campeonato, e eles tinham-se descontrolado quase imediatamente. Embora a sua pesquisa fosse boa, Norman continuou pouco à vontade em relação ao objectivo subjacente ao seu estudo - invasão extraterrestre, que ele considerava pessoalmente especulativa a ponto de se tornar absurda. Sentiu-se embaraçado por ter de entregar o estudo, especialmente depois de o ter reescrito para o fazer parecer mais importante do que ele sabia que era.

Ficou aliviado quando a Administração Carter não gostou do relatório. Nenhuma das recomendações de Norman foi aprovada. A Administração não concordou com a teoria do Dr. Norman Johnson, de que o medo era um problema; pensaram que a emoção humana predominante seria espanto e respeito. Para além do mais, a Administração preferiu um grupo de contacto grande, composto por trinta pessoas, incluindo três teólogos, um advogado, um médico, um representante do Departamento de Estado, um representante dos três ramos das Forças Armadas, um grupo seleccionado do ramo legislativo, um engenheiro aeroespacial, um

exobiólogo, um físico nuclear, um antropólogo cultural e um apresentador de televisão famoso.

De qualquer maneira, o presidente Cárter não foi reeleito em 1980, e Norman nunca mais ouviu falar no seu relatório FDV. Não tinha ouvido nada durante seis anos.

Até agora.

Barnes disse:

– Recorda-se da equipa FDV que propôs?

– Claro que sim - respondeu Norman.

Norman tinha recomendado uma equipa FDV de quatro pessoas um astrofísico, um zoólogo, um matemático, um linguista - e um quinto membro, um psicólogo, cuja tarefa seria a de monitorizar o comportamento e atitude dos membros activos da equipa.

– Dê-me a sua opinião acerca disto - disse Barnes. Entregou a Norman uma folha de papel:

*EQUIPA DE INVESTIGAÇÃO DE ANOMALIAS
PESSOAL DA MEU-MEMBROS DE APOIO*

1. Harold C. Barnes, comandante de projecto da MEU.

2. Jane Edmunds, téc. de Processamento de Dados P. O. IC da MEU.

3. Tina Chan, téc. de Electrónica P. O. IC da MEU.

4. Alice Fletcher, chefe P. O. de Apoio de Habitáculo do Departamento de Estado da MEU.

5. Rose C. Levy, Apoio de Habitáculo 2 C do Departamento de Estado da MEU.

MEMBROS CIVIS DA EQUIPA

1. Theodore Fielding, antropólogo/geólogo planetário.

2. Elizabeth Halpern, zoóloga/bioquímica.

3. Harold J. Adams, matemático/lógico.

4. Arthur Levine, biólogo marinho/bioquímico.

5. Norman Johnson, psicólogo.

Norman olhou para a lista.

– Exceptuando Levine, esta é a Equipa Civil FDV que eu propus originalmente. Cheguei inclusivamente a entrevistá-los, e testei-os, na época.

– Correcto.

– Mas o senhor próprio o disse: provavelmente, não há sobreviventes. Provavelmente, não há vida no interior daquela nave espacial.

– Sim - disse Barnes. - Mas... e se eu estiver enganado? Olhou de relance para o relógio.

– Vou fazer uma reunião de ponto de situação com os elementos da equipa às onze horas. Quero que me acompanhe e veja o que pensa dos membros da equipa - disse Barnes. - Afinal de contas, seguimos as recomendações do seu relatório FDV.

"Seguiram as minhas recomendações", pensou Norman, e sentiu uma angústia profunda. "Jesus Cristo, eu estava apenas a pagar uma casa."

– Eu tinha a certeza de que iria ficar empolgadíssimo por ver as suas ideias serem postas em prática - disse Barnes. - Foi por isso que o incluí na equipa como

psicólogo, embora um homem mais jovem tivesse sido mais apropriado.

– Agradeço-lhe - disse Norman.

– Eu sabia - disse Barnes, a sorrir alegremente. Estendeu uma mão carnuda. - Bem-vindo à Equipa FDV, Dr. Johnson.

BETH

Um alferes levou Norman ao quarto que iria ocupar, um quarto minúsculo e cinzento, que se parecia mais com uma cela de prisão do que outra coisa qualquer. O saco de fim-de-semana de Norman estava em cima do beliche. No canto havia uma consola de computador e um teclado. Ao lado encontrava-se um manual grosso com uma capa azul.

Ele sentou-se em cima da cama, que era dura, nada acolhedora. Recostou-se a um cano na parede.

– Olá, Norman - disse uma voz suave. - Estou contente por ver que te arrastaram para isto. A culpa é toda tua, não é? - Uma mulher estava encostada à soleira da porta.

Beth Halpern, a zoóloga da equipa, era um caso sério de contrastes. Era uma mulher alta, angular, de 36 anos, que podia ser considerada bonita apesar das feições rígidas e do aspecto quase masculino do seu corpo. Nos anos que tinham passado desde a última vez que Norman a vira ela parecia ter reforçado ainda mais o lado masculino. Beth era uma grande levantadora de pesos e corredora; tinha as veias e músculos salientes no pescoço e nos antebraços, e as pernas, por baixo dos calções, eram poderosas. Tinha o cabelo cortado curto, pouco maior do que o de um homem.

Ao mesmo tempo, usava jóias e maquilhagem, e movia-se de uma forma sedutora. A sua voz era suave, e os olhos grandes e brilhantes, especialmente quando falava acerca dos seres vivos que estudava. Nessas alturas, tornava-se quase maternal. Um dos seus colegas na Universidade de Chicago tinha-se referido a ela como "Mãe-Natureza com músculos".

Norman levantou-se, e ela deu-lhe um beijo fugidio no rosto.

– O meu quarto é ao lado do teu, ouvi-te entrar. Quando é que chegaste?

– Há uma hora. Acho que ainda estou em choque - disse Norman. - Acreditas nisto tudo? Achas que é real?

– Acho que é real. - Apontou para o manual azul que estava ao lado do computador.

Norman pegou nele: Regulamentos Para a Conduta do Pessoal Durante Operações Militares Secretas. Folheou páginas de texto legal, denso.

– Basicamente, diz - disse Beth: - que ou manténs a boca calada ou passas muito tempo numa prisão militar. E não se pode fazer nem receber telefonemas. Sim, Norman, acho que deve ser real.

– Há uma nave espacial lá em baixo?

– Há alguma coisa lá em baixo. É bastante excitante. - Ela começou a falar mais rapidamente. - Ora, apenas no campo da biologia, as possibilidades são assombrosas... tudo o que sabemos acerca da vida provém do estudo da vida no nosso planeta. Mas, num sentido, toda a vida no nosso planeta é a mesma. Todas as criaturas vivas, desde as algas até aos seres humanos, são basicamente

construídas a partir do mesmo plano, do mesmo ADN. Agora podemos ter uma oportunidade para contactar vida que é completamente diferente, diferente em todos os sentidos. Não há dúvida de que é excitante.

Norman acenou afirmativamente. Estava a pensar noutra coisa.

– Que disseste acerca de não se poder fazer nem receber telefonemas? Eu prometi que telefonava à Ellen.

– Bem, eu tentei telefonar à minha filha e disseram-me que as ligações com o continente não funcionam. Como se fosse possível uma coisa dessas. A Marinha tem mais satélites do que almirantes, mas eles juram que não há nenhuma linha disponível para telefonar para o exterior. Barnes disse que autorizaria um telegrama. É só.

– Que idade tem a Jennifer agora? - perguntou Norman, satisfeito por se ter recordado do nome. E como se chamava o marido dela? Norman lembrava-se de que ele era físico ou uma coisa parecida. Tinha o cabelo louro-claro. Tinha barba. Usava laços em vez de gravatas.

– É lançadora no Campeonato Evanston de juniores. Não é muito boa aluna, mas é uma lançadora excelente. - Parecia orgulhosa. - Como está a tua família? A Ellen?

– Está boa. Os miúdos estão bem. O Tim está no segundo ano em Chicago. A Amy está em Andover. Como está...

– O George? Divorciámo-nos há três anos - disse Beth. - O George passou um ano na OEPN em Genebra, à procura de partículas exóticas, e acho que encontrou aquilo de que andava à procura. Ela é francesa. Ele diz que é uma cozinheira espantosa. Encolheu os ombros. - De qualquer maneira, o meu trabalho vai bem. No último ano tenho estado a trabalhar com cefalópodes... lulas e polvos.

– Como é isso?

– Interessante. Dá-nos uma sensação estranha apercebemo-nos da inteligência meiga destas criaturas, especialmente dos polvos. Sabes que um polvo é mais esperto do que um cão, e que provavelmente seria um animal de estimação muito melhor? Os polvos são criaturas maravilhosas, espertas e muito emocionais. Só que nós nunca pensamos neles dessa forma.

Norman disse:

– Continuas a comê-los?

– Oh, Norman. - Ela sorriu. - Continuas a relacionar tudo com a comida?

– Sempre que é possível - disse Norman, e bateu no estômago.

– Bem, não vais gostar da comida neste sítio. É terrível. Mas a resposta é não, - disse ela, a estalar os nós dos dedos. - Agora nunca conseguiria comer um polvo, sabendo o que sei acerca deles. E isso faz-me lembrar outra coisa: que sabes acerca do Hal Barnes?

– Nada, porquê?

– Eu tenho andado a fazer umas perguntas por aí. Acontece que o Barnes não é da Marinha. É um ex da Marinha.

– Queres dizer que está reformado?

– Reformou-se em 81. Originalmente, formou-se em Engenharia Aeronáutica na Cal Tech, e depois de se reformar trabalhou durante algum tempo para a Grumman. Depois, foi membro do Conselho Científico da Marinha da Academia Nacional; a seguir, foi subsecretário assistente da Defesa e membro do CAASD, o Conselho de Avaliação de Aquisição de Sistemas de Defesa; membro do Conselho Científico de Defesa, que aconselha os chefes dos três ramos das Forças Armadas e o ministro da Defesa.

– Aconselha-os em quê?

– Compra de armas - disse Beth. - Ele é um homem do Pentágono que aconselha o Governo em relação à compra de armamento. Por isso, como é que está a dirigir este projecto?

1 Organização Europeia de Pesquisa Nuclear. (N da T.)

– Não faço a menor ideia - disse Norman. Sentado no beliche, descalçou os sapatos. De súbito, sentiu-se cansado. Beth encostou-se à soleira da porta.

– Parece estar em muito boa forma - disse Norman. "Até as mãos dela parecem fortes", pensou.

– E como se vê até é uma coisa boa - disse Beth. - Estou com imensa confiança em relação ao que está para acontecer. E quanto a ti? Achas que vais aguentar-te?

– Eu? Por que não? - Olhou para a barriga que lhe era muito familiar. Ellen estava sempre a chateá-lo para fazer alguma coisa acerca daquilo, e de vez em quando inspirava-se e ia ao ginásio alguns dias, mas parecia nunca conseguir livrar-se dela. E a verdade é que não se importava muito com isso. Tinha 53 anos e era um professor universitário. Que se lixasse.

Depois teve um pensamento:

– Que queres dizer com estares confiante no que está para acontecer? Que está para acontecer?

– Bem. Até agora são apenas boatos. Mas a tua chegada parece confirmá-los.

– Que boatos?

– Vão mandar-nos lá abaixo - disse Beth.

– Lá abaixo?

– Para o fundo. Para a nave espacial.

– Mas está a uma profundidade de trezentos metros. Estão a investigá-la com robots submersíveis.

– Hoje em dia, trezentos metros não é uma profundidade assim tão grande - disse Beth. - A tecnologia pode contornar isso. Neste preciso momento estão mergulhadores da Marinha lá em baixo. E o que se diz é que os mergulhadores montaram um habitáculo para que a nossa equipa possa descer e viver no fundo do oceano durante cerca de uma semana e abrir a nave espacial.

De repente, Norman sentiu um calafrio. No seu trabalho com a FAA, tinha estado exposto a todas as espécies de horrores. Uma vez, em Chicago, no local da queda

de um avião que se estendia por uma quinta inteira, tinha pisado uma coisa mole. Tinha pensado que era uma rã, mas era a mão de uma criança muito mutilada, com a palma para cima. Outra vez tinha visto o corpo carbonizado de um homem, ainda preso no assento, só que o assento tinha sido atirado para o pátio das traseiras de uma casa suburbana, onde ficou muito direita ao lado de uma piscina portátil para crianças. E em Dálias tinha visto os investigadores nos telhados das casas suburbanas, a apanhar partes de corpos, a colocá-los dentro de sacos...

Trabalhar numa equipa de apoio em acidentes aéreos, requeria a vigilância psicológica mais extraordinária, para evitar que as pessoas ficassem destroçadas com o que viam. Mas nunca havia nenhum perigo pessoal, nenhum risco físico. O risco era o perigo dos pesadelos. Mas, agora, a perspectiva de descer trezentos metros no oceano para investigar um destroço...

– Sentes-te bem? - perguntou Beth. - Pareces pálido.

– Não sabia que alguém andava a falar em ir lá abaixo.

– São apenas boatos - disse Beth. - Descansa um bocadinho, Norman. Acho que estás a precisar.

O PONTO DE SITUAÇÃO

A equipa FDV juntou-se na sala de reuniões, pouco antes das onze horas. Norman estava interessado em ver o grupo que tinha escolhido seis anos antes, agora reunido pela primeira vez.

Ted Fielding era compacto, atraente, e, aos 40 anos, ainda parecia um rapazinho, descontraidamente vestido com uns calções e uma camisola pólo. Astrofísico no Laboratório de Propulsão a Jacto em Pasadena, tinha feito trabalhos importantes na estratigrafia planetária de Mercúrio e da Lua, embora fosse mais conhecido pelos seus estudos sobre os canais Mangala Vallis e Valles Marineris, em Marte. Localizados no equador marciano, estes grandes desfiladeiros tinham qualquer coisa como quatro mil quilómetros de comprimento e sete quilómetros de profundidade - dez vezes o comprimento e o dobro da profundidade do Grand Canyon. E Fielding estivera entre os primeiros cientistas que tinham concluído que o planeta mais parecido em composição com a Terra não era de forma alguma Marte, como se suspeitava anteriormente, mas o minúsculo Mercúrio, com o seu campo magnético semelhante ao da Terra.

A personalidade de Fielding era franca, alegre e pomposa. No LPJ, aparecia na televisão sempre que havia um voo espacial, e usufruía, portanto, de uma certa celebridade; tinha casado recentemente pela segunda vez, com uma repórter que apresentava a meteorologia numa estação de televisão em Los Angeles; tinham um filho pequeno.

Ted defendia há muito tempo a teoria da existência de vida noutros mundos, e era apoiante da PIE, a Pesquisa de Inteligência Extraterrestre, que outros cientistas consideravam uma perda de tempo e de dinheiro. Agora, sorriu alegremente para Norman.

– Eu soube sempre que isto aconteceria... mais cedo ou mais tarde, teríamos as nossas provas da existência de vida inteligente noutros mundos. Agora, por fim, conseguimos, Norman. É um grande momento, e eu estou especialmente satisfeito com o formato.

– O formato?

– Do objecto que está lá em baixo.

– Que é que tem de especial? - Norman não ouvira nada acerca do formato.

– Tenho estado na sala dos monitores a observar as imagens de vídeo enviadas pelos robots. Eles estão a começar a definir o formato por baixo do coral. E não é redondo. Não é um disco voador - disse Ted. - Graças a Deus. Talvez isto cale a facção lunática. - Sorriu. Todas as coisas vêm ao encontro daquele que espera, hem?

– Parece que sim - disse Norman. Não sabia muito bem de que é que Fielding estava a falar, mas Ted tinha tendência para as citações literárias. Ted via-se a si próprio como um homem da Renascença, e citações ao acaso, desde Rousseau até Lao-tsu, eram uma forma de lembrar as pessoas desse facto. No entanto, não

era absolutamente nada mesquinho; uma vez alguém dissera que Ted era "um tipo com um nome de marca", e isso transparecia igualmente no seu discurso. Ted Fielding tinha uma inocência, uma quase ingenuidade, que era cativante e genuína. Norman gostava dele.

Não estava tão certo em relação a Harry Adams, o reservado matemático de Princeton que Norman não via há seis anos. Harry era agora um negro alto e muito magro com óculos com aros metálicos e o sobrolho permanentemente franzido. Usava uma t-shirt onde se lia "Os MATEMÁTICOS FAZEM-NO CORRECTAMENTE"; era o género de coisa que um estudante vestiria, e, na verdade, Adams parecia ainda mais jovem do que os seus trinta anos; era claramente o elemento mais novo do grupo - e, discutivelmente, o mais importante.

Muitos teóricos afirmavam que a comunicação com extraterrestres se revelaria impossível, porque os seres humanos não teriam nada em comum com eles. Estes pensadores realçavam que, tal como os corpos humanos representavam o resultado de muitos acontecimentos evolucionários, o mesmo acontecia com o pensamento humano. Tal como os nossos corpos, as nossas formas de pensar poderiam muito facilmente ter sido diferentes; não existia nada de inevitável na forma como olhávamos para o universo.

Os homens já tinham problemas em comunicar com criaturas terrestres inteligentes como os golfinhos, simplesmente porque os golfinhos viviam num ambiente muito diferente e tinham instrumentos sensoriais muito diversos.

Porém, os homens e os golfinhos podiam parecer virtualmente idênticos quando comparados com as enormes diferenças que nos separam de uma criatura extraterrestre - uma criatura que era o fruto de biliões de anos de evolução divergente noutro ambiente planetário. Assim como um extraterrestre seria incapaz de ver o mundo como nós o vemos. Na verdade, ele poderia nem sequer ver o mundo. Podia ser cego, e podia ter a percepção do mundo através de um sentido do olfacto extremamente apurado, ou da temperatura, ou da pressão. Poderia não haver nenhuma forma de comunicar com uma criatura assim, nenhum campo comum. Como um homem referiu, como é que poderia explicar-se um poema de Woodsworth acerca de narcisos amarelos a uma cobra de água cega?

Mas o campo de conhecimento que era mais provável que conseguíssemos partilhar com os extraterrestres era a matemática. Por isso, o matemático da equipa iria desempenhar um papel crucial. Norman tinha escolhido Adams porque, apesar de ser tão jovem, Harry já tinha dado contribuições importantes a diversos campos distintos.

- Que pensa de tudo isto, Harry? - perguntou Norman, e deixou-se cair numa cadeira ao lado dele.

- Penso que é perfeitamente claro - disse Harry, que é uma perda de tempo.

– Este leme que encontraram no fundo do mar?

– Não sei o que é isso, mas sei o que não é. Não é uma nave espacial de outra civilização.

Ted, que estava de pé, próximo deles, afastou-se, aborrecido. Era mais do que óbvio que Harry e Ted já tinham tido aquela conversa antes.

– Como é que sabe? - perguntou Norman.

– Um simples cálculo - disse Harry, com um aceno de rejeição. Trivial, na verdade. Conhece a equação de Drake?

Norman conhecia. Era uma das propostas famosas na literatura acerca de vida extraterrestre. Mas disse:

– Refresque-me a memória.

Harry suspirou de uma maneira irritante e pegou numa folha de papel.

– É uma equação de probabilidade. - Escreveu:

$$P = \text{f p n h l f i f c}$$

”O que significa - disse Harry Adams - é que a probabilidade, p , de se desenvolver vida inteligente em qualquer sistema estelar é uma função da probabilidade de a estrela ter planetas, do número de planetas habitáveis, da probabilidade de a vida simples se desenvolver num planeta habitável, e da probabilidade de se desenvolver vida inteligente a partir da vida simples, e da probabilidade de a vida inteligente tentar a comunicação interestelar no espaço de cinco bilhões de anos. É tudo o que a equação diz.

– Ah-hum - disse Norman.

– Mas o problema é que não temos factos - disse Harry. - Temos de adivinhar cada uma destas probabilidades. E é bastante fácil prever uma coisa, como o Ted faz, e concluir que provavelmente existem milhares de civilizações inteligentes. E igualmente fácil prever, como eu faço, que provavelmente existe apenas uma civilização. A nossa. - Afastou o papel. - E, nesse caso, o que quer que está lá em baixo não pertence a uma civilização desconhecida. Por isso, estamos todos a perder o nosso tempo aqui.

– Então, o que é que está lá em baixo? - perguntou novamente Norman.

– É uma expressão absurda de esperança romântica - replicou Adams, e empurrou os óculos para cima no nariz. Tinha uma veemência que perturbava Norman. Seis anos antes, Harry Adams ainda era um rapaz de rua, cujo talento obscuro o levava num ápice, de um lar desfeito nos bairros de lata de Filadélfia para os relvados verdes e bem aparados de Princeton. Naqueles dias, Adams era brincalhão, divertido com a reviravolta que a sua vida tinha dado. Por que era tão desagradável agora?

Adams era um teórico extraordinariamente dotado, e tinha a reputação bem firmada em funções de probabilidade-densidade de mecânica quântica que estavam para além da compreensão de Norman, embora Adams as tivesse concebido quando tinha dezassete anos. Mas Norman podia certamente compreender o homem, e Harry Adams parecia tenso e crítico agora, pouco à vontade neste grupo.

Ou talvez aquela atitude estivesse relacionada com a sua presença enquanto elemento de um grupo. Norman tinha-se preocupado com a forma como ele se integraria, pois Harry tinha sido um menino-prodígio.

Na verdade, existiam duas espécies de crianças-prodígio - os matemáticos e os músicos. Alguns psicólogos sustentavam que havia apenas uma espécie, pois a música estava intimamente relacionada com a matemática. Embora existissem crianças precoces com outros talentos, como a escrita, a pintura, e o desporto, as únicas áreas em que uma criança podia verdadeiramente agir ao nível de um adulto eram a matemática ou a música. Psicologicamente, essas crianças eram complexas: muitas vezes solitárias, isoladas dos seus pares e até mesmos das famílias devido aos seus dons, pelos quais sentiam ao mesmo tempo admiração e ressentimento. As técnicas de sociabilização eram muitas vezes atrasadas, o que tornava as interações de grupo desconfortáveis. Como era um miúdo de um bairro degradado, os problemas de Harry deviam ter sido, no mínimo, ampliados. Uma vez, tinha contado a Norman que, quando tinha aprendido as transformações de Fourier, os outros miúdos estavam a aprender a lutar. Por isso, talvez Harry se estivesse a sentir desconfortável no grupo agora.

Mas parecia haver mais alguma coisa... Harry parecia quase zangado.

– Esperem e verão - disse Adams. - Daqui a uma semana, isto vai ser reconhecido como um grande e absurdo falso alarme. Nada mais.

“É o que tu queres”, pensou Norman. E de novo se perguntou porquê.

– Bem, eu acho que é excitante - disse Beth Halpern, a sorrir abertamente. - Quanto a mim, uma simples hipótese remota de encontrar vida nova é excitante.

– Isso é verdade - disse Ted. - Afinal de contas, Harry, há mais coisas no céu e na terra do que imaginas na tua filosofia.

Norman observou o último elemento da equipa, Arthur Levine, o biólogo marinho. Levine era a única pessoa que ele não conhecia. Um homem atarracado, Levine tinha um aspecto pálido e inquieto, e estava mergulhado nos seus próprios pensamentos. Preparava-se para perguntar a Levine qual era a opinião dele quando o comandante Barnes entrou apressadamente, com uma pilha de dossiers debaixo do braço.

– Bem-vindos ao meio de sítio nenhum - disse Barnes, e nem sequer podem ir à casa de banho. - Riram-se todos nervosamente. - Desculpem por ter-vos feito esperar - disse. - Mas não temos muito tempo, por isso vamos diretos ao assunto. Se apagarem as luzes, podemos começar.

O primeiro diapositivo mostrou um grande navio com uma estrutura sofisticada na popa.

– O Rose Sealady - disse Barnes. - Um navio de colocação de cabos fretado pela Transpac Communications para instalar uma linha telefónica submarina desde Honolulu até Sydney, na Austrália. O Rose partiu do Havai no dia 29 de Maio deste ano, e no dia 16 de Junho tinha chegado a Samoa ocidental, no meio do Pacífico. Estava a instalar um novo cabo de fibra óptica, que tem a capacidade de emitir vinte mil transmissões telefónicas simultâneas. O cabo está revestido por uma densa rede matriz de metal e plástico, invulgarmente forte e resistente a reventamentos. O navio já tinha colocado mais de quarenta e seis milhas náuticas de cabo ao longo do Pacífico, sem percalços de qualquer espécie. Seguinte.

- Um mapa do Pacífico, com um grande círculo vermelho.
- Às dez da noite, do dia 7 de Junho, o navio estava localizado aqui, a meio caminho entre Pago Pago, na Samoa americana, e Viti Levu, nas Fiji, quando estremeceu com um puxão. Soaram os alarmes, e a tripulação percebeu que o cabo tinha ficado preso e se tinha partido. Consultaram imediatamente os seus mapas, à procura de um obstáculo submerso, mas não viram nenhum. Içaram o cabo solto, tarefa que demorou diversas horas, pois na altura do acidente tinham mais de uma milha de cabo solta atrás do navio. Quando examinaram a ponta cortada, viram que tinha sido cortado a direito... como um membro da tripulação disse: "como se tivesse sido cortado com uma tesoura gigante". Seguinte.
- Um pedaço de cabo de fibra de vidro virado para a máquina fotográfica na mão rude de um marinheiro.
- A natureza do corte, como podem ver, sugere um obstáculo artificial de alguma espécie. O Rose seguiu para norte, em direcção ao local onde o cabo tinha partido. Seguinte.
- Uma série de fios esfarrapados pretos e brancos, com uma zona de pequenos espigões.
- Este é o registo sonar original do navio. Se não souberem ler registos sonares isto vai ser difícil de interpretar, mas podem ver aqui o obstáculo fino, como a lâmina de uma faca. Consistente com um navio ou avião afundados, que cortou o cabo.
- "A empresa fretadora, a Transpac Communications, notificou a Marinha, e pediu-nos todas as informações que tivéssemos acerca do obstáculo. Isto é rotina: sempre que há ruptura de um cabo, a Marinha é notificada, para o caso de o obstáculo ser do nosso conhecimento. Se se trata de um navio afundado que contém explosivos, a empresa de cabos quer ter conhecimento da situação antes de as reparações serem iniciadas. Mas, neste caso, o obstáculo não constava dos arquivos da Marinha. E a Marinha ficou interessada.
- "Enviámos imediatamente para o local o nosso navio de pesquisa que se encontrava mais próximo, o Ocean Explorer, de Melbourne. O Ocean Explorer chegou ao local no dia 21 de Junho deste ano. O motivo para o interesse da Marinha era a possibilidade de que o obstáculo pudesse representar um submarino nuclear chinês da classe Wuhan equipado com mísseis SY-2. Sabemos que os chineses perderam um submarino desses, aproximadamente nesta zona, em Maio de 1984. O Ocean Explorer pesquisou o fundo, recorrendo a um sonar de observação lateral extremamente sofisticado, que produziu esta fotografia do fundo.
- A cores, a imagem era quase tridimensional na sua clareza.
- Como podem ver, o fundo parece liso com excepção de um leme triangular que se ergue a cerca de setenta metros acima do leito do oceano. Podem ver aqui - disse ele, a apontar. - Ora, a envergadura deste estabilizador é maior do que a de qualquer avião conhecido fabricado quer nos Estados Unidos quer na União Soviética. No começo, foi muito intrigante. O seguinte.
- Um robot submersível a ser descido numa grua a partir de um navio. O robot era composto por uma série de tubos horizontais com máquinas fotográficas e luzes acondicionadas no centro.

– No dia 24 de Junho, a *Marinha* trouxe o transportador de *VOCRNeptune V* para o local, e o *Veículo Operado por Controlo Remoto Scorpion*, que vêem aqui, foi descido para fotografar o estabilizador. Regressou com uma imagem que mostrava claramente uma superfície de comando de alguma espécie. Aqui está.

– Ouviram-se murmúrios no grupo. Numa imagem com a cor desmaiada, um leme cinzento sobressaía de um banco de coral. O leme tinha as extremidades aguçadas e com um aspecto aeronáutico, afiniladas, decididamente artificiais.

– Vão reparar - disse Barnes - que, nesta região, o fundo do mar é formado por coral morto e atrofiado. O estabilizador ou leme desaparece no coral, o que sugere que o resto de uma nave poderá estar enterrada por baixo. Foi feita uma pesquisa ao fundo com SLS de ultra-alta-resolução, para detectar a forma por debaixo do coral. O seguinte.

– Outra imagem de sonar a cores, composta por pontos finos ao invés de linhas.

– Como vêem, o leme parece estar ligado a um objecto cilíndrico enterrado sob o coral. O objecto tem um diâmetro de sessenta metros, e estende-se para oeste por uma distância de oitenta centímetros antes de afinilar num bico.

Mais murmúrios na audiência.

– Está correcto - disse Barnes. - O objecto cilíndrico tem oitocentos metros de comprimento. O formato é consistente como um foguetão ou uma nave espacial... não há dúvida de que é o que parece... mas desde o princípio tivemos o cuidado de nos referirmos a este objecto como "a anomalia".

Norman olhou de relance para Ted, que estava a sorrir para o ecrã. Mas do outro lado de Ted, na escuridão, Harry Adams franziu o sobrolho e empurrou os óculos para cima no nariz.

Depois, a luz do projector apagou-se. A sala ficou mergulhada em escuridão. Ouviram-se resmungos. Norman ouviu Barnes dizer:

– Raios partam, outra vez não!

– Alguém tateou o caminho até à porta; apareceu um rectângulo de luz.

Beth inclinou-se para Norman e disse:

– Aqui estão sempre a ficar sem electricidade. Reconfortante, não achas?

Momentos depois, a electricidade voltou; Barnes continuou:

– No dia 25 de Junho, um veículo SCARAB, comandado por controlo remoto, cortou um pedaço da cauda do leme e trouxe-o para a superfície. O segmento do leme foi analisado e descobriu-se que era uma liga de titânio numa estrutura de epoxi-resina, com o aspecto de um favo. Actualmente, a tecnologia necessária para ligar esses materiais metal/plástico é desconhecida na Terra.

"Peritos confirmaram que o leme não podia ter tido origem neste planeta... embora dentro de dez ou quinze anos talvez seja possível conseguirmos fazê-lo.

Harry Adams resmungou, inclinou-se para a frente e tomou nota no seu bloco de apontamentos.

– Entretanto, explicou Barnes, outros navios-robot foram usados para colocar cargas sísmicas no fundo. A análise sísmica revelou que a anomalia enterrada era de metal, que era oca, e que tinha uma estrutura interna complexa.

– Após duas semanas de estudo intensivo - disse Barnes, concluímos que a anomalia era uma espécie de nave espacial.

– A verificação final chegou no dia 27 de Junho, e foi o estudo dos geólogos. As

amostras do núcleo do fundo indicaram que o fundo do mar actual tinha sido muito menos profundo anteriormente, talvez apenas vinte e cinco ou trinta metros de profundidade. Isto explicaria o coral, que cobriu a nave com uma espessura média de dez metros. Portanto, e de acordo com a opinião dos geólogos, a nave já estava no planeta há pelo menos trezentos anos, e talvez há muito mais tempo: quinhentos ou até mesmo cinco mil anos.

– Embora com relutância - disse Barnes, a Marinha concluiu que tínhamos, de facto, encontrado uma nave espacial de outra civilização. A decisão do presidente, numa reunião especial do Conselho Nacional de Segurança, foi a de abrir a nave espacial. Portanto, a partir do dia 29 de Junho, os elementos da equipa FDV foram convocados.

– No dia 1 de Julho, o habitáculo submarino DH- 7 foi descido e posicionado perto do local onde se encontrava a nave espacial. O DH- 7 albergava nove mergulhadores da Marinha que estavam a trabalhar num ambiente saturado de gás exótico. Estavam a fazer um trabalho primário de perfuração.

– E creio que isto os põe ao corrente da situação - disse Barnes. Alguma pergunta?

Ted disse:

– A estrutura interna da nave espacial. Já foi clarificada?

– Não nesta fase. A nave espacial parece estar construída de tal forma que são transmitidas ondas de choque à volta da estrutura exterior, que é tremendamente forte e bem arquitectada. Isso impede uma imagem clara do interior a partir dos sismógrafos.

– E em relação a técnicas passivas para ver o que há no interior?

– Tentámos - disse Barnes. - Análise gravitométrica, negativa. Termografia, negativa. Cartografia por resistividade, negativa.

– Aparelhos de escuta?

– Temos auscultadores no fundo desde o primeiro dia. Não emanaram quaisquer sons da nave. Pelo menos, por enquanto.

– E quanto aos outros procedimentos de inspecção remota?

– A maior parte envolvem radiação e, neste momento, estamos hesitantes em submeter a nave a radiações.

Harry disse:

– Comandante Barnes, reparo que o leme parece intocado e que a fuselagem parece um cilindro perfeito. Pensa que este objecto se despenhou no oceano?

– Sim - disse Barnes, e pareceu pouco à-vontade.

– Então, este objecto resistiu a um impacte a alta velocidade com a água, sem um único arranhão ou amoladela?

– Bom, a nave é extremamente forte. Harry assentiu.

– Teria de ser... Beth disse:

– Os mergulhadores que estão lá em baixo neste momento... que é que estão a fazer, exactamente?

– A procura da porta principal. - Barnes sorriu. - Por enquanto, temo-nos baseado nos procedimentos arqueológicos clássicos. Estamos a escavar valas exploratórias no coral, à procura de uma entrada ou de uma vigia de alguma espécie. Esperamos encontrá-la dentro das próximas vinte e quatro horas ou quarenta e

oito horas, no máximo. Quando a encontrarmos, vamos entrar. Mais alguma coisa?

– Sim - disse Ted. - Qual foi a reacção russa à descoberta?

– Não informámos os russos - respondeu Barnes.

– Não lhes contaram?

– Não. Não contámos.

– Mas isto é uma descoberta incrível, sem precedentes, na história da humanidade. Não apenas na história americana. História humana. Seguramente, deveríamos partilhar isto com todas as nações do mundo. É o género de descoberta que poderia unir toda a humanidade...

– Têria de falar com o presidente - disse Barnes. - Não sei qual foi a linha de pensamento, mas a decisão foi dele. Mais alguma pergunta?

Ninguém disse nada. Os elementos da equipa olharam uns para os outros.

– Então, acho que é tudo - disse Barnes.

As luzes acenderam-se. Ouviu-se o arrastar de cadeiras quando as pessoas se levantaram e se esticaram. Depois, Harry Adams declarou:

– Comandante Barnes, não posso deixar de dizer que estou muito ofendido com esta reunião.

Barnes pareceu surpreendido.

– Como assim, Harry?

Os outros pararam e olharam para Adams. Ele permaneceu sentado na cadeira, com um ar irritado na face.

– Decidiu que tinha de nos dar a notícia com cuidado?

– Que notícia?

– A notícia acerca da porta. Barnes riu, constrangido.

– Harry, eu acabei de vos informar que os mergulhadores estão a abrir valas exploratórias à procura da porta...

– ... Eu diria que vocês já faziam uma ideia bastante exacta de onde se situava a porta há três dias, quando começaram a trazer-nos para cá. E diria que neste momento, provavelmente, sabem exactamente onde se situa a porta. Estou certo?

Barnes não disse nada. Permaneceu de pé, com um sorriso fixo na face.

"Meu Deus", pensou Norman, a olhar para Barnes. "Harry tem razão." Harry era conhecido por ter um cérebro lógico fabuloso, uma capacidade dedutiva surpreendente e fria, mas Norman nunca o vira em acção.

– Sim - disse Barnes, por fim. - Tem razão.

– Conhecem a localização da porta?

– Conhecemos. Sim.

Seguiu-se um momento de silêncio e, depois, Ted disse:

– Mas isto é fantástico! Absolutamente fantástico! Quando é que vamos descer para entrar na nave espacial?

– Amanhã - disse Barnes, sem nunca desfitar os olhos de Harry. E Harry, por seu lado, olhou fixamente para Barnes. - Os mini-submarinos vão levar-vos para baixo, aos pares, e a operação terá início amanhã de manhã às oito horas.

– Isto é excitante! - disse Ted. - Fantástico! Incrível!

– Por isso - disse Barnes, sem deixar de observar Harry, deviam todos ter uma boa noite de sono... se conseguirem.

"Sono inocente, sono que tece a teia emaranhada do encargo" disse Ted. Estava literalmente a baloiçar-se para cima e para baixo na cadeira, muito excitado.

Durante o resto do dia, funcionários do aprovisionamento e técnicos virão medir-vos e equipar-vos. Se tiverem mais perguntas disse Barnes, podem encontrar-me no meu gabinete.

Saiu da sala e a reunião terminou. Quando os outros saíram, Norman deixou-se ficar para trás, com Harry Adams. Harry nunca se levantou da cadeira. Observou o técnico a guardar o ecrã portátil.

– Aquilo de há pouco foi uma grande actuação - disse Norman.

– Foi? Não vejo porquê.

– Deduziste que Barnes não nos estava a falar sobre a porta.

– Oh, há muito mais coisas que ele não está a dizer-nos - disse Adams, num tom de voz frio. - Ele não nos está a falar acerca de nenhuma das coisas importantes.

– Como o quê?

– Como o facto - disse Harry, levantando-se por fim - de que o comandante Barnes sabe perfeitamente bem por que é que o presidente decidiu manter isto em segredo.

- Sabe?

– O presidente não teve escolha, dadas as circunstâncias.

– Que circunstâncias?

– Ele sabe que o objecto que se encontra lá em baixo não é uma nave espacial alienígena.

– Então o que é?

– Acho que é bastante claro o que é.

– Não para mim - disse Norman.

Adams sorriu pela primeira vez. Foi um sorriso fugaz, inteiramente sem humor.

– Se eu te dissesse, não acreditarias - disse. E saiu da sala.

TESTES

Arthur Levine, o biólogo marinho, era o único elemento da expedição que Norman Johnson não conhecia. Pensou que era uma das coisas que ele não tinha planeado. Norman tinha presumido que qualquer contacto com vida desconhecida ocorreria em terra; não tinha considerado a possibilidade mais óbvia - que se uma nave espacial aterrassse ao acaso, algures na Terra, muito provavelmente cairia na água, uma vez que 70% do planeta estava coberto por água. Em retrospectiva, era óbvio que necessitariam de um biólogo marinho.

”Que mais”, perguntou a si mesmo, ”se revelaria óbvio em retrospectiva?”

Encontrou Levine debruçado na balastrada da escotilha. Levine vinha do instituto oceanográfico em Woods Hole, Massachusetts. Tinha a mão húmida quando Norman a apertou. Levine parecia extremamente incomodado, e, por fim, admitiu que estava enjoado.

– Enjoado? Um biólogo marinho? - disse Norman.

– Trabalho no laboratório - disse ele. - Em casa. Em terra. Onde as coisas não estão sempre a mexer-se. Por que é que está a sorrir?

– Desculpe - disse Norman.

– Acha que é engraçado, um biólogo marinho que enjoa no mar?

– Incongruente, acho.

– Muitos de nós têm enjoos no mar - disse Levine. Olhou para a água. - Olhe para ali - disse ele. - Milhares de milhas uniformes. Nada.

– O oceano.

– Provoca-me arrepios - disse Levine.

– Então? - disse Barnes, novamente no gabinete. - Que pensa?

– De quê?

– Da equipa, por amor de Deus.

– É a equipa que eu escolhi, seis anos mais tarde. Basicamente, é um grupo bom, certamente muito competente.

– Quero saber quem é que vai ceder à pressão.

– Por que é que alguém cederia? - disse Norman. Estava a olhar para Barnes, e reparou na fina linha de suor no seu lábio superior. O próprio comandante estava sob muita pressão.

– A trezentos metros de profundidade? - disse Barnes. - A viver e a trabalhar num habitáculo acanhado? Escute, não é a mesma coisa do que ir com mergulhadores militares que foram treinados e que se mantêm controlados. Vou levar um bando de cientistas, por amor de Deus. Quero certificar-me de que têm todos uma ficha clínica sem problemas. Quero ter a certeza de que ninguém se vai abaixo.

– Não sei se está consciente disto, comandante, mas os psicólogos não podem prever uma coisa dessas com muita precisão. Quem se vai abaixo.

– Mesmo quando é devido ao medo?

– Seja por que motivo for. Barnes franziu o sobrolho.

– Pensei que o medo era a sua especialidade.

– A ansiedade é um dos meus interesses de pesquisa, e posso dizer-lhe quem, com base nos perfis de personalidade, poderá sofrer de ansiedade aguda numa situação de pressão. Mas não posso prever quem se vai abaixo numa situação de ansiedade e quem não vai.

– Então, qual é a sua utilidade? - exclamou Barnes, irritado.

– Suspirou. - Desculpe. Não quer entrevistá-los ou fazer-lhes alguns testes?

– Não há nenhuns testes - disse Norman. - Pelo menos, nenhuns que resultem.

Barnes suspirou novamente.

– E quanto a Levine?

Está enjoado.

– Debaixo de água não há movimento; isso não vai ser um problema. Mas quanto a ele, pessoalmente?

– Eu ficaria preocupado - disse Norman.

– Devidamente registado. E quanto a Harry Adams? Ele é arrogante.

– Sim - disse Norman. - Mas, provavelmente, isso é desejável. Estudos tinham revelado que as pessoas que eram mais bem sucedidas a lidar com a pressão eram pessoas de quem os outros não gostavam, indivíduos que eram descritos como arrogantes, embirrentos, irritantes.

– Talvez seja - disse Barnes. - Mas quanto ao famoso estudo de pesquisa que ele fez? Há alguns anos, Harry era um dos maiores apoiantes do PIE. Agora que encontrámos alguma coisa, de súbito, ele está muito pessimista. Recorda-se do estudo dele?

Norman não se recordava, e estava prestes a dizer isso mesmo quando um alferes entrou.

Comandante Barnes, aqui está o aperfeiçoamento de imagem que o senhor pediu.

– Muito bem - disse Barnes. Olhou de soslaio para a fotografia e pousou-a. - E quanto ao tempo?

– Não há alterações, sir. Os relatórios via satélite confirmam que temos quarenta e oito positivo-negativo doze à vista, sir.

– Diabos - disse Barnes.

– Problemas? - perguntou Norman.

– Vamos ser fustigados por mau tempo - disse Barnes. - É possível que tenhamos de retirar o apoio de superfície.

– Isso significa que vai cancelar a descida?

– Não - disse Barnes. - Vamos amanhã, como está planeado.

– Por que é que Harry pensa que esta coisa não é uma nave espacial? - perguntou Norman.

Barnes franziu o sobrolho, empurrou os papéis na secretária.

– Deixe-me dizer-lhe uma coisa - disse ele. - O Harry é um teórico. E as teorias

não passam disso... de teorias. Eu lido com os factos concretos. O facto é que temos alguma coisa muito velha e muito estranha lá em baixo. E eu quero saber o que é.

– Mas se não é uma nave espacial extraterrestre, o que é?

– Vamos esperar até lá chegarmos, está bem? - Barnes olhou rapidamente para o relógio. - O segundo habitáculo deve estar a ser ancorado no fundo do mar neste momento. Vamos começar a transferi-los dentro de quinze horas. Entre agora e esse momento, todos temos muito que fazer.

– Não se mexa agora, Dr. Johnson. - Norman estava nu, e sentiu dois calibradores de metal comprimirem-lhe a parte de trás dos braços, mesmo abaixo do cotovelo. - Só um pouco... muito bem. Agora pode entrar no tanque.

O jovem médico desviou-se, e Norman subiu os degraus para o tanque de metal, que parecia uma versão militar de um jacuzzi. O tanque estava cheio de água até ao topo. Enquanto descia o corpo para dentro de água, o tanque transbordou.

– Para que é tudo isto? - perguntou Norman.

– Desculpe, Dr. Johnson. Se pudesse imergir completamente...

– O quê?

– Apenas por um momento, doutor...

Norman inspirou profundamente, submergiu, voltou a subir.

– Muito bem, já pode sair - disse o médico, e estendeu-lhe uma toalha.

– Para que é tudo isto? - perguntou ele novamente, enquanto descia as escadas.

– Conteúdo adiposo total do corpo - disse o médico. - Temos de saber qual é, para calcular a sua est. sat.

– A minha est. sat.?

– A sua Estatística de Saturação. - O médico marcou pontos no seu quadro.

– Oh, meu Deus! - disse ele. - Está acima do gráfico.

– Que é isso?

– Faz bastante exercício, Dr. Johnson?

– Algum. - Agora estava a sentir-se defensivo. E a toalha era pequena de mais para enrolar em volta da cintura. Por que é que a Marinha usava toalhas tão pequenas?

- Bebe?

– Pouco. - Estava a sentir-se distintamente defensivo. Sem a menor dúvida.

– Posso perguntar qual foi a última vez que consumiu uma bebida alcoólica, doutor?

– Não sei. Há dois ou três dias. - Estava a ter dificuldade para pensar no que acontecera em San Diego. Parecia-lhe tudo muito longínquo. - Porquê?

– Muito bem, Dr. Johnson. Tem alguns problemas com as articulações, ancas ou joelhos?

– Não, porquê?

– Casos de síncope, fraqueza ou desmaios?

- Não...

- Quer fazer o favor de se sentar aqui, doutor? - O médico apontou para um banco, ao lado de um aparelho electrónico que se encontrava na parede.

- Gostava de algumas respostas - disse Norman.

- Olhe para o ponto verde, com os dois olhos bem abertos...

Sentiu um breve sopro de ar em ambos os olhos e pestanejou instintivamente. Uma tira de papel impressa saiu com um estalido. O médico tirou-a e olhou para ela.

- Muito bem, Dr. Johnson. Quer fazer o favor de me acompanhar...

- Gostava que o doutor me fornecesse algumas informações disse Norman. - Gostava de saber o que está a passar-se.

- Compreendo, doutor, mas tenho de terminar o seu exame a tempo da próxima reunião de ponto de situação, às dezassete horas.

Norman estava deitado de costas, e técnicos espetavam-lhe agulhas em ambos os braços, e outra na perna, na virilha. Gritou, devido à dor súbita.

- E o pior de tudo, doutor - disse o médico, e acondicionou as seringas em gelo. - Se não se importa, pressione o algodão aqui...

Tinha uma mola nas narinas, um bocal entre os dentes.

- Isto é para medir o seu CO2 - disse o médico. - Expire. Isso mesmo. Respire fundo, agora expire...

Norman expirou. Viu um diafragma de borracha a inchar e a fazer uma agulha subir numa escala.

- Experimente novamente, doutor. Tenho a certeza de que consegue fazer melhor do que isto.

- Norman achava que não conseguiria, mas, de qualquer forma, tentou.

Outro médico entrou no gabinete, com uma folha de papel cheia de números.

- Aqui estão os BCs dele - disse.

O primeiro médico franziu o sobrolho.

- Barnes viu isto?

- Sim.

- E que é que disse?

- Disse que estava bem. Disse para continuarmos.

- Está bem. Ele é que manda. - O primeiro médico virou-se de novo para Norman. - Vamos tentar mais uma inspiração profunda, Dr. Johnson, se não se importa...

Calibradores de metal tocaram-lhe no queixo e na testa. Passaram-lhe uma fita à volta da cabeça. Depois, os calibradores mediram-no desde a orelha até ao queixo.

- Para que é isto? - perguntou Norman.

- Estamos a escolher-lhe um capacete, doutor.

- Eu não deveria estar a experimentá-lo?

– É assim que fazemos isso, doutor.

O jantar foi macarrão e queijo, queimado no fundo. Norman afastou o prato depois de algumas garfadas. O médico apareceu à porta.

– São horas do ponto de situação das dezassete horas, doutor.

– Eu não vou a lado nenhum - disse Norman - até obter algumas respostas. Que raio é isto tudo que estão a fazer-me?

– São exames de rotina para mergulho em profundidade, doutor. Os regulamentos da Marinha exigem que os faça antes de poder descer.

– E estou acima do gráfico?

– Como, doutor?

– O doutor disse que eu estava acima do gráfico.

– Oh, isso. O senhor é um pouco mais pesado do que o previsto nas tabelas da Marinha, doutor.

– O meu peso é um problema?

– Não me parece, doutor.

– E os outros exames, que é que revelam?

– O doutor está de boa saúde para a sua idade e estilo de vida.

– E para ir lá para baixo? - perguntou Norman, com alguma esperança de não poder ir.

– Lá para baixo? Falei com o comandante Barnes. Não deverá haver qualquer problema, doutor. Quer fazer o favor de me acompanhar para a reunião...?

Os outros estavam sentados em volta da mesa da sala de reuniões, com chávenas de café de plástico. Norman gostou de os ver. Deixou-se cair numa cadeira ao lado de Harry.

– Jesus, fizeste os malditos exames físicos?

– Sim - disse ele. - Fiz ontem.

– Espetaram-me uma agulha comprida na perna - disse Norman.

– A sério? Não me fizeram isso.

– E respirar com a mola no nariz?

– Também não fiz isso - disse Harry. - Parece que recebeste um tratamento especial, Norman.

Norman estava a pensar no mesmo, e não gostou das implicações. De súbito, sentiu-se cansado.

– Muito bem, homens, temos muito que fazer e apenas três horas disse um homem ríspido, apagando as luzes quando entrou na sala. Norman nem sequer tinha conseguido vê-lo bem. Agora era unicamente uma voz no escuro. - Como sabem, a lei de Dalton rege as pressões parciais de gases misturados, ou, como está representado aqui nesta fórmula algébrica...

O primeiro dos gráficos iluminou-se.

$$PPa = P,$$

tot

VoL

– Agora vamos rever como pode ser feito o cálculo da pressão parcial em atmosferas absolutas, que é o processo mais comum que usamos...

– As palavras não faziam qualquer sentido para Norman. Tentou prestar atenção, mas à medida que os gráficos passavam e a voz se arrastava, os seus olhos foram ficando cada vez mais pesados e ele adormeceu.

– ... forem descidos no submarino e uma vez no módulo do habitáculo serão pressurizados para trinta e três atmosferas. Nesse momento, serão transferidos para gases mistos, pois não é possível respirar a atmosfera da Terra abaixo de dezoito atmosferas...

Norman deixou de ouvir. Estes pormenores técnicos apenas o enchiam de pavor. Voltou a adormecer, e só acordava intermitentemente.

– ... como a toxicidade do oxigénio apenas ocorre quando o PO'2 excede o ponto 7 ATA durante períodos prolongados...

"... a narcose de nitrogénio, na qual o nitrogénio se comporta como um anestésico, ocorrerá em atmosferas de gás misto se a pressão parcial exceder 1,5 ATA no DDS..."

"... pedir circuito aberto é geralmente preferível, mas estarão a usar um circuito semifechado com flutuações inspiradas de 608 mm a 760 mm..."

Voltou a adormecer.

Quando acabou, voltaram para os respectivos quartos.

– Perdi alguma coisa importante? - perguntou Norman.

– Nem por isso. - Harry encolheu os ombros. - Apenas imensa física.

No seu minúsculo quarto cinzento, Norman meteu-se na cama. O relógio de parede fluorescente marcava 23:00 Ele levou algum tempo a perceber que eram 11 horas da noite. "Daqui a nove horas", pensou, "vou começar a descida."

Depois adormeceu.

O ABISMO

DESCIDA

À luz da manhã, o submarino Charon y baloiçava à superfície, a flutuar na plataforma de um pontão. Amarelo-claro, parecia um brinquedo de banheira de uma criança apoiado numa plataforma de bidões de óleo.

Uma lancha Zodiaco de borracha levou Norman, e ele subiu para a plataforma, apertou a mão do piloto, que não podia ter mais de 18 anos, mais jovem do que o seu filho Tim.

– Pronto para descer, sir? - perguntou o piloto.

– Claro - disse Norman. Estava tão preparado como alguma vez estaria.

De perto, o submarino não parecia um brinquedo. Era incrivelmente denso e forte. Norman viu uma única vigia de acrílico curvado. Estava presa por ferrolhos tão grandes como o seu punho. Tocou neles, para os experimentar.

O piloto sorriu.

– Quer dar um pontapé nos pneus, sir?

– Não, vou confiar em si.

– A escada é deste lado, sir.

Norman subiu os degraus estreitos para o cimo do submarino, e viu a pequena abertura circular da escotilha. Hesitou.

– Sente-se aqui na ponta - disse o piloto, deixe cair as pernas lá para dentro e depois escorregue. Pode ter de juntar os ombros um pouco e de conter a... Isso mesmo, sir.

Norman contorceu o corpo pela escotilha estreita e encontrou-se num interior tão baixo que não podia permanecer de pé. O submarino estava repleto de mostradores e de maquinaria. Ted já estava a bordo, acorocado ao fundo, a sorrir como um miúdo.

– Não é fantástico?

Norman invejou aquele entusiasmo despreocupado; ele sentia-se constrangido e um pouco nervoso. Por cima, o piloto fechou ruidosamente a pesada escotilha e deixou-se cair para se ocupar dos comandos.

– Estão todos bem? Eles assentiram.

– Lamento a vista - disse o piloto, a olhar por cima dos ombros. A única coisa que os senhores vão ver mais serão as minhas costas. Vamos começar. Mozart está bem? - Premiu o botão de um leitor de cassetes e sorriu. - Temos uma descida de treze minutos até ao fundo; a música facilita um pouco as coisas. Se não gostam de Mozart, temos outras coisas.

– Mozart está bem - disse Norman.

– Mozart é uma maravilha! - disse Ted. - Sublime.

– Muito bem, meus senhores. - O submarino silvou. Ouviu-se ruído de fundo no rádio. O piloto falou suavemente para um microfone com auscultadores. Um mergulhador apareceu na escotilha, acenou. O piloto acenou-lhe também.

Ouviu-se um som que se assemelhava a um chapinhar, depois um forte estrondo e começaram a descer.

– Como vêem, todo o pontão submerge - explicou o piloto. - O submarino não é estável à superfície, por isso, subimo-lo e descemo-lo num pontão. Vamos soltar o pontão quando estivermos a cerca de trinta metros.

Através da escotilha, viram o mergulhador parado na coberta, com a água agora à

altura da cintura. Depois, a água cobriu a escotilha. Bolhas saíram da máscara do mergulhador.

– Estamos submersos - disse o piloto. Ajustou válvulas por cima da cabeça e ouviram o silvo do ar, surpreendentemente alto. Mais gorgolejos. A luz no submarino, que entrava pela escotilha, era de um tom de azul maravilhoso.

– Encantador - disse Ted.

– Vamos largar o pontão agora - disse o piloto. Os motores foram accionados e o submarino avançou, ao mesmo tempo que o mergulhador deslizava para um lado. Agora não se via nada através da escotilha a não ser água azul não diferenciada. O piloto disse algo no rádio e depois ligou a cassete, a música de Mozart começou a ouvir-se.

– Recostem-se, meus senhores - disse ele. - Estamos a descer vinte e quatro metros por minuto.

Norman sentiu o trepidar de motores eléctricos, mas não havia uma verdadeira sensação de movimento. A única coisa que aconteceu foi que foi ficando cada vez mais escuro.

– Sabes - disse Ted, no fundo temos imensa sorte com este sitio. A maior parte das zonas do Pacífico são tão profundas que nunca conseguiríamos visitá-las pessoalmente. - Explicou que o vasto oceano Pacífico, que ocupava metade da área total da superfície da Terra, tinha uma profundidade média de três quilómetros. - Existem apenas alguns lugares onde é menor. Uma é o rectângulo relativamente pequeno delimitado por Samoa, Nova Zelândia, Austrália e a Nova Guiné, que é no fundo uma grande planície submarina, como as planícies do Oeste americano, exceptuando que se situa a uma profundidade média de seiscentos metros. É o que estamos a fazer agora, a descer para aquela planície.

Ted falou rapidamente. Estaria nervoso? Norman não conseguiu perceber: estava a sentir o batimento forte do seu próprio coração. Agora estava bastante escuro no exterior; os instrumentos emitiam uma luz verde. O piloto acendeu luzes interiores, vermelhas.

A descida continuou.

– Cento e vinte metros. - O submarino balançou e depois avançou em frente. - Entrámos no rio.

– Que rio? - perguntou Norman.

– Estamos numa corrente de salinidade e temperatura diferentes, sir; é como se fosse um rio dentro do oceano. Tradicionalmente, paramos por aqui, sir; o submarino mantém-se no rio e leva-nos a dar um pequeno passeio.

– Oh, sim - disse Ted, e levou a mão ao bolso. Ted entregou uma nota de dez dólares ao piloto.

Norman olhou para Ted, intrigado.

– Eles não te falaram nisso? Tradição antiga. Paga-se sempre ao piloto quando se desce, para dar boa sorte.

– Estou a precisar de um pouco de sorte - disse Norman. Remexeu no bolso, encontrou uma nota de cinco dólares, pensou melhor, e, em vez dela, tirou uma nota de vinte.

– Obrigado, meus senhores, e espero que tenham ambos uma boa estada no fundo - disse o piloto.

Os motores eléctricos recomeçaram a funcionar. A descida continuou. A água estava escura.

– Cento e cinquenta metros - disse ele. - Estamos a meio caminho.

O submarino chiou audivelmente e depois soltou vários estalos explosivos. Norman estava estupefacto.

– É o ajustamento normal à pressão - explicou o piloto. - Não há problema.

– Ah-hum - disse Norman. Limpou o suor na manga da t-shirt. Parecia que o interior do submarino era agora muito mais pequeno, as paredes mais perto do seu rosto.

– Na verdade - disse Ted, se bem me lembro, esta região específica do Pacífico chama-se Bacia Lau, não é verdade?

– Está certo, sir, é a Bacia Lau.

– É um planalto entre duas plataformas submarinas, a Plataforma do Sul de Fidji ou Lau para oeste, e a Plataforma Rodge para leste.

– Está correcto, Dr. Fielding.

Norman olhou de relance para os instrumentos. Estavam cobertos de humidade. O piloto teve de esfregar os mostradores com um pano para os ler. O submarino estaria a meter água? "Não", pensou. "É apenas condensação." O interior do submarino estava a tornar-se mais frio.

"Acalma-te", disse para si mesmo.

– Duzentos e quarenta metros - disse o piloto. No exterior, a escuridão era agora total.

– Isto é muito excitante - disse Ted. - Já alguma vez fizeste uma coisa assim, Norman?

– Não - disse Norman.

– Eu também não - disse Ted. - Que emoção. Norman desejou que ele se calasse.

– Sabes - disse Ted, quando abríamos esta nave extraterrestre e fizermos o primeiro contacto com outra forma de vida, vai ser um grande momento na história da nossa espécie na Terra. Tenho estado a pensar sobre o que deveremos dizer.

- Dizer?

– Sabes, que palavras utilizar. Na entrada, com as câmaras a filmar.

– Vai haver câmaras?

– Oh, tenho a certeza de que haverá todos os tipos de documentação. Tendo em conta a importância da missão, é imprescindível. Por isso, precisamos de alguma coisa para dizer, uma frase memorável. Estava a pensar: "Este é um momento momentoso na história humana."

Momento momentoso? - disse Norman, e franziu o sobrolho.

– Tens razão - disse Ted. - É estranho, concordo. Talvez "Um ponto de viragem na história humana"?

Norman abanou a cabeça.

– E que tal "Uma encruzilhada na evolução da espécie humana"?

– A evolução pode ter encruzilhadas?

– Não vejo por que não - disse Ted.

– Bem, uma encruzilhada é um cruzamento de estradas. A evolução é uma estrada? Eu pensava que não era; pensava que a evolução não tem orientação.

– *Estás a ser demasiado literal - disse Ted.*

– *Estamos a chegar ao fundo - disse o piloto. - Duzentos e setenta metros.*

Abrudou a descida. Ouviram o pingue intermitente do sonar. Ted disse: "Um novo limiar na evolução da espécie humana"?

– *Claro. Achas que vai ser?*

– *Ser o quê?*

– *Um novo limiar.*

– *Por que não? - disse Ted.*

– *E se a abirmos e lá dentro houver apenas um monte de lixo enferrujado e nada de valor ou sequer esclarecedor?*

– *Boa pergunta - disse Ted.*

– *Duzentos e oitenta metros. As luzes exteriores estão acesas - disse o piloto.*

Através da escotilha viram manchas brancas. O piloto explicou que era matéria suspensa na água.

– *Contacto visual. Tenho fundo.*

– *Oh, vamos ver! - disse Ted. O piloto desviou-se solitamente para o lado e eles olharam.*

Norman viu uma planície lisa, morta, de um castanho-monótono, que se estendia até ao limite das luzes. Escuridão para além delas.

– *Infelizmente, não há grande coisa para ver, sir - disse o piloto.*

– *Surpreendentemente tétrico - disse Ted, sem o menor vestígio de desapontamento. - Eu estava à espera de mais vida.*

– *Bem, é bastante frio. A temperatura da água é, ah, dois graus centígrados.*

– *Quase gelada - disse Ted.*

– *Sim, senhor. Vamos ver se conseguimos encontrar a vossa casa nova.*

Os motores ouviram-se. Sedimento lamacento agitou-se diante da escotilha. O submarino virou e moveu-se pelo fundo. Durante vários minutos, viram apenas a paisagem castanha.

Depois, luzes.

– *Cá estamos.*

Uma grande profusão de luzes subaquáticas, dispostas num padrão rectangular.

– *É a grelha - disse o piloto.*

O submarino planou e deslizou suavemente por cima da grelha iluminada, que se estendia por uma extensão de oitocentos metros. Através da escotilha, viram mergulhadores no fundo, a trabalhar dentro da estrutura da grelha. O mergulhadores acenaram ao submarino que passava. O piloto fez soar uma buzina de brincar.

– *Eles conseguem ouvir isso?*

– *Oh, claro. A água é um ótimo condutor.*

– *Meu Deus! - disse Ted.*

Directamente à frente, o leme gigante de titânio erguia-se nitidamente acima do leito do oceano. Norman não estava absolutamente nada preparado para a dimensão do objecto; o submarino dirigiu-se para bombordo e o leme bloqueou todo o campo de visão durante praticamente um minuto. O metal era cinzento-baço e, com excepção de pequenas manchas brancas de crescimento marinho, não tinha marcas absolutamente nenhuma.

– Não há corrosão nenhuma - disse Ted.

– Não, senhor - disse o piloto. - Toda a gente referiu isso. Pensam que é por se tratar de uma liga metal-plástico, mas acho que ninguém sabe muito bem.

O leme deslizou para a popa; o submarino virou novamente. Directamente à frente, mais luzes, mais luzes, dispostas em filas verticais. Norman viu um único cilindro de aço pintado de amarelo, e vigias transparentes. Ao lado, via-se uma cúpula baixa de metal.

– É o DH-7, o habitáculo dos mergulhadores, a bombordo disse o piloto. - É bastante utilitário. Vocês estão no DH-8, que é muito melhor, acreditem.

Virou para estibordo e, depois de uma escuridão momentânea, viram outro conjunto de luzes. Ao aproximarem-se, Norman contou cinco cilindros diferentes, alguns verticais, outros horizontais, interligados de uma forma complexa.

– Ai têm. O DH-8, a vossa casa longe de casa - disse o piloto. Dêem-me um minuto para atracar.

Ouviram o ruído de metal a chocar contra metal; sentiram um solavanco repentino e, depois, os motores foram desligados. Silêncio. Ar a silvar. O piloto mexeu-se para abrir a escotilha e um ar surpreendentemente frio desceu sobre eles.

– A escotilha esta aberta, meus senhores - disse, e deu um passo para o lado.

Norman espreitou pela abertura. Viu rampas de luzes vermelhas à frente. Saiu do submarino e entrou num cilindro redondo de metal com, aproximadamente, três metros de diâmetro. Havia pegadas para as mãos em todos os lados; um banco de metal estreito; as lâmpadas de calor a brilhar por cima da cabeça, embora não parecessem fazer grande diferença.

Ted trepou para fora do submarino e sentou-se no banco à sua frente. Estavam tão perto um do outro que os joelhos de ambos se tocavam. Por baixo dos pés, o piloto fechou a escotilha. Eles observaram a roda a girar. Ouviram um clank quando o submarino se soltou e depois o zumbido dos motores quando o aparelho se afastou. Depois, nada.

– Que acontece agora? - perguntou Norman.

– Pressurizam-nos - disse Ted. - Passam-nos para uma atmosfera de gás exótico. Aqui em baixo, não podemos respirar ar.

– Por que não? - perguntou Norman. Agora que estava ali em baixo, a olhar para as paredes frias de aço do cilindro, arrependeu-se de não ter permanecido acordado durante a reunião.

– Porque - disse Ted - a atmosfera da Terra é mortífera. Nós não nos apercebemos, mas o oxigénio é um gás corrosivo. É da mesma família química que o cloreto e o flúor; e o ácido fluorídrico é o ácido mais corrosivo que conhecemos. A mesma propriedade do oxigénio que faz uma maçã semicomida ficar castanha, ou faz o ferro enferrujar, é incrivelmente destrutiva para o corpo humano se este for exposto a oxigénio em demasia. O oxigénio sob pressão é tóxico... em maior grau do que o esperado. Por isso, cortamos a quantidade de oxigénio que respiras. À superfície, respiras vinte e um por cento de oxigénio. Aqui em baixo, respiras dois por cento de oxigénio. Mas não notas diferença nenhuma...

Uma voz num altifalante anunciou:

- *Estamos a começar a pressurizar-vos agora.*
- *Quem é que está a falar?* - perguntou Norman.
- *Barnes - respondeu a voz. Mas não parecia a voz de Barnes. Soava enérgica e artificial.*
- *Deve ser o falador - disse Ted, e depois riu. A sua voz estava nitidamente estridente. - É o hélio, Norman. Estão a pressurizar-nos com hélio.*
- *Pareces o Pato Donald - disse Norman, e também se riu. A sua própria voz parecia um guincho, como se fosse a personagem de um desenho animado.*
- *Fala por ti, Mickey - guinchou Ted.*
- *Pateceu-me vet um gato - disse Norman. Estavam ambos a rir; de ouvirem as suas vozes.*
- *Acabem com isso, vocês dois - disse Barnes pelo intercomunicador. - Isto é sério.*
- *Sim, senhor, comandante - disse Ted, mas agora a sua voz estava tão esganiçada que era quase ininteligível, e desataram novamente a rir, e as suas vozes pareciam as de meninas de escola a ecoar dentro do cilindro de aço.*
- O hélio tornava as vozes altas e estridentes. Mas também tinha outros efeitos.*
- *Estão a ficar gelados, rapazes?* - perguntou Barnes.
- De facto, estavam a ficar com mais frio. Viu Ted a tremer, e sentiu pele-de-galinha nas pernas. Era como se o vento estivesse a soprar através dos corpos deles - só que não havia vento nenhum. A leveza do hélio aumentava a evaporação, fazia-os ficar com frio.*
- Do outro lado do cilindro, Ted disse algo, mas Norman já não conseguia compreendê-lo; a voz dele estava demasiado esganiçada para ser compreensível. Era apenas um guincho fino.*
- *Agora parecem um par de ratos aí dentro - disse Barnes, com satisfação.*
- Ted rolou os olhos na direcção do altifalante e guinchou alguma coisa.*
- *Se quer falar, pegue num dispositivo apropriado para esse efeito - disse Barnes. - Encontra-os no armário, debaixo do banco.*
- Norman encontrou um armário de metal e abriu-o. O metal chiou ruidosamente, como giz num quadro negro. Todos os sons na câmara eram estridentes. Dentro do armário, viu duas almofadas de plástico pretas com tiras para o pescoço.*
- *Enfie-as pelo pescoço. Ponha a almofada na base da garganta.*
- *Está bem - disse Ted, e depois pestanejou, surpreendido. A sua voz parecia levemente rouca, mas, tirando isso, estava normal.*
- *Estas coisas devem alterar as frequências das cordas vocais disse Norman.*
- *Por que é que vocês não prestam atenção às explicações que vos são dadas nas reuniões?* - disse Barnes. - *É precisamente a função delas. Terão de usar isso enquanto estiverem aí em baixo. Pelo menos, se querem que alguém vos entenda. Ainda têm frio?*
- *Sim - disse Ted.*
- *Bem, aguentem-se, já estão quase completamente pressurizados.*
- Depois ouviu-se outro silvo e uma porta lateral abriu-se. Barnes estava do outro lado, com coletes claros no braço.*
- *Bem-vindos ao DH-8 disse.*
- *Vocês foram os últimos a chegar - disse Barnes. - Só temos tempo para uma*

volta rápida antes de abrimos a nave espacial.

– *Estão preparados para a abrir agora?* - perguntou Ted. Maravilhoso. Estive há pouco a falar sobre isso com o Norman. É um momento tão grandioso, o nosso primeiro contacto com vida extraterrestre, que devíamos preparar um pequeno discurso para quando a abrimos.

– *Têremos tempo para pensar nisso* - disse Barnes, com um olhar estranho para Ted. - Primeiro, vou mostrar-vos o habitáculo. Por aqui.

– *Explicou que o habitáculo DH-8 era composto por cinco cilindros grandes, designados de A a E.*

– *O Cil A, é o pressurizador, onde estamos agora. Levou-os para um vestiário adjacente. Fatos de um material pesado pendiam molemente na parede, ao lado de capacetes amarelos iguais aos que Norman vira os mergulhadores usarem. Os capacetes tinham um aspecto futurista. Norman bateu num com os nós dos dedos. Era de plástico e surpreendentemente leve.*

Viu "JOHNSON" escrito por cima de uma prateleira.

– *Vamos usar estas coisas?* - perguntou Norman.

– *Evidentemente* - disse Barnes.

– *Então, vamos sair lá para fora?* - perguntou Norman, e sentiu um arrepio de alarme.

– *Eventualmente, sim. Não se preocupe com isso agora. Continuam com frio?*

Continuavam; Barnes mandou-os mudar de roupa e vestir fatos de mergulho justos de polyester azul que se colavam ao corpo. Ted franziu o sobrolho.

– *Não achas que são um pouco ridículos?*

– *Podem não ser o supra-sumo da moda* - disse Barnes, mas impedem a perda de calor provocada pelo hélio.

– *A cor não nos favorece nada* - disse Ted.

– *Que se lixe a cor* - disse Barnes. Entregou-lhes casacos leves. Norman sentiu uma coisa pesada num bolso e tirou um conjunto de pilhas.

Os casacos têm fios e são aquecidos electricamente - disse Barnes. - *Como um cobertor eléctrico, que é o que vão usar para dormir. Sigam-me.*

Seguiram para o Cil B, que albergava os sistemas de energia e de suporte de vida. Ao primeiro olhar, parecia uma grande sala de caldeiras, cheia de canos multicoloridos e equipamentos utilitários.

– *É aqui que geramos todo o nosso calor, energia e ar* - elucidou Barnes. *Indicou as características:* - *Gerador de IC em ciclo fechado, 240/110. Células de combustível movidas a hidrogénio e oxigénio. Monitores LSS. Processador líquido, funciona com baterias prata-zinco. E aquela é a contramestre Fletcher. Teeny Fletcher.*

Norman viu uma figura de ossos largos, a trabalhar no meio dos canos com uma pesada chave-de-fendas. A figura virou-se; Alice Fletcher sorriu-lhes e acenou uma mão engordurada.

– *Ela parece saber o que está a fazer* - disse Ted, aprovadamente.

– *E sabe* - disse Barnes. - *Mas todos os sistemas de apoio mais importantes são redundantes. A Fletcher é apenas a nossa redundância final. Na verdade, descobrirão que todo o habitáculo se regula automaticamente.*

Prendeu placas pesadas aos fatos de mergulho.

– Usem isto permanentemente, embora seja apenas uma precaução: os alarmes são espoletados automaticamente se as condições de suporte de vida descerem abaixo do óptimo. Mas isso não vai acontecer. Existem sensores em cada sala do habitáculo. Vão habituar-se ao facto de o ambiente se ajustar continuamente à vossa presença. As luzes vão acender e apagar, as lâmpadas de calor ligam e desligam e os ventiladores de ar vão silvar para controlar o ambiente. É tudo automático, não se preocupem. Cada um dos sistemas importantes é redundante. Podemos perder energia, podemos perder ar, podemos perder toda a água, e estaremos em perfeita segurança durante cento e trinta horas.

Cento e trinta horas não parecia muito tempo a Norman. Fez o cálculo mentalmente: cinco dias. Cinco dias também não parecia muito tempo.

Passaram para o cilindro seguinte e as luzes acenderam-se quando eles entraram. O Cilindro C continha camaratas: beliches, casas de banho, chuveiros (“muita água quente, como vão poder comprovar”). Barnes mostrou-lhes o local orgulhosamente, como se fosse um hotel.

As camaratas estavam fortemente isoladas: chão alcatifado, paredes e tectos totalmente forrados com uma espuma acolchoada, macia, que fazia o interior parecer um sofá com um estofado exageradamente grosso. Mas, apesar das cores claras e do notório cuidado com a decoração, Norman achou-as acanhadas e sinistras. As vigias eram minúsculas e revelavam unicamente a escuridão do oceano lá fora. E nos locais onde o acolchoamento acabava viu enormes parafusos e enormes placas de aço, uma prova do local onde se encontravam na realidade. Sentiu-se como se estivesse dentro de um grande pulmão de ferro - “e”, pensou, “isso não está assim tão longe da verdade”.

Baixaram-se para atravessar anteparas estreitas e entraram no Cil D: um pequeno laboratório com bancos e microscópios no nível superior e uma unidade electrónica compacta no nível inferior.

– Esta é Tina Chan - disse Barnes, apresentando uma mulher muito calma. Cumprimentaram-se todos com um aperto de mão. Norman pensou que Tina Chan estava quase perversamente calma, até se aperceber de que ela era uma daquelas pessoas que quase nunca piscavam os olhos. - Sejam simpáticos com a Tina - estava Barnes a dizer: - Ela é o nosso único elo com o exterior... ela comanda o com ops e também os sistemas de sensores. Na verdade, toda a electrónica.

Tina Chan estava rodeada pelos monitores mais volumosos que Norman jamais vira. Pareciam aparelhos de televisão dos anos 50. Barnes explicou que determinados equipamentos não funcionavam bem na atmosfera de hélio, incluindo as válvulas de TV. Nos primeiros tempos dos habitáculos submarinos, as válvulas tinham de ser substituídas diariamente. Agora, estavam sofisticadamente revestidas e protegidas; daí o grande volume dos monitores.

Ao lado de Chan estava outra mulher; Jane Edmunds, que Barnes apresentou como a arquivista da unidade.

– Que é uma arquivista de unidade? - perguntou-lhe Ted.

– Oficial subalterno de primeira classe, processamento de dados, sir - respondeu ela formalmente. Jane Edmunds usava óculos e tinha uma postura rígida. Norman achou que ela parecia uma bibliotecária.

– Processamento de dados... - disse Ted.

– *A minha missão é manter todos os registos digitais, visuais e materiais, e gravações, sir. Todos os aspectos do momento histórico estão a ser gravados, sir, e eu mantenho tudo devidamente arquivado.*

Norman pensou: "Ela é uma bibliotecária."

– *Oh, excelente - disse Ted. - Folgo muito em sabê-lo. Filme ou cassete?*

– *Cassete, sir.*

– *Eu sou bastante bom a operar uma câmara de vídeo - disse Ted, com um sorriso.*

– *Estão a guardar as imagens em quê, meia polegada ou três quartos?*

– *Usamos um scanner de imagem equivalente a dois mil pixels por moldura lateral-obliqua, e cada pixel possui uma escala de doze tons de cinzento.*

– *Oh! - exclamou Ted.*

– *É um pouco melhor do que os sistemas comerciais com que o senhor poderá estar familiarizado.*

– *Estou a compreender - disse Ted. Mas recompôs-se rapidamente e tagarelou com Edmunds durante algum tempo acerca de assuntos técnicos.*

– *Ted parece terrivelmente interessado em como vamos registar isto - disse Barnes, e pareceu pouco à-vontade.*

– *Sim, realmente parece. - Norman perguntou a si mesmo por que é que aquilo perturbava Barnes. Estaria Barnes preocupado com o registo visual? Ou pensaria que Ted ia tentar tornar o caso público? E Ted tentaria tornar o caso público? Barnes estaria preocupado por isto poder aparecer como uma operação civil?*

– *Não, as luzes do exterior são de halogénio de quartzo com cento e cinquenta watts - estava a Edmunds a dizer. - Estamos a gravar a um equivalente de meio milhão ASA, por isso é amplo. O verdadeiro problema é a dispersão no fundo. Estamos constantemente a lutar contra ela.*

Norman disse:

– *Estou a constatar que a vossa equipa de apoio é completamente composta por mulheres.*

– *Sim - confirmou Barnes. - Todos os estudos sobre mergulho a grande profundidade demonstram que as mulheres são superiores para as operações subaquáticas. São fisicamente mais pequenas e consomem menos nutrientes e ar; têm melhores capacidades sociais e suportam melhor a clausura, e a nível psicológico têm mais resistência. A verdade é que a Marinha já reconheceu há muito tempo que todos os seus marinheiros de submarinos deviam ser mulheres. Riu-se. - Mas tente implementar essa regra. - Olhou de relance para o relógio. - É melhor continuarmos. Ted?*

Ted avançou. O último cilindro, o Cilindro E, era mais espaçoso do que os outros. Havia revistas, uma televisão e uma grande sala de estar; e na cobertura inferior havia uma messe eficiente e uma cozinha. A marinheira Rose Levy, a cozinheira, era uma mulher de rosto vermelho com pronúncia sulista, e estava por baixo de ventoinhas de sucção gigantes. Perguntou a Norman se ele tinha algumas sobremesas preferidas.

– *Sobremesas?*

– *Sim, senhor; Dr. Johnson. Eu gosto de fazer a sobremesa preferida de toda a gente, se puder. E quanto ao senhor, tem alguma favorita, Dr. Fielding?*

– *Tarte de limão - disse Ted. - Adoro tarte de limão.*

– Posso fazer, sir - disse Levy, com um grande sorriso. Virou-se para Norman. - Ainda não ouvi a sua, Dr. Johnson.

– Bolo de morango.

– Fácil. Recebi uns belos morangos da Nova Zelândia, que vieram no último submarino de transporte. Talvez gostasse de comer o bolo de morango esta noite?

– Por que não, Rose? - exclamou Barnes com vivacidade. Norman espregueitou pela vigia negra. Das vigias do Cilindro D conseguia ver a grelha rectangular iluminada que se estendia no fundo, ao longo da nave espacial enterrada com oitocentos metros de comprimento. Os mergulhadores, iluminados como pirilampos, movimentavam-se ao longo da superfície iluminada.

Norman pensou: "Estou trezentos metros abaixo da superfície do oceano, e estamos a falar sobre se devemos ou não comer bolo de morango à sobremesa." Mas, quanto mais pensava no assunto, mais sentido fazia. A melhor forma de fazer uma pessoa sentir-se confortável num ambiente novo era dar-lhe comida que ela conhecesse.

– Os morangos provocam-me alergia - disse Ted.

– Eu faço o meu bolo com framboesas - disse Levy, sem perder pitada da conversa.

– E natas batidas? - perguntou Ted.

– Bem...

– Não pode ter tudo - disse Barnes. - E uma das coisas que não se pode ter em trinta atmosferas de gás misto são natas batidas. Não solidificam. Vamos prosseguir.

Beth e Harry aguardavam na pequena sala de conferências almofadada, directamente por cima da messe. Usavam ambos fatos de mergulho e blusões aquecidos. Quando eles entraram, Harry estava a abanar a cabeça.

– Como a nossa cela almofadada? - Espetou um dedo nas paredes insonorizadas. - É como viver numa vagina.

Beth disse:

– Não gostas de regressar ao útero, Harry?

– Não, disse Harry. - Já lá estive. Uma vez foi suficiente.

– Estes fatos de mergulho são bastante maus - disse Ted, a puxar o polyester, que teimava em se colar ao corpo.

– Mostra muito bem a tua barriga - disse Harry.

– Vamos acalmar-nos - disse Barnes.

– Alguns cequins, e podias ser o Elvis Presley - disse Harry.

– O Elvis Presley morreu.

– Agora é a tua oportunidade - disse Harry. Norman olhou em volta.

– Onde está o Levine?

– Levine não conseguiu - disse Barnes, rispidação. - Ficou claustrofóbico no submarino, durante a descida, e teve de ser levado para a superfície. Coisas que acontecem.

– Então, não temos um biólogo marinho?

– Teremos de nos arranjar sem ele.

– Detesto este maldito fato de mergulho - disse Ted. Decididamente, detesto-o.

– A Beth fica bem no dela.

– Sim, a Beth faz exercício físico.

– *E aqui também está húmido* - disse Ted. - *Está sempre assim tão húmido? Norman tinha reparado que a humidade era um problema; tudo aquilo em que tocavam estava ligeiramente molhado, húmido e frio. Barnes alertou-os para o perigo de infecções e pequenas gripes, e deu-lhes frascos de loção para a pele e gotas para os ouvidos.*

– *Pareceu-me que tinha dito que a parte da tecnologia estava toda resolvida* - disse Harry.

– *E está* - replicou Barnes. - *Acredite quando lhe digo que isto é um paraíso quando comparado com os habitáculos de há dez anos.*

– *Há dez anos* - disse Harry - *deixaram de fazer habitáculos porque as pessoas não paravam de morrer neles.*

Barnes franziu o sobrolho.

– *Houve um acidente.*

– *Houve dois acidentes* - corrigiu Harry. - *Um total de quatro pessoas.*

– *Circunstâncias especiais* - disse Barnes. - *Nada que envolvesse tecnologia ou pessoal da Marinha.*

– *Bestial* - disse Harry. - *Quanto tempo é que disse que vamos ficar aqui em baixo?*

– *Setenta e duas horas no máximo* - disse Barnes.

– *Tem a certeza disso?*

– *São regulamentos da Marinha* - disse Barnes.

– *Porquê?* - perguntou Norman, intrigado. Barnes abanou a cabeça.

– *Nunca* - disse ele, *nunca perguntem por que é que os regulamentos da Marinha existem.*

O intercomunicador soou e Tina Chan disse:

– *Comandante Barnes, temos um sinal dos mergulhadores. Estão a montar a câmara de vácuo neste momento. Mais alguns minutos para abrir.*

A disposição no aposento mudou imediatamente; a excitação era palpável. Ted esfregou as mãos uma na outra.

– *Apercebem-se, obviamente, de que mesmo sem abrir aquela nave espacial já fizemos uma descoberta fabulosa com uma importância profunda.*

– *Qual é?* - perguntou Norman.

– *Mandámos a hipótese do acontecimento único para o inferno* disse Ted, *a olhar para Beth de través.*

– *A hipótese do acontecimento único?* - disse Barnes.

– *Ele está a referir-se* - disse Beth - *ao facto de os físicos e os químicos acreditarem em vida extraterrestre inteligente, ao passo que os biólogos têm tendência para não acreditar. Muitos biólogos pensam que o desenvolvimento de vida inteligente na Terra precisou de tantos passos peculiares que representa um acontecimento único no universo, que pode nunca ter ocorrido em mais lado nenhum.*

– *A inteligência não poderia surgir vezes sem conta?* - perguntou Barnes.

– *Bem, mal surgiu na Terra* - disse Beth. - *A Terra surgiu há 4,5 biliões de anos, e a vida unicelular apareceu há 3,9 biliões de anos... quase imediatamente, falando em termos geológicos. Mas a vida manteve-se não celular durante os três biliões de anos seguintes. Depois, no período Câmbrico, há cerca de seiscentos milhões*

de anos, deu-se uma explosão de formas de vida sofisticadas. No espaço de cem milhões de anos, o oceano encheu-se de peixes. Depois, a terra foi povoada. Depois o ar. Mas ninguém conhece o motivo por que esta explosão ocorreu. E, como não ocorreu durante três bilhões de anos, existe a possibilidade de noutra planeta qualquer nem sequer ocorrer.

"E, mesmo depois do Câmbrico, a cadeia de acontecimentos que levou até ao Homem parece tão especial, tão incerta, que os biólogos chegam a temer que poderia nunca ter acontecido. Considerem o facto de os dinossáurios não terem sido extintos há sessenta e cinco milhões de anos... por um cometa ou seja lá o que foi... nesse caso, os répteis podiam ainda ser a forma dominante na Terra, e os mamíferos nunca teriam tido a oportunidade de dominar. Sem mamíferos, não teriam existido primatas. Sem primatas, não teria havido símios. Sem símios, o Homem não teria existido... Na evolução há uma série de factores fortuitos, imensa sorte. É por isso que os biólogos pensam que a vida inteligente poderá ser um acontecimento único no universo, que ocorreu apenas aqui.

– Só que agora - disse Ted - sabemos que não é um acontecimento único. Porque ali fora está uma nave espacial enorme.

– Pessoalmente - disse Beth, eu não poderia estar mais satisfeita. - Mordeu o lábio.

– Não parece satisfeita - disse Norman.

– Devo dizer-vos - disse Beth - que não posso deixar de me sentir nervosa. Há dez anos, em Stanford, Bill Jackson fez uma série de seminários aos fins-de-semana acerca da vida extraterrestre. Foi logo a seguir a ter ganho o prémio Nobel da Química. Dividiu-nos em dois grupos. Um concebeu a forma de vida extraterrestre e trabalhou tudo cientificamente. O outro grupo tentou imaginar a forma de vida e comunicar com ela. Jackson presidiu a tudo como um cientista experimentado, e não deixou ninguém entusiasmar-se de mais. Uma vez trouxemos o esboço de uma criatura proposta e ele disse, num tom muito duro, "Muito bem, onde está o ânus?". Foi essa a crítica dele. Mas muitos animais na Terra não têm ânus. Existem inúmeras formas de mecanismos excretórios que não precisam de um orifício especial. Jackson presumiu que era necessário um ânus, mas não é. E agora... - Encolheu os ombros. Quem sabe o que iremos encontrar?

– Saberemos muito em breve - disse Ted. O intercomunicador soou.

– Comandante Barnes, os mergulhadores já instalaram a câmara de vácuo. O robot está agora a postos para entrar na nave espacial.

Ted disse:

– Que robot?

– Eu acho que não é absolutamente nada apropriado - disse Ted, furioso. - Viemos cá para baixo para fazer uma entrada com pessoas humanas nesta nave espacial desconhecida. Acho que devíamos fazer aquilo que nos trouxe aqui... fazer uma entrada com pessoas humanas.

– Completamente fora de questão - disse Barnes. - Não podemos arriscar.

– Tem de pensar nisto - disse Ted - como uma estação arqueológica. Maior do que Chichén Itzá, maior do que Tróia, maior do que o túmulo de Tutankhamen. Inquestionavelmente, a estação arqueológica mais importante da história da humanidade. Pretende realmente que seja um maldito robot a abrir aquela estação? Onde está o seu sentido de destino humano?

– Onde está o seu sentido de autopreservação? - perguntou Barnes.

– Oponho-me veementemente, comandante Barnes.

– Devidamente registado - disse Barnes, e afastou-se. - Agora, vamos prosseguir. Tina, dê-nos a imagem de vídeo.

Ted falou precipitadamente, mas calou-se quando dois grandes monitores se ligaram à frente deles. No ecrã da esquerda, viram a armação complexa de metal tubular do robot, com motores e engrenagens expostos. O robot estava posicionado diante da parede curva de metal cinzento da nave espacial.

Dentro dessa parede havia uma porta que se assemelhava à porta de um avião. O segundo ecrã proporcionava uma imagem mais aproximada da porta, captada pela câmara de vídeo montada no próprio robot.

– É bastante parecida com a porta de um avião - disse Ted.

Norman olhou de relance para Harry, que sorria enigmaticamente. Depois olhou para Barnes. Barnes não parecia surpreendido. Percebeu que Barnes já sabia como era a porta.

– Como será que podemos avaliar um paralelismo tão grande no desenho da porta? - disse Ted. - A probabilidade de ocorrer por acaso é astronomicamente pequena. Ora, esta porta tem o tamanho e o formato exactos para um ser humano!

– Tem razão - disse Harry.

– É incrível - disse Ted. - Bastante incrível. Harry sorriu e não disse nada.

Barnes disse:

– Vamos procurar comandos de superfície.

– O scanner de vídeo do robot moveu-se para a esquerda e para a direita ao longo da fuselagem da nave espacial. Deteve-se na imagem de um painel rectangular montado do lado esquerdo da porta.

– Conseguem abrir aquele painel?

– Estamos agora a trabalhar nisso, sir.

A zumbir, a garra do robot estendeu-se na direcção do painel. Mas a garra era desajeitada; raspou no metal, deixando uma série de arranhões brilhantes. Mas o painel continuou fechado.

– Ridículo - disse Ted. - É como observar um bebé. A garra continuou a arranhar o painel.

– Nós é que devíamos estar a fazer isto - disse Ted.

– Usem sucção - disse Barnes.

Outro braço foi estendido, com um aspirador de borracha.

– Ah, o amigo do canalizador - disse Ted, desdenhosamente. Enquanto observavam, o aspirador foi ligado ao painel, ajustou-se. Depois, com um clique, o painel abriu-se.

– Por fim!

– Não consigo ver...

A vista dentro do painel era pouco nítida, desfocada. Podiam distinguir o que parecia ser uma série de protuberâncias redondas de metal colorido, vermelho, amarelo e azul. Havia igualmente intrincados símbolos pretos e brancos acima das protuberâncias.

– Olhem - disse Ted, vermelho, azul, amarelo. Cores primárias. Isto é um augúrio muito bom.

– Porquê? - disse Norman.

– Porque sugere que os extraterrestres têm o mesmo equipamento sensorial que nós... podem ver o universo da mesma forma, visualmente, nas mesmas cores, utilizando a mesma parte do espectro electromagnético. Isso vai ajudar incommensuravelmente o estabelecimento de contacto com eles. E aquelas marcas pretas e brancas... deve ser a escrita deles! - sorriu entusiasticamente. Este é um grande momento - disse ele. - Sinto-me verdadeiramente privilegiado por estar aqui.

– Foque - ordenou Barnes.

– A focar agora, sir.

A imagem tornou-se ainda mais desfocada.

– Não, para o outro lado.

– Sim, senhor. A focar agora.

A imagem mudou e aclarou-se lentamente numa focagem correcta.

– Ah-oh - disse Ted, a olhar para o ecrã.

Viram então que as protuberâncias pouco nítidas eram na verdade três botões coloridos: amarelo, vermelho e azul. Os botões tinham cada um dois centímetros e meio de diâmetro e tinham rebordos serrilhados. Os símbolos por cima dos botões revelaram com nitidez uma série de etiquetas cuidadosamente rotuladas.

Da esquerda para a direita, lia-se nas etiquetas: "EMERGÊNCIA PREPARADA", "TRANCA DE EMERGÊNCIA" e "ABERTURA DE EMERGÊNCIA".

Em inglês.

Houve um momento de silêncio stupefacto. E depois, muito baixinho, Harry Adams começou a rir.

A NAVE ESPACIAL

– É inglês - disse Ted, a olhar para o ecrã. - Está escrito em inglês.

– Pois - disse Harry. - É claro que está.

– Que se passa? - perguntou Ted. - Que raio de piada é esta?

– Não é piada nenhuma - disse Harry. Estava calmo, estranhamente alheado.

– Como pode esta nave espacial ter trezentos anos e ter instruções em inglês moderno?

– Pensa nisso - disse Harry. Ted franziu o sobrolho.

– Talvez - disse ele - esta nave espacial extraterrestre esteja de algum modo a apresentar-se-nos de forma a fazer-nos sentir à-vontade.

– Pensem um pouco mais - disse Harry. Seguiu-se um curto silêncio.

– Bem, se é uma nave espacial extraterrestre...

– Não é uma nave espacial extraterrestre - disse Harry.

Seguiu-se novo silêncio. Depois, Ted disse:

– Bem, por que é que não nos dizes o que é, uma vez que estás tão seguro de ti!

– Muito bem - disse Harry. - É uma nave espacial americana.

– Uma nave espacial americana? Com oitocentos metros de comprimento?

Construída com tecnologia que ainda não temos? E enterrada há trezentos anos?

– Claro - declarou Harry. - Foi óbvio desde o princípio. Certo, comandante Barnes?

– Tínhamos considerado essa hipótese - admitiu Barnes. - O presidente tinha admitido essa hipótese.

– Foi por isso que não avisaram os russos.

– Exactamente.

Naquele momento, Ted já estava completamente frustrado. Cerrou os punhos, como se quisesse bater em alguém. Olhou de uma pessoa para outra.

– Mas como é que sabias?

– *A primeira pista - disse Harry - foi dada pelo estado da própria nave. Não revela danos absolutamente nenhuns. O seu estado é antigo. No entanto, uma nave espacial que se despenhe na água ficará danificada. Mesmo se entrar a uma velocidade baixa... digamos, trezentos e cinquenta quilómetros por hora... a superfície da água é dura como cimento. Por muito forte que a nave seja, seria de esperar algum tipo de dano devido ao impacto com a água. Porém, esta não tem dano nenhum.*

– E isso quer dizer?

– *Quer dizer que não aterrou na água.*

– *Não compreendo. Deve ter voado até aqui...*

– *... Não voou até aqui. Chegou aqui.*

– *Vinda de onde?*

– *Do futuro - disse Harry. - Isto é uma espécie qualquer de nave terrestre que foi... será... feita no futuro, e viajou para trás no tempo, e apareceu no fundo do nosso oceano, há várias centenas de anos.*

– *Por que é que as pessoas no futuro fariam uma coisa dessas? resmungou Ted. Estava claramente infeliz por ser privado da sua nave extraterrestre, do seu grande momento histórico. Deixou-se cair numa cadeira e olhou apaticamente para os ecrãs dos monitores.*

– *Não sei por que é que as pessoas no futuro fariam uma coisa destas - disse Harry. - Ainda não chegámos lá. Talvez se tivesse tratado de um acidente. Involuntário.*

– *Vamos prosseguir e abrir a porta - disse Barnes.*

– *A abrir, sir.*

A mão do robot dirigiu-se para a frente, para o botão "ABRIR". A mão carregou diversas vezes. Ouvia-se um som metálico, mas não aconteceu nada.

– *Qual é o problema?*

– *Não conseguimos premir o botão, sir. O braço extensor é grande de mais para caber dentro do painel.*

– *Era só o que faltava.*

– *Experimento com a sonda?*

– *Experimente com a sonda,*

A mão em forma de garra recuou e uma sonda com uma agulha fina estendeu-se em direcção ao botão. A sonda deslizou para a frente, ajustou delicadamente a posição, tocou no botão. Empurrou - e escorregou.

– *A tentar novamente, sir.*

A sonda premiu novamente o botão e escorregou outra vez.

– *A superfície está demasiado escorregadia, sir.*

– *Continue a tentar.*

– *Sabem - disse Ted, isto continua a ser uma situação notável. Num sentido, é ainda mais espantoso do que o contacto com extraterrestres. Eu já tinha a certeza*

quase absoluta de que existe vida extraterrestre no universo. Mas viagens no tempo! Francamente, enquanto astrofísico tinha as minhas dúvidas. Por tudo o que sabemos, é impossível, contrariado pelas leis da física. E, no entanto, agora, temos a prova de que é possível viajar no tempo... e que a nossa própria espécie o fará no futuro!

Ted estava a sorrir, com os olhos muito abertos, e novamente feliz. "Era impossível não o admirar", pensou Norman... ele era tão maravilhosamente irreprimível.

– E aqui estamos nós - disse Ted - à beira do nosso primeiro contacto com a nossa espécie do futuro! Pensem nisso! Vamos conhecer-nos a nós próprios de um tempo algures no futuro!

A sonda carregou uma vez e outra, sem sucesso.

– Não conseguimos premir o botão, sir.

– Estou a ver - disse Barnes, e levantou-se. - Muito bem, fechem e saiam daí. Ted, parece que afinal de contas vai realizar o seu desejo. Vamos ter de ir lá todos e abri-la manualmente. Vamos preparar-nos.

NA NAVE

No vestiário no Cilindro A, Norman vestiu o seu fato. Tina e Edmunds ajudaram-no a ajustar o capacete na cabeça e trancaram o aro no pescoço. Sentiu o grande peso das bilhas de ar nas costas; as tiras enfiadas nos ombros. Provou ar metálico. Ouviu um estalido quando o intercomunicador do capacete foi ligado.

As primeiras palavras que ouviu foram:

– Que tal “No limiar de uma grande oportunidade para a espécie humana”?

Norman riu, agradecido por a tensão ter sido quebrada.

– Achas divertido? - perguntou Ted, ofendido.

Norman olhou para o outro lado da sala, para o homem equipado com “FIELDIND” gravado no capacete amarelo.

– Não - disse Norman. - Estou apenas enervado.

– Eu também - disse Beth.

– Não custa nada - disse Barnes. - Acreditem em mim.

– Quais são as três maiores mentiras no DH-8? - disse Harry, e riram-se novamente.

Amontoaram-se na minúscula câmara de vácuo, a bater com os capacetes uns nos outros, a roda girou e a escotilha da esquerda foi selada. Barnes disse:

– Muito bem, pessoal, respirem com calma. - Abriu a escotilha inferior, expondo água preta. *A água não subiu para o compartimento. O habitáculo está com pressão positiva - explicou Barnes. - A água não sobe. Agora, observem-me, e façam isto como eu. Não querem rasgar os fatos. - Movendo-se desajeitadamente devido ao peso das bilhas, rastejou pela escotilha, agarrou nas pegas laterais e deixou-se ir, desaparecendo com um chapinhar suave.*

Um por um, deixaram-se cair para o leito do oceano. Norman arquejou quando a água quase gelada lhe envolveu o fato; ouviu imediatamente o zumbido de uma ventoinha minúscula no momento em que os aquecedores eléctricos do fato foram activados. Os pés tocaram no chão suave, lamacento. Olhou em volta na escuridão. Estava por baixo do habitáculo. Directamente por cima, a cem metros de distância, encontrava-se a grelha rectangular iluminada. Barnes já estava a avançar, inclinado para a corrente, a mover-se lentamente como um homem na Lua.

– Não é fantástico?

– Acalma-te, Ted - disse Harry. Beth disse:

– Na verdade, é estranho como há tão pouca vida aqui em baixo. Repararam? Nem um único coral em forma de leque, nem um único molusco, nem um peixe solitário. Nada a não ser o fundo do mar castanho, vazio. Esta deve ser uma das zonas mortas do Pacífico.

Uma luz forte acendeu-se atrás dele; a sombra de Norman foi projectada para a frente, no fundo. Ele olhou para trás e viu Edmunds a transportar uma câmara e luz num compartimento volumoso à prova de água.

– Estamos a gravar isto tudo?

– Sim, senhor.

– Tenta não cair, Norman - disse Beth, e riu-se.

– *Estou a tentar.*

Agora estavam mais perto da grelha. Norman sentiu-se melhor por ver outros mergulhadores a trabalhar ali. À direita estava o leme comprido, que saía para fora do coral, uma superfície enorme, escura e suave a fazê-los parecer muito pequenos enquanto se estendia em direcção à superfície.

Barnes conduziu-os pelo leme e para um túnel cortado no coral. O túnel tinha dezoito metros de comprimento, era estreito e estava iluminado por lâmpadas. Caminharam em fila indiana. "Era como descer para uma mina", pensou Norman.

– *Foi isto que os mergulhadores cortaram?*

– *Precisamente.*

Norman viu uma estrutura de aço ondulado, com a forma de uma caixa, rodeada por tanques de pressão.

– *Câmara de vácuo ali à frente. Já estamos quase a chegar disse Barnes. - Estão todos bem?*

– *Por enquanto - disse Harry.*

Entraram na câmara de vácuo, e Barnes fechou a porta. O ar zumbia audivelmente. Norman observou a água a recuar, a descer ao nível do visor do capacete, depois na cintura, nos joelhos; depois desapareceu. O zumbido cessou, e passaram por outra porta, que selaram depois de a atravessarem.

Norman virou-se para a fuselagem de metal da nave espacial. O robot tinha sido retirado para o lado. Norman teve a forte sensação de estar ao lado de um grande avião - uma superfície de metal curva e uma porta embutida. O metal era cinzento-baço, o que lhe conferia uma qualidade ominosa. Embora contrariado, Norman estava nervoso. Ao ouvir a forma como os outros estavam a respirar, sentiu que eles também estavam enervados.

– *Está tudo bem? - perguntou Barnes. - Estão todos aqui? Edmunds disse:*

– *Espere pelo vídeo, por favor, comandante.*

– *Muito bem. À espera.*

Alinharam-se todos ao lado da porta, mas continuavam todos com os capacetes colocados. Não ia ser uma grande imagem, pensou Norman.

Edmunds:

– *A fita está a gravar. Ted:*

– *Gostaria de pronunciar algumas palavras. Harry:*

– *Valha-me Deus, Ted. Nunca desistes? Ted:*

– *Acho que é importante. Harry:*

– *Vá lá, faz o teu discurso. Ted:*

– *Olá, fala Ted Fielding, aqui à porta da nave espacial desconhecida que foi descoberta...*

Barnes:

– *Espere um segundo,*

Ted.

– *"Aqui à porta da nave espacial desconhecida" parece "aqui no tímulo do soldado desconhecido".*

Ted:

– *Não gostou?*

Barnes:

– Bem, acho que tem associações erradas.

Ted:

– Pensei que ia gostar.

Beth:

– Podemos continuar, por favor?

Ted:

– Deixem lá.

Harry:

– O quê, vais desistir agora?

Ted:

– Não interessa. Ficaremos sem nenhum comentário neste momento histórico.

Harry:

– Então está bem. Vamos abrir isto.

Ted:

– Penso que todos sabem o que eu sinto. Acho que devíamos fazer alguns comentários breves para a posteridade.

Harry:

– Bom, faz os teus malditos comentários!

Ted:

– Escuta, meu filho da puta, já estou farto da tua atitude superior e de quem sabe tudo...

Barnes:

– Pare de gravar, por favor.

Edmunds:

– Gravação parada, sir.

Barnes:

– Vamos acalmar todos.

Harry:

– Eu considero esta cerimónia completamente irrelevante.

Ted:

– Bem, não é irrelevante; é apropriada.

Barnes:

– Muito bem, vou fazê-lo. Comece a gravar.

Edmunds:

– A fita está a gravar.

Barnes:

– Fala o comandante Barnes. Estamos prestes a abrir a cobertura da escotilha. Presentes comigo nesta ocasião histórica estão Ted Fielding, Norman Johnson, Beth Halpern e Harry Adams.

Harry:

– Por que é que eu sou o último?

Barnes:

– Segui da esquerda para a direita, Harry.

Harry:

– Não é engraçado que o nome do único homem negro seja o último a ser mencionado?

Barnes:

– Harry, foi da esquerda para a direita. A ordem por que estamos aqui.

Harry:

– E depois da única mulher. Eu sou professor catedrático, a Beth é apenas professora assistente.

Beth:

– Harry...

Ted:

– Sabe, Hal, talvez devêssemos ser identificados pelos nossos títulos completos e filiações institucionais...

Harry:

– ... Qual é o problema da ordem alfabética...

Barnes:

– ... Chega! Esqueçam! Nada de gravações!

Edmunds:

– Parei de gravar, sir.

Barnes:

– Jesus Cristo.

Afastou-se do grupo, a abanar a cabeça dentro do capacete. Levantou a placa de metal, expôs os dois botões e premiu um. Uma luz amarela piscou "PREPARADO".

– Todos se mantêm com ar interno - disse Barnes. Continuaram todos a respirar das bilhas, para o caso de os gases do interior da nave espacial serem tóxicos.

– Estão todos prontos?

– Sim.

Barnes premiu o botão onde se lia "ABRIR".

Um sinal piscou: A AJUSTAR ATMOSFERA. Depois, com um ruído surdo e prolongado, a porta deslizou para o lado e abriu-se, tal como a porta de um avião. Por um momento, Norman não viu nada a não ser escuridão no interior. Avançaram cautelosamente, apontaram as lanternas pela porta aberta, viram traves, uma estrutura complexa de tubos de metal.

– Verifique o ar, Beth.

Beth empurrou o êmbolo de um pequeno monitor de gás que tinha na mão. O ecrã de leitura brilhou.

Hélio, oxigénio, vestígios de CO₂ e vapor de água. As proporções correctas. E atmosfera pressurizada.

– A nave ajustou a atmosfera?

– Parece que sim.

– Muito bem. Um de cada vez.

Barnes foi o primeiro a retirar o capacete, respirou o ar.

– Parece bom. Metálico, um ligeiro zumbido, mas bom. - Respirou fundo algumas vezes e depois acenou afirmativamente. Os outros retiraram os capacetes, pousaram-nos na coberta.

– Assim está melhor.

– Vamos?

– Por que não?

Houve uma ligeira hesitação, e depois Beth avançou rapidamente:

– As senhoras primeiro.

Os outros seguiram-na. Norman olhou de relance para trás, viu todos os capacetes amarelos no chão. Edmunds, com a câmara de vídeo encostada ao olho, disse:

– Siga, Dr. Johnson.

Norman virou-se e entrou na nave espacial.

INTERIOR

Pararam numa passareira com um metro e meio de largura, suspensa a uma grande altitude. Norman apontou a lanterna para baixo: o feixe brilhou em quinze metros de escuridão antes de se espalhar pela fuselagem inferior. A rodeá-los, fracamente visível na escuridão, uma densa rede de suportes e grelhas.

Beth disse:

– É como estar numa refinaria de petróleo. - Apontou a lanterna para uma vigamestra de aço, onde estava gravado "AVR-09". Todas as gravações estavam em inglês.

– A maioria do que vêem é estrutural - disse Barnes. - Abraçadeiras de suporte duplo para a fuselagem exterior. Confere um suporte fabuloso ao longo de todos os eixos. A nave está construída de uma forma muito robusta, como suspeitávamos. Foi concebida para aguentar pressões extraordinárias. Provavelmente, existe outra fuselagem mais para o interior. - Norman lembrou-se de que, em tempos, Barnes fora engenheiro aeronáutico.

– Não apenas isso - disse Harry, a apontar a lanterna para a fuselagem exterior. - Olhem para isto... uma camada de chumbo.

– Escudo contra radiações?

– Deve ser. Tem quinze centímetros de espessura.

– Então, esta nave foi construída para suportar uma grande quantidade de radiação.

– Uma quantidade astronómica - disse Harry.

Apareceu uma ligeira névoa na nave, e sentiram vagamente o cheiro a óleo. As grelhas de metal pareciam estar revestidas a óleo, mas quando Norman lhes tocou não ficou com os dedos gordurosos. Apercebeu-se de que o próprio metal tinha uma textura invulgar: era escorregadio e suave ao toque, quase como se fosse de borracha.

– Interessante - disse Ted. - Uma espécie qualquer de um material novo. Nós associamos a força à dureza, mas este metal... se é que é um metal... é ao mesmo tempo forte e macio. É indubitável que a tecnologia dos materiais avançou desde o nosso tempo.

– Obviamente - disse Harry.

– Bem, faz sentido - disse Ted. - Se pensarmos na América de há cinquenta anos e a compararmos com os dias de hoje, uma das maiores mudanças é a grande variedade de plásticos e cerâmicas que temos agora e que na altura eram completamente impensáveis... Ted continuou a falar, e a sua voz ecoava na escuridão cavernosa. Mas Norman sentia a tensão da voz dele. "Ted está a assobiar no escuro", pensou.

Internaram-se mais na nave. Norman sentiu-se tonto por estar a uma altitude tão grande na escuridão. Chegaram a uma bifurcação na passareira. Era difícil ver com todos os tubos e vigas - era como se estivessem numa floresta de metal.

– Para que lado?

Barnes tinha uma bússola de pulso; brilhava num tom verde.

– Vamos para a direita.

Seguiram a estrutura de passadeiras durante mais dez minutos. Gradualmente, Norman percebeu que Barnes estava certo: havia um cilindro central construído dentro do cilindro exterior, e mantido separado deste por meio de uma estrutura densa de grelhas e apoios. Uma nave espacial dentro de uma nave espacial.

– Por que é que construiriam uma nave assim?

– Terias de lhes perguntar.

– Os motivos devem ter sido fortes - disse Barnes. - Os requisitos de potência para uma fuselagem dupla, com um escudo protector de chumbo tão espesso... é difícil imaginar o motor que seria necessário para fazer uma coisa assim tão grande voar.

Após três ou quatro minutos, chegaram à porta da fuselagem interior. Era semelhante à porta exterior.

– Voltamos a colocar as máscaras?

– Não sei. Podemos arriscar?

Sem esperar, Beth abriu o painel de botões, premiu "ABRIR", e a porta deslizou e abriu. Mais escuridão para a frente. Entraram. Norman sentiu macieza debaixo dos pés; fez incidir a lanterna na alcatifa bege.

Os feixes das lanternas pesquisaram o aposento, revelando uma consola grande e contornada a bege, com três cadeiras de costas altas e almofadadas. O aposento tinha sido nitidamente construído para seres humanos.

– Deve ser a ponte ou a cabina de pilotagem.

Mas as consolas curvas estavam completamente vazias. Não havia instrumentos de espécie alguma. E os assentos estavam vazios. Giraram os feixes de luz de um lado para o outro na escuridão.

– Parece uma maquete e não uma coisa real.

– Não pode ser uma maquete.

– Bem, se não é, parece.

Norman passou a mão pelos contornos suaves da consola. Estava moldada de uma forma elegante, agradável ao toque. Norman fez pressão sobre a superfície, sentiu-a dobrar-se ao seu toque. De novo semelhante a borracha.

– Outro material novo.

A luz da lanterna de Norman revelou alguns artefactos. Preso na extremidade mais afastada da consola estava um letrreiro escrito à mão num cartão de arquivo de três por cinco: dizia, "VAI, BEBÊ, VAI!" Ali perto, encontrava-se uma pequena estatueta de plástico de um animal engraçado que parecia um esquilo roxo. A base dizia, "Lucky Lemontina". Sabia-se lá o que significava.

– Os assentos são de pele?

– Parecem.

– Onde estão os malditos comandos?

Norman continuou a mexer na consola lisa e, de súbito, a superfície da consola

bege afundou-se e pareceu conter instrumentos, ecrãs. Todos os instrumentos estavam, por assim dizer, dentro da superfície da consola, como uma ilusão óptica, ou um holograma. Norman leu o que estava escrito por cima dos instrumentos: "IMPULSORES Pós"... "PISTÃO DO TRANSFORMADOR AUXILIAR F3"... "PLANADOR"...

– Mais tecnologia nova - disse Ted. - Reminiscente de cristais líquidos, mas muitíssimo superior. Uma espécie de optoelectrónica avançada.

De súbito, todos os ecrãs da consola brilharam num tom vermelho e ouviu-se um apito. Assustado, Norman deu um salto para trás; o painel de comando estava a ganhar vida.

– Tenham cuidado, todos vocês!

Um clarão brilhante de uma luz branca, intensa, encheu o aposento, deixando uma impressão desagradável.

– Oh, meu Deus...

Outro clarão - e outro - e depois as luzes do tecto acenderam-se, iluminando uniformemente a sala. Norman viu rostos surpreendidos, assustados. Suspirou e exalou lentamente.

– Jesus...

– Como diabo é que aquilo aconteceu? - exclamou Barnes.

– Fui eu - disse Beth. - Carreguei neste botão.

– Se não se importam, agradeço que não andem a mexer em botões - disse Barnes, irritado.

– Dizia "LUZES DA SALA". Pareceu-me uma coisa apropriada.

– Vamos tentar manter-nos juntos nisto - disse Barnes.

– Bem, Jesus, Hal...

– Só não carregue em mais nenhum botão, Beth!

Estavam a mover-se à volta da cabina, a olhar para o painel de instrumentos, para as cadeiras. Todos, isto é, com excepção de Harry, que estava muito quieto no meio do aposento, sem se mexer, e disse:

– Alguém vê uma data em algum lado?

– Não há datas.

– Têm de haver uma data - disse Harry, de súbito tenso. - E nós temos de a descobrir. Porque, definitivamente, trata-se de uma nave espacial americana do futuro.

– Que está a fazer aqui? - perguntou Norman.

– Raios me partam se sei! - disse Harry. Encolheu os ombros. Norman franziu o sobrolho.

– Qual é o problema, Harry?

– Nenhum.

– Tens a certeza?

– Sim, tenho a certeza.

Norman pensou: "Ele lembrou-se de alguma coisa e o que quer que seja está a perturbá-lo. Mas não vai dizer o que é." Ted disse:

– Então, é este o aspecto de uma máquina para viajar no tempo.

– Não sei - disse Barnes. - Se querem saber a minha opinião, este painel de instrumentos parece ser para voar, e esta sala parece uma cabina de voo.

Norman também era da mesma opinião: tudo naquela sala lhe fazia lembrar a cabina de pilotagem de um avião. As três cadeiras para piloto, co-piloto, navegador. A disposição da instrumentação. Aquela era uma máquina que voava, tinha a certeza disso. Porém, havia algo estranho...

Sentou-se numa das cadeiras curvas. O material suave, que se assemelhava a pele, era quase confortável de mais. Ouviu um som gorgolejante: água no interior?

– Espero que não pretenda pilotar esta porcaria - disse Ted, e riu-se.

– Não, não.

– Que é aquele zumbido?

A cadeira prendeu-o. Norman teve um instante de pânico, ao sentir a cadeira mover-se à volta de todo o seu corpo, apertando-lhe os ombros, prendendo-o pelas ancas. O estofado de pele deslizou em volta da cabeça, cobriu-lhe as orelhas, desceu para a testa. Ele estava a afundar-se mais, a desaparecer dentro da própria cadeira, a ser engolido por ela.

– Oh, meu Deus...

E, depois, a cadeira deslocou-se rapidamente para a frente e parou quase encostada à consola de comandos. E o zumbido cessou. Depois, nada.

– Creio - disse Beth - que a cadeira acha que vais pilotar.

– Umm - disse Norman, a tentar controlar a respiração, a pulsação acelerada, como será que saio daqui?

A única parte do seu corpo ainda livre eram as mãos. Mexeu os dedos, sentiu um painel de botões nos braços da cadeira. Premiu um.

A cadeira deslizou para trás, abriu-se com um estalido suave, soltou-o. Norman saiu e olhou para o formato do seu corpo a desaparecer lentamente enquanto a cadeira zumbia e se ajustava.

Harry carregou numa das almofadas de pele, experimentalmente, ouviu o som gorgolejante.

Cheio de água.

– Faz todo o sentido - disse Barnes. - A água não é comprimível. Uma pessoa pode aguentar forças-G enormes sentada numa cadeira como esta.

– E a própria nave foi construída para suportar grandes pressões disse Ted. - Talvez as viagens no tempo sejam esgotantes? Estruturalmente esgotantes?

– Talvez. - Norman tinha dúvidas. - Mas penso que Barnes tem razão... esta é uma máquina que voou.

– Talvez seja apenas aparência - disse Ted. - Afinal de contas, nós sabemos viajar no espaço, mas não sabemos viajar no tempo. Sabemos que espaço e tempo são realmente aspectos da mesma coisa, espaço-tempo. Talvez a forma de viajar no tempo seja a mesma que viajar no espaço. Talvez as viagens no tempo e as viagens no espaço sejam mais semelhantes do que pensamos agora.

– Não estamos a esquecer-nos de alguma coisa? - disse Beth. - Onde estão todos? Se pessoas tripularam esta coisa no tempo ou no espaço, onde estão elas?

– Provavelmente, noutro lugar da nave.

– Eu não tenho tanta certeza - disse Harry. - Olhem para a pele destes assentos. É completamente nova.

– Talvez fosse uma nave nova.

– Não, o que eu quero dizer é que está por estrear. Esta pele não tem quaisquer arranhões, quaisquer cortes, quaisquer pingos ou manchas de café. Não há nada que sugira que estes assentos foram usados alguma vez.

– Talvez não houvesse tripulação nenhuma.

– Por que é que haveria assentos se não houvesse tripulação nenhuma?

– Talvez tenham mandado a tripulação sair à última hora. Parece que eles estavam preocupados com a radiação. A fuselagem interior também está escudada com chumbo.

– Por que é que a radiação estaria associada às viagens no tempo?

– Eu sei - disse Ted. - Talvez a nave tenha sido lançada por engano. Talvez a nave estivesse na plataforma de lançamento e alguém tivesse carregado no botão antes de a tripulação estar a bordo, por isso a nave descolou vazia.

– Queres dizer, oops, botão errado?

– Isso seria um erro dos diabos! - disse Norman. Barnes abanou a cabeça.

– Não acredito nisso. Para já, esta nave nunca poderia ter sido lançada da Terra. Teria de ter sido construída e montada em órbita e lançada do espaço.

– Que é que pensa disto? - perguntou Beth, a apontar para outra consola perto da parte de trás da cabina de pilotagem. Havia uma quarta cadeira, quase encostada à consola.

A pele estava enrolada à volta de uma forma humana.

– Diabos...

– Está ali um homem?

– Vamos ver. - Beth premiu os botões do braço da cadeira. A cadeira deslizou para trás e desenrolou-se. Viram um homem, a olhar para a frente, com os olhos abertos.

– Meu Deus, depois de todos estes anos, perfeitamente preservado - disse Ted.

– Seria de esperar - disse Harry. - Tendo em conta que é um manequim.

– Mas tem um aspecto tão vivo...

– Dê aos seus descendentes algum mérito pelos avanços - disse Harry. - Eles estão meio século à nossa frente. - Empurrou o manequim para a frente e expôs um umbigo que lhe saía das costas, na base das ancas.

- Fios...

– Não são fios - disse Ted. - Vidro. Cabos ópticos. Toda esta nave usa tecnologia óptica e não electrónica.

– Em todo o caso, é um mistério que está resolvido - disse Harry, a olhar para o boneco. - Obviamente, esta nave foi construída para ser uma nave tripulada, mas foi enviada sem tripulação humana.

– Porquê?

– Provavelmente, a viagem planeada era demasiado perigosa. Mandaram uma nave sem tripulação primeiro, antes de mandarem uma tripulada.

Beth disse:

– E para onde é que a mandaram?

– Numa viagem no tempo, não se manda para um onde. Manda-se para um quando.

– Muito bem. Então, para quando é que a mandaram? Harry encolheu os ombros.

– Ainda não temos informações - disse ele.

"Novamente aquela modéstia exagerada", pensou Norman. "Em que é que Harry estava realmente a pensar?"

– Bem, esta nave tem oitocentos metros de comprimento - disse Barnes. - Temos muito mais para ver.

– Será que eles tinham um registo de voo? - disse Norman.

– Como se se tratasse de um avião comercial?

– Sim. Alguma coisa para registar a actividade da nave durante a viagem.

– Devem ter - disse Harry. - Sigam o cabo do boneco, e de certeza que acabam por encontrar. Eu também gostava de ver esse registo. Na verdade, diria que é crucial.

Norman estava a olhar para a consola, a levantar um painel com um teclado.

– Olhem aqui - disse ele. - Encontrei uma data. Debruçaram-se todos à volta dele. Havia um carimbo no plástico por debaixo do teclado. "Intel Inc. Fabricado nos EUA, N.º de Série: 98004077 5/8/43.

-5 de Agosto de 2043?

– Parece que sim.

– Então, estamos a passear numa nave cinquenta estranhos anos antes de ela ser construída...

– Isto está a provocar-me uma dor de cabeça.

– Vejam isto. - Beth tinha-se afastado da cabina de pilotagem e entrara no que pareciam as camaratas. Havia vinte beliches.

– Tripulação de vinte pessoas? Se eram precisas três pessoas para a pilotar, o que faziam as outras dezassete?

Ninguém tinha uma resposta para aquela pergunta.

A seguir, entraram numa grande cozinha, numa casa de banho, os alojamentos. Era tudo novo e elegantemente concebido, mas reconhecível pelo que era.

– Sabe, Hal, isto é muito mais confortável do que o DH-8.

– Sim, talvez devêssemos mudar-nos para aqui.

– É claro que não - disse Barnes. - Nós estamos a estudar esta nave, não a viver nela. Temos muito trabalho pela frente antes de sequer começarmos a saber o que tudo isto significa.

– Seria mais eficaz vivermos aqui enquanto a exploramos.

– Eu não quero viver aqui - disse Harry. - Causa-me arrepios.

– A mim também - disse Beth.

Naquela altura, já estavam a bordo da nave há uma hora, e os pés de Norman começavam a doer-lhe. Era outra coisa que ele não tinha previsto: enquanto andavam a explorar uma nave espacial do futuro, os pés podiam começar a doer. Mas Barnes não parou.

Depois de deixarem os alojamentos da tripulação, entraram numa vasta área de corredores estreitos situados entre grandes compartimentos selados que se estendiam à frente deles até onde conseguiam ver. Constataram que os compartimentos eram divisões de armazenamento de um tamanho imenso. Abriam um compartimento e descobriram que estava cheio de pesados contentores de plástico, que eram bastante parecidos com os contentores de carga dos aviões contemporâneos, apenas muitas vezes maiores. Abriam um contentor.

– Ora essa - disse Barnes, a espreitar para o interior.

– O que é?

– Comida.

A comida estava embrulhada em camadas de folha de chumbo e plástico, como rações da NASA. Ted pegou num embrulho.

– Comida do futuro! - disse ele, e estalou os lábios.

– Vais comer isso? - perguntou Harry.

– Obviamente - disse Ted. - Sabes, uma vez bebi uma garrafa de Dom Pérignon de 1897, mas esta será a primeira vez que como alguma coisa do futuro, de 2043.

– Também tem trezentos anos de idade - disse Harry.

– Talvez queira filmar isto - disse Ted para Edmunds. - Eu a comer.

Edmunds levou obedientemente a câmara ao olho, acendeu a luz.

– Não vamos fazer isso agora - disse Barnes. - Temos outras coisas para fazer.

– Isto é de interesse humano - disse Ted.

– Agora não - disse Barnes com firmeza.

Abriu um segundo contentor de armazenagem e um terceiro. Continham todos comida. Dirigiram-se para o compartimento seguinte e abriram mais contentores.

– É tudo comida. Nada a não ser comida.

A nave tinha viajado com uma quantidade de comida enorme. Mesmo tendo em conta uma tripulação de vinte pessoas, era comida suficiente para uma viagem de vários anos.

Estavam a ficar muito cansados; foi um alívio quando Beth encontrou um botão e disse:

– Que será que isto faz?... Barnes disse:

- Beth...

E a passadeira começou a mover-se, o piso de borracha a rolar para a frente com um ligeiro zumbido.

– Beth, quero que pare de carregar em todos os malditos botões que vê.

Mas ninguém mais colocou objecções. Foi um alívio seguirem na passadeira e passarem por dúzias de compartimentos de armazenagem idênticos. Por fim, chegaram a um sector novo, muito mais à frente. Norman calculou que naquele momento deviam estar a cerca de quatrocentos metros da cabina da tripulação, ao fundo. Isso significava que estavam sensivelmente no meio da enorme nave.

E ali encontraram uma sala com equipamento de suporte de vida e vinte fatos espaciais pendurados.

– Bingo, disse Ted. - Por fim, está claro. O objectivo desta nave é viajar para as estrelas.

Os outros soltaram exclamações, excitados com aquela possibilidade. De súbito, tudo fazia sentido: o tamanho enorme, a vastidão da nave, a complexidade das consolas de comandos...

– Oh, por amor de Deus - disse Harry. - Não pode ter sido feita para viajar para as estrelas. Trata-se, obviamente, de uma nave espacial convencional, embora seja muito grande. E às velocidades convencionais, a estrela mais próxima situa-se a duzentos e cinquenta anos de distância.

– Talvez eles tivessem tecnologia nova.

– Onde está ela? Não há provas de tecnologia nova.

– Bom, talvez...

– Encara os factos, Ted - disse Harry. - Embora tenha este tamanho enorme, a nave contém apenas provisões para alguns anos: quinze ou vinte anos, no máximo. Até onde poderia ir nesse período de tempo? Quase não teria tempo para sair do nosso sistema solar, certo?

Ted assentiu sombriamente.

– É verdade. A nave espacial Voyager levou cinco anos a chegar a Júpiter; nove anos para chegar a Urano. Em quinze anos... Talvez fossem para Plutão.

– Por que é que alguém quereria ir para Plutão?

– Ainda não sabemos, mas...

Os rádios chiaram. A voz de Tina Chan disse:

– Comandante Barnes, da superfície pedem a sua presença para uma comunicação codificada de segurança.

– Muito bem - disse Barnes. - De qualquer forma, está na hora de voltarmos para trás.

Percorreram a vasta nave de volta para a entrada principal.

ESPAÇO E TEMPO

Estavam sentados na sala de estar do DH-8, a observar os mergulhadores que trabalhavam na grelha. Barnes encontrava-se no cilindro seguinte, a falar para a superfície. Levy estava a cozinhar o almoço, ou jantar - em todo o caso, uma refeição. Estavam todos a ficar confusos em relação ao que o pessoal da Marinha chamava "hora de superfície".

- A hora de superfície não tem importância aqui - disse Edmunds, na sua voz clara de bibliotecária. - Dia ou noite, não faz a menor diferença. Habitamo-nos a isso.

Eles assentiram vagamente. Norman reparou que estavam todos cansados. A pressão, a tensão da exploração, tinha exercido os seus efeitos. Beth já tinha adormecido, com os pés em cima da mesa do café, os braços musculados cruzados no peito.

Do lado de fora da janela, três pequenos submarinos tinham descido e estavam a pairar sobre a grelha. Diversos mergulhadores aglomeravam-se à volta deles; outros dirigiam-se para o habitáculo dos mergulhadores, o DH-7.

- Parece que está a acontecer alguma coisa - disse Harry.

- Alguma coisa relacionada com a comunicação de Barnes?

- Pode ser. - Harry continuava preocupado, distraído. - Onde está Tina Chan?

- Deve estar com o Barnes. Porquê?

- Preciso de falar com ela.

- Acerca de quê? - perguntou Ted.

- É pessoal - respondeu Harry.

Ted ergueu as sobrancelhas mas não disse mais nada.

Harry saiu e entrou no Cilindro D. Norman e Ted estavam sozinhos.

- Ele é um tipo estranho - disse Ted. - É?

- Tu sabes que sim, Norman. E também é arrogante. Provavelmente, porque é negro. Compensação, não te parece?

- Não sei.

- Eu diria que ele tem um chip no ombro - disse Ted. - Parece melindrar-se com tudo o que está relacionado com esta expedição. Suspirou. - É claro que os matemáticos são todos estranhos. Provavelmente, não tem uma vida própria, quero dizer, uma vida privada, mulheres e tudo isso. Conte-te que voltei a casar?

- Li algures - disse Norman.

- Ela é repórter de televisão - disse Ted. - É uma mulher maravilhosa. - Sorriu. - Quando nos casámos, ela ofereceu-me um Corvette. Um belíssimo Corvette de 58, como presente de casamento. Sabes aquela bonita cor vermelha de carro de bombeiros que eles tinham nos anos 50? Dessa cor: - Ted caminhou de um lado para o outro na sala e olhou de relance para Beth. - Acho que tudo isto é incrivelmente excitante. Mesmo que quisesse, não conseguiria dormir.

Norman acenou afirmativamente. Era interessante como eram todos diferentes uns dos outros, pensou. Ted, eternamente otimista, com o entusiasmo contagiante de

uma criança. Harry, com a atitude fria, crítica, a mente glacial, o olhar sem pestanejar. Beth, não tão intelectual nem tão cerebral. Ao mesmo tempo mais física e mais emocional. Era por isso que, embora estivessem todos esgotados, apenas Beth conseguia dormir.

– Ora, Norman - disse Ted. - Pensei que tinhas dito que isto ia ser assustador.

– Eu achei que seria - disse Norman.

– Bem - disse Ted. - De todas as pessoas que podiam estar erradas acerca da expedição, estou contente por teres sido tu.

– Eu também.

– Embora não consiga perceber por que é que seleccionaste um homem como Harry Adams para esta equipa. Não que ele não seja notável, mas...

Norman não queria falar acerca de Harry

– Lembras-te de quando estávamos na nave e disseste que o espaço e o tempo são aspectos da mesma coisa, Ted?

– Espaço-tempo, sim.

– Eu nunca compreendi isso muito bem.

– Porquê? É bastante linear.

– Podes explicar-me?

– Claro que sim.

– Em inglês? - pediu Norman.

– Queres dizer, explicar sem matemática?

- Sim.

– Bem, vou tentar. - Ted franziu o sobrolho, mas Norman sabia que ele estava satisfeito; Ted adorava dar palestras. Fez uma curta pausa, e depois disse: - Muito bem. Vamos ver onde temos de começar. Estás familiarizado com a ideia de que a gravidade é apenas geometria?

– Não.

– Curvatura de espaço e tempo?

– Não, na verdade não.

– Ah. A relatividade geral de Einstein?

– Lamento - disse Norman.

– Não tem importância - disse Ted. Havia uma taça de fruta em cima da mesa. Ted esvaziou a taça e pousou a fruta sobre a mesa.

– Muito bem. Esta mesa é espaço. Espaço bonito, liso.

– Muito bem.

Ted começou a posicionar as peças de fruta.

– Esta laranja é o Sol. E estes são os planetas, que se movem em círculos em volta do Sol. Assim, temos o sistema solar nesta mesa.

– Estou a perceber.

– Ótimo - disse Ted. - Agora, o Sol - apontou para a laranja no centro da mesa - é muito grande, por isso tem muita gravidade.

– Certo.

Ted deu uma pequena bola a Norman.

– Isto é uma nave espacial. Quero que a envies pelo sistema solar, de modo a passar muito perto do Sol. Está bem?

Norman pegou na bola e fê-la rolar de modo a que esta passasse próximo da

laranja.

– Já está.

Repara que a tua bola rolou em linha recta pela mesa lisa.

- Certo.

– Mas, na vida real, que aconteceria à tua nave espacial quando passasse perto do Sol?

– Seria sugada para dentro do Sol.

– Sim. Nós dizemos que "cairia" no Sol. A nave espacial curvar-se-ia para dentro a partir de uma linha recta e atingiria o Sol. Mas a tua nave espacial não.

– Não.

– Por isso sabemos que a mesa direita está errada - disse Ted. O espaço real não pode ser liso como a mesa.

– Não pode?

– Não - disse Ted.

Ele pegou na taça vazia e colocou a laranja no fundo.

– Agora rola a tua bola directamente para o Sol.

Norman atirou a bola para dentro da taça. Abola curvou e desceu em espiral pelo interior da taça até bater na laranja.

– Muito bem - disse Ted. - A nave espacial bateu no Sol, tal como aconteceria na vida real.

– Mas se eu lhe tivesse imprimido velocidade suficiente - disse Norman, passaria por ele. Rolaria para baixo e para cima no lado de lá da taça e sairia de novo.

– Correcto - disse Ted. - Também como na vida real. Se a nave espacial tiver velocidade suficiente, escapará ao campo gravitacional do Sol.

- Certo.

– Então - disse Ted, o que estamos a demonstrar é que uma nave espacial, ao passar pelo Sol na vida real, se comporta como se estivesse a entrar numa região curva do espaço à volta do Sol. O espaço em volta do Sol é curvo como esta taça.

- Pois...

– E se a tua bola tivesse a velocidade certa, não sairia da taça e, ao invés disso, limitar-se-ia a andar infinitamente em espiral no interior do rebordo da taça. E é isso que os planetas estão a fazer. Estão a andar em espiral, infinitamente, dentro da taça criada pelo Sol.

Voltou a colocar a laranja em cima da mesa.

– Na realidade, deverias imaginar que a mesa é feita de borracha e os planetas estão todos a fazer mossas na borracha enquanto ali estão. É assim que o espaço é na realidade. O espaço real é curvo... e a curvatura muda com a quantidade de gravidade.

- Sim...

– Portanto - disse Ted, o espaço é curvado pela gravidade.

- Sim.

– E isso quer dizer que podes pensar na gravidade como nada mais do que a curvatura do espaço. A Terra tem gravidade porque a Terra curva o espaço à sua volta.

– Sim.

– Só que não é assim tão simples - disse Ted. Norman suspirou.

– Não pensei que fosse.

Harry voltou para a sala, olhou para a fruta em cima da mesa, mas não disse nada.

– Agora - disse Ted, quando rolas a tua bola pela taça, reparas que não só rola em espirais para baixo como também vai mais depressa, certo?

– Sim.

– Ora, quando um objecto vai mais depressa, o tempo nesse objecto passa mais devagar. Einstein provou isso no princípio do século. O que isso significa é que se pode pensar na curvatura do espaço como representando também uma curvatura do tempo. Quanto mais funda for a curva da taça, mais lentamente passa o tempo.

Harry disse:

– Bem...

– Termos de leigo - disse Ted. - Deixa o homem respirar.

– Sim - disse Norman, deixa o homem descansar. Ted ergueu a taça.

– Agora, se estiveres a fazer tudo isto matematicamente, o que descobres é que a taça curva não é espaço nem tempo mas a combinação de ambos, que se chama espaço-tempo. Esta taça é espaço-tempo e os objectos que se movem nela são espaço-tempo. Nós não pensamos em movimento dessa forma, mas na verdade é o que está a acontecer.

–É?

– Claro. Vê o exemplo do basebol.

– Jogo idiota - disse Harry. - Detesto jogos.

– Conheces o basebol? - perguntou Ted para Norman.

– Sim - disse Norman.

– Muito bem. Imagina que o batedor acerta numa bola e que esta percorre uma trajectória directa para o apanhador do centro. Abola vai quase a direito e demora, digamos, meio segundo.

– Certo.

– Agora, imagina que o batedor bate uma bola alta para o mesmo apanhador central. Desta vez, a bola sobe no ar e demora seis segundos antes de o apanhador central a apanhar.

– Muito bem.

– Agora, os circuitos das duas bolas... a trajectória directa e a bola que sobe no ar... parecem-nos muito diferentes. Mas estas duas bolas moveram-se exactamente o mesmo no espaço-tempo.

– Não - disse Norman.

– Sim - disse Ted. - E, de certa forma, tu já sabes. Supõe que te peço para bateres uma bola alta para o apanhador central, mas para a fazeres chegar ao apanhador em meio segundo ao invés de seis segundos.

– Isso é impossível - declarou Norman.

– Porquê? É só imprimir uma força maior à batida.

– Se eu bater com mais força, a bola sobe mais alto e demora mais tempo.

– Muito bem, então, bate uma trajectória baixa que leve seis segundos a chegar ao apanhador central.

– Também não posso fazer isso.

– Certo - disse Ted. - Então o que me estás a dizer é que não consegues que a bola faça nada do que tu queres. Existe uma relação predeterminada que estabelece o

caminho da bola através do espaço e tempo.

– Claro. Porque a Terra tem gravidade.

– Sim - disse Ted, e nós já concordámos que a gravidade é uma curvatura do espaço-tempo, como a curva desta taça. Qualquer jogo de basebol na Terra tem de se mover ao longo da mesma curva de espaço-tempo, como este rolamento se move ao longo desta taça. Repara. - Voltou a colocar a laranja dentro da taça. - Aqui está a Terra. - Pousou dois dedos em lados opostos da laranja. - Aqui estão o batedor e o apanhador. Agora, rola o rolamento de um dedo para o outro e verificarás que tens de adaptar a curva da taça. Ou imprimes um movimento ligeiro à bola e ela roda perto da laranja, ou podes imprimir-lhe um impulso forte e ela sobe pela parte lateral da taça, antes de cair novamente para o outro lado. Mas não podes fazer este rolamento fazer o que quer, pois o rolamento está a mover-se na taça curva. E, no fundo, é isso que o teu basebol está a fazer... está a mover-se em espaço-tempo curvo.

Norman disse:

– Acho que estou a perceber. Mas que é que isto tem a ver com as viagens no tempo?

– Bom, nós pensamos que o campo gravitacional da Terra é forte... quando caímos, dói-nos... mas na realidade é muito fraco. Quase não existe. Por isso, o espaço-tempo à volta da Terra não é muito curvado. O espaço-tempo é muito mais curvado à volta do Sol. E noutras partes do universo é muito curvado e produz uma espécie de montanha-russa, e podem ocorrer todos os tipos de distorções de tempo. De facto, se considerarmos um buraco negro...

Calou-se.

– Sim, Ted? Um buraco negro?

– Oh, meu Deus - disse Ted suavemente.

Harry empurrou os óculos para cima no nariz e disse:

– Ted, por uma vez na vida, podes ter razão. Pegaram ambos em papel e começaram a escrever.

– Não poderia ser um buraco Schwartzschild...

– ... Não, não. Tem de estar a rodar...

– ... Força cinética angular garantiria que...

– ... E não poderia aproximar-se da singularidade...

– Não, as forças das marés...

– ... desfazem uma pessoa...

– Mas se uma pessoa mergulhasse para debaixo do horizonte uniforme...

– Isso é possível? Eles tiveram a coragem?

Os dois ficaram em silêncio, a fazer cálculos, a murmurar.

– Que é essa história de um buraco negro? - perguntou Norman. Mas eles já não estavam a escutá-lo.

O intercomunicador foi accionado. Barnes disse:

– Atenção. Fala o comandante. Quero toda a gente na sala de conferências imediatamente.

– Nós estamos na sala de conferências - disse Norman.

– Imediatamente. Agora.

– Já cá estamos, Hal.

– É tudo - disse Barnes, e o intercomunicador foi desligado.

A CONFERÊNCIA

Estive agora mesmo no codificador com o almirante Spaulding de CincComPac Honolulu - disse Barnes. - Aparentemente, Spaulding acabou de saber que eu trouxe civis para profundezas saturadas, para um projecto do qual ele não tinha conhecimento. Não ficou nada satisfeito com a situação.

Fez-se silêncio. Olharam todos para ele.

Ele exigiu que todos os civis fossem mandados para a superfície.

”Ótimo”, pensou Norman. Até agora, estava desapontado com o que tinham descoberto. A perspectiva de passar mais setenta e duas horas neste ambiente húmido, claustrofóbico, enquanto investigavam um veículo espacial vazio não lhe agradava.

- Pensei - disse Ted - que tínhamos autorização directa do presidente.

- E temos - declarou Barnes, mas há o problema da tempestade.

- Que tempestade? - inquiriu Harry.

- Prevêem-se ventos de quinze nós e ondas altas de sudeste à superfície. Parece que um ciclone do Pacífico se dirige para onde nos encontramos e chegará aqui dentro de vinte e quatro horas.

- Vai haver uma tempestade aqui? - exclamou Beth.

- Não aqui - disse Barnes. - *Aqui em baixo não vamos sentir nada, mas na superfície vai ser complicado. Todos os nossos navios de apoio de superfície podem ter de se afastar e procurar portos protegidos em Tonga.*

- Então, seríamos deixados aqui sozinhos?

- Durante vinte e quatro ou quarenta e oito horas, sim. Não seria um problema... somos inteiramente auto-suficientes... mas Spaulding está nervoso com a perspectiva de retirar o apoio de superfície quando há civis no fundo. *Quero saber o que pensam acerca disto. Querem ficar cá em baixo e continuar a explorar a nave ou sair?*

- Ficar. Sem dúvida - declarou Ted. Barnes disse:

- Beth?

- *Eu vim investigar vida desconhecida - afirmou Beth, mas não existe vida nenhuma naquela nave. Pura e simplesmente, não é aquilo que eu pensava... que eu esperava. Eu acho que devemos ir.*

Barnes disse:

- Norman?

- *Vamos admitir a verdade - disse Norman. - Na verdade, nós não fomos treinados para um ambiente saturado e não nos sentimos à-vontade aqui. Pelo menos, eu não me sinto bem. E não somos as pessoas mais habilitadas para avaliar esta nave espacial. Neste ponto, a Marinha faria um trabalho muito melhor com uma equipa de engenheiros da NASA. Eu acho que devemos ir.*

- Harry?

- *Vamo-nos pirar daqui - disse Harry.*

- *Algum motivo em especial? - perguntou Barnes.*

- *Chame-lhe intuição. Ted disse:*

- *Nem acredito que digas isso, Harry, agora que temos aquela ideia nova,*

fabulosa, acerca da nave...

– Isso agora não interessa - declarou Barnes, rispidamente. Vou tratar de tudo com a superfície para nos içarem dentro de doze horas.

Ted disse:

– Raios partam!

Mas Norman estava a olhar para Barnes. Barnes não estava aborrecido. "Ele quer ir embora", pensou. "Está à procura de uma desculpa para se ir embora, e nós estamos a dar-lhe essa desculpa."

– Entretanto - disse Barnes, podemos fazer uma, e talvez até mais duas, viagens à nave. Vamos descansar durante as próximas duas horas e depois voltamos. Por agora é tudo.

– Eu queria dizer mais...

– É tudo. A votação está terminada. Vão descansar um pouco. Quando se dirigiam para os beliches, Barnes disse:

– Beth, gostava de lhe dar uma palavrinha, por favor.

– Sobre quê?

– Quando voltarmos à nave, não quero que ande a carregar em todos os botões que encontra, Beth.

– Eu só acendi as luzes, Hal.

– Sim, mas não sabia isso quando...

– ... É claro que sabia. O botão dizia "LUZES DA SALA". Era bastante claro.

Enquanto se afastavam, ouviram Beth dizer:

– Não sou um dos seus marinheirozinhos a quem pode dar ordens, Hal... - E depois Barnes disse outra coisa qualquer e as vozes extinguiram-se.

– Raios! - disse Ted. Pontapeou uma das paredes de ferro, que emitiu um som oco. Passaram para o Cilindro C, a caminho dos beliches. - Não posso acreditar que vocês querem ir embora! exclamou. - Estamos perante uma descoberta tão empolgante. Como é que podem virar-lhe as costas? Especialmente tu, Harry. Pensa só nas possibilidades matemáticas! A teoria do buraco negro...

– ... Vou dizer-te porquê - afirmou Harry. - Eu quero ir porque o Barnes quer ir.

– Barnes não quer ir - disse Ted. - Ora, ele fez uma votação...

– ... eu sei o que ele fez. Mas, perante os superiores, o Barnes não quer deixar a impressão de que tomou a decisão errada, nem de que está a apoiar-nos. Por isso, deixa-nos decidir. Mas estou a dizer-vos que o Barnes quer ir.

Norman ficou surpreendido: a imagem cliché dos matemáticos era que tinham as cabeças nas nuvens, eram distraídos, desatentos. Mas Harry era astuto; não perdia nada.

– Por que é que o Barnes quereria ir? - perguntou Ted.

– Creio que é óbvio - disse Harry. - Devido à tempestade na superfície.

– A tempestade ainda não chegou aqui - disse Ted.

– Não - declarou Harry. - E, quando chegar, não sabemos quanto tempo durará.

– Barnes disse que duraria entre vinte e quatro e quarenta e oito horas...

– Nem Barnes nem outra pessoa qualquer pode prever quanto tempo durará a tempestade - disse Harry. - E se durar cinco dias?

– Podemos aguentar esse tempo todo. Temos ar e mantimentos para cinco dias. Com que é que estás tão preocupado?

– *Eu não estou preocupado - disse Harry. - Mas creio que o Barnes está preocupado.*

– *Nada vai correr mal, por amor de Deus! - exclamou Ted. Eu acho que devíamos ficar. - E depois ouviu-se o som de um esguicho. Olharam para a alcatifa resistente de baixo dos pés. A alcatifa estava escura, ensopada.*

– *Que é aquilo?*

– *Eu diria que é água - declarou Harry.*

– *Água salgada? - perguntou Ted. Curvou-se, tocou na mancha molhada. Lambeu o dedo. - Não sabe a sal.*

– *Por cima deles, uma voz disse:*

– *É porque se trata de urina.*

Olharam para cima e viram Teeny Fletcher de pé, numa plataforma, no meio de uma estrutura de canos, perto do topo curvo do cilindro.

– *Está tudo sob controlo, meus senhores. É apenas uma pequena fuga no cano de desperdícios líquidos que vai para o reciclador de H2O.*

– *Desperdícios líquidos? - Ted estava a abanar a cabeça.*

– *Apenas uma pequena fuga - disse Fletcher. - Não há problema, sir. - Borrifou um dos canos com espuma branca de uma lata despray. A espuma chiou e endureceu no cano. - Pulverizamos os malvados com uretano quando os apanhamos. Veda perfeitamente.*

– *Com que frequência é que têm estas fugas? - perguntou Harry.*

– *Desperdícios líquidos? - disse Ted de novo.*

– *É difícil dizer, Dr. Adams. Mas não se preocupe. A sério.*

– *Estou mal-disposto - disse Ted. Harry deu-lhe uma palmada nas costas.*

– *Vá lá, não vais morrer por causa disso. Vamos dormir um bocado.*

– *Acho que vou vomitar.*

Foram para a câmara de sono. Ted correu imediatamente para os chuveiros; ouviram-no a tossir e a puxar os vômitos.

– *Pobre Ted - disse Harry, a abanar a cabeça. Norman disse:*

– *Afinal, que história é essa acerca de um buraco negro?*

– *Um buraco negro - disse Harry, é uma estrela morta, comprimida. Basicamente, uma estrela é como uma grande bola de praia insuflada pelas explosões atômicas que ocorrem dentro dela. Quando uma estrela envelhece e fica sem combustível nuclear, a bola deflha para um tamanho muito mais pequeno. Se diminuir o suficiente, torna-se tão densa e tem tanta gravidade que continua a diminuir, a espremer-se em si mesma até ficar muito densa e muito pequena... apenas alguns quilómetros de diâmetro. Depois, é um buraco negro. Não existe nada no universo tão denso como um buraco negro.*

– *Então são negros porque estão mortos?*

– *Não. São negros porque escondem toda a luz. Os buracos negros têm tanta gravidade que sugam tudo para dentro deles, como aspiradores... todo o gás e poeira interestelar que os rodeia e até mesmo a própria luz. Sugam-na imediatamente.*

– *Sugam luz? - exclamou Norman. Achou difícil imaginar uma coisa daquelas.*

– *Sim.*

– *Então, por que é que vocês dois estavam tão excitados com os vossos cálculos?*

– Oh, é uma história muito comprida e é apenas especulação. Harry bocejou. - De qualquer maneira, se calhar, nem leva a lado nenhum. Falamos no assunto mais tarde?

– Claro - disse Norman.

Harry virou-se para o outro lado e foi dormir. Têd ainda estava nos chuveiros, a tossir e a cuspir. Norman voltou para o Cilindro D, para a consola de Tina.

– Harry teve alguma dificuldade para a encontrar? - perguntou. Sei que queria falar consigo.

– Sim, senhor. E já tenho a informação que ele me pediu. Porquê? Também quer fazer o seu testamento?

Norman franziu o sobrolho.

– O Dr. Adams disse que não tinha testamento e que queria fazer um. Parecia pensar que era muito urgente. De qualquer maneira, perguntei para a superfície e não se pode fazer. Há um problema legal em relação a ser feito com a vossa caligrafia; não podem transmitir o vosso testamento por linhas electrónicas.

– Compreendo.

– Lamento, Dr. Johnson. Devo informar também os outros?

– Não - disse Norman. - Não incomode os outros. Vamos para a superfície daqui a pouco. Quando terminarmos de dar uma última vista de olhos à nave.

O VIDRO GRANDE

Desta vez separaram-se no interior da nave espacial. Barnes, Ted e Edmunds continuaram em frente nos vastos compartimentos de carga, para procurar as partes da nave que ainda não tinham sido exploradas. Norman, Beth e Harry ficaram no que agora chamavam a coberta de voo, à procura do registo de voo.

As palavras de despedida de Ted foram:

– É, de longe, a melhor coisa que já fiz em toda a minha vida.

Depois partiu com Barnes.

Edmunds deixou-lhes um pequeno monitor de vídeo para que pudessem ver o progresso da outra equipa no sector mais avançado da nave. E também podiam ouvi-los: Ted tagarelava continuamente com Barnes, a dar-lhe as suas opiniões sobre as características estruturais da nave. A concepção daqueles grandes compartimentos de carga faziam lembrar a Ted o trabalho de pedra dos antigos Micénios na Grécia, particularmente a rampa da Porta do Leão em Micenas...

– Ted tem mais factos irrelevantes nas pontas dos dedos do que qualquer homem que conheço - disse Harry. - Podemos baixar o volume de som?

A bocejar, Norman tirou o som ao monitor. Estava cansado. Os beliches no DH-8 eram húmidos, os cobertores eléctricos eram pesados e colavam-se ao corpo. Tinha sido quase impossível dormir. E, depois, Beth entrara, furiosa, na sequência da conversa com Barnes.

E ainda estava zangada.

– Raios partam Barnes! - disse ela. - Onde é que ele sai?

– Ele está a dar o seu melhor, como toda a gente - disse Norman.

Ela girou sobre si mesma.

– Sabes, Norman, às vezes és demasiado psicológico e compreensivo. O homem é um idiota. Um *idiota chapado*.

– *Vamos esforçar-nos por encontrar o registo de voo, está bem?* disse Harry. - Neste momento, é o mais importante. - *Harry estava a seguir o cabo umbílico que saía das costas do manequim para o chão. Estava a levantar painéis do chão, a seguir os fios para a popa.*

– *Desculpa* - disse Beth, *mas ele não falaria assim para um homem. Certamente, não para Ted. Ted está a orquestrar todo o espectáculo e não percebo por que é que o deixam.*

– *Que é que o Ted tem a ver com...* - começou Norman.

– *... O homem é um parasita, é isso que ele é. Aproveita-se das ideias dos outros e desenvolve-as como se fossem suas. Até a forma como cita provérbios famosos... é revoltante.*

– *Achas que ele rouba as ideias de outras pessoas?* - perguntou Norman.

– *Escuta, na superfície, eu disse a Ted que devíamos ter algumas palavras preparadas quando abrissemos esta coisa. E, a seguir, Ted está a fazer citações e a posicionar-se diante da câmara.*

- Bem...

– *Bem o quê, Norman? Não me venhas com coisas, por amor de Deus. A ideia foi*

minha e ele apropriou-se dela sem ter sequer uma palavra de agradecimento.

– *Disseste-lhe alguma coisa acerca disso?* - perguntou Norman.

– *Não, não lhe disse nada acerca disso. Se dissesse, tenho a certeza de que ele nem se lembraria; começaria, "Disseste isso, Beth? És capaz de ter mencionado uma coisa do género, sim..."*

– *Continuo a pensar que devias falar com ele.*

– *Não estás a escutar o que te digo, Norman.*

– *Se falasses com ele, pelo menos, não estarias tão zangada agora.*

– *Conversa de psiquiatra - disse ela, a abanar a cabeça. Olha, Ted faz o que quer nesta expedição, faz os seus estúpidos discursos, faz o que lhe apetece. Mas eu passo primeiro pela porta e o Barnes faz um escândalo dos diabos. Por que é que eu não deveria passar primeiro? Qual é o problema de uma mulher ser a primeira, uma vez, na história da ciência?*

- *Beth...*

– *E depois tive a lata de acender as luzes. Sabes o que é que o Barnes disse por causa disso? Disse que eu podia ter provocado um curto-circuito e ter-nos colocado todos em perigo. Disse que eu não sabia o que estava a fazer. Disse que eu era impulsiva. Jesus. Impulsiva. Militar cretino da Idade da Pedra.*

– *Aumenta o volume - disse Harry. - Prefiro ouvir o Ted.*

– *Vá lá, meninos.*

– *Estamos todos sob uma pressão enorme, Beth - disse Norman. - E toda a gente vai ser afectada de formas diferentes.*

Ela olhou para Norman, furiosa.

– *Estás a dizer que o Barnes teve razão?*

– *Estou a dizer que estamos todos sob pressão. Incluindo ele. Incluindo tu.*

– *Jesus, vocês, homens, mantêm-se sempre unidos. Sabes por que é que eu continuo a ser professora assistente e não agregada?*

– *Por causa da tua personalidade simpática, sociável?* - disse Harry.

– *Eu não tenho de aturar isto. Não tenho mesmo.*

– *Beth - disse Harry, estás a ver para onde estes cabos vão? Dirigem-se para aquela divisória ali. Vê se sobem a parede do outro lado da porta.*

– *Estás a tentar ver-te livre de mim?*

– *Se possível.*

Ela riu-se e quebrou a tensão.

– *Está bem, vou espreitar do outro lado da porta. Quando ela saiu, Harry disse:*

– *Ela é bastante musculada. Norman disse:*

– *Conheces a história do Ben Stone?*

– *Qual delas?*

– *A Beth fez a tese de doutoramento no laboratório do Stone.*

- *Oh.*

– *Benjamin Stone era um bioquímico na UB. Um homem interessante e envolvente, Stone tinha a reputação de ser um bom investigador que recorria aos alunos licenciados como assistentes de laboratório e usava os resultados deles como se fossem seus. Nesta exploração do trabalho dos outros, Stone não era um caso isolado na comunidade académica, mas ele procedia de uma forma um pouco mais impiedosa do que os colegas.*

– *A Beth também vivia com ele.*

– *Ah-hum.*

– *No princípio dos anos 70. Aparentemente, ela fez uma série de experiências importantes sobre a energética dos corpos de inclusão ciliária. Tiveram uma grande discussão, e o Stone rompeu o relacionamento com ela. Ela deixou o laboratório e ele publicou cinco estudos... todo o trabalho dela... sem o nome dela neles.*

– *Muito bonito - disse Harry. - Então, agora ela levanta pesos?*

– *Bem, ela sente-se enganada e eu compreendo-a.*

– *Pois - disse Harry. - Mas a coisa é, deitas-te com cães, levantas-te com pulgas, percebe onde quero chegar?*

– *Jesus - disse Beth, voltando a entrar. - Isto é como: "A rapariga que é violada está sempre a pedi-las", é isso que estavas a dizer?*

– *Não - declarou Harry, sem parar de levantar painéis do chão, a seguir os fios. - Mas por vezes é preciso perguntarmos o que estava a rapariga a fazer numa viela escura às três horas da madrugada, numa parte perigosa da cidade.*

– *Eu estava apaixonada por ele.*

– *Continua a ser uma parte má da cidade.*

– *Eu tinha 22 anos.*

– *Que idade é que é preciso ter?*

– *Vai-te lixar, Harry.*

Harry abanou a cabeça.

– *Encontraste os fios, Beth?*

– *Sim, encontrei os fios. Entram numa espécie de grelha de vidro.*

– *Vamos ver - disse Norman, e dirigiu-se para a porta ao lado. Já tinha visto registos de bordo antes; eram caixas de metal compridas, rectangulares, reminiscentes dos cofres, pintadas de vermelho ou de cor de laranja-brilhante. Se isto fosse...*

Parou.

Estava a olhar para um cubo de vidro transparente com trinta centímetros de cada lado. Dentro do cubo via-se uma intrincada estrutura com a forma de uma grelha de linhas finas de um azul-brilhante. Entre as linhas brilhantes, luzes azuis piscavam intermitentemente. Havia dois manómetros de pressão montados no cimo do cubo e três pistões; e viam-se uma série de riscas e rectângulos prateados na superfície exterior no lado esquerdo. Não se parecia com nada que tivesse visto antes.

– *Interessante. - Harry espreitou para o cubo. - Calculo que seja uma espécie de memória oprtrónica. Não temos nada deste género. - Tocou nas riscas prateadas no exterior. - Não se trata de tinta mas de um material plástico. Provavelmente, para leitura óptica.*

– *Para ser lida com quê? Certamente, não por nós.*

– *Não. Provavelmente, é um aparelho robotizado de recuperação de algum tipo.*

– *E os manómetros de pressão?*

– *O cubo está cheio de uma espécie de gás sob pressão. Talvez contenha componentes biológicos, para atingir aquela compacidade. Em todo o caso, aposto que este vidro grande é um dispositivo de memória.*

- Um registo de voo?
 - O equivalente a eles, sim.
 - Como é que acedemos a ele?
 - Observem isto - disse Beth, e voltou para a coberta de voo. Começou a empurrar partes da consola, a activá-la. - Não contem ao Barnes - disse ela por cima do ombro.
 - Como é que sabes onde carregar?
 - Não me parece que isso tenha importância - disse ela. Creio que a consola pode sentir onde vocês estão.
 - O painel de controlo mantém o rasto do piloto?
 - Uma coisa desse género.
- Diante deles, um sector da consola iluminou-se e apareceu um ecrã, amarelo sobre preto.

RV-LHOOQ DCOM1 "U.S.S. STAR VOYAGER"

- Depois, nada. Harry disse:
- Agora, vamos receber a má notícia.
- Que má notícia? - perguntou Norman. E interrogou-se: Por que é que Harry tinha ficado para trás, para procurar o registo de voo, ao invés de ir com Ted e Barnes explorar o resto da nave? Por que é que estava tão interessado na história passada desta nave?
- Talvez não seja mau - disse Harry.
- Por que é que pensas que pode ser?
- Porque - afirmou Harry, se considerarem o assunto logicamente, nesta nave falta uma coisa vitalmente importante...

Naquele momento, o ecrã encheu-se de colunas:

SISTEMAS DA NAVE SISTEMAS DE VIDA SISTEMAS DE
 INFORMAÇÃO CONTRAMESTRE DESCRIÇÃO DE voo
 OPERAÇÕES CENTRAIS CONTROLO DA COBERTA INTEGRAÇÃO
 (DIRECTA) TESTE LSS 1.0 TESTE LSS 2.0 TESTE LSS 3.0
 SISTEMAS DE PROPULSÃO GERENCIADOR DE DESPERDÍCIOS
 ESTADO OM2 (EXTERIOR) ESTADO OMS (INTERIOR) ESTADO
 OMS (PROA) ESTADO DV7 (POPA) ESTADO V (SUMMA)
 ESTADO COMREC (2) LINHAA9-11 LINHAA12-BX ESTÁVEL

- Que é que queres? - perguntou Beth, com as mãos na consola.
- escrita de voo - disse Harry. Mordeu o lábio.

RESUMOS DE INFORMAÇÕES DE Voo RV-LHOOQ

FDS 01/01/43 - 12/31/45

FDS 01/01/46 - 12/31/48

FDS 01/01/49- 12/31/51

FDS 01/01/52 - 12/31/53

FDS 01/01/54 - 12/31/54

FDS 01/01/55 - 06/31/55

FDS 07/01/55 - 12/31/55

FDS 01/01/56 - 01/31/56

FDS 02/01/56 - ENTRADA-ACONTECIMENTO

FDS REGISTO - ACONTECIMENTO

FDS RESUMO REGISTO - ACONTECIMENTO

8&6 OZ/010/Odd-000/XXX/X

FS XXX/X%A/XXX-X@X/X-X/X

– *Que achas disto?* - perguntou Norman. *Harry estava a espreitar para o ecrã.*
– *Como vêem, os primeiros registos têm intervalos de três anos. Depois são mais curtos, um ano, depois seis meses, e, finalmente, um mês. Depois esta coisa do registo de acontecimento.*

– *Então, eles estavam a registar cada vez com mais cuidado* – disse Beth. – *Quando a nave se aproximava do registo do acontecimento, fosse ele qual fosse.*

– *Faço uma ideia bastante aproximada do que foi* - declarou Harry. – *Não posso acreditar nisso... vamos começar. Que tal abrir resumo de acontecimento?*

Beth premiu botões.

No ecrã, um campo de estrelas, e, em volta das extremidades do campo, muitos números. Era tridimensional e dava a ilusão de profundidade.

– *Holográfico?*

– *Não exactamente. Mas semelhante.*

– *Ali há várias estrelas de grande magnitude...*

– *Ou planetas.*

– *Que planetas?*

– *Não sei. Esta é para o Ted* - disse Harry. – *Talvez ele consiga identificar a imagem. Vamos continuar.*

Tocou na consola; o ecrã mudou.

– *Mais estrelas.*

– *Sim, e mais números.*

– *Os números à volta dos cantos do ecrã estavam a piscar, a mudar rapidamente.*

– *As estrelas não parecem estar a mover-se, mas os números estão a mudar.*

– *Não, olhem. As estrelas também estão a mover-se.*

Viram que todas as estrelas estavam a afastar-se do centro do ecrã, que se encontrava agora negro e vazio.

– *Não há estrelas no centro e está tudo a desaparecer...* - disse Harry, pensativamente.

As estrelas no exterior estavam a mover-se com muita rapidez, a voar para o exterior. O centro negro estava a expandir-se.

– *Por que é que está assim vazio no centro, Harry?* - perguntou Beth.

– *Não me parece que esteja vazio.*

– *Não consigo ver nada.*

– *Não, mas não está vazio. Daqui a um instante devemos ver... Ali!*

Um denso aglomerado branco de estrelas apareceu subitamente no centro do ecrã. O aglomerado expandiu-se enquanto eles observavam.

"Foi um efeito estranho", pensou Norman. Continuava a ver-se um anel preto distinto que se expandia em direcção ao exterior, com estrelas no exterior e no interior. Era como se estivessem a voar através de um donut preto gigante.

– *Meu Deus* - disse Harry suavemente. – *Sabem para que é que estão a olhar?*

– *Não* - replicou Beth. – *Que é aquele aglomerado de estrelas no centro?*

– *É outro universo.*

– *É o quê?*

– Bom, está bem. Provavelmente, é outro universo. Ou poderá ser uma região diferente do nosso próprio universo. Ninguém sabe ao certo.

– Que é o donut preto? - perguntou Norman.

– Não é um donut. É um buraco negro. O que estão a ver é o registo efectuado quando esta nave passou por um buraco negro e entrou noutra... Está alguém a chamar? - Harry virou-se, ergueu a cabeça. Ficaram em silêncio, mas não ouviram nada.

– Que queres dizer com outro universo...

Chiu.

Um curto silêncio. E depois uma voz fraca a gritar "Olááá..."

– Quem é? - disse Norman, a fazer um esforço para ouvir. A voz era muito suave. Mas parecia humana. E talvez mais do que uma voz. Vinha de algures dentro da nave.

- loo-hoo! Está aí alguém? Olááá.

– Oh, por amor de Deus - disse Beth. - São eles, no monitor. Aumentou o volume no pequeno monitor que Edmunds deixara para trás. No ecrã, viram Ted e Barnes, de pé, algures num aposento, a gritar.

- Olááá... Olá-ááá.

– Podemos responder-lhes?

– Sim. Carrega no botão de lado. Norman disse.

– Estamos a ouvir-vos.

– Já não era sem tempo! - disse Ted.

– Muito bem - disse Barnes. - Escutem.

– Que é que vocês estão a fazer aí? - perguntou Ted.

– Escutem - disse Barnes. Deu um passo para o lado e revelou uma peça de equipamento multicolorido. - Agora já sabemos para que serve esta nave.

– Também nós - disse Harry.

– Sabemos? - disseram Beth e Norman em uníssono. Mas Barnes não estava a ouvir.

– E parece que a nave apanhou alguma coisa nas suas viagens.

– Apanhou alguma coisa? O quê?

– Não sei - disse Barnes. - Mas é alguma coisa extraterrestre.

ALGUMA COISA EXTRATERRESTRE

A passadeira rolante levou-os por compartimentos de carga intermináveis e enormes. Estavam a mover-se para a frente, para se reunirem a Barnes, Ted e Edmunds. E para verem a descoberta extraterrestre.

– Por que é que alguém mandaria uma nave espacial por um buraco negro? - perguntou Beth.

– Por causa da gravidade - respondeu Harry. - É que os buracos negros têm tanta gravidade que distorcem incrivelmente o espaço e o tempo. Lembra-te do que o Ted estava a dizer sobre os planetas e as estrelas fazerem entalhes no tecido do espaço-tempo? Bem, os buracos negros fazem rasgões no tecido. E algumas pessoas pensam que é possível voar através desses rasgões para outro universo, ou outra parte do universo. Ou para outro tempo.

– Outro tempo!

– A ideia é essa - declarou Harry.

– Vocês vêm ou não? - A voz sumida de Barnes, no monitor.

– Estamos em trânsito - disse Beth, a olhar para o monitor com uma expressão carrancuda.

– Ele não pode ver-te - disse Norman.

– Não me interessa.

Passaram por mais compartimentos de carga. Harry disse:

– Mal posso esperar para ver a expressão do Ted quando lhe contarmos.

Finalmente, chegaram ao fim do tapete rolante. Passaram por uma secção intermédia de suportes e vigas-mestras e entraram num grande espaço avançado que já tinham visto no monitor. Com tectos que tinham quase trinta metros de altura, era enorme.

”Podia-se construir um edifício de seis andares nesta sala”, pensou Norman. Ao olhar para cima, viu uma neblina ou nevoeiro pouco denso.

– Que é aquilo?

– É uma nuvem - esclareceu Barnes, a abanar a cabeça. - O aposento é tão grande que, aparentemente, tem o seu próprio clima. Talvez até chova aqui de vez em quando.

O aposento estava repleto de maquinaria, numa escala imensa. À primeira vista, assemelhava-se a uma máquina de terraplanagem de um tamanho fora do normal, mas estava pintada com cores primárias, berrantes, e brilhava devido ao óleo. Depois, Norman começou a reparar nas características individuais. Havia enormes mãos com garras, braços terrivelmente poderosos, rodas com alavancas de velocidades. E uma parafernália de baldes e receptáculos.

De súbito, apercebeu-se de que estava a olhar para algo muito semelhante às pinças e grampos montados na extremidade frontal do submersível *Charon V* em que descera no dia anterior. *Tinha sido no dia anterior? Ou naquele mesmo dia? Que dia? Era dia 4 de Julho? Há quanto tempo estavam ali em baixo?*

– Se olharem com atenção - estava Barnes a dizer, podem verificar que alguns destes mecanismos parecem ser armas de grandes dimensões. Outros, como aquele comprido braço extensor, os diversos acessórios para apanhar coisas, fazem, com efeito, desta nave um robot gigantesco.

– Um robot...

– Não me diga... - exclamou Beth.

– Afinal, talvez tivesse sido apropriado ser um robot a abri-la disse Ted, pensativamente. - Talvez até adequado.

– Adequado ao frio - disse Beth.

– Adequado aos canos - disse Norman.

– Uma espécie de robot-para-robot, é isso? - perguntou Harry. Uma espécie de encontro dos fios e das estruturas?

– Ei, disse Ted. - Eu não troço dos teus comentários, mesmo quando eles são estúpidos.

– Nunca me apercebi de que alguma vez fossem estúpidos disse Harry.

– Às vezes dizes coisas disparatadas. Não pensas.

– Crianças - disse Barnes, podemos voltar ao assunto que temos em mãos?

– Da próxima vez chama-me a atenção, Ted.

– Está bem.

– Vou gostar muito de saber quando disser uma coisa estúpida.

– Não há problema.

– Alguma coisa que você considere estúpida.

– Sabe que mais? - disse Barnes para Norman. - Quando voltarmos para a superfície, deixamos estes dois cá em baixo.

– Seguramente, não pode estar a pensar voltar agora! - exclamou Ted.

– Já votámos.

– Mas isso foi antes de encontrarmos o objecto.

– Onde está o objecto? - perguntou Harry.

– Aqui, Harry - disse Ted, com um esgar malvado. - Vejamos o que os teus poderes de dedução fabulosos pensam disto.

Internaram-se mais no aposento, movendo-se por entre as mãos e garras gigantes. E viram, anichado na garra almofadada de uma mão, uma grande esfera prateada, perfeitamente polida, com cerca de dez metros de diâmetro. A esfera não tinha marcas nem características de qualquer espécie.

Andaram à volta da esfera e viram-se reflectidos no metal liso. Norman reparou numa estranha iridescência incerta, leves matizes de azul e vermelho a brilhar no metal.

– Parece um rolamento de um tamanho invulgar - afirmou Harry.

– Continua a andar, espertinho.

Na extremidade mais afastada, descobriram uma série de sulcos profundos, convolutos, cortados num padrão intricado na superfície da esfera. O padrão era cativante, embora Norman não conseguisse dizer imediatamente porquê. Não era um padrão geométrico. E também não era amorfo nem orgânico. Era difícil dizer o que era. Norman nunca vira nada assim e, à medida que continuava a olhar, sentiu uma certeza cada vez maior de que este padrão nunca tinha sido encontrado na Terra. Nunca fora criado por nenhum homem. Nunca fora concebido pela

imaginação humana.

Ted e Barnes estavam certos. Tinha a certeza.

– Esta esfera era alguma coisa extraterrestre.

PRIORIDADES

- Hum - disse Harry, depois de olhar em silêncio durante muito tempo.
 - Tenho a certeza de que vais querer saber a nossa opinião acerca disto - disse Ted. - Sobre de onde veio, etc.
 - Na verdade, eu sei de onde é que ela veio. - E informou Ted sobre o registo de estrelas e o buraco negro.
 - Por acaso - disse Ted, eu suspeitei de que esta nave tinha sido concebida para viajar num buraco negro durante algum tempo.
 - Ah, sim? E qual foi a tua primeira pista?
 - O forte escudo de radiação. Harry acenou afirmativamente.
 - É verdade. Provavelmente, adivinhaste o significado disso antes de mim. - Sorriu. - Mas não disseste a ninguém.
 - Ei, disse Ted, isso está completamente fora de questão. Fui eu que falei no buraco negro em primeiro lugar.
 - Falaste?
 - Sim. Não há dúvida nenhuma. Lembras-te, na sala de conferências? Estava a explicar o conceito de espaço-tempo ao Norman, e comecei a fazer os cálculos para o buraco negro, e depois tu juntaste-te a mim. Lembras-te disso, Norman? Fui eu que falei primeiro nessa hipótese.
- Norman disse:
- É verdade, foste tu que tiveste a ideia. Harry sorriu, trocista.
 - Não me pareceu que fosse uma *proposta*. *Achei que era mais uma adivinha.*
 - *Ou uma especulação, Harry - disse Ted, tu estás a reescrever a história. Há testemunhas.*
 - *Como estás tão à frente de todos nós - disse Harry, que tal apresentares-nos as tuas propostas para a natureza deste objecto?*
 - *Com prazer - disse Ted. - Este objecto é uma esfera polida com, aproximadamente, dez metros de diâmetro, não sólida, e composta por uma liga de metal densa de uma natureza por enquanto desconhecida. As marcas cabalísticas deste lado...*
 - *... É a esses sulcos que chamas cabalísticos?*
 - *... Não te importas que acabe? As marcas cabalísticas deste lado sugerem claramente uma ornamentação artística ou religiosa, que evoca uma característica cerimonial. Isto indica que o objecto tem um significado para quem quer que o fez.*
 - *Creio que podemos ter a certeza de que isso é verdade.*
 - *Pessoalmente, acredito que o objectivo desta esfera é ser uma forma de contacto connosco, visitantes de outra estrela, de outro sistema solar. É, se quiserem, uma saudação, uma mensagem ou um troféu. Uma prova de que existe uma forma de vida mais elevada no universo.*
 - *Tudo muito bem e muito bonito, mas irrelevante - disse Harry. Que é que faz?*
 - *Não sei bem se faz alguma coisa. Acho que se limita a ser. É o que é.*
 - *Muito Bem.*

– Bem, qual é a tua ideia?

– Vamos analisar o que sabemos - disse Harry, por oposição ao que imaginamos num voo fantasiado. Trata-se de uma nave do futuro, construída com todos os tipos de materiais e tecnologia que ainda não desenvolvemos, embora estejamos prestes a desenvolver. Esta nave foi enviada pelos nossos descendentes por um buraco negro e para outro universo, ou para outra parte do nosso universo.

-Sim.

– Esta nave espacial não tem tripulação humana, mas está equipada com braços robotizados que foram claramente concebidos para apanhar coisas que possam encontrar. Por isso, podemos pensar nesta nave como uma versão gigante da nave espacial Mariner, sem tripulação, que mandámos para Marte nos anos 70, para procurar vida naquele planeta. Esta nave espacial do futuro é muito maior e mais complicada, mas, essencialmente, é o mesmo tipo de máquina. É uma sonda.

- Sim...

– Então, a sonda vai para outro universo, onde se depara com esta esfera. Presumivelmente, encontra a esfera a flutuar no espaço. Ou talvez a esfera seja mandada para receber a nave espacial.

– Certo - disse Ted. - Mandada para a receber. Como um emissário. É o que eu penso.

– Em todo o caso, a nossa nave espacial-robot, de acordo com o critério de construção que tem, seja ele qual for, decide que esta esfera é interessante. Agarra automaticamente na esfera com esta grande garra, põe-na dentro da nave e trá-la para casa.

– Só que ao ir para casa vai longe de mais, vai para o passado.

– O seu passado - rectificou Harry. - O nosso presente.

- Certo.

Barnes resfolegou, impacientemente.

– Muito bem, então esta nave espacial vai para o espaço e apanha uma esfera extraterrestre prateada e trá-la para a Terra. Vá directo ao assunto: o que é esta esfera?

Harry avançou para a esfera, encostou o ouvido ao metal e bateu-lhe com os nós dos dedos. Tocou nos sulcos e as mãos desapareceram nas indentações profundas. As esfera era tão brilhante que Norman pôde ver o rosto de Harry, distorcido, na curva do metal.

– Sim. Como eu suspeitava. Estas marcas cabalísticas, como lhes chamas, não são de modo algum decorativas. Têm outro objectivo inteiramente diferente, o de esconder uma pequena rotura na superfície da esfera. É assim que representam uma porta. - Harry deu um passo atrás.

– O que é a esfera?

– Vou dizer-te o que penso - disse Harry. - Penso que esta esfera é um contentor oco, penso que há alguma coisa lá dentro, e penso que me apavora.

PRIMEIRA AVALIAÇÃO

– Não, Sr. Secretário - disse Barnes para o telefone. - Estamos bastante seguros de que se trata de um artefacto extraterrestre. Não parece haver qualquer dúvida em relação a isso.

Olhou de relance para Norman, que estava sentado no outro lado do aposento.

– Sim, senhor - disse Barnes. - Muito excitante.

Estavam novamente no habitáculo, e Barnes tinha telefonado de imediato para Washington. Estava a tentar atrasar o regresso à superfície.

– Ainda não, não a abrimos. Bem, não conseguimos abri-la. A porta tem um formato esquisito e tem uma fenda muito estreita... Não, não é possível introduzir nada na fenda.

Olhou para Norman, rolou os olhos.

– Não, também tentámos isso. Aparentemente, não existem comandos no exterior. Não, não há nenhuma mensagem no exterior. Não, também não há etiquetas nenhuma. Trata-se apenas de uma esfera muitíssimo polida com alguns sulcos convolutos de um lado. O quê? Abri-la por intermédio de uma explosão?

Norman virou-se para outro lado. Estava no Cilindro D, no sector de comunicações dirigido por Tina Chan. Ela estava a ajustar uma dúzia de monitores com a calma que lhe era usual. Norman disse:

– Você parece ser a pessoa mais descontraída aqui.

Ela sorriu.

– Apenas impenetrável, sir.

- É isso?

– Deve ser, sir - replicou ela, e ajustou a imagem vertical num monitor giratório. O ecrã mostrou a esfera polida. - Porque sinto o coração aos pulos, sir. Que acha que está dentro daquela coisa?

– Não faço a menor ideia - respondeu Norman.

– Pensa que há um extraterrestre lá dentro? Quero dizer, alguma espécie de criatura viva?

- Talvez.

– E nós estamos a tentar abri-la? Talvez não devêssemos deixá-la sair, o que quer que esteja lá dentro.

– Não sente curiosidade? - perguntou Norman.

– Não sou assim tão curiosa, sir.

– Não vejo como é que uma explosão resultaria - estava Barnes a dizer para o telefone. - Sim, temos SMTMPs, sim. Oh, de diversos tamanhos. Mas não me parece que consigamos abrir aquela porcaria. Não. Bem, se o senhor visse, compreenderia. A coisa está feita de uma forma perfeita. Perfeita.

Tina ajustou outro monitor. Tinham duas perspectivas da esfera, e daí a pouco teriam uma terceira. Edmunds estava a colocar câmaras para observar a esfera.

Tinha sido uma das sugestões de Harry. Harry dissera: "Observem-na através de câmaras. Talvez ela faça alguma coisa de tempos a tempos, talvez tenha alguma actividade."

No ecrã, viu a rede de fios que havia sido ligada à esfera. Tinham uma enorme quantidade de sensores passivos: som, e todo o espectro electromagnético desde infravermelhos até raios gama e raios X. As leituras dos sensores estavam expostas num painel de instrumentos à esquerda. Harry entrou.

– Já estão a captar alguma coisa? Tina abanou a cabeça.

– Até agora, nada.

– Ted já voltou?

– Não - disse Norman. Ted ainda lá está.

Ted tinha ficado no compartimento de carga, ostensivamente para ajudar Edmunds a instalar as câmaras. Mas, no fundo, todos sabiam que ele ia tentar abrir a esfera. Naquele preciso momento viram Ted no segundo monitor, a examinar as ranhuras, a tocar, a empurrar.

Harry sorriu.

– Não tem hipótese nenhuma. Norman disse:

– Harry, lembras-te de quando estávamos na cobertura de voo e disseste que querias fazer o teu testamento porque faltava alguma coisa?

– Oh, isso - disse Harry. - Esquece. Agora é irrelevante. Barnes estava a dizer:

– Não, Sr. Secretário, içá-la até à superfície seria praticamente impossível... bom, sir, actualmente está colocada dentro de um compartimento de carga, setecentos metros no interior de uma nave, e a nave está enterrada debaixo de dez metros de coral, e a própria esfera tem uns bons dez metros de diâmetro, o tamanho de uma casa pequena...

– Só gostava de saber o que está dentro da casa - disse Tina. No monitor, Ted pontapeou a esfera, frustrado.

– Não tem a menor hipótese - disse Harry, de novo. - Nunca vai conseguir abri-la.

Beth entrou.

– Como é que vamos abri-la? Harry retorquiu:

– Como? - Olhou pensativamente para a esfera, que reluzia no monitor. Fez-se um silêncio prolongado. - Talvez não possamos.

– Não podemos abri-la? Quer dizer, nunca?

– É uma possibilidade. Norman riu.

– Ted suicidava-se. Barnes estava a dizer:

– Bem, Sr. Secretário, se o senhor estivesse disposto a disponibilizar os recursos necessários da Marinha para fazer um resgate em grande escala a trezentos metros de profundidade, talvez pudessemos dar início aos trabalhos dentro de seis meses, altura em que podemos ter a certeza de um mês de bom tempo à superfície, nesta região. Sim... agora é Inverno no Pacífico Sul. Sim. Beth disse:

– Já estou a ver. Com muita dificuldade, a Marinha traz uma misteriosa esfera extraterrestre para a superfície. É transportada para uma instalação militar ultra-secreta em Omaha. Peritos de todos os ramos vêm tentar abri-la. Ninguém consegue.

– Como a *Excalibur* - disse Norman. Beth disse:

– *À medida que o tempo passa, eles experimentam métodos cada vez mais fortes. Vão acabar por tentar abri-la com uma pequena bomba nuclear. E, mesmo assim, não vão conseguir. Por fim, ninguém tem mais ideias. A esfera está ali guardada. Passam-se várias décadas. A esfera nunca é aberta. - Abanou a cabeça. - Uma grande frustração para a humanidade...*

Norman disse para Harry:

– *Achas mesmo que é isso que vai acontecer? Que nunca vamos conseguir abri-la?*

Harry respondeu:

– *Nunca é muito tempo.*

– *Não, senhor - estava Barnes a dizer, dado este novo desenvolvimento, ficaremos cá em baixo até ao último momento. O tempo à superfície está a aguentar-se... pelo menos mais seis horas, sim, senhor, segundo os relatórios Metsat... bem, tenho de confiar nessa avaliação. Sim, senhor. De hora a hora; sim, senhor.*

Desligou e voltou-se para o grupo.

– *Muito bem. Temos autorização para ficar cá em baixo mais seis a doze horas, enquanto o tempo se aguenta. Vamos tentar abrir aquela esfera no tempo que nos resta.*

Ted está agora mesmo a trabalhar para isso - disse Harry. No monitor de vídeo, viram Ted Fieldind a bater na esfera polida com a mão e gritar:

– *Abre-Tê! Abre-te, Sésamo! Abre-te, filha da puta! A esfera não teve qualquer reacção.*

O PROBLEMA ANTROPOMÓRFICO

– A sério - disse Norman, acho que alguém tem de fazer a pergunta: devemos considerar a hipótese de *não a abrir*?

– *Porquê?* - inquiriu Barnes. - *Escutem, eu acabei de desligar o telefone...*

– ... *Eu sei* - replicou Norman. - *Mas talvez devêssemos pensar duas vezes nisto. - Pelo canto do olho, viu Tina a acenar vigorosamente em sinal de assentimento. Harry parecia céptico. Beth esfregava os olhos, ensonada.*

– *Tem medo ou tem um argumento de peso?* - perguntou Barnes.

– *Tenho a sensação* - retorquiu Harry - *de que o Norman está prestes a fazer uma citação da sua obra.*

– *Bem, sim* - admitiu Norman. - *De facto, eu previ esta situação no meu relatório.*

– *No relatório, chamara-lhe "O Problema Antropomórfico". Basicamente, o problema era que toda a gente que nunca tinha pensado ou escrito acerca de vida extraterrestre imaginava que a vida é essencialmente humana. Mesmo se a vida extraterrestre não parecesse humana... se fosse um réptil, ou um grande insecto, ou um cristal inteligente... continuava a agir de uma forma humana.*

– *Está a falar dos filmes* - disse Barnes.

– *Também estou a falar acerca de estudos de investigação. Todas as concepções de vida extraterrestre, quer feitas por um realizador de cinema ou por um professor universitário, têm sido basicamente humanas... assumindo valores humanos, compreensão humana, formas humanas de aproximação a um universo humanamente compreensível. E, regra geral, uma aparência humana... dois olhos, um nariz, uma boca, etc.*

- *E?*

– *E* - disse Norman, - *isso é, obviamente, um disparate. Para começo de conversa, há bastante variação no comportamento humano para tornar a compreensão, apenas no seio da nossa espécie, um problema bastante complicado. As diferenças entre, digamos, americanos e japoneses são muito grandes. Os americanos e os japoneses não olham para o mundo da mesma forma.*

– *Sim, sim* - disse Barnes, impacientemente. - *Todos nós sabemos que os japoneses são diferentes...*

– ... *E quando estamos perante uma forma de vida nova, as diferenças podem ser literalmente incompreensíveis. Os valores e éticas desta nova forma de vida podem ser completamente diferentes.*

– *Quer dizer que essa forma de vida pode não acreditar na santidade da vida, ou em "Não matarás"* - disse Barnes, ainda impaciente.

– *Não* - retorquiu Norman. - *O que eu quero dizer é que esta criatura talvez não possa ser morta, por isso, pode nem sequer ter o conceito de matar.*

Barnes parou.

– *Esta criatura talvez não possa ser morta?*

Norman acenou afirmativamente.

– *Como alguém disse uma vez, não se pode partir os braços a uma criatura que não tem braços.*

– *Não pode ser morta? Quer dizer que é imortal?*

– *Não sei* - disse Norman. - *O problema é esse.*

– Quero dizer, Jesus, uma coisa que não pode ser morta - disse Barnes. - Como é que a matariamos? - mordeu o lábio. - Não gostaria de abrir aquela esfera e libertar uma coisa que não poderia ser morta.

Harry riu-se.

– Não haveria promoções por uma coisa dessas, Hal. Barnes olhou para os monitores, que mostravam diversas panorâmicas da esfera polida. Por fim, disse:

– Não, isso é ridículo. Nenhuma criatura viva é imortal. Estou certo, Beth?

– Na verdade, não - disse Beth. - Poder-se-ia argumentar que certas criaturas vivas no nosso planeta são imortais. Por exemplo, organismos unicelulares, como bactérias e fermentos, são, aparentemente, capazes de viver indefinidamente.

– Fermentos - escarneceu Barnes. - Não estamos a falar de fermentos.

– E, virtualmente, um vírus pode ser considerado imortal.

– Um vírus? - Barnes sentou-se numa cadeira. Não tinha pensado na hipótese de um vírus. - Mas, no fundo, até que ponto é que é provável? Harry?

– Penso - disse Harry - que as possibilidades vão muito para além do que mencionámos até aqui. Só considerámos criaturas tridimensionais, do género das que existem no nosso universo tridimensional... ou, para ser mais preciso, no universo que distinguimos como tendo três dimensões. Algumas pessoas pensam que o nosso universo tem nove ou onze dimensões.

Barnes parecia cansado.

– Só que as outras seis dimensões são muito pequenas, por isso não damos por elas.

Barnes esfregou os olhos.

– Portanto, esta criatura - continuou Harry - pode ser multidimensional, de modo que, literalmente, não existe... pelo menos, não inteiramente... nas nossas três dimensões habituais. Para analisar o caso mais simples, se existisse uma criatura com quatro dimensões, só veríamos parte dela em cada momento, porque a maior parte da criatura existiria na quarta dimensão. Isso dificultaria imensamente a tarefa de matar. E se houvesse uma criatura com cinco dimensões...

– Espere lá. Por que é que nenhum de vocês mencionou isso antes?

– Pensámos que sabia - disse Harry.

– Sabia coisas acerca de criaturas de cinco dimensões que não podem ser mortas? Ninguém me disse nada. - Abanou a cabeça. Abrir esta esfera seria incrivelmente perigoso.

– Pode ser, sim.

– O que temos aqui é uma caixa de Pandora.

– Isso mesmo.

– Bem - disse Barnes. - Vamos considerar os casos piores. Qual é o pior cenário que poderíamos encontrar?

Beth disse:

– Penso que é óbvio. Independentemente de ser uma criatura multidimensional ou um vírus ou outra coisa qualquer, independentemente de partilhar da nossa moral ou não ter moral nenhuma, o pior caso é atingir-nos abaixo da cintura.

– E isso significa?

– Significa que se comporta de uma forma que interfere com os nossos mecanismos de vida vitais. Um bom exemplo é o vírus da SIDA. O motivo por que

a SIDA é tão perigosa não é por ser nova. Encontramos vírus novos todos os anos... todas as semanas. E todos os vírus funcionam da mesma maneira: atacam células e convertem o mecanismo da célula para fazer mais vírus. O que torna o vírus da SIDA perigoso é que ele ataca células específicas que nós usamos para nos defendermos contra os vírus. A SIDA interfere com o nosso mecanismo básico de defesa. E não temos protecção contra isso.

– Bem - declarou Barnes, se esta esfera contém uma criatura que interfere com os nossos mecanismos básicos... como seria essa criatura?

– Respiraria ar e expiraria gás cianeto - disse Beth.

– Podia excretar desperdício radioactivo - afirmou Harry.

– Podia desfazer as nossas ondas cerebrais - declarou Norman. - Interferir com a nossa capacidade para pensar.

– Ou - disse Beth, podia simplesmente interromper a transmissão cardíaca. Fazer os nossos corações pararem de bater.

– Podia produzir uma vibração de som que ressoasse no nosso esqueleto e desfizesse os nossos ossos - disse Harry. Sorriu para os outros. - Gosto bastante desta.

– Esperto - disse Beth. - Mas, como sempre, estamos apenas a pensar em nós. A criatura pode não fazer nada que seja directamente prejudicial para todos nós.

– Ah! - exclamou Barnes.

– Pode simplesmente exalar uma toxina que mate os cloroplastas, de forma a que as plantas deixassem de poder sintetizar a luz do Sol. Depois, todas as plantas da Terra morreriam... e, conseqüentemente, toda a vida na Terra morreria.

– Ah! - disse Barnes.

– Sabe - disse Norman, no princípio pensei que o Problema Antropomórfico... o facto de só conseguirmos conceber a vida extraterrestre como basicamente humana... pensei que era uma falha da imaginação. O homem é o homem, tudo o que conhece é o homem, e ele só pode pensar no que conhece. Porém, como pode ver, não é verdade. Podemos pensar em muitas outras coisas. Mas não pensamos. Por isso deve haver outro motivo para só podermos conceber os extraterrestres como humanos. E penso que a resposta é que, na realidade, nós somos animais terrivelmente frágeis. E não gostamos de que nos recordem o quão frágeis somos... o quão delicados são os equilíbrios no interior dos nossos corpos, quão breve é a nossa estada na Terra, e como acaba facilmente. Por isso, imaginamos outras formas de vida como sendo iguais a nós, para não termos de pensar na ameaça real... a ameaça aterradora... que elas podem representar, sem jamais terem essa intenção.

Fez-se silêncio.

– Claro que não podemos esquecer outra possibilidade - disse Barnes. - Pode ser que a esfera contenha algum benefício extraordinário para nós. Algum conhecimento maravilhoso, alguma ideia nova e surpreendente ou alguma tecnologia que melhore o estado da humanidade para além dos nossos sonhos mais arrojados.

– Embora o mais provável - disse Harry - seja que não haverá nenhuma ideia nova que seja útil para nós.

– Porquê? - perguntou Barnes.

– Bem, digamos que os extraterrestres estão mil anos à nossa frente, do mesmo modo que nós estamos em relação, digamos, à Europa medieval. Suponham que voltavam à Europa medieval com um televisor? Não haveria sítio nenhum para o ligar.

Barnes olhou de uns para os outros durante muito tempo.

– Desculpem - disse ele. - É uma responsabilidade demasiado grande para mim. Não posso tomar a decisão de a abrir. Tenho de telefonar para Washington e informá-los.

– Ted não vai ficar nada contente - disse Harry.

– Ted que vá para o diabo! - disse Barnes. - Vou contar isto ao presidente. Até termos notícias dele, não quero que ninguém tente abrir aquela esfera.

Barnes decretou um período de descanso de duas horas, e Harry foi para os seus aposentos para dormir um pouco. Beth anunciou que também ia dormir, mas ficou na estação de monitores com Tina Chan e Norman. A estação de Chan tinha cadeiras confortáveis com costas altas, e Beth girou na cadeira, a baloiçar as pernas para a frente e para trás. Brincou com o cabelo, a fazer pequenos canudos junto à orelha e olhou para o ar.

"Cansada", pensou Norman. "Estamos todos cansados." Observou Tina, que se movia harmoniosamente e sem parar; ajustando os monitores, verificando as entradas dos sensores, mudando os gravadores no painel de vídeo, tensa, alerta. Como Edmunds estava na nave espacial com Ted, Tina tinha de cuidar das unidades de gravação e também da sua consola de comunicações. A marinheira não parecia estar tão cansada como eles, mas, afinal de contas, não tinha estado no interior da nave espacial. Para ela, aquela nave espacial era algo que via nos monitores, um programa de televisão, uma abstracção. Tina não tinha sido confrontada face a face com a realidade do ambiente novo, com a exaustiva luta mental para compreender o que estava a passar-se, o que significava tudo aquilo.

– Parece cansado, sir - disse Tina.

– Sim. Estamos todos cansados.

– É a atmosfera - disse ela. - Respirar o hélio.

"E lá se vão as explicações psicológicas", pensou Norman. Tina disse:

– A densidade do ar aqui em baixo tem um efeito real. Estamos a trinta atmosferas. Se estivéssemos a respirar ar normal nesta pressão, este seria quase tão denso como líquido. O hélio é mais leve, mas muito mais denso do que aquilo a que estamos acostumados. O senhor não se apercebe disso, mas o simples gesto de respirar, de mover os pulmões, é cansativo.

– Mas você não está cansada.

– Oh, já estou acostumada. Já estive em ambientes saturados outras vezes.

– A sério? Onde?

– Na verdade, não posso dizer, Dr. Johnson.

– Operações da Marinha?

Ela sorriu.

– Não posso falar acerca do assunto.

– Esse é o seu sorriso impenetrável?

– Espero que sim, sir. Mas não acha que seria bom ir dormir um pouco?

– Ele concordou.

– Provavelmente.

Norman considerou a hipótese de ir dormir, mas a perspectiva do beliche húmido não era atraente. Ao invés disso, desceu para a cozinha, esperançoso de encontrar uma das sobremesas de Rose Levy. Levy não se via em lado nenhum, mas havia um pouco de bolo de coco sob uma cobertura de plástico. Encontrou um prato, cortou uma fatia e levou-a para uma das vigias. Mas do lado de fora da vigia estava tudo negro; as luzes da estrutura tinham sido desligadas, os mergulhadores tinham desaparecido. Viu luzes nas vigias do DH-7, o habitáculo dos mergulhadores, situado a cerca de doze metros. Os mergulhadores deviam estar a preparar-se para voltar para a superfície. Ou talvez já tivessem ido.

Na vigia, viu o reflexo do seu próprio rosto. E estava com um aspecto cansado e velho.

– Isto não é lugar para um velho de 53 anos - disse, a observar o reflexo.

Quando olhou para fora, viu algumas luzes a moverem-se à distância, depois um clarão amarelo. Um dos mini-submarinos afastou-se do fundo de um cilindro no DH-7. Momentos depois, chegou um segundo submarino, que atracou junto do primeiro. As luzes do primeiro submarino extinguíram-se. Pouco tempo depois, o segundo submarino afastou-se para a água negra. O primeiro submarino foi deixado para trás.

"Que se passa?", perguntou a si mesmo, mas consciente de que lhe era indiferente. Estava demasiado cansado. E mais interessado em saber de que seria o bolo, por isso, baixou o olhar. O bolo tinha sido comido. Só restavam algumas migalhas.

"Cansado", pensou. "Muito cansado." Pôs os pés em cima da mesa de apoio e encostou a cabeça aos painéis frios da parede.

Devia ter adormecido durante algum tempo, porque acordou desorientado, na escuridão. Sentou-se, e as luzes acenderam-se imediatamente. Viu que ainda se encontrava na cozinha.

Barnes tinha-o avisado acerca daquilo, acerca da forma como o habitáculo se ajustava à presença das pessoas. Aparentemente, os sensores de movimento paravam de registar a pessoa se ela estava a dormir e desligavam automaticamente as luzes do aposento. Depois, quando a pessoa acordava e se mexia, as luzes voltavam a acender-se. Perguntou a si mesmo se as luzes ficavam acesas quando a pessoa ressonava. "Quem teria concebido tudo isto?", perguntou a si mesmo. Os engenheiros e criadores que trabalhavam no habitáculo da *Marinha* teriam tido em conta o ressonar? Haveria um sensor de ressonar?

Mais bolo.

Levantou-se. Agora faltavam diversas fatias de bolo. Tê-las-ia comido? Não tinha a certeza, não conseguia lembrar-se.

– Muitos gravadores - disse Beth. Norman virou-se.

– Sim - disse Tina. - Estamos a gravar tudo o que se passa neste habitáculo e também na outra nave. Será uma grande quantidade de material.

Havia um monitor montado mesmo por cima da cabeça dele. Mostrava Beth e Tina, lá em cima, na consola de comunicações. Estavam a comer bolo.

"Ah", pensou ele. Então, o bolo fora para ali.

– De doze em doze horas, as fitas são transferidas para o submarino - esclareceu

Tina.

– Para quê? - inquiriu Tina.

– A coisa passa-se da seguinte maneira: se acontecer alguma coisa aqui em baixo, o submarino vai automaticamente para a superfície.

– Oh, bestial - disse Beth. - É melhor não pensar muito nisso. Onde está o Dr. Fielding agora?

Tina disse:

– Ele desistiu da esfera e foi para a coberta principal de voo com a Edmunds.

Norman observou o monitor. Tina tinha desaparecido da vista. Beth estava sentada de costas para o monitor a comer o bolo. No monitor atrás de Beth, viu claramente a esfera cintilante. "Monitores a mostrar monitores", pensou. "Os fulanos da Marinha que tiverem de verificar este material vão dar em doidos."

Tina disse:

– Acha que eles vão conseguir abrir a esfera? Beth mastigou o bolo.

– Talvez - disse. - Não sei.

E, horrorizado, Norman viu no monitor atrás de Beth que a porta da esfera estava a deslizar e a abrir-se em silêncio, revelando escuridão no interior.

ABERTA

Deviam ter pensado que ele estava louco, a correr para o Cilindro D e a tropeçar nas escadas estreitas para o nível superior, enquanto gritava:

- Está aberta! Está aberta!

Chegou junto da consola de comunicações no momento em que Beth estava a limpar as últimas migalhas de coco dos lábios. Pousou o garfo.

- Que é que está aberto?

- A esfera!

Beth girou na cadeira. Tina correu do painel de vídeo. Olharam ambas para o monitor que se encontrava atrás de Beth. Seguiu-se um silêncio incómodo.

- A mim parece-me fechada, Norman.

- Estava aberta. Eu vi. - Contou-lhes que tinha estado a observar na cozinha, no monitor. - Foi apenas há alguns segundos, e não tenho a menor dúvida de que a esfera se abriu. Deve ter-se fechado novamente enquanto me dirigia para aqui.

- Tens a certeza? O monitor da cozinha é bastante pequeno...

- Eu vi - disse Norman. - Volte a passar a fita, se não acredita em mim.

- Boa ideia - disse Tina, e dirigiu-se para os gravadores para voltar a passar a fita.

Norman estava a respirar pesadamente, a tentar recuperar o fôlego. Era a primeira vez que se cansava na atmosfera densa e sentiu fortemente os sintomas. Chegou à conclusão de que o DH-8 não era um sítio bom para uma pessoa se excitar.

Beth estava a observá-lo.

- Sentes-te bem, Norman?

- Estou bem. Já te disse que vi. Abriu-se. Tina?

- Vou demorar um bocadinho aqui. Harry entrou, a bocejar.

- As camas aqui são óptimas, não acham? - disse. - É como dormir num saco de arroz molhado. Uma espécie de mistura de cama com duche frio. - Suspirou. - Quando partirmos, o meu coração vai ficar destroçado.

Beth disse:

- O Norman acha que a esfera se abriu.

- Quando? - perguntou ele, a bocejar de novo.

- Há alguns segundos. Harry assentiu pensativamente.

- Interessante, interessante. Vejo que agora está fechada.

- Estamos a rebobinar as fitas, para ver novamente.

- Ah-hum. Há mais desse bolo?

"Harry parece muito frio", pensou Norman. "É uma grande notícia, e ele não parece absolutamente nada excitado." Por que seria? Harry também não acreditaria? Ainda estaria sonolento, não completamente acordado? Ou haveria mais alguma coisa?

- Cá vamos nós - disse Tina.

O monitor mostrou linhas denteadas e depois a imagem definiu-se. No ecrã, Tina estava a dizer, "... horas as gravações são transferidas para o submarino."

Beth: "Para quê?"

Tina: "A coisa passa-se da seguinte maneira: se acontecer alguma coisa aqui em baixo, o submarino vai automaticamente para a superfície."

Beth: "Oh, bestial. É melhor não pensar muito nisso. Onde está o Dr. Fielding agora?"

Tina: "Desistiu da esfera e foi para a coberta principal de voo com a Edmunds."

No ecrã, Tina desapareceu do campo de visão. Beth ficou sozinha na cadeira, a comer o bolo, de costas para o monitor.

No ecrã, Tina estava a dizer: "Acha que eles vão conseguir abrir a esfera?"

Beth comeu o bolo. "Talvez", disse. "Não sei."

Seguiu-se uma breve pausa e, depois, no monitor atrás de Beth, a porta da esfera deslizou e abriu-se.

– Ei! Abriu mesmo!

– Deixe a fita a correr!

No ecrã, Beth não reparou no monitor. Tina, ainda algures longe do ecrã, disse: "Assusta-me."

Beth: "Não creio que haja motivos para estar assustada."

Tina: "É o desconhecido."

"Claro", disse Beth, "mas uma coisa desconhecida não tem necessariamente de ser perigosa ou assustadora. O mais provável é ser apenas inexplicável."

"Não sei como é que pode dizer isso."

"Tem medo de cobras?", perguntou Beth, no ecrã.

Durante toda esta conversa, a esfera manteve-se aberta.

A observar, Harry disse:

– É uma pena não conseguirmos ver dentro dela.

– Talvez possa dar uma ajuda nisso - disse Tina. - Vou fazer uma intensificação de imagem no computador.

– Quase parece que existem pequenas luzes - disse Harry. Pequenas luzes a moverem-se dentro da esfera...

No ecrã, Tina voltou a aparecer. "As cobras não me incomodam." "Bem, eu não suportó cobras", disse Beth. "Coisas viscosas, frias, repelentes."

– Ah, Beth - disse Harry, a observar o monitor. - Tens pavor de cobras?

No ecrã, Beth estava a dizer: "Se eu fosse um marciano e viesse para a Terra e tropeçasse numa cobra... uma vida curiosa, fria, serpenteante, parecida com um tubo... não saberia o que pensar dela. Mas as hipóteses de tropeçar numa cobra venenosa são muito reduzidas. Menos de um por cento das cobras são venenosas. Por isso, na qualidade de marciano, a descoberta das cobras não me poria em perigo; deixar-me-ia apenas perplexa. É o que é provável que aconteça connosco. Ficaremos perplexos."

No ecrã, Beth estava a dizer: "De qualquer maneira, não acredito que consigamos abrir a esfera, não." Tina: "Espero que não." Atrás dela, no monitor, a esfera fechou-se.

– Hum! - disse Harry. - Quanto tempo esteve aberta ao todo?

– Trinta e três vírgula quatro segundos - disse Tina. Pararam a gravação. Tina disse:

– Alguém quer ver outra vez? - Estava pálida.

– Agora não - disse Harry. Tamborilou os dedos no braço da cadeira e ficou a olhar, pensativo.

Mais ninguém disse nada; limitaram-se a esperar pacientemente por Harry. Norman apercebeu-se de como o grupo se submetia a Harry. "Harry é a pessoa que deslinda as coisas para nós", pensou Norman. "Precisamos dele, confiamos nele."

– Muito bem - disse Harry, por fim. - Não é possível tirarmos conclusões. Temos informações insuficientes. A questão é se a esfera estava a reagir a algo no seu ambiente imediato ou se se limitou a abrir, por motivos próprios. Onde está Ted? Ted deixou a esfera e foi para a coberta de voo.

– Ted voltou - disse Ted, a sorrir abertamente. - E tenho notícias bombásticas.

– Também nós - disse Beth.

– Isso pode esperar - declarou Beth.

– Mas...

– ... *Sei para onde foi esta nave - disse Ted, excitado. - Tenho estado a analisar os resumos das informações de voo na coberta de voo, a olhar para os campos de estrelas, e sei onde está localizado o buraco negro.*

– Ted - disse Beth, a esfera abriu-se.

– A sério? Quando?

– Há alguns minutos. Depois voltou a fechar-se.

– Que é que os monitores mostraram?

– Nenhum perigo biológico. Parece ser segura. Ted olhou para o ecrã.

– Então, que diabo estamos a fazer aqui? Barnes entrou.

– O período de descanso de duas horas terminou. Todos a postos para voltar à nave para uma última observação?

– Isso é colocar a questão de uma forma moderada - disse Harry.

A esfera estava brilhante, silenciosa, fechada. Pararam à volta dela e olharam para si mesmos, distorcidos no reflexo. Ninguém falou. Limitaram-se a andar à volta dela.

Por fim, Ted disse:

– *Isto parece um teste de QI, e eu estou a chumbar.*

– *Estás a referir-se à Mensagem Davies? - perguntou Harry.*

– *Oh, isso - disse Ted.*

Norman estava a par da Mensagem Davies. Era um dos episódios que os promotores do SETI desejavam esquecer. Em 1979, decorrera um grande encontro em Roma dos cientistas envolvidos na Pesquisa de Inteligência

Extraterrestre. Basicamente, o SETI pedira uma pesquisa-rádio da astronomia nos céus. Agora, os cientistas estavam a tentar decidir que tipo de mensagem procurar.

Emerson Davies, um físico de Cambridge, Inglaterra, inventou uma mensagem baseada em constantes físicas fixas, como o comprimento de onda do hidrogénio em circulação, que eram presumivelmente os mesmos em todo o universo. Ordenou estas constantes num formato pictórico binário.

Como Davis pensava que seria precisamente este o tipo de mensagem que uma inteligência extraterrestre enviaria, achou que seria fácil as pessoas do SETI decifrárem-na. Distribuiu a sua imagem a todos na conferência.

Ninguém conseguiu decifrá-la.

Quando Davies explicou, concordaram todos que era uma ideia inteligente e uma mensagem perfeita para os extraterrestres mandarem. Mas mantinha-se o facto de que nenhum deles tinha sido capaz de decifrar esta mensagem perfeita.

Uma das pessoas que tinha tentado decifrá-la, e falhara, era Ted.

– Bem, não nos esforçámos muito - disse Ted. - Havia muitas coisas a passar-se na conferência. E não te tínhamos lá, Harry.

– Só queriam uma viagem à borla para Roma - disse Harry. Beth disse:

– É imaginação minha ou as marcas da porta alteraram-se? Norman olhou. À primeira vista, os sulcos profundos pareciam os mesmos, mas talvez o padrão fosse diferente. Se assim fosse, a mudança tinha sido subtil.

– Podemos compará-las com gravações antigas - disse Barnes.

– A mim, parece-me igual - disse Ted. - De qualquer maneira, é metal. Duvido que pudesse mudar.

– Aquilo a que chamamos metal é apenas um líquido que corre lentamente à temperatura ambiente - disse Harry. É possível que este metal esteja a mudar.

– Duvido - disse Ted. Barnes disse:

– É suposto vocês serem os peritos. Sabemos que esta coisa pode abrir. Já esteve aberta. Como é que a abrimos novamente?

– Estamos a tentar, Hal.

– Não me parece que estejam a fazer alguma coisa.

De tempos a tempos, olhavam de relance para Harry, mas Harry estava parado, a olhar para a esfera, com a mão no queixo, a bater pensativamente com o dedo no lábio inferior.

-Harry?

Harry não disse nada.

Ted avançou e bateu na esfera com a palma da mão. Esta fez um som abafado, mas não aconteceu nada. Ted socou a esfera com o punho; depois retraiu-se e esfregou a mão.

– Não me parece que possamos forçar a entrada. Acho que a esfera tem de nos deixar entrar - disse Norman. Depois disso, ninguém disse nada.

– A minha equipa de craques escolhidos a dedo - disse Barnes, a espicaçá-los. - E tudo o que sabem fazer é ficar à frente dela a olhar.

– Que quer que façamos, Hal? Que tentemos abri-la com uma bomba nuclear?

– Se não a abrirem, há pessoas que vão acabar por tentar fazê-lo. - Olhou para o relógio. - Entretanto, têm mais alguma ideia brilhante?

Ninguém tinha.

– Muito bem - disse Barnes. - O nosso tempo acabou. Vamos voltar para o habitáculo e prepararmo-nos para sermos levados para a superfície.

PARTIDA

Norman tirou o pequeno saco da Marinha por debaixo do beliche no Cilindro C. Foi buscar o equipamento de barbear à casa de banho, encontrou o bloco de apontamentos e um par de meias extra e fechou o fecho do saco.

– Estou pronto.

– Eu também - disse Ted. Ted estava infeliz, não queria partir. Suponho que não podemos adiar mais. O tempo está a piorar. Já evacuaram todos os mergulhadores do DH-7, e agora só faltamos nós.

Norman sorriu com a perspectiva de estar novamente na superfície. "Nunca pensei que ansiaria por ver o cinzento de um navio de guerra da Marinha, mas, neste momento, é o meu maior desejo."

– Onde estão os outros? - perguntou Norman.

– Beth já arrumou as coisas dela. Creio que está com o Barnes nas comunicações. Harry também, acho eu. - Ted apertou o fato de mergulho. - Queres saber uma coisa? Vou gostar de me ver livre deste fato.

Saíram dos aposentos de dormir e dirigiram-se para as comunicações. A caminho, encolheram-se para passar por Teeny Fletcher, que se dirigia para o Cilindro B.

– Pronta para partir? - perguntou Norman.

– Sim, senhor, está tudo em ordem - disse Fletcher, mas as suas feições estavam tensas e ela parecia apressada, sob pressão.

– Não vai para o lado errado? - perguntou Norman.

– Vou apenas verificar as reservas de gasóleo. "Reservas?", pensou Norman. "Porquê verificar as reservas agora que se iam embora?"

– Provavelmente, deixou alguma coisa ligada que tem de ser desligada - disse Ted, a abanar a cabeça.

Na consola de comunicações, a disposição era sombria. Barnes estava ao telefone com os navios que se encontravam na superfície.

– Diga lá isso outra vez - disse ele. - Quero saber quem autorizou isso. - Estava com o sobrolho franzido, zangado.

Olharam para Tina.

– Como é que está o tempo na superfície?

– Aparentemente, a piorar depressa. Barnes girou sobre os calcanhares:

– Não se importam de se calar, seus idiotas?

Norman pousou o saco de fim-de-semana no chão. Beth estava sentada perto das vigias, cansada, a esfregar os olhos. Tina estava a desligar os monitores, um após o outro, quando, de súbito, parou.

- Olhem.

Num monitor, viram a esfera polida.

Harry estava ao lado dela.

– Que é que ele está a fazer ali?

– Ele não voltou connosco?

– *Eu pensava que sim.*

– *Não reparei; presumi que sim.*

– *Raios vos partam, pensei que vos tinha dito... - começou Barnes, e depois calou-se. Olhou para o monitor.*

No ecrã, Harry virou-se para a câmara de vídeo e fez uma pequena vénia.

– *Senhoras e cavalheiros, a vossa atenção, por favor. Creio que vão achar isto interessante.*

Harry virou-se para olhar para a esfera. Estava com os braços caídos ao longo do corpo, descontraído. Não se mexeu nem falou. Fechou os olhos. Respirou fundo.

A porta para a esfera abriu-se.

– *Nada mal, pois não? - disse Harry, com um sorriso súbito. Depois, entrou na esfera. A porta fechou-se atrás dele.*

Começaram todos a falar ao mesmo tempo. Barnes estava a gritar acima de todos os outros, a pedir silêncio, mas ninguém lhe prestou atenção até as luzes do habitáculo se apagarem. Ficaram mergulhados na escuridão.

Ted disse:

– *Que aconteceu?*

A única luz que entrava pelas vigias, tenuemente, provinha das luzes da estrutura. Um momento depois, também a estrutura se extinguiu.

– *Não há energia...*

– *Tentei dizer-vos - declarou Barnes.*

Ouviu-se um som sibilante e as luzes tremeluziram e depois voltaram a acender-se.

– *Temos energia interna; agora estamos a funcionar com o nosso combustível.*

– *Porquê?*

– *Olhem - disse Ted, a apontar para a vigia.*

Lá fora, viram o que parecia uma cobra prateada cintilante. Depois, Norman apercebeu-se de que era o cabo que os ligava à superfície, a deslizar para trás e para a frente junto à vigia enquanto se enrolava em grandes círculos no fundo.

– *Soltaram-nos!*

– *Isso mesmo - disse Barnes. - Lá em cima, as condições atmosféricas são de temporal fortíssimo. Não conseguem manter os cabos de energia e comunicações. Já não podem usar os submarinos. Levaram todos os mergulhadores para cima e agora os submarinos não podem voltar para nos resgatar. Pelo menos, não durante alguns dias, até os mares se acalmarem.*

– *Então, estamos aqui presos?*

– *Correcto.*

– *Durante quanto tempo?*

– *Vários dias - disse Barnes.*

– *Talvez uma semana.*

– *Jesus Cristo - exclamou Beth. Ted atirou o saco para o sofá.*

– *Que sorte fantástica - disse. Beth gritou.*

– *Estás doido?*

– *Vamos manter-nos calmos - disse Barnes. - Está tudo sob controlo. É apenas um atraso temporário. Não há motivo para ficarmos perturbados.*

Mas Norman não se sentia perturbado. De súbito, sentia-se exausto. Beth estava

amuada, zangada e sentia-se enganada; Ted estava excitado, já a planejar outra excursão à nave espacial, a organizar o equipamento com Edmunds. Mas Norman só se sentia cansado. Tinha os olhos pesados; pensou que seria capaz de adormecer de pé, diante dos monitores. Pediu licença apressadamente, voltou para o seu beliche e deitou-se. Não se importou de que os lençóis estivessem húmidos; não se importou de que a almofada estivesse fria; não se importou de que os motores estivessem a trabalhar e a vibrar no cilindro seguinte. Pensou: "É uma reacção de negação muito forte." E depois adormeceu.

PARA ALÉM DE PLUTÃO

Norman rolou para fora da cama e procurou o relógio, mas tinha-se habituado a não o usar ali em baixo. Não fazia a menor ideia de que horas eram, de quanto tempo tinha dormido. Espreitou pela vigia, mas não viu nada a não ser água preta. As luzes da estrutura continuavam desligadas. Recostou-se no beliche e olhou para os canos cinzentos directamente por cima da sua cabeça; pareciam mais próximos do que antes, como se se tivessem movido para mais perto dele enquanto dormia. Tudo parecia estreito, mais apertado, mais claustrofóbico.

”Mais alguns dias disto”, pensou. ”Meu Deus.”

Esperava que a Marinha se lembrasse de notificar a família. Após tantos dias, Ellen começaria a preocupar-se. Imaginou-a a telefonar primeiro para a FAA, depois a telefonar para a Marinha, a tentar descobrir o que tinha acontecido. Claro que ninguém saberia nada, porque o projecto era secreto; Ellen ficaria frenética.

Depois parou de pensar em Ellen. ”Era mais fácil”, pensou, ”uma pessoa preocupar-se com os seres amados do que preocupar-se consigo mesma.” Mas não valia a pena. Ellen estaria bem. E ele também. Era apenas uma questão de esperar. De se manter calmo e esperar que a tempestade passasse.

Entrou no chuveiro, a perguntar a si mesmo se continuariam a ter água quente enquanto o habitáculo estivesse com energia de emergência. Tinham, e sentiu-se menos rígido depois de tomar duche. ”Era estranho”, pensou, ”estar a trezentos metros de profundidade e apreciar os efeitos calmantes de um duche quente.”

Vestiu-se e dirigiu-se para o Cilindro C. Ouvia a voz de Tina dizer: ”... pensaram que nunca iam abrir a esfera?”

Beth: ”Talvez. Não sei.”

”Assusta-me.”

”Não creio que haja motivo para se assustar.”

”É o desconhecido”, disse Tina.

Quando Norman entrou, encontrou Beth a passar a fita, a olhar para si própria e para Tina. ”Claro”, disse Beth na fita, ”mas uma coisa desconhecida não é necessariamente perigosa ou assustadora. O mais provável é ser apenas inexplicável.”

Tina disse: ”Não sei como é que pode dizer isso.”

”Tem medo de cobras?”, perguntou Beth, no ecrã.

Beth desligou o vídeo com força.

– Só estava a ver se conseguia perceber por que é que abriu disse ela.

– Tiveste sorte? - perguntou Norman.

– Até agora, não. - No monitor adjacente, podiam ver a própria esfera. A esfera estava fechada.

– Harry ainda está lá? - perguntou Norman.

– Sim - disse Beth.

- Há quanto tempo?
- Ela ergueu os olhos para as consolas.
- Há pouco mais de uma hora.
- Eu só dormi uma hora? - Sim.
- Estou esfomeado - disse Norman, e desceu para a cozinha para comer. Todo o bolo de coco tinha desaparecido. Andava à procura de outra coisa qualquer para comer quando Beth apareceu.
- Não sei o que fazer, Norman - disse ela, franzindo o sobrolho.
- Acerca de quê?
- Eles estão a mentir-nos - disse ela.
- Quem?
- O Barnes. A Marinha. Toda a gente. Isto é uma cilada, Norman.
- Vá lá, Beth. Nada de conspirações agora. Já temos muito com que nos preocuparmos sem...
- ... olha para isto - disse ela. Levou-o para o andar de cima, ligou uma consola, premiu botões.
- Comecei a relacionar as coisas quando o Barnes estava ao telefone - disse ela. - O Barnes esteve a falar com alguém até ao momento em que o cabo começou a enrolar-se no fundo. Só que este cabo tem trezentos metros de comprimento, Norman. Teriam cortado as comunicações diversos minutos antes de soltarem o cabo propriamente dito.
- Provavelmente, sim... ”
- Então, com quem estava Barnes a falar no último minuto? Ninguém.
- Beth...
- Olha - disse ela, a apontar para o ecrã.

COM RESUMO DH - SURCOM/I

0910 BARNES PARA SURCOM/1:

CIVTS E PESSOAL DA MEU ISOLADOS. EMBORA ALERTADOS PARA OS RISCOS, TODO O PESSOAL DECIDIU FICAR NO FUNDO DURANTE A TEMPESTADE PARA CONTINUAR INVESTIGAÇÃO DE ESFERA EXTRATERRESTRE E NAVE ESPACIAL ASSOCIADA.

BARNES, MEU.

- *Estás a brincar - disse Norman. - Eu estava convencido de que o Barnes queria subir.*
- *E queria, mas mudou de opinião quando viu aquele último aposento e não se deu ao trabalho de nos informar. Tenho vontade de matar aquele estupor - disse Beth. - Sabes o que isto significa, não sabes, Norman?*
- Norman assentiu.*
- *Ele está convencido de que vai encontrar uma arma nova.*
- *Certo. Barnes é um homem de confiança do Pentágono e quer encontrar uma arma nova.*
- *Mas é improvável que a esfera...*

– Não é a esfera - disse Beth. - Barnes está-se nas tintas para a esfera. Interessa-se pela "nave espacial associada". Porque, segundo a teoria da congruidade, é a nave que tem hipótese de ser lucrativa. Não a esfera.

A teoria da congruidade era um assunto controverso para as pessoas que pensavam em vida extraterrestre. De uma forma simples, os astrónomos e físicos que consideravam a possibilidade de contacto com vida extraterrestre imaginavam benefícios assombrosos para a humanidade na sequência desse contacto. Mas outros pensadores, filósofos e historiadores, não previam quaisquer benefícios com o contacto.

Por exemplo, os astrónomos acreditavam que se entrássemos em contacto com extraterrestres, a humanidade ficaria tão chocada, que as guerras na Terra terminariam e teria início uma nova era de cooperação pacífica entre as nações.

Mas os historiadores pensavam que era um disparate. Realçavam que, quando os europeus descobriram o Mundo Novo - uma descoberta similarmente avassaladora - não pararam as lutas incessantes. Pelo contrário: lutaram ainda mais ferozmente. Os europeus limitaram-se a fazer do Mundo Novo uma extensão das animosidades preexistentes. Tornou-se outro local para lutar e pelo qual lutar. De forma semelhante, os astrónomos imaginavam que, quando a humanidade encontrasse extraterrestres, haveria uma troca de informações e de tecnologia que proporcionariam à humanidade um avanço maravilhoso.

Os historiadores da ciência também eram da opinião de que aquela teoria era um disparate. Afirmavam que aquilo a que chamávamos actualmente "ciência" consistia numa concepção bastante arbitrária do universo, que não era provável ser partilhada por outras criaturas. As nossas ideias de ciência eram as ideias de criaturas que se orientavam através da visão, semelhantes a macacos, que gostavam de mudar o ambiente físico. Se os extraterrestres fossem cegos e comunicassem por intermédio de odores, podiam ter desenvolvido uma ciência muito diferente, que descreveria um universo muito diferente. E poderiam ter feito escolhas muito diferentes sobre as direcções que a ciência deles exploraria. Por exemplo, poderiam ignorar totalmente o mundo físico, e, ao invés disso, desenvolver uma ciência da mente altamente sofisticada - por outras palavras, precisamente o oposto do que a ciência da Terra tinha feito. A tecnologia extraterrestre poderia ser puramente mental, sem nenhum Hardware visível.

Este assunto estava no centro da teoria da congruidade, que dizia que, a menos que os extraterrestres fossem notavelmente semelhantes a nós, não era provável uma troca de informações. Claro que Barnes conhecia essa teoria, por isso estava consciente de que tinha grandes hipóteses de aproveitar tecnologia útil da nave propriamente dita, uma vez que a nave espacial fora feita por homens e a congruidade era elevada.

E tinha mentido para os manter no fundo do oceano. Para continuar a pesquisa.

– Que é que devíamos fazer ao estupor? - perguntou Beth.

– Por enquanto, nada - afirmou Norman.

– Não queres confrontá-lo? Jesus, eu quero.

– Não vai servir de nada - disse Norman. - Ted não vai importar-se e o pessoal da Marinha está todo a cumprir ordens. E, de qualquer modo, mesmo que estivesse tudo pronto para nós partirmos como planeado, terias ido, deixando o Harry para

trás, na esfera?

– Não - admitiu Beth.

– Jesus, Norman...

– Eu sei. Mas agora estamos aqui. E nos próximos dias não podemos fazer nada para mudar isso. Vamos lidar com essa realidade o melhor que pudermos e apontar o dedo mais tarde.

– Podes ter a certeza de que vou apontar-lhe o dedo!

– Tudo bem. Mas não agora, Beth.

– Está bem - disse ela, e suspirou. - Agora não. Voltou para cima.

Sozinho, Norman olhou para a consola. O seu trabalho já estava definido e era o de manter toda a gente calma durante os próximos dias. Ainda não tinha olhado para o sistema informático; começou a premir botões. Pouco depois, encontrou um ficheiro denominado EQUIPA DE CONTACTO FDV BIOG. Abriu-o.

ELEMENTOS Civis DA EQUIPA

1. Theodore Fielding, astrofísico/geólogo planetário.

2. Elizabeth Halpern, zoóloga/bioquímica.

3. Harold J. Adams, matemático/lógico.

4. Arthur Levine, biólogo marítimo/bioquímico.

5. John F. Thompson, psicólogo.

Escolher um:

Norman olhou para a lista, incrédulo.

Conhecia Jack Thompson, um psicólogo jovem e enérgico de Yale. Thompson era mundialmente famoso pelos seus estudos sobre a psicologia dos povos primitivos, e, de facto, no último ano tinha estado algures na Nova Guiné a estudar tribos nativas.

Norman premiu mais botões.

PSICÓLOGO DA EQUIPA FDV: ESCOLHAS POR ORDEM DE IMPORTÂNCIA

1. John F. Thompson, Yale - aprovado.

2. William L. Hartz, UCB - aprovado.

3. Jeremy White, UT - aprovado (autorização pendente).

4. Norman Johnson, SDU - rejeitado (idade).

Conhecia-os a todos. Bill Hartz, da Berkeley, estava gravemente doente com cancro. Jeremy White tinha ido para Hanói durante a guerra do Vietname e nunca obteria autorização.

Assim sendo, só restava Norman.

Compreendia agora por que é que fora o último a ser convocado. Agora compreendia os exames especiais. Sentiu um acesso de raiva em relação a Barnes, a todo o sistema que o trouxera para ali, apesar da idade, sem a menor preocupação com a segurança dele. Aos

53 anos, Norman Johnson não devia estar a uma profundidade de trezentos metros, num ambiente pressurizado com um gás exótico e a Marinha sabia.

"Era um ultraje", pensou. Queria ir lá acima e fazer um escândalo junto de Barnes. Aquele filho da puta mentiroso...

Apertou os braços da cadeira e lembrou a si mesmo o que tinha dito a Beth. Independentemente do que tinha acontecido até este ponto, agora nenhum deles

poderia fazer nada. Ia fazer Barnes passar um mau bocado - prometeu a si mesmo que o faria, mas apenas quando voltassem para a superfície. Até lá, não valia a pena armar confusão.

Abanou a cabeça e praguejou.

Depois, desligou a consola.

As horas arrastaram-se. Harry ainda estava na esfera. Tina melhorou a qualidade de imagem do videogravador que mostrava a esfera aberta, para tentar ver pormenores no interior.

– Infelizmente, só temos energia limitada para os computadores no habitáculo - disse ela. - Se pudéssemos ligar-nos à superfície, eu conseguiria fazer um bom trabalho, mas assim... - Encolheu os ombros.

Mostrou-lhes uma série de enquadramentos alargados da esfera aberta. As imagens passaram a intervalos de um segundo. A qualidade era fraca, com estática, intermitente.

– As únicas estruturas internas que podemos ver na escuridão – disse Tina, a apontar para a abertura - são estes pontos múltiplos de luz. As luzes parecem mover-se de enquadramento para enquadramento.

– É como se a esfera estivesse cheia de pirilampos - comentou Beth.

– Só que estas luzes são muito mais fracas do que pirilampos e não piscam. São muito numerosas. E dão a impressão de se moverem juntas, em padrões ondulantes...

– Um bando de pirilampos?

– Uma coisa desse género. - A fita acabou. O ecrã ficou escuro. Ted disse:

– É só isso?

– Infelizmente, sim, Dr. Fielding.

– Pobre Harry - disse Ted, pesarosamente.

De todo o grupo, Ted era o que estava mais visivelmente perturbado com Harry. Não parava de olhar para a esfera fechada no monitor, a dizer:

– Como é que ele fez aquilo? E depois acrescentava:

– Espero que esteja bem.

Repetiu aquilo com tanta frequência que, finalmente, Beth disse:

– Creio que todos conhecemos os teus sentimentos, Ted.

– Estou seriamente preocupado com ele.

– Eu também. Estamos todos.

– Achas que eu estou com ciúmes, Beth? É isso que estás a dizer?

– Por que é que alguma pessoa pensaria isso, Ted? Norman mudou de assunto. Era crucial evitar confrontos entre os elementos do grupo. Perguntou a Ted qual fora a sua análise sobre as informações de voo a bordo da nave espacial.

– É muito interessante - disse Ted, a aquecer para o seu tema preferido. - O exame minucioso que fiz às primeiras imagens das informações de voo - disse - convenceram-me de que mostram três planetas... Urano, Neptuno e Plutão... e o Sol, muito pequeno, ao fundo. Portanto, as imagens foram captadas num ponto qualquer para lá da órbita de Plutão. Isto sugere que o buraco negro não se situa muito para além do nosso sistema solar.

– Isso é possível? - perguntou Norman.

– Oh, claro. Na verdade, durante os últimos dez anos, alguns astrofísicos

suspeitaram de que existe um buraco negro... não grande, mas um buraco negro... logo a seguir ao nosso sistema solar.

– Nunca tinha ouvido falar nisso.

– Oh, sim. De facto, alguns de nós argumentámos que, se fosse suficientemente pequeno, dentro de alguns anos podíamos capturá-lo, trazê-lo, colocá-lo em órbita terrestre, e utilizar a energia que ele gera para fornecer energia ao planeta inteiro.

Barnes sorriu.

– Cowboys do buraco negro?

– Em teoria, não há nenhum motivo pelo qual não possa ser feito. Pensem só: o planeta inteiro ficaria liberto da dependência dos combustíveis fósseis... Toda a história da humanidade mudaria.

Barnes disse:

– Provavelmente, também daria uma arma dos diabos.

– Até mesmo um buraco negro muito minúsculo seria ligeiramente poderoso de mais para ser utilizado como arma.

– Então, pensa que esta nave foi capturar um buraco negro?

– Duvido - disse Ted. - A nave tem uma construção tão robusta, está tão escudada contra a radiação, que suspeito de que o seu objectivo era o de entrar no buraco negro. E entrou.

– E foi por isso que a nave recuou no tempo? - perguntou Norman.

– Não tenho a certeza - disse Ted. - Sabes, na verdade, um buraco negro é o limiar do universo. O que acontece lá não é claro para ninguém que está vivo neste momento. Mas o que algumas pessoas pensam é que não se passa pelo buraco, salta-se para ele, como um seixo a saltar na água, e ressalta-se para um tempo, ou espaço ou universo diferente.

– Então, a nave ressaltou?

– Sim. Possivelmente, mais de uma vez. E quando ressaltou para aqui, foi impulsionada e chegou algumas centenas de anos antes de partir.

– E num dos ressaltos apanhou aquilo? - disse Beth, apontando para o monitor.

Olharam. A esfera continuava fechada. Mas deitado ao lado dela, estendido na cobertura numa posição estranha, via-se Harry Adams.

Por um momento, pensaram que ele estava morto. Depois, Harry ergueu a cabeça e gemeu.

O SUJEITO

Norman escreveu no seu bloco de apontamentos: "O sujeito é um matemático negro, de 34 anos, que passou três horas dentro de uma esfera de origem desconhecida. Depois de sair da esfera estava letárgico e indiferente; não sabia o seu nome, onde estava, ou que ano era. Foi trazido para o habitáculo; dormiu durante meia hora e depois acordou abruptamente a queixar-se com dores de cabeça."

– Oh, meu Deus!

Harry estava sentado no seu beliche, a segurar a cabeça nas mãos e a gemer.

– Dor? - perguntou Norman.

– Brutal. Triturante.

– Mais alguma coisa?

– Sede. Meu Deus. - Lambeu os lábios. - Estou cheio de sede. "Sede extrema", escreveu Norman.

Rose Levy, a cozinheira, apareceu com um copo de limonada. Norman estendeu o copo a Harry, que o bebeu de um único golo e lho entregou.

– Mais.

– É melhor trazer um jarro - disse Norman. Levy desapareceu. Norman voltou-se para Harry, que continuava a segurar a cabeça, continuava a gemer, e disse: - Tenho uma pergunta para te fazer.

- Que é?

– Como é que te chamas?

– Norman, eu não preciso de ser psicanalisado neste momento.

– Diz-me só como te chamas.

– Harry Adams, por amor de Deus. Que se passa contigo? Oh, a minha cabeça.

– Antes não te lembravas - disse Norman. - Quando te encontrámos.

– Quando me encontraram? - perguntou. Parecia novamente confuso.

Norman acenou afirmativamente.

– Lembras-te de te termos encontrado?

– Devia estar... lá fora.

- Lá fora?

Harry ergueu os olhos, de súbito furioso, os olhos a brilhar de raiva.

– Fora da esfera, seu maldito idiota! De que é que pensas que estou a falar?

– Tem calma, Harry.

– As tuas perguntas estão a deixar-me doido!

– Está bem, está bem. Tem calma.

"Emocionalmente instável. Raiva e irritabilidade." Norman tomou mais notas.

– Tens de fazer tanto barulho? Norman olhou para cima, intrigado.

– A tua caneta - disse Harry. - Parece as Cataratas do Niágara. Norman parou de escrever. Devia ser uma enxaqueca, ou uma coisa parecida com uma enxaqueca. Harry estava a segurar cuidadosamente a cabeça nas mãos, como se

esta fosse feita de vidro.

– Por que é que não posso tomar uma aspirina, por amor de Deus?

– Não queremos dar-te nada durante algum tempo, para o caso de te teres magoado. Precisamos de saber onde é a dor.

– A dor, Norman, está na minha cabeça. Está na minha maldita cabeça! Agora, por que é que não me dão uma aspirina?

– Barnes disse para não darmos.

– Barnes ainda está aqui?

– Ainda estamos todos aqui. Harry levantou a cabeça lentamente.

– Mas era suposto irem para a superfície.

– Eu sei.

– Por que é que não foram?

– O tempo ficou mau e não puderam mandar os submarinos.

– Bem, deviam ter ido. Não deviam estar aqui, Norman. Levy chegou com mais limonada. Harry olhou para ela enquanto bebia.

– Também ainda está aqui?

– Sim, Dr. Adams.

– Quantas pessoas estão cá em baixo ao todo? Levy disse:

– Estamos nove, *sir*.

– *Jesus*. - *Devolveu o copo. Levy voltou a enchê-lo. - Deviam ir todos embora. Deviam ir embora.*

– *Harry - disse Norman. - Não podemos.*

– *Têm de ir.*

Norman sentou-se no beliche em frente de de Harry e observou-o enquanto bebia. Harry estava a demonstrar uma manifestação de choque bastante típica: a agitação, a irritabilidade, a torrente de ideias nervosas, maníacas, os medos inexplicáveis em relação à segurança dos outros - tudo aquilo era característico de vítimas em estado de choque devido a acidentes graves, como grandes choques rodoviários ou acidentes aéreos. Depois de um acontecimento intenso, o cérebro lutava para assimilar, para perceber, para reunir de novo as coisas, para as acertar, para restabelecer o equilíbrio. Porém, fundamentalmente, era um período confuso de ideias em turbilhão.

Era preciso esperar que as ideias se organizassem.

Harry terminou a limonada, entregou o copo.

– *Mais? - perguntou Levy.*

– *Não, está bem assim. A dor de cabeça está melhor.*

"Afinal de contas, talvez fosse desidratação", pensou Norman. Mas por que é que Harry ficaria desidratado depois de três horas na esfera?

– *Harry...*

– *Diz-me uma coisa. Eu estou com uma aparência diferente, Norman?*

– *Não.*

– *Pareço-te o mesmo?*

– *Sim. Eu diria que sim.*

– *Tens a certeza? - perguntou Harry. Levantou-se de um salto, dirigiu-se para um*

espelho colocado na parede. Espreitou para o rosto.

– *Como é que achas que pareces?* - perguntou Norman.

– *Não sei. Diferente.*

– *Diferente, como?*

– *Não sei!... - Deu um murro na parede almofadada ao lado do espelho. A imagem do espelho vibrou. Ele virou-se de costas e sentou-se novamente no beliche. Suspirou. - Apenas diferente.*

– *Harry...*

– *Que é?*

– *Recordas-te do que aconteceu?*

– *Claro.*

– *Que é que aconteceu?*

– *Fui lá dentro.*

Esperou, mas Harry não disse mais nada. Limitou-se a olhar fixamente para o chão alcatifado.

– *Lembras-te de abrir a porta?* Harry não disse nada.

– *Como é que abriste a porta, Harry?* Harry levantou os olhos para Norman.

– *Era suposto irem todos embora. Voltarem para a superfície. Não era suposto ficarem.*

– *Como é que abriste a porta, Harry?* Seguiu-se um silêncio prolongado.

– *Abri-a. - Sentou-se muito direito, com as mãos ao longo do corpo. Parecia estar a recordar, a reviver.*

– *E depois?*

– *Entrei.*

– *E que é que aconteceu lá dentro?*

– *Foi maravilhoso...*

– *Que é que foi maravilhoso?*

– *A espuma - disse Harry. E depois calou-se novamente, a contemplar apaticamente o espaço.*

– *A espuma?* - inquiriu Norman.

– *O mar. A espuma. Maravilhoso...*

"Estaria ele a falar sobre as luzes?", perguntou Norman a si mesmo. "Do padrão em torvelinho de luzes?"

– *Que é que foi maravilhoso, Harry?*

– *Ora, não troces de mim - disse Harry. - Promete que não troças de mim.*

– *Não troço de ti.*

– *Achas que pareço o mesmo?*

– *Sim, acho.*

– *Não te parece que mudei nem um pouco?*

– *Não. Não que eu veja. Achas que mudaste?*

– *Não sei. Talvez. Eu... talvez.*

– *Aconteceu alguma coisa na esfera que te mudasse?*

– *Tu não compreendes o que é a esfera.*

– *Então, explica-me - disse Norman.*

– *Não aconteceu nada na esfera.*

– *Tu estiveste dentro da esfera durante três horas...*

– Não aconteceu nada. Nunca acontece nada dentro da esfera. É sempre o mesmo, dentro da esfera.

– Que é que é sempre o mesmo? A espuma?

– A espuma é sempre diferente. A esfera é sempre igual.

– Não compreendo - replicou Norman.

– Eu sei que não - disse Harry. Abanou a cabeça. - Que é que eu posso fazer?

– Fala-me mais.

– Não há mais nada.

– Então, conta-me outra vez.

– Não vai adiantar nada - disse Harry. - Achas que vão sair daqui rapidamente?

– Barnes disse que só daqui a vários dias.

– Eu penso que deviam sair rapidamente. Fala com os outros. Convence-os. Obriga-os a partir.

– Porquê, Harry?

– Não pode ser... não sei.

Harry esfregou os olhos e deitou-se na cama.

– Se não te importas, vais-me dar licença - disse, porque estou muito cansado.

Talvez possamos continuar esta conversa noutra altura. Fala com os outros, Norman. Convence-os a partir. É... perigoso permanecer aqui.

E deitou-se no beliche e fechou os olhos.

MUDANÇAS

- Ele está a dormir - disse-lhes Norman. - Está em estado de choque. Está confuso. Mas, basicamente, parece intacto.
- Que é que ele te disse - perguntou Ted - sobre o que aconteceu lá dentro?
- Ele está bastante confuso - esclareceu Norman, mas está a recompor-se. Quando o encontramos, nem sequer se lembrava do seu nome. Agora lembra-se. Sabe o meu nome, sabe onde está. Recorda-se de ter entrado na esfera. Creio que ele também se recorda do que aconteceu dentro da esfera. Só não quer dizer.
- Bestial - disse Ted.
- Ele mencionou o mar e a espuma. Mas não foi claro em relação ao que queria dizer.
- Olhem lá para fora - disse Tina, a apontar para as vigias.
- Norman teve uma impressão imediata de luzes - milhares de luzes a encher o negrume do oceano - e a sua primeira reacção foi um terror irracional: as luzes da esfera vinham apanhá-los. Mas depois verificou que cada uma das luzes tinha um formato e que estavam a mover-se, a menear-se. Encostaram os rostos às vigias, observaram.
- Lulas - disse Beth, por fim. - Lulas bioluminescentes.
- Milhares de lulas.
- Mais - disse ela. - Eu diria pelo menos meio milhão, todas em volta do habitáculo.
- Lindo!
- O tamanho do cardume é surpreendente - declarou Ted.
- Impressionante, mas nada invulgar - disse Beth. - A fecundidade do mar é muito grande comparada com a da terra. O mar é onde a vida começou e onde apareceu pela primeira vez a concorrência intensa entre os animais. Uma reacção à concorrência é produzir crias em quantidades enormes. Muitos animais marinhos fazem isso. Na verdade, temos tendência para pensar que os animais foram para terra como um passo positivo na evolução da vida. Mas a verdade é que as primeiras criaturas foram obrigadas a sair do oceano. Estavam apenas a tentar fugir da concorrência. E podem imaginar quando os primeiros peixes anfíbios treparam para a praia e levantaram a cabeça para espreitar para terra, e viram este vasto ambiente de terra seca sem nenhuma concorrência. Deve ter parecido a terra...
- Beth calou-se e virou-se para Barnes.
- Rápido: onde é que guardam as redes para espécimes?
- Não quero que vá lá fora.
- Tenho de ir - disse Beth. - Aquelas lulas têm seis tentáculos. -E?
- Não há nenhuma espécie de lulas conhecida com seis tentáculos. Trata-se de uma espécie que ainda não foi estudada. Tenho de recolher amostras.
- Barnes indicou-lhe onde se situava o armário do equipamento e ela saiu. Norman

olhou para o cardume de lulas com um interesse renovado.

Cada um dos animais tinha cerca de trinta centímetros de comprimento e pareciam ser transparentes. Os olhos grandes das lulas eram claramente visíveis nos corpos, que brilhavam num tom de azul-pálido.

Alguns minutos depois, Beth apareceu no exterior, de pé no meio do cardume, a rodopiar a rede, a apanhar espécimes. Diversas lulas esguicharam furiosamente nuvens de tinta.

– Que coisinhas tão bonitas - disse Ted. - Sabem, o desenvolvimento da tinta das lulas é uma coisa muito interessante...

– ... Que dizem a um jantar de lulas? - perguntou Levy.

– Diabos, não! - disse Barnes. - Se é uma espécie que não é conhecida, não vamos comê-la. A última coisa de que preciso é de toda a gente doente por intoxicação alimentar.

– Muito sensato - afirmou Ted. - De qualquer forma, nunca gostei de lulas. Um mecanismo de propulsão interessante, mas uma textura de borracha.

Naquele momento, ouviu-se um zumbido quando um dos monitores foi accionado. Enquanto observavam, o ecrã encheu-se rapidamente de números:

00032125252632032629301321042610371830
80821322903300518220426101308301621371
83016211822033013130432000321252526320
29301321042610371830160618082132290330
22042610130830162371160408301621182203
13043200032125252632032629321042610371
06180821322903300318220426101308301621
16040830162118220330131304320003212525
20326293013210426103718301606160821322
00518220426101308301621371604083016211
3301313043200032125282632032629301321
37183016061808213229033008182204261013
30162137160408316211822033013130432000
52526320326293013210426103718301606180
22903300518220426101308301621371604083

– De onde é que isto vem? - exclamou Ted. - Da superfície? Barnes abanou a cabeça.

– Cortámos o contacto directo com a superfície.

– Então, está a ser transmitido por debaixo de água, de alguma forma?

– Não - disse Tina, é rápido de mais para transmissão submarina.

– Existe outra consola no habitáculo? Não? E no DH-7?

– O DH-7 está vazio neste momento. Os mergulhadores partiram.

– Então, de onde é que veio? Barnes disse:

– A mim parece-me aleatório. Tina acenou afirmativamente.

– Pode ser uma fuga num tampão de memória temporário algures no sistema. Quando passámos para poder interno a gasóleo...

– Provavelmente, é isso - disse Barnes. - Fuga de memória ao mudarmos.

- *Acho que devíamos guardar isto - disse Ted, a olhar para o ecrã. - Só para o caso de ser uma mensagem.*
- *Uma mensagem de onde?*
- *Da esfera.*
- *Raios - disse Barnes, não pode ser uma mensagem.*
- *Como é que sabe?*
- *Porque não é possível uma mensagem ser transmitida. Não estamos ligados a nada. Certamente, não à esfera. Tem de ser uma fuga de memória de algures dentro do nosso sistema informático.*
- *Que quantidade de memória é que temos?*
- *Uma quantidade considerável. Dez gigas, uma coisa desse género.*
- *Talvez o hélio esteja a chegar aos chips - disse Tina. - Talvez seja um efeito de saturação.*
- *Continuo a ser de opinião de que devíamos guardar isso disse Ted.*
- Norman tinha estado a olhar para o ecrã. Não era matemático, mas tinha observado um grande número de estatísticas na sua vida, para procurar padrões nas informações. Era uma coisa em que o cérebro humano era inerentemente bom, encontrar padrões em material visual. Norman não conseguia perceber qual era, mas sentia um padrão ali. Disse:*
- *Tenho a impressão de que não é aleatório.*
- *Então, vamos guardá-lo - disse Barnes.*
- Tina dirigiu-se para a consola. Quando as suas mãos tocaram nas teclas, o ecrã ficou vazio.*
- *Tanta conversa para nada - disse Barnes. - Desapareceu. É uma pena que o Harry não estivesse aqui para ver isto connosco.*
- *Sim - disse Ted, sombriamente. - É uma pena.*

ANÁLISE

– Repara só nisto - disse Beth. - Esta ainda está viva.

Norman estava com ela no pequeno laboratório biológico perto do topo do Cilindro D. Ninguém tinha estado no laboratório desde que tinham chegado, porque não tinham encontrado nada vivo. Agora, com as luzes apagadas, ele e Beth observaram a lula a mover-se no reservatório de vidro.

A criatura tinha uma aparência delicada. O brilho azul estava concentrado em riscas ao longo do dorso e das partes laterais da criatura.

– Sim - disse Beth, as estruturas bioluminescentes parecem estar situadas dorsalmente. São bactérias, evidentemente.

– Que é que são?

– As partes bioluminescentes. As lulas não conseguem criar luz própria. As criaturas que o fazem são bactérias. Assim, os animais bioluminescentes no mar incorporaram essas bactérias nos seus corpos. Estás a ver bactérias a brilhar através da pele.

– Então, é como uma infecção?

– Sim, de certa forma.

Os olhos grandes da lula contemplaram-nos. Os tentáculos moveram-se.

– E podes ver todos os órgãos internos - disse Beth. - O cérebro está escondido atrás do olho. Aquela bolsa é a glândula digestiva, e atrás dela encontra-se o estômago, e por baixo dele... estás a vê-lo a bater?... o coração. Aquela coisa grande à frente é a gónada, e, a sair do estômago, uma espécie de funéu... é onde a lula esguicha a tinta e se impulsiona.

– É realmente uma espécie nova? - perguntou Norman. Ela suspirou.

– Não sei. Internamente, é muito típica. Mas menos tentáculos qualificá-la-iam como uma espécie nova, não há dúvida.

– Vais chamar-lhe *Squidus bethus* ? - perguntou Norman. Ela sorriu.

– *Architeuthis bethis* disse. Parece um problema dentário. *Architeuthis bethis*: significa que é preciso desvitalizar o dente.

– *Que tal, Dra Halpern?* - disse Levy, a espreitar à porta. *Tenho tomates bons e pimentão, seria uma pena perdê-los. As lulas são realmente venenosas?*

– *Duvido* - disse Beth. - *Não se sabe que o sejam. Vá em frente* - disse para Levy. - *Acho que não vai fazer-nos mal comê-las.*

Depois de Levy se ter ido embora, Norman disse:

– Pensei que tinhas deixado de comer essas coisas.

– Só polvos - disse Beth. - *Um polvo é engraçado e esperto. As lulas são bastante... repelentes.*

– Repelentes?

– Bem, são canibais e bastante más... - Ergueu uma sobranceira. - Estás a psicanalisar-me outra vez?

– Não. Estou apenas curioso.

– Na qualidade de zóologa, é suposto uma pessoa ser objectiva declarou Beth, mas eu tenho sentimentos em relação aos animais, como todas as outras pessoas. Tenho

um sentimento caloroso em relação aos polvos. Eles são espertos, sabes? Uma vez tive um polvo num tanque de investigação que aprendeu a matar baratas e a usá-las como isco para caçar caranguejos. O curioso caranguejo aproximava-se, investigava a barata morta e depois o polvo saltava do seu esconderijo e capturava o caranguejo.

"De facto, um polvo é tão esperto, que a maior limitação ao seu comportamento é o seu limite de vida. Um polvo vive unicamente três anos, e esse tempo não é suficiente para desenvolver uma coisa tão complicada como uma cultura ou civilização. Talvez se os polvos vivessem tanto tempo como nós, já tivessem dominado o mundo há muito.

"Mas as lulas são completamente diferentes. Não sinto absolutamente nada pelas lulas. Apenas não gosto nada delas.

Ele sorriu.

– Bem disse, pelo menos conseguiste encontrar alguma vida aqui em baixo.

– Sabes, é engraçado - disse ela. - Recordas-te de como lá fora estava árido? Nada no fundo?

– Claro. Muito impressionante.

– Bom, dei a volta ao habitáculo para apanhar aquelas lulas. E vi todas as espécies de corais no fundo. Cores muito belas, azuis e roxos e amarelos. Alguns bastante grandes.

– Achas que cresceram?

– Não. Devem ter estado sempre naquele local, mas nós nunca lá fomos. Tenho de investigar mais tarde. Gostaria de saber por que é que estão localizados naquele local específico, ao lado do habitáculo.

Norman dirigiu-se para a vigia. Tinha acendido as luzes exteriores do habitáculo, que brilhavam no fundo. E viu realmente muitos corais, roxos e cor-de-rosa e azuis, a baloiçar suavemente ao sabor da corrente. Estendiam-se até ao limite da luz, para a escuridão.

– De certa forma - disse Beth, é reconfortante. Estamos muito fundo para a maior parte da vida oceânica, que se encontra nos primeiros trezentos metros de água. Mas, mesmo assim, este habitáculo está situado no ambiente marinho mais variado e abundante do mundo. - Cientistas tinham feito contagens de espécies e determinado que o Pacífico Sul tinha mais espécies de corais e esponjas do que qualquer outro lugar na Terra.

"Estou satisfeita por, finalmente, estarmos a encontrar coisas disse ela. Olhou para as prateleiras de químicos e reagentes. - E estou satisfeita por estar finalmente a trabalhar em qualquer coisa.

Harry estava a comer bacon e ovos na cozinha. Os outros permaneciam à volta dele, a observá-lo, aliviados por ele estar bem. E contaram-lhe as novidades; ele escutou com interesse, até mencionarem que tinha aparecido um grande cardume de lulas.

- Lulas?

Ergeu os olhos bruscamente e quase deixou cair o garfo.

– Sim, imensas - disse Levy. - Vou cozinhar uma grande quantidade para o jantar.

– Ainda estão aqui? - perguntou Harry.

– Não, já se foram embora.

Ele descontraiu-se e os ombros descaíram.

– *Há algum problema, Harry?* - perguntou Norman.

– *Odeio lulas* - disse Harry. - *Não as suporto.*

– *Eu também não gosto muito do sabor delas* - declarou Ted.

– *Terrível* - corroborou Harry, assentindo. *Recomeçou a comer os ovos. A tensão passou.*

Depois, Tina gritou do Cilindro D:

– *Estou a recebê-los outra vez! Estou a receber os números outra vez!*

*00032125252632 032629 301321 04261037 18 3016 06180
82132 29033005 1822 04261013 0830162137 1604 083016
21 1822 033013130432 00032125252632 032629 301321 O
4261037 18 3016 0618082132 29033005 1822 04261013 08
30162137 1604 08301621 1822 033013130432 000321252
52632 032629 301321 04261037 18 3016 0618082132 290
33005 1822 04261013 0830162137 1604 08301621 1822 03
3013130432 00032125252632 032629 301321 04261037 1
8 3016 0618082132 29033005 1822 04261013 0830162137
1604 08301621 1822 033013130432 00032125252632 032
629 301321 04261037 18 3016 0618082132 29033008 1822
04261013, 0830162137 1604 08301621 1822 033013130432
0003212525252632 032629 301321 04261037 18 3016 06
18082132 29033005 1822 04261013 0830162137 1604 083
01621 1822 033013130432 0003212525632 032629 301321*

– *Que lhe parece, Harry?* - perguntou Barnes, a apontar para o ecrã.

– *Foi isto que receberam antes?* - perguntou Harry.

– *Parece que sim, mas os espaços são diferentes.*

– *Porque isto não é, definitivamente, aleatório* - disse Harry. *É uma única sequência repetida vezes sem conta. Reparem, Começa aqui, vai até aqui e depois repete-se.*

*00032125252632 032629 301321 04261037 18 3016 06180
82132 29033005 1822 04261013 0830162137 1604 083016
21 1822 033013130432 00032125252632 032629 301321 O
4261037 18 3016 0618082132 29033005 1822 04261013 08
30162137 1604 08301621 1822 033013130432 000321252
52632 032629 301321 04261037 18 3016 0618082132 290
33005 1822 04261013 0830162137 1604 08301621 1822 03
3013130432 00032125252632 032629 301321 04261037 1
8 3016 0618082132 29033003 1822 04261013 0830162137
1604 08301621 1822 033013130432 00032125252632 032
629 301321 04261037 18 3016 0618082132 29033005 1822
04261013 0830162137 1604 08301621 1822 033013130432
0003212525252632 032629 301321 04261037 18 3016 06
18082132 29033005 1822 04261013 0830162137 1604 083
01621 1822 033013130432 0003212525632 032629 301321*

– *Ele tem razão!* - exclamou Tina.

– *Fantástico!* - disse Barnes. - *É absolutamente incrível como consegue ver uma*

coisa destas.

Ted tamborilou impacientemente com os dedos na consola.

– Elementar, meu caro Barnes - disse Harry. - Essa parte é fácil. Aparte difícil é... que é que significa?

– Seguramente, é uma mensagem - disse Ted.

– Possivelmente, é uma mensagem - corrigiu Harry. - Também poderia ser uma espécie de fuga de memória dentro do computador, resultante de um erro de programação ou de uma falha de hardware. Poderíamos passar horas a decifrá-lo, para descobrirmos que diz, "Direitos de Autor para Acme Computer Systems, Silicon Valley", ou coisa parecida.

– Bem... - disse Ted.

– A maior probabilidade é que esta série de números tenha origem no próprio computador - afirmou Harry. - Mas deixem-me tentar.

Tina imprimiu o que aparecia no ecrã.

– Eu também gostava de tentar - disse Ted, rapidamente. Tina disse:

– Certamente, Dr. Fielding. - E imprimiu uma segunda folha.

– Se for uma mensagem - disse Harry, muito provavelmente trata-se de um simples código de substituição, como um código ASKEY. Ajudaria se pudéssemos correr um programa de descodificação no computador. Alguém sabe programar esta coisa?

Abanaram todos a cabeça.

– Você sabe? - perguntou Barnes.

– Não. E suponho que não haverá maneira de transmitirmos isto para a superfície? Os computadores da NASA em Washington para decifrar códigos levariam aproximadamente quinze segundos para fazer o trabalho.

Barnes abanou a cabeça.

– Não temos contacto. Nem sequer conseguiria mandar uma antena de rádio num balão. Segundo o último relatório, há ondas de oito metros à superfície. Rebutavam logo a antena.

– Então, estamos isolados?

– Estamos isolados.

– Creio que estamos de volta aos velhos papel e lápis. Eu digo sempre que as ferramentas tradicionais são as melhores... especialmente quando não há mais nada. - E saiu da sala.

– Ele parece estar de bom humor - disse Barnes.

– Eu diria de muito bom humor - afirmou Norman.

– Talvez um pouco bom de mais - disse Ted. - Ligeiramente maniaco?

– Não - disse Norman. - Apenas de bom humor.

– Pareceu-me que ele estava um pouco alto - disse Ted.

– Deixem-no estar assim - escarneceu Barnes , se isso o ajudar a descodificar o código.

– Eu também vou tentar - lembrou-o Ted.

– Acho ótimo - disse Barnes. - Tente também.

TED

– Estou a dizer-vos que esta confiança no Harry é despropositada. Ted estava a andar de um lado para o outro e a olhar de relance para Norman. - Harry é maniaco e está a ignorar coisas. Coisas óbvias.

– Como o quê?

– Como o facto de a folha que foi imprimida não poder ser de forma alguma uma fuga de memória do computador.

– Como é que sabes? - perguntou Norman.

– O processador - replicou Ted. - O processador é um 68090, o que significa que qualquer fuga de memória seria *em hex*.

– *O que é hex?*

– *Existem imensas formas de representar números - explicou Ted. - O processador 68090 utiliza uma representação dezasseis-base, chamada "hexadecimal". A hex é completamente diferente da decimal normal. Vê-se que é diferente.*

– *Mas a mensagem usou zero até nove - referiu Norman.*

– *É exactamente onde quero chegar - disse Ted. - Por isso, não veio do computador. Acredito que é, indubitavelmente, uma mensagem da esfera. Para além do mais, embora Harry pense que é um código de substituição, eu estou convencido de que é uma representação visual directa.*

– *Estás a falar numa imagem?*

– *Sim - disse Ted. - E acredito que é uma imagem da própria criatura! - Começou a procurar em folhas de papel. - Comecei com isto.*

001110101110011100111010100000 - 111101011101

11110101010101 - 100110101010100101

100101111010000 - 11010010100010101100000

11101111110101 - - 1001010110 - 1001101010101101

100011101000010101100101 - - 10000100

100011101000010101 - - 1001010110

111111011011101100100000

001110101110011100111010100000 - 111101011101

11110101010101 - - 100110101010100101 - - 10010

1111010000 - - 11010010100010101100000

11101111110101 - - 1001010110 - - 1001101010101101

100011101000010101100101 - - 10000100

100011101000010101 - - 1001010110

111111011011101100100000

001110101110011100111010100000 - 111101011101

11110101010101 - - 100110101010100101 - - 10010

1111010000 - 11010010100010101100000

11101111110101 - - 1001010110 - - 1001101010101101

100011101000010101100101 - - 10000100

"Ora bem, aqui traduzi a mensagem para binário - disse Ted. Podem pressentir imediatamente o padrão visual, não podem?"

– *Na verdade, não - disse Norman.*

– *Bem, é certamente sugestivo - disse Ted. - Podem crer que, depois de todos*

aqueles anos na JPL a ver imagens dos planetas, tenho olho para estas coisas. Portanto, o que fiz a seguir foi voltar à mensagem original e preencher os espaços. E obtive isto.

00032128252632.032639* "301321.04261037.18.
3016.0618082132*.29033003.*1822*.04261013.
0830162137* *1604* *08301"21*.1822."033013130432"
00032125252632.032629".301321."04261037*.18.
3016*.0618082132.29033005* "1822*.04261013.
0830162137.1604* 08301621*.1822.033013130432.
00032125252632."032629."301321* "04261037* *18*
3016* *0618082132* .29033003.1822.*04261013"
0830162137* "1604* "08301621 "1822* "033013130432*
"00032123232632."032629*.301321'.04261037.*18*
3016* *0618082132".29033003."1822*"04261013*
0830162137* "1604* "08301621.1822* "033013130432*
00032123232632."032629."301321* "04261037" "18"
3016."0618082132..29033005*.1822..04261013.
0830162137* *1604* "08301621* "1822."033013130432*
00032123232632."032629* .301321."04261037."18" "3016.
"0618082132* "29033003."1822*.04261013.
0830162137* 1604.08301521*.1822.033013130432.
00032123232632."032629* "301321 - *04261037" "18" .3016.
"0618082132*.29033003.1822."04261013.
0830162137*.1604."08301621."1822* "033013130432.
00032125252632* 032629".301321* "04261037."18"
3016*.0618082132..29033003."1822*"04261013.
0830162137* *1604* "08301621.1822."033013130432*
00032128252632*.032629."301321* "04261037."18*

– Ah-hum... - disse Norman.

– Concordo que não se parece com nada - afirmou Ted. - Mas, se mudarmos a largura do ecrã, obtemos isto.

Orgulhosamente, segurou na folha seguinte.

00032125252632* "032629" "301321"
04261037* "18" "3016* "0618082132* "29033005*
1822*.04261013* "0830162137" *1604*
08301621* "1822* "033013130432*
00032125252632* "032629* *301321* "04261037"
183016"0618082132"29033005"182204261013"0830162137"1604
08301621"1822 033013130432"00032125252632
032629"301321 04261037 18"3016"0618082132 290330051822
042610130830162137 1604 08301621 1822
033013130432 00032125252632 032629301321"04261037
18"3016"061808213229033005 1822 04261013.0830162137
1604 08301621 1822 03301313043200032125252632 032629
301321.04261037"18"3016.0618082132"290330051822
04261013"0830162137"1604"08301621"1822

– Sim? - disse Norman.

– Não me digam que não vêem o padrão - disse Ted.

– Não vejo o padrão - disse Norman.

– Olha com os olhos semicerrados - disse Ted. Norman semicerrou os olhos.

– Lamento.

– Mas é obviamente uma imagem da criatura - disse Ted. Olhem, há um torso vertical, três pernas, dois braços. Não tem cabeça, por isso, presumivelmente, a cabeça da criatura está localizada no próprio torso. Consegues ver isso, não consegues, Norman?

- Ted...

– Por uma vez, o Harry perdeu completamente o fulcro da questão! A mensagem não é apenas uma imagem, é um auto-retrato!

- Ted...

Ted sentou-se para trás. Suspirou.

– Vais dizer-me que estou a esforçar-me de mais.

– Não quero esfriar o teu entusiasmo - replicou Norman.

– Mas não vês o extraterrestre?

– Não, na verdade não.

– Raios! - Ted empurrou os papéis para o lado. - Detesto aquele filho da puta. Ele é tão arrogante, põe-me tão furioso... E, ainda por cima, é jovem!

– Tu tens 40 anos - disse Norman. - Eu não diria que estás com os pés para a cova.

– Para os físicos, estou - retorquiu Ted. - Os biólogos podem, eventualmente, fazer um trabalho importante numa fase mais avançada da vida. Darwin tinha 50 anos quando publicou *A Origem das Espécies*. E, por vezes, os químicos fazem trabalhos quando são mais velhos. Mas na física, se não se fez nada até aos trinta e cinco anos, nunca se fará.

– Mas, Ted, tu és respeitado no teu campo. Ted abanou a cabeça.

– Nunca fiz nenhum trabalho fundamental. Analisei informações, cheguei a algumas conclusões interessantes. Mas nunca fiz nada fundamental. Esta expedição é a minha oportunidade para fazer verdadeiramente alguma coisa. Para... conseguir ter o meu nome nos livros.

Norman ficou agora com uma perspectiva diferente do entusiasmo e da energia de Ted, daqueles modos inexoravelmente juvenis. Ted não era emocionalmente atrasado; era forçado a ser assim. E agarrava-se à juventude devido a uma sensação de que o tempo estava a fugir e ele ainda não tinha realizado nada. Não era odioso. Era triste.

– Bem - disse Norman, a expedição ainda não terminou.

– Não, concordou Ted, iluminando-se subitamente. - Tens toda a razão. Há mais experiências maravilhosas à nossa espera. Sei que há. E virão, não achas?

– Sim, Ted - disse Norman. - Virão.

BETH

– Raios partam, nada funciona! - Acenou uma mão para a bancada de laboratório. - Nenhum destes químicos ou reagentes vale a ponta de um corno!

– Que é que experimentou? - perguntou Barnes calmamente.

– Zenker-Formalina, H e E, os outros corantes. Extracções proteolíticas, interruptores de enzimas. Tudo o que me apareceu. Nada disso funciona. Sabe o que penso? Penso que quem quer que forneceu este laboratório o fez com ingredientes fora do prazo de validade.

– Não - replicou Barnes, é a atmosfera.

Explicou que o ambiente em que se encontravam continha apenas dois por cento de oxigénio, um por cento de dióxido de carbono e nenhum nitrogénio.

– As reacções químicas são imprevisíveis - disse. - Quando tiver tempo, devia dar uma vista de olhos ao livro de receitas da Levy. Garanto-lhe que nunca viu nada igual na sua vida. A comida parece normal depois de confeccionada, mas pode ter a certeza de que ela não a faz de uma maneira normal.

– E o laboratório?

– O laboratório foi fornecido sem se saber a que profundidade estaria. Se estivéssemos em águas menos profundas, estaríamos a respirar ar comprimido, e todas as suas reacções químicas funcionariam... só se processariam de uma forma muito rápida. Mas com heliox, as reacções são imprevisíveis. E se não funcionam, bem... Encolheu os ombros.

– Que é que eu devo fazer? - perguntou ela.

– O melhor que puder - respondeu Barnes. - O mesmo que todos nós.

– Bom, a única coisa que posso fazer são análises anatómicas rudimentares. Toda esta bancada é inútil.

– Então, passe à anatomia rudimentar.

– Só desejava que tivéssemos mais capacidade laboratorial...

– Mas isto é tudo o que temos - disse Barnes. - Aceite esse facto e continue a trabalhar.

Ted entrou no aposento.

– É melhor verem o que se passa lá fora - disse, e apontou para as vigias. - Temos mais visitas.

As lulas tinham desaparecido. Durante alguns instantes, Norman não viu nada a não ser água e o sedimento branco suspenso iluminado pelas luzes.

– Olha para baixo. Para o fundo.

O fundo do mar estava vivo. Literalmente vivo, a rastejar e a ondular e a mexer até onde podiam ver com luz.

– Que é aquilo? Beth disse:

– São camarões. Uma quantidade incrível de camarões. - E correu para ir buscar a rede.

– Ora, aí está o que devíamos estar a comer - disse Ted. - E aqueles parecem ter o tamanho ideal, ligeiramente mais pequenos do que lagostas. Provavelmente, deliciosos. Recordo-me de que uma vez, em Portugal, a minha segunda mulher e

eu comemos a lagosta mais fabulosa...

Norman sentiu-se levemente incomodado.

– Que estão eles a fazer aqui?

– Não sei. Afinal de contas, que é que os camarões fazem? Migram?

– Diabos me carreguem se sei! - disse Barnes. - Compro-os sempre congelados. A minha mulher detesta descascá-los.

Norman continuava incomodado, embora não conseguisse perceber porquê. Via agora nitidamente que o fundo estava coberto de camarões; estavam por todo o lado. Por que é que aquilo o incomodava?

Norman afastou-se da janela, esperançado de que a vaga sensação de desconforto passaria se olhasse para outra coisa. Mas não se afastou, ficou ali - um pequeno nó tenso na boca do estômago. Não gostou absolutamente nada da sensação.

HARRY

– Harry .

– Oh, olá, Norman. Ouvi a excitação. Imensos camarões lá fora, não é?

Harry sentou-se no seu beliche, com a folha de números impressos nos joelhos. Tinha um lápis e um bloco de apontamentos, e a página estava repleta de cálculos, riscos, símbolos, setas.

– Harry - disse Norman, que é que se passa?

– Raios me partam se sei.

– Só gostava de saber por que é que, de repente, estamos a encontrar vida aqui em baixo... as lulas, os camarões... quando anteriormente não existia nada. Nunca.

– Oh, isso. Acho que é bastante óbvio. -Sim?

– Claro. Qual é a diferença entre antes e agora?

– Tu estiveste no interior da esfera.

– Não, não. Estou a referir-me ao ambiente exterior. Norman franziu o sobrolho. Não percebeu onde é que Harry queria chegar.

– Bem, olha lá para fora - disse Harry. - Que é que podias ver antes que não podes ver agora?

– A grelha?

– Ah-hum. A grelha e os mergulhadores. Imensa actividade... e imensa electricidade. Acho que foi isso que assustou a fauna normal da área. Estamos no Pacífico Sul, sabes; isto devia estar a pulsar de vida.

– E, agora que os mergulhadores desapareceram, os animais estão de volta?

– É o que eu penso.

– É tão simples como isso? - perguntou Norman, e franziu o sobrolho.

– Por que é que estás a perguntar-me? - inquiriu Harry. Pergunta à Beth; ela poderá dar-te uma resposta definitiva. Mas eu sei que os animais são sensíveis a todos os tipos de estímulos que nós não notamos. Não se pode fazer passar sabe Deus quantos milhões de volts por cabos subaquáticos, iluminar uma grelha com setecentos metros num ambiente que nunca viu luz antes, sem se esperar que haja um efeito.

Algo naquele argumento tocou no fundo da mente de Norman. Sabia alguma coisa, alguma coisa pertinente. Mas não conseguia perceber o que era.

– Harry .

– Sim, Norman. Pareces um pouco preocupado. Sabes uma coisa? Este código de substituição é mesmo tramado. Vou dizer-te a verdade, duvido que consigamos decifrá-lo. O problema é que, *se for a substituição de uma letra, como existem vinte e seis letras no alfabeto, presumindo que não há pontuação... que pode ou não ser incluída também aqui. Por isso, quando vejo um dois ao lado de um três, não sei se é a letra dois seguida da letra três, ou apenas a letra vinte e três. Estou a levar muito tempo a analisar as permutações. Percebes onde quero chegar?*

– Harry.

- Sim, Norman.
- *Que aconteceu dentro da esfera?*
- *É com isso que estás preocupado?* - perguntou Harry.
- *Que é que te leva a pensar que estou preocupado com alguma coisa?* - perguntou Norman.
- *A expressão do teu rosto* - disse Harry. - *É o que me leva a pensar que estás preocupado.*
- *Talvez esteja* - disse Norman. - *Mas acerca desta esfera...*
- *Eu tenho pensado muito acerca da esfera, sabes?*
- *E?*
- *É bastante surpreendente. Na verdade, não me recordo do que aconteceu.*
- Harry.
- *Sinto-me bem... sinto-me melhor a cada momento que passa, juro por Deus, a minha energia voltou, a dor de cabeça desapareceu... e anteriormente lembrava-me de tudo acerca daquela esfera e de como era o seu interior. Mas a cada minuto que passa, parece desvanecer-se. Sabes como é que um sonho se desvanece? Uma pessoa lembra-se dele quando acorda, mas uma hora depois já esqueceu tudo?*
- Harry.
- *Lembro-me de que era maravilhosa e muito bela. Algo acerca de luzes, luzes rodopiantes. Mas é tudo.*
- *Como é que abriste a porta?*
- *Oh, isso. Na altura foi muito óbvio; lembro-me de que tinha arquitectado tudo, sabia exactamente o que fazer.*
- *Que é que fizeste?*
- *Tenho a certeza de que vai voltar a ocorrer-me.*
- *Não te recordas de como abriste a porta?*
- *Não. Só me lembro deste discernimento súbito, desta certeza, sobre como se fazia. Mas não consigo recordar os pormenores. Porquê, mais alguém quer entrar nela? Provavelmente, o Ted.*
- *Tenho a certeza de que Ted gostaria de ir lá dentro...*
- *... Não sei se é boa ideia. Francamente, não me parece que Ted deva fazê-lo. Pensa como vai ser maçador com os seus discursos, depois de sair: "Visitei uma esfera extraterrestre", de Ted Fielding. Nunca mais teria fim.*
- E soltou uma risada.*
- "Ted estava certo", pensou Norman. "Ele está indiscutivelmente maniaco." Harry estava acelerado, exageradamente alegre. O sarcasmo lento que lhe era peculiar tinha desaparecido e fora substituído por uns modos alegres, abertos, muito nervosos. É uma espécie de indiferença perante todas as coisas, revelada por uma gargalhada, um desequilíbrio no discernimento do que era importante. Tinha dito que não conseguia decifrar o código. Tinha dito que não se lembrava do que acontecera no interior da esfera, nem de como a abrira. E não parecia nada preocupado com isso.*
- *Harry, quando saíste da esfera, parecias preocupado.*
- *Parecia? Tinha uma dor de cabeça infernal, lembro-me disso.*
- *Estavas sempre a dizer que devíamos ir para a superfície.*

- *A sério?*
- *Sim. Porquê?*
- *Só Deus sabe. Eu estava muito confuso.*
- *Também disseste que era perigoso permanecermos aqui. Harry sorriu.*
- *Não podes levar isso demasiado a sério, Norman. Eu não sabia se estava a vir ou a ir.*
- *Harry, nós precisamos de que te recordes dessas coisas. Se começares a lembrar-te, contas-me?*
- *Oh, claro, Norman. Sem dúvida. Podes contar comigo; digo-te logo.*

O LABORATÓRIO

– Não - disse Beth. - Nada disto faz sentido. Em primeiro lugar, em zonas onde os peixes nunca encontraram seres humanos antes, têm tendência para ignorar os humanos a menos que sejam perseguidos. Os mergulhadores da Marinha não perseguiram os peixes. Em segundo lugar, se os mergulhadores remexeram o fundo, isso libertou nutrientes e atraiu mais animais. Em terceiro lugar, muitas espécies de animais são atraídos por correntes eléctricas. Portanto, pelo contrário, os camarões e outros animais deviam ter sido atraídos para aqui mais cedo pela electricidade. Não agora, com a corrente cortada.

– Estava a examinar os camarões a um microscópio de pequena potência.

– Como é que ele parece?

– Harry?

- Sim.

– Não sei.

– Ele está bem?

– Não sei. Acho que sim.

Sem deixar de olhar para as lentes do microscópio, ela disse:

– Ele disse-te alguma coisa acerca do que aconteceu no interior da esfera?

– Ainda não.

Ela ajustou o microscópio e abanou a cabeça.

– Raios me partam!

– Que é? - perguntou Norman.

– Revestimento dorsal extra.

– E isso significa?

– É outra espécie nova - declarou ela. Norman disse:

– *Camarões bethus?* Estás a fazer um sem-número de descobertas aqui, Beth.

– *Ah-hum... também analisei os corais, porque pareciam ter um padrão de crescimento radial invulgar. Também são uma espécie nova.*

– *Isso é bestial, Beth.*

Ela virou-se e olhou para ele.

– *Não. Não é bestial. É estranho.* - *Acendeu uma lâmpada de alta densidade, abriu um dos camarões com um bisturi.* - *É o que pensei.*

- *Que é?*

– *Norman - disse ela, não vimos vida nenhuma cá em baixo durante vários dias... e, de repente, nas últimas horas, encontramos três espécies novas? Não é normal.*

– *Não sabemos o que é normal a trezentos metros de profundidade.*

– *Estou a dizer-te. Não é normal.*

– *Mas, Beth, tu própria disseste que, pura e simplesmente, não tínhamos reparado nos corais antes. E as lulas e os camarões... não podem estar a migrar, a passar por esta área, uma coisa desse género? Barnes diz que nunca houve cientistas a viver a esta profundidade no fundo do oceano antes. Talvez estas migrações sejam normais e nós não sabíamos que elas acontecem.*

– *Não me parece - disse Beth.* - *Quando fui lá fora apanhar estes camarões, senti*

que o comportamento deles era atípico. Para já, estavam demasiado juntos. Os camarões, quando se encontram no fundo, mantêm uma distância característica uns dos outros, cerca de um metro e vinte. Estes estavam praticamente amontoados. Para além disso, moviam-se como se estivessem a alimentar-se, mas não há nada para comer aqui em baixo.

– Nada que conheçamos.

– Bem, estes camarões não podem ter estado a alimentar-se. Apontou para o animal dissecado na bancada do laboratório. - Não têm estômago.

– Estás a brincar?

– Vê com os teus próprios olhos.

Norman olhou, mas o camarão dissecado não lhe dizia muito. Era apenas uma massa de carne cor-de-rosa. Estava cortado numa diagonal denteada, não direita. "Ela está cansada", pensou ele. "Não está a trabalhar com eficiência. Precisamos de sair daqui."

– A aparência exterior é perfeita, a não ser um revestimento dorsal extra na cauda - disse ela. Mas, internamente, está todo errado. Não há a mínima hipótese de estes animais estarem vivos. Não têm estômago. Não têm aparelho reprodutor. Este animal parece uma imitação má de um camarão.

– No entanto, os camarões estão vivos - disse Norman.

– Sim - replicou ela. - Estão. - Parecia infeliz com aquele facto.

– E as lulas eram perfeitamente normais no interior...

– Na verdade, não eram. Quando dissequei uma, descobri que lhe faltavam diversas estruturas importantes. Existe um feixe de nervos chamado gânglio radiado que não estava lá.

– Bem...

– E não havia guelras, Norman. As lulas possuem uma estrutura de guelras comprida para a troca de gás. Esta não tinha. A lula não tinha forma de respirar, Norman.

– Tinha de ter uma forma de respirar.

– Estou a dizer-te que não tinha. Estamos a ver animais impossíveis cá em baixo. De súbito, aparecem animais impossíveis.

Afastou-se da lâmpada de alta densidade e ele reparou que ela estava à beira das lágrimas. Tinha as mãos a tremer; deixou-as cair rapidamente no colo.

– Estás verdadeiramente preocupada - disse ele.

– Tu não estás? - Ela perscrutou-lhe o rosto. - Norman disse ela, tudo isto começou quando o Harry saiu da esfera, não foi?

– Acho que sim.

– Harry saiu da esfera e agora temos vida marinha impossível... Não gosto disto. Quem me dera que pudéssemos sair daqui. A sério. O lábio inferior tremia.

Ele abraçou-a e disse suavemente:

– Não podemos sair daqui.

– Eu sei - disse ela. Abraçou-o também e começou a chorar, encostando o rosto ao ombro dele.

– Está tudo bem...

– Detesto quando fico assim - disse ela. - Detesto esta sensação.

– Eu sei...

– E detesto este lugar. Detesto tudo nele. Detesto o Barnes e detesto os sermões do Ted e detesto as estúpidas sobremesas da Levy. Quem me dera não estar aqui.

– Eu sei...

Fungou por um momento e depois, abruptamente, afastou-o com os braços fortes. Virou-se, limpou os olhos.

– Estou bem - disse. - Obrigada.

– Sempre às ordens - retorquiu ele.

Ela continuou virada, com as costas voltadas para ele.

– Onde estão os malditos lenços de papel? - Encontrou um, assoou o nariz. - Não vais contar nada aos outros...

– Claro que não.

Uma campainha tocou e assustou-a.

– Jesus, que é aquilo?

– Acho que é o jantar - disse Norman.

JANTAR

- Não sei como é que conseguem comer essas coisas - disse Harry, a apontar para as lulas.
- São deliciosas! - disse Norman. - Lulas salteadas. - Quando se sentou à mesa, apercebeu-se de como estava esfomeado. E comer fê-lo sentir-se melhor; havia uma normalidade reconfortante no acto de se sentar a uma mesa, com uma faca e um garfo nas mãos. Era quase possível esquecer onde estava.
- Gosto especialmente delas fritas - disse Tina.
- *Calamaris fritos - disse Barnes. - Maravilhoso! Os meus preferidos.*
- *Eu também gosto delas fritas - disse Edmunds, a arquivista. Estava sentada de uma forma afêctada, muito erecta, a ingerir os alimentos com precisão. Norman reparou que ela pousava a faca entre as garfadas.*
- *Por que é que as lulas não foram fritas? - perguntou Norman.*
- *Não podemos fritar os alimentos aqui em baixo - esclareceu Barnes. - O óleo quente forma uma suspensão e cola-se aos filtros de ar. Mas salteadas ficam muito bem.*
- *Bom, quanto às lulas não sei, mas os camarões estão fantásticos! - disse Ted. - Não estão, Harry? - Ted e Harry estavam a comer camarões.*
- *Os camarões estão óptimos - disse Harry. - Deliciosos.*
- *Sabem como me sinto? - perguntou Norman. - Sinto-me como o capitão Nemo. Lembram-se, a viver debaixo de água?*
- *Vinte Mil Léguas Submarinas - disse Barnes.*
- *James Mason - disse Ted. - Lembram-se de como ele tocava órgão? Duh-duh-duh, da da da daaaaah da! Tocata e Fuga em ré menor, de Bach.*
- *É Kirk Douglas.*
- *Kirk Douglas estava óptimo.*
- *Recordam-se de quando ele lutou com a lula gigante?*
- *Foi uma cena bestial.*
- *Kirk Douglas tinha um machado, lembram-se?*
- *Sim, e cortou um dos braços da lula.*
- *Aquele filme - disse Harry - assustou-me como o diabo. Vi-o quando era miúdo e fiquei cheio de medo.*
- *A mim não me pareceu assustador - disse Ted.*
- *Tu eras mais velho - disse Harry.*
- *Não tão mais velho.*
- *Claro que eras. Para um miúdo, era aterrador. Provavelmente, é por isso que agora não gosto de lulas.*
- *Não gostas de lulas - disse Ted, porque elas parecem de borracha e são repelentes.*
- Barnes disse:
- *Foi esse filme que me levou a querer pertencer à Marinha.*
- *Posso imaginar - disse Ted. - Tão romântico e excitante. É uma visão real das maravilhas da ciência aplicada. Quem fazia o papel de professor no filme?*
- *O professor?*
- *Sim, lembram-se de que havia um professor?*

- Lembro-me vagamente de um professor. Um tipo velho.
- Norman? Lembras-te de quem era o professor?
- Não, não me lembro - respondeu Norman. Ted disse:
- Estás aí sentado a observar-nos, Norman?
- Que queres dizer com isso? - perguntou Norman.
- Estás a analisar-nos. A ver se estamos a descontrolar-nos.
- Sim - disse Norman, a sorrir. - Estou.
- Como é que estamos a portar-nos? - perguntou Ted.
- Eu diria que é altamente significativo um grupo de cientistas não conseguir lembrar-se de quem fez o papel de cientista num filme que todos adoraram.
- Bem, Kirk Douglas era o herói, é por isso. O cientista não era o herói.
- Franchot Tone? - perguntou Barnes. - Claude Rains?
- Não, não me parece. Fritz qualquer coisa?
- Fritz Weaver?

Ouviram uma crepitação e um assobio, e depois os sons de um órgão a tocar a Tocata e Fuga em ré menor.

- Lindo! - disse Ted. - Não sabia que tínhamos música aqui em baixo.

Edmunds voltou para a mesa.

- Há uma biblioteca musical, Ted.

- Não sei se é uma música adequada para o jantar - declarou Barnes.

- Eu gosto - disse Ted. - Agora, se ao menos tivéssemos salada de algas. Não é o que o capitão Nemo serviu?

- Talvez uma coisa mais leve? - sugeriu Barnes.

- Mais leve do que algas?

- Mais leve do que Bach.

- Como é que se chamava o submarino? - perguntou Ted.

- Era o Nautilus - disse Edmunds.

- Oh, isso mesmo, Nautilus.

- Também foi o nome do primeiro submarino atômico lançado à água em 1954 - disse ela. E sorriu abertamente para Ted.

- Verdade - disse Ted. - Verdade.

Norman pensou: "Encontrou a sua alma gêmea em trivialidades irrelevantes."

Edmunds aproximou-se da vigia e disse:

- Oh, mais visitantes.

- Que é agora? - perguntou Harry, erguendo os olhos rapidamente.

"Assustado?", pensou Norman. "Não, apenas rápido, maniaco. Interessado."

- São lindas! - estava Edmunds a dizer. - Uma espécie qualquer de pequenas medusas. A toda a volta do habitáculo. Devíamos filmá-las. Que é que pensa, Dr. A Fielding? Acha que devemos ir filmá-las?

- Acho que agora devíamos limitar-nos a comer, Jane - disse Ted, com alguma aspereza.

Edmunds parecia magoada, rejeitada. Norman pensou: "Tenho de vigiar aquela reacção." Ela virou-se para sair. Os outros olharam de relance para a vigia, mas ninguém se levantou da mesa.

- Alguma vez comeram medusas? - perguntou Beth. - Ouvi dizer que são um verdadeiro manjar dos deuses. - Algumas são venenosas - disse Beth. - Toxinas

nos tentáculos.

– Os chineses não comem medusas? - perguntou Harry.

– Sim - disse Tina. - E também fazem sopa. A minha avó costumava fazê-la em Honolulu.

– É de Honolulu?

– Mozart seria mais apropriado para jantar - disse Barnes. Ou Beethoven. Algo com cordas. Esta música de órgão é sombria.

– Dramática - disse Ted, a tocar teclas imaginárias no ar, ao compasso da música. A baloiçar o corpo como James Mason.

– Sombria - reafirmou Barnes. O intercomunicador soou.

– Oh, deviam ver isto - disse Edmunds, pelo intercomunicador. É maravilhoso!

– Onde é que ela está?

– Deve estar lá fora - disse Barnes. Dirigiu-se para a vigia.

– Parece neve cor-de-rosa! - exclamou Edmunds.

Levantaram-se todos e aproximaram-se das vigias.

Edmunds estava no exterior com a câmara de vídeo. Mal conseguiam vê-la através das nuvens densas de medusas. As medusas eram pequenas, do tamanho de um dedal, e de um tom delicado de cor-de-rosa. Na verdade, assemelhavam-se a uma queda de neve.

Algumas das medusas aproximaram-se bastante da vigia; eles puderam vê-las bem.

– Não têm tentáculos - disse Harry. - São apenas pequenos sacos pulsantes.

– E assim que se movem - disse Beth. - As contracções musculares expõem a água.

– Como as lulas - disse Ted.

– Não tão sofisticadas, mas é a ideia geral.

– São pegajosas - disse Edmunds pelo intercomunicador. Estão a colar-se ao meu fato.

– Aquele tom de cor-de-rosa é fantástico - afirmou Ted. - É como neve ao pôr do Sol.

– Muito poético.

– Também achei.

– Era de prever.

– E também estão a colar-se à minha viseira - disse Edmunds. Tenho de as arrancar. Deixam um rasto gorduroso...

Calou-se abruptamente, mas continuaram a ouvi-la respirar.

– Conseguem vê-la? - perguntou Ted.

– Não muito bem. Está ali, à esquerda. Pelo intercomunicador, Edmunds disse:

– Parecem estar quentes. Sinto calor nos meus braços e nas minhas pernas.

– Não está certo - disse Barnes. Voltou-se para Tina. - Diga-lhe para sair dali.

Tina correu para fora do cilindro, para a consola de comunicações.

Norman já quase não conseguia ver Edmunds. Estava vagamente consciente de uma sombra escura, braços a movimentarem-se, agitados...

Pelo intercomunicador, ela disse:

– A gordura da viseira... não sai... elas parecem estar a corroer o plástico... e os meus braços... o tecido está...

A voz de Tina disse:

– Jane. Jane, sai daí.

– Imediatamente - gritou Barnes. - Diga-lhe para sair dali imediatamente!

A respiração de Edmunds ouvia-se em arquejos entrecortados.

– Os rastros... não consigo ver muito bem... sinto... dói... os meus braços estão a arder... dói... eles estão a comer o meu...

– Jane. Volta. Estás a ouvir? Jane.

– Ela caiu - disse Harry. - Olhem, estão a vê-la deitada...

– ... Temos de a salvar! - disse Ted, e levantou-se de um salto.

– Ninguém se mexe - disse Barnes.

– Mas ela...

– ... mais ninguém vai sair daqui, cavalheiro.

A respiração de Edmunds era rápida. Tossiu, engasgou-se.

– Não consigo... não consigo... Oh, meu Deus... Edmunds começou a gritar.

O grito foi estridente e contínuo, somente interrompido pela respiração entrecortada. Já não a conseguiam ver no meio dos aglomerados de medusas.

Olharam uns para os outros, para Barnes. O rosto de Barnes estava rígido, a mandíbula cerrada, a escutar os gritos.

E depois, abruptamente, fez-se silêncio.

AS MENSAGENS SEGUINTES

Uma hora depois, as medusas desapareceram tão misteriosamente como tinham chegado. Viram o corpo de Edmunds do lado de fora do habitáculo, estendido no chão, a baloiçar para trás e para a frente, suavemente, ao sabor da corrente. Havia pequenos buracos denteados no tecido do fato.

Espreitaram pelas vigias quando Barnes e a chefe dos contramestres, Teeny Fletcher, atravessaram o fundo para as luzes fortes dos projectores, transportando bilhas de ar sobressalentes. Ergueram o corpo de Edmunds; a cabeça protegida pelo capacete caiu, solta, para trás, e revelou a viseira de plástico estriada, baça com o reflexo da luz.

Ninguém falou. Norman reparou que até mesmo Harry tinha perdido a disposição maníaca; sentou-se, imóvel, a olhar pela janela.

Lá fora, Barnes e Fletcher continuavam a segurar o corpo. Viu-se um grande amontoado de bolhas prateadas, que subiram rapidamente para a superfície.

– *Que é que eles estão a fazer?*

– *A insuflar o fato dela.*

– *Porquê? Não vão trazê-la para dentro?* - perguntou Ted.

– *Não podem* - disse Tina. - *Não há sítio para a colocar aqui dentro. Os subprodutos da decomposição arruinariam o nosso ar.*

– *Mas deve haver uma espécie de contentor selado...*

– *... Não há* - disse Tina. - *Não há nenhum mecanismo para manter restos orgânicos no habitáculo.*

– *Quer dizer que não previram a hipótese de alguém morrer?*

– *Isso mesmo. Não previram.*

Agora viam-se muitos fios finos de bolhas a sair dos buracos do fato, em direcção à superfície. O fato de Edmunds estava enfunado, inchado. Barnes soltou-o e ele flutuou lentamente para longe, enquanto era impulsionado para cima pela torrente de bolhas prateadas.

– *Vai para a superfície?*

– *Sim. O gás expande-se continuamente à medida que a pressão exterior diminui.*

– *E que acontece depois?*

– *Tubarões* - disse Beth. - *Provavelmente.*

Alguns momentos depois, o corpo desapareceu na escuridão, para além do alcance das luzes. Barnes e Fletcher continuaram a olhar para o corpo, com os capacetes erguidos para a superfície. Fletcher fez o sinal da cruz. Em seguida, voltaram para o habitáculo.

Uma campainha soou algures no interior. Tina foi para o Cilindro D. Momentos depois, gritou:

– *Dr. Adams! Mais números!*

Harry levantou-se e dirigiu-se para o cilindro adjacente. Os outros seguiram atrás dele. Ninguém queria continuar a olhar pela vigia.

10000

100CHXHOO 1101110111110-11 10110

10000-11110-10010-100101-101011010-100-

101011101 - - - - 10010

110 - - - - 100010010000-100101-10101-
 10000-11110 11110 10101
 10010 - 11110 - 110 10000-11110-100)0-
 1001011000 - - - 11101 - - 10000
 1000 - - - 10000 - 10010 - 10000041010-
 11001 - - 1010 - - - 1101 - - - - 11010 11110
 10101 - - 10101 - - 1000 - - - 11 - - - - - 00
 - - - - - 11001 - - 11010 - 1010 - - - 11 - - -
 - - - - 1000
 10000010010 - 10101 - - 11010 - 11 10101 - -
 100 - - - - 11010 - 100000100
 11101 - - 10110 - 10000011101-11110-
 110110101 - - 100 - - - - 11010 - 10000
 11 - - - - - 11 - - - - - 1110111
 11110-101 10010-10110 - 11001 - - 100101
 10101
 1001
 11101
 11
 11010 1010
 100 11010
 1 1
 -0101 100
 1101 10000
 11010 11110
 11 1000
 100000100
 11010 - 10000
 11110 - 11110-11011101100 10000041
 101 10010-10110-100 11010-101011
 11001
 100101
 10101-11001 - - 10101
 -10010-10110-100 11010-

Norman olhou para o ecrã, completamente intrigado. Mas Harry bateu as mãos, deliciado.

- Excelente - disse Harry. - Isto é extremamente útil. -É?
- Claro. Agora tenho mais uma hipótese de luta.
- Queres dizer, decifrar o código?
- Sim, claro.
- Porquê?
- Lembras-te da sequência original de números? É a mesma sequência.
- É?
- Claro - disse Harry. - Só que está em binário.
- Binário - disse Ted, a acotovelar Norman. - Eu não te disse que o binário era

importante?

– O que é importante - declarou Harry - é que isto estabelece os códigos individuais das letras da sequência original.

– Aqui está uma cópia da sequência original - disse Tina, e entregou-lhes uma folha.

000321 25252632 032629 301321 04261037 18 3016

0618082132 29033005 1822 04261013 0830162137 1604

08301621 1822 033013130432

– Muito bem - disse Harry. - Agora podes ver o meu problema imediatamente. Olha para a palavra: oh-oh-oh-três-dois-um, etc. O problema é, como é que separo aquela palavra em letras individuais? Não conseguia decidir, mas agora sei.

– Como?

– Bem, obviamente, é três, vinte e um, vinte e cinco, vinte e cinco...

Norman não compreendeu.

– Mas como é que sabes isso?

– Vê - disse Harry, impacientemente. - É muito simples, Norman. É uma espiral, que se lê do interior para o exterior. Está apenas a dar-nos os números em...

Abruptamente, o ecrã mudou de novo.

32-04-191330-0322

16-3018371026-04-2113

06 - - 08-0416-37-2116-30 30

1

18

30

0616301837

08

29

16

1

1

08

16

21

08

32-2623

03 - - 00 - - 23

26

Y

10

1°

03

T

08

1

1

32
18
21
26
0321
"f
f
f
ƒ
29
22
32
29-301321
04
26
16
l
l
l
l
l
l
T
T
29-03-30-051822
T
Y
30
301313-04-32-03-2125
21
081822-04-26101308-3016

- *Aí está, agora está mais claro para ti? Norman franziu o sobrolho.*
- *Vê, é precisamente o mesmo - disse Harry. - Vês? Do centro para fora? Oh-oh três-vinte e um-vinte e cinco-vinte e cinco... Esboçou um movimento em espiral em direcção ao exterior, a partir do centro.*
- *Ele?*
- *Talvez tenha pena do que aconteceu a Edmunds - disse Harry.*
- *Por que é que dizes isso? - perguntou Norman, a olhar para Harry com curiosidade.*
- *Porque é óbvio que está a esforçar-se muito para comunicar connosco - afirmou Harry. - Está a experimentar várias coisas diferentes.*
- *Quem é ele?*
- *Ele - disse Harry - pode não ser um quem. O ecrã ficou vazio e apareceu outro padrão.*

Rpl'a *a - - - - **!i i s al^A* - - - - ÍÍJ
\$%Hlw£?^2"

ViS^88^

v^fc l'''

x&% K*''-

^£*o - - ^S2s^00(L ^ J*SJ* 'w'' * ^fc i^Ls^za)

**

– Ótimo - disse Harry. -

– De onde é que isto vem?

– Obviamente, da nave.

– Isto é muito bom.

– Mas nós não estamos ligados à nave. Como é que ela está a conseguir ligar o nosso computador e imprimir isto?

– Não sabemos.

– Bem, e não deveríamos saber? - perguntou Beth.

– Não, necessariamente - disse Ted.

– Não deveríamos tentar saber?

– Não, necessariamente. Sabes, se a tecnologia for suficientemente avançada, ao observador ingénuo parece magia. Não há dúvida nenhuma em relação a isso. Por exemplo, vejamos um cientista famoso do nosso passado... Aristóteles, Leonardo da Vinci, até mesmo Isaac Newton. Se alguém lhe mostrasse um televisor Sony a cores, ele fugiria a gritar; a gritar que era bruxaria. Não compreenderia absolutamente nada.

– Mas o que interessa - disse Ted - é que também não lhe conseguiste explicar. Pelo menos, não de uma maneira fácil. Isaac Newton não conseguiria compreender a televisão sem estudar primeiro a nossa física durante alguns anos. Teria de aprender todos os conceitos subjacentes: electromagnetismo, ondas, física das partículas. Todas estas ideias seriam novas para ele, uma concepção nova da natureza. Entretanto, para ele, a TV seria mágica. Mas para nós é banal. É a TV.

– Estás a dizer que nós somos como Isaac Newton? Ted encolheu os ombros.

– Estamos a receber uma comunicação e não sabemos como se processa.

– E não devemos preocupar-nos a descobrir.

– Acho que temos de aceitar a possibilidade - declarou Ted de que talvez não consigamos compreendê-la.

Norman reparou na energia com que se tinham embrenhado nesta discussão, esquecendo a tragédia que haviam testemunhado tão recentemente. "São intelectuais", pensou ele, "e a defesa característica é a intelectualização. Conversa. Ideias. Abstracções. Conceitos." Era uma forma de criar distância dos sentimentos de tristeza e medo e de estarem presos. Norman entendeu o impulso: ele próprio também queria fugir daqueles sentimentos.

Harry franziu o sobrolho enquanto olhava para a imagem em espiral.

– Podemos não compreendê-la agora, mas é óbvio o que ela está a fazer. Está a tentar comunicar, elaborando apresentações diferentes. O facto de estar a tentar fazer espirais é significativo. Talvez acredite que pensamos em espirais. Ou escrevemos em espirais.

– Certo - disse Beth. - Quem sabe que espécie de criaturas estranhas nós somos?

Ted disse:

– *Se está a tentar comunicar connosco, por que não estamos nós a tentar comunicar também?*

Harry estalou os dedos.

– *Boa ideia! Dirigiu-se para o teclado.*

– *Há um primeiro passo óbvio - disse Harry. - Reenviamos a mensagem original. Vamos começar com o primeiro agrupamento e iniciamos com os zeros duplos.*

– *Quero deixar bem claro - disse Ted - que a sugestão de tentar comunicar com o extraterrestre partiu de mim.*

– *Está claro - replicou Barnes.*

– *Harry? - disse Ted.*

– *Sim, Ted - disse Harry. - Não te preocupes, a ideia é tua. Sentado ao teclado, Harry introduziu:*

00032125252632

Os números apareceram no ecrã. Seguiu-se uma pausa. Escutaram o zumbido das ventoinhas, o ruído distante do gerador a gásóleo. Depois, observaram o ecrã.

Não aconteceu nada.

O ecrã ficou vazio e depois apareceu:

0001132121051808012232

Norman sentiu os cabelos arrepiarem-se na nuca.

Era apenas uma série de números num ecrã de computador, mas, mesmo assim, provocou-lhe um arrepio. De pé ao lado dele, Tina estremeceu.

Ele respondeu-nos.

– *Fabuloso! - disse Ted.*

– *Vou experimentar agora o segundo agrupamento - disse Harry. Parecia calmo, mas os dedos não paravam de cometer erros no teclado. Levou alguns momentos antes de conseguir escrever:*

0322629

A resposta foi imediata:

0015260805180810213

– *Bem - disse Harry, parece que acabámos de abrir a nossa linha de comunicação.*

– *Sim - disse Beth. - É uma pena não compreendermos o que estamos a dizer uns aos outros.*

– *Presumivelmente, ele sabe o que está a dizer - afirmou Ted. Mas nós continuamos às escuras.*

– *Talvez consigamos que ele se explique. Impacientemente, Barnes disse:*

– *Quem é este ele a que vocês não param de se referir? Harry suspirou e empurrou os óculos para cima no nariz.*

– *Creio que não nos restam dúvidas acerca disso. Ele - disse - é alguma coisa que estava anteriormente dentro da esfera e que foi agora libertado, e está livre para agir. É o que ele é.*

O MONSTRO

ALARME

Norman acordou com um alarme estridente e luzes vermelhas a piscar. Rolou para fora do beliche, enfiou os sapatos insuflados e o blusão aquecido, e correu para a porta, onde colidiu com Beth. O alarme estava a ecoar por todo o habitáculo.

– Que é que estará a acontecer! - gritou, por cima do alarme.

– Não sei!

O rosto dela estava pálido, assustado. Norman passou-lhe à frente. No Cilindro B, no meio dos canos e das consolas, piscava um sinal intermitente: "EMERGÊNCIA DE SUPORTE DE VIDA". Procurou Teeny Fletcher, mas a grande engenheira não se encontrava no aposento.

Voltou rapidamente para o Cilindro C e passou de novo por Beth.

– Sabes? - gritou Beth.

– É o suporte de vida! Onde está a Fletcher? Onde está Barnes?

– Não sei! Ando à procura!

– Não há ninguém no B! - gritou ele, e subiu velozmente os degraus para o Cilindro D. Tina e Fletcher estavam lá, a trabalhar atrás das consolas de computadores. Os painéis traseiros estavam saídos e viam-se fios, fileiras de chips. As luzes do aposento estavam a piscar em tons de vermelho.

Todos os ecrãs emitiam "EMERGÊNCIA - SISTEMAS DE SUPORTE DE VIDA".

– *Que se passa?* - gritou Norman. Fletcher acenou uma mão, a pedir-lhe silêncio. Digam-me!

Voltou-se e viu Harry, sentado no canto, perto do sector de vídeo de Edmunds, como um morto-vivo, com um lápis e um bloco de apontamentos no joelho. Parecia totalmente indiferente às sirenes, às luzes que lhe incidiam no rosto.

– Harry!

Harry não reagiu; Norman voltou-se de novo para as duas mulheres.

– *Por amor de Deus, querem dizer-me o que se passa?* - gritou Norman.

E depois as sirenes pararam. Os ecrãs ficaram vazios. O silêncio era total, com excepção de música clássica muito suave.

– *Desculpem o que aconteceu* - disse Tina.

– *Foi falso alarme* - declarou Fletcher.

– *Jesus Cristo!* - disse Norman, e deixou-se cair numa cadeira. Respirou fundo.

– *Estava a dormir?*

Ele acenou afirmativamente.

– *Desculpe. Disparou sozinho.*

– *Jesus Cristo!*

– *Da próxima vez que acontecer, pode verificar a sua placa* disse Fletcher, *a apontar para a placa que tinha no seu próprio peito. É a primeira coisa a fazer. Como vê, agora todas as placas estão normais.*

– *Jesus Cristo.*

– *Calma, Norman* - disse Harry. - *Quando o psicanalista fica maluco é mau sinal.*

– *Eu sou psicólogo.*

– *Ou isso. Tina disse:*

– O alarme do nosso computador tem muitos sensores periféricos, Dr. Johnson. Às vezes dispara. Não podemos fazer muito para evitar que aconteça.

Norman assentiu, entrou no Cilindro E e dirigiu-se para a cozinha. Levy tinha feito bolo de morango para o almoço e ninguém o comera por causa do acidente com Edmunds. Tinha a certeza de que ainda estaria ali, mas quando não conseguiu encontrá-lo sentiu-se frustrado. Abriu portas de armários, fechou-as bruscamente. Deu um pontapé na porta do frigorífico.

"Tem calma", pensou. "Foi só um falso alarme."

Mas não conseguia ultrapassar a sensação de que estava preso, trancado dentro de um maldito pulmão de ferro invulgarmente grande, enquanto tudo se desmoronava à sua volta. O pior momento começara na reunião de Barnes, depois de ele ter mandado o corpo de Edmunds para a superfície.

Barnes tinha decidido que chegara o momento de fazer um pequeno discurso. De fazer um pouco de conversa animadora.

– Sei que estão todos perturbados com o que aconteceu com a Edmunds - começara, mas o que lhe aconteceu foi um acidente. Talvez ela tenha cometido um erro de julgamento ao sair para o meio das medusas. Talvez não. O facto é que, mesmo nas melhores circunstâncias, acontecem acidentes, e o mar profundo é um ambiente especialmente implacável.

A escutá-lo, Norman pensou: "Ele está a escrever o relatório. A explicar aos superiores o que sucedeu."

– Agora - estava Barnes a dizer, peço-vos que fiquem todos calmos. Já passaram dezasseis horas desde que a tempestade atingiu a superfície. Acabámos de enviar um balão com censor para a superfície. Antes de conseguirmos fazer as leituras, o cabo partiu-se, o que sugere que as ondas da superfície continuam com dez metros ou mais, e a tempestade continua com grande intensidade. As estimativas do satélite meteorológico apontavam para uma tempestade de sessenta horas neste local, por isso, ainda temos de passar dois dias inteiros aqui em baixo. E não podemos fazer nada para mudar isso. Só temos de permanecer calmos. Não se esqueçam de que, quando subirmos, não poderão abrir a escotilha e começar a respirar. Terão de passar mais quatro dias a descomprimir numa câmara hiperbárica na superfície.

Era a primeira vez que Norman ouvia falar em descompressão de superfície. Então, depois de saírem deste pulmão de ferro, teriam de se sentar noutra pulmão de ferro durante mais quatro dias?

– Pensei que sabiam - tinha dito Barnes. É procedimento-padrão para os ambientes saturados. Podem ficar aqui em baixo o tempo que quiserem, mas, quando voltarem, têm um período de quatro dias de descompressão. E podem acreditar que este habitáculo é muito mais agradável do que a câmara de descompressão. Por isso, aproveitem isto enquanto podem.

"Aproveitem isto enquanto podem", pensou ele. "Jesus Cristo." O bolo de morango ajudaria. Afinal de contas, onde diabo se tinha metido Levy?

Voltou para o Cilindro C.

– Onde está a Levy?

– Não faço ideia - respondeu Tina. - Algures por aí. Talvez a dormir.

– Ninguém poderia ficar a dormir com aquele alarme - disse Norman.

- Já experimentou a cozinha?
- Acabo de vir de lá. Onde está Barnes?
- Voltou para a nave com Ted. Estão a colocar mais sensores em volta da esfera.
- Eu disse-lhes que era uma perda de tempo - declarou Harry.
- Então, ninguém sabe onde está a Levy? - inquiriu Norman. Fletcher parou de aparafusar os painéis dos computadores no sítio.
- Doutor - disse ela, o senhor é uma daquelas pessoas que precisa de saber onde está toda a gente?
- Não - disse Norman. - É claro que não.
- Então, qual é o problema em relação à Levy, sir?
- Só queria saber onde está o bolo de morango.
- Já acabou - disse Fletcher imediatamente. - O comandante e eu voltámos do funeral e sentámo-nos e comemos o bolo todo, sem mais nem menos. - Abanou a cabeça.

- Talvez a Rose faça mais - disse Harry.

Encontrou Beth no laboratório, no nível mais alto do Cilindro D. Entrou no preciso momento em que ela tomava um comprimido.

- Que era aquilo?

- Valium. Meu Deus!

- Onde é que o arranjaste?

- Escuta - disse ela, não quero conversa de psicanalista acerca do assunto...

- ... Só estava a perguntar.

Beth apontou para uma caixa branca encaixada na parede, num canto do laboratório.

- Existe um estojo de primeiros-socorros em todos os cilindros. E são muito completos.

Norman dirigiu-se para a caixa e abriu a tampa. Havia compartimentos com medicamentos, seringas, ligaduras. Beth tinha razão, estava muito completo - antibióticos, sedativos, calmantes, até anestésicos cirúrgicos. Não reconheceu todos os nomes nos frascos, mas as drogas psicoactivas eram fortes.

- Podia-se fazer uma guerra com as coisas que há neste estojo.

- Pois, sim. A Marinha.

- Aqui há tudo o que é necessário para fazer uma grande cirurgia. Norman reparou num cartão dentro da caixa. Dizia "MEDAID CÓDIGO 103". - Fazes alguma ideia do significado disto?

Ela acenou afirmativamente.

- É um código de computador. Fui ver o que era. -E?

- A notícia - disse ela - não é boa.

- A sério? - Sentou-se ao terminal na sala dela e premiu 103. No ecrã apareceu:

AMBIENTE HIPERBÓRICO SATURADO COMPLICAÇÕES
MÉDICAS (GRAVES-FATAIS)

1.01 Embolia pulmonar.

1.02 Síndrome nervosa de pressão alta.

1.03 Necrose óssea asséptica.

1.04 Toxicidade de oxigénio.

1.05 Síndrome de tensão térmica.

1.06 Infecção de pseudomonas disseminadas.

1.07 Enfarte cerebral.

Escolher um

– Não escolhas um - disse Beth. - Ler os pormenores só vai perturbar-te. Deixa as coisas como estão... estamos num ambiente muito perigoso. Barnes não se deu ao trabalho de nos dar todos os pormenores escabrosos. Sabes por que é que a Marinha tem aquela regra sobre retirar as pessoas dentro das primeiras setenta e duas horas? Porque depois de setenta e duas horas aumenta o risco de uma coisa chamada "necrose óssea asséptica". Ninguém sabe porquê, mas o ambiente pressurizado provoca a destruição dos ossos na perna e na anca. E sabes por que é que este habitáculo se ajusta constantemente quando passamos por ele? Não é por ser inteligente e muito avançado tecnologicamente. É porque a atmosfera de hélio torna o controlo do calor corporal muito volátil. Uma pessoa pode ficar quente de mais com muita rapidez ou igualmente gelada. Fatalmente. Pode acontecer tão depressa que a pessoa só se apercebe quando é tarde de mais e cai morta. E a "síndrome nervosa de pressão alta"... são as convulsões súbitas, paralisia e morte, se o nível de dióxido de carbono existente na atmosfera descer de mais. É para isso que servem as placas, para verificar se temos CO2 suficiente no ar. É o único motivo por que temos as placas. Giro, não achas?

Norman desligou o monitor e recostou-se para trás na cadeira.

– Bem, estou sempre a voltar ao mesmo ponto... Agora não podemos fazer grande coisa em relação a isso.

– É precisamente o que o Barnes disse. - Beth começou a empurrar equipamento na sua bancada, nervosamente. A arrumar as coisas.

– É uma pena não termos uma amostra daquelas medusas disse Norman.

– Sim, mas para dizer a verdade não sei que vantagens nos trariam. - Franziu o sobrolho, mexeu novamente nos papéis que estavam em cima da bancada. - Não estou a pensar com muita clareza aqui em baixo, Norman.

– Porquê?

– Depois do, acidente, voltei para aqui para ler os meus apontamentos, para rever as coisas. E verifiquei os camarões. Lembras-te de que te disse que eles não tinham estômago? Bom, mas têm. Eu fiz uma dissecação mal feita, fora do plano sagital intermédio. Falhei todas as estruturas da linha intermédia. Mas não restam dúvidas de que estão ali; os camarões são normais. E as lulas? Acontece que a lula que dissequei era um pouco anómala. Tinha uma guelra atrofica, mas tinha guelra. E as outras lulas são perfeitamente normais. Exactamente aquilo que seria de esperar. Enganei-me, fui demasiado apressada. E isso incomoda-me.

– Foi por isso que tomaste o Valium? Ela acenou afirmativamente.

– Detesto ser trapalhona.

– Ninguém está a criticar-te.

– Se Harry ou Ted revissem o meu trabalho e descobrissem que eu cometi estes erros estúpidos...

– Qual é o mal de um erro?

– Até posso ouvi-los: é típico das mulheres, não são suficientemente cuidadosas, estão ansiosas de mais para fazer uma descoberta, para tentarem afirmar-se, tiram conclusões precipitadas. É típico das mulheres.

– Ninguém está a criticar-te, Beth.

– Eu estou.

– Mais ninguém - disse Norman. - Acho que devias descansar. Ela olhou para a bancada do laboratório. Por fim, disse:

– Não posso.

– Ele moveu-se com algo na forma como ela disse aquilo.

– Compreendo - disse Norman, e foi inundado por uma recordação. - Sabes, quando era miúdo, fui para a praia com o meu irmão mais novo, o Tini. Já morreu, mas na altura tinha aproximadamente 6 anos. Ainda não sabia nadar. A minha mãe mandou-me vigiá-lo com cuidado, mas, quando cheguei à praia, estavam lá os meus amigos todos a fazer body-surf. Eu não queria ser empecilhado pelo meu irmão. Foi difícil, porque ele queria estar no meio da rebentação e tinha de ficar perto da margem.

"De qualquer maneira, a meio da tarde, ele sai da água aos berros, completamente histérico. E agarrado ao lado direito. Aconteceu que tinha sido picado por uma espécie qualquer de medusa. O animal ainda estava agarrado a ele. Depois desmaiou na praia. Uma das mães correu para o Tini e levou-o para o hospital, antes mesmo de eu conseguir sair da água. Eu não sabia para onde é que ele tinha ido. Mais tarde, fui para o hospital. A minha mãe já lá estava. Tini estava em estado de choque; penso que deve ter sido uma dose demasiado forte para o seu pequeno corpo. De qualquer maneira, ninguém me culpou. Mesmo que eu estivesse sentado na areia, a vigiá-lo como um falcão, ainda assim, ele teria sido picado. Mas eu não tinha estado ali sentado e culpei-me durante anos, muito depois de ele estar óptimo. De cada vez que via as cicatrizes na parte lateral do corpo, sentia-me terrivelmente culpado. Mas é uma coisa que se ultrapassa.

– Não somos responsáveis por tudo o que se passa no mundo. Não somos.

Fez-se silêncio. Algures no habitáculo ouviu um batimento abafado e ritmado, uma espécie de murros. E o sempre presente zumbido dos ventiladores de ar.

Beth estava a olhar para ele.

– Deve ter sido duro para ti ver a Edmunds morrer.

– É engraçado - disse Norman. - Nunca fiz a ligação até este momento.

– Bloqueaste, creio. Queres um Valium? Ele sorriu.

– Não.

– Parecia que ias chorar.

– Não. Estou bem. - Levantou-se, esticou-se. Dirigiu-se para a caixa de primeiros-socorros e fechou a tampa branca. Voltou.

Beth disse:

– Que pensas sobre as mensagens que estamos a receber?

– Não consigo perceber - disse Norman. Sentou-se de novo. Na verdade, tive um pensamento louco. Achas que as mensagens e estes animais que estamos a ver estão relacionados?

– Porquê?

– Nunca tinha pensado nisso até começarmos a receber mensagens em espiral. Harry diz que é porque a coisa... a famosa coisa... acredita que falamos em espirais. Mas o mais provável é que a coisa pense em espirais e por isso presume que nós também pensamos da mesma forma. A esfera é redonda, não é? E temos

estado a ver todos estes animais radialmente simétricos. Medusas, lulas.

– Uma ideia interessante - disse Beth, a não ser pelo facto de aquelas lulas não serem radialmente simétricas. E, tal como um polvo, as lulas têm um círculo redondo de tentáculos, mas as lulas são bilateralmente simétricas, com um lado esquerdo e direito iguais, tal como nós. E depois há os camarões.

– É verdade, os camarões. - Norman tinha-se esquecido dos camarões.

– Não consigo ver uma relação entre a esfera e os animais disse Beth.

Ouviram novamente os murros, suaves, ritmados. Sentado na cadeira, Norman apercebeu-se de que conseguia sentir as pancadas e também um ligeiro impacte.

– A propósito, o que é aquilo?

– Não sei. São sons que parecem vir do exterior.

Ele tinha começado a aproximar-se da vigia quando o comunicador soou e ouviu Barnes dizer:

– Atenção, todo o pessoal às comunicações. Todo o pessoal às comunicações. O Dr. Adams decifrou o código.

Harry não quis dizer-lhes a mensagem imediatamente. A saborear o seu triunfo, insistiu em analisar o processo de descodificação, passo a passo. Primeiro, explicou, tinha pensado que as mensagens poderiam expressar alguma constante universal, ou alguma lei física, declarada como uma forma de iniciar a conversação.

– Mas - declarou Harry - também poderia ser uma representação gráfica de alguma espécie... um código para uma imagem... o que apresentava problemas enormes. Afinal de contas, o que é uma imagem? Nós fazemos imagens num plano direito, como uma folha de papel. Determinamos posições dentro de uma imagem através do que chamamos eixos X e Y. Verticais e horizontais. Mas outra inteligência poderia ver imagens e organizá-las de uma forma muito diferente. Poderia assumir mais de três dimensões. Ou poderia trabalhar a partir do centro da imagem para o exterior, por exemplo. Se assim fosse, o código seria muito complexo. No começo, não fiz progressos significativos.

Mais tarde, depois de receber a mesma mensagem com espaços entre as seqüências de números, Harry tinha começado a suspeitar de que o código representava sectores discretos de informação sugerindo palavras, não imagens.

Ora, os códigos de palavras são de diversos tipos, desde os simples até aos complexos. Não havia forma de saber de imediato qual fora o método de codificação utilizado. Mas depois tive uma inspiração súbita.

Eles esperaram, impacientemente, que ele os elucidasse sobre a inspiração.

– Porquê usar um código? - perguntou Harry.

– Porquê usar um código? - disse Norman.

– Claro. Se uma pessoa está a tentar comunicar com alguém, não usa um código. Os códigos são formas de esconder a comunicação. Então, talvez esta inteligência pense que está a comunicar directamente, mas na verdade está a cometer um erro lógico qualquer ao falar connosco. Está a elaborar um código sem jamais ter essa intenção. Isso sugeriu que o código involuntário era provavelmente um código de substituição, com números ao invés de letras. Quando percebi as quebras de palavras, comecei a tentar relacionar números com letras através de análise de frequência. Na análise de frequência, decifram-se os códigos, usando o facto de

que a letra mais comum na nossa língua é o "e", e a segunda letra mais comum é o "t", etc. Por isso, procurei os números mais comuns. Mas fui impedido pelo facto de até mesmo uma sequência numérica curta, como dois-três-dois, poder representar muitas possibilidades de código: dois e três e dois, vinte e três e dois, dois e trinta e dois, ou duzentos e trinta e dois. Sequências de códigos mais compridas tinham muitas mais possibilidades.

– Depois, disse ele, estava sentado diante do computador a pensar nas mensagens em espiral e olhara subitamente para o teclado.

– Comecei a perguntar a mim mesmo o que é que uma inteligência extraterrestre acharia do nosso teclado, aquelas filas de símbolos num aparelho, criadas para serem premidas. Como deve parecer estranho a outra espécie de criatura! Reparem - disse ele. As letras num teclado normal estão assim. - Ergueu o bloco de apontamentos.

1
2
3
4
5
6
7
8
9
0
1.a fila
Q
w
E
R
T
Y
U
I
O
p
2.a fila
A
S
D
F
G
H
J
K
L
>
últ. fila

Z
X
C
V
B
N
M
>
?

"E depois imaginei como o teclado ficaria sob a forma de espiral, uma vez que a nossa criatura parece preferir espirais. E comecei a enumerar as teclas em círculos concêntricos.

"Fiz uma pequena experiência, pois as teclas não se alinham com exactidão, mas por fim acertei - disse ele. - Reparem: os números partem em espiral desde o centro. O G é um, o B é dois, o H é três, o Y é quatro, etc. Vêem? É assim. - Escreveu rapidamente números a lápis.

12 ----- 3 ----- 4 5 6 12 7 11 8 ----- 9
1.a fila ---- Q ---- W ----- E R I 3 T 5 Y 4 U 10 I ----- O
2.afila ---- A ----- S D 14 F 6 G I H 3 J 9 K L
3.afila ---- Z ---- X C 15 V 7 B 2 N 8 M , ----- .
O P

"Continuam a sair em espiral para fora... o M é o dezasseis, o K é o dezassete, etc. Por isso, finalmente, compreendi a mensagem.

- Qual é a mensagem, Harry? Harry hesitou.

- Tenho de vos dizer que é estranha.

- Estranha, como?

Harry rasgou outra folha do boco de apontamentos amarelo e entregou-a para que a vissem. Norman leu a curta mensagem, escrita em letras de imprensa:

OLÁ. COMO ESTÃO? EU ESTOU BEM. COMO É QUE SE CHAMAM? EU CHAMO-ME JERRY.

A PRIMEIRA TROCA

- Bem - disse Ted, por fim. - Eu não estava à espera de *nada disto*.
- Parece infantil - disse Beth. - *É como uma coisa tirada de livros infantis antigos.*
- *É exactamente o que parece.*
- Talvez tenha traduzido mal - disse Barnes.
- *É claro que não!* - exclamou Harry.
- Bem, este extraterrestre deve ser um idiota - declarou Barnes.
- Duvido muito que seja - afirmou Ted.
- Mas devia duvidar - disse Barnes. - *Um extraterrestre estúpido destruiria toda a sua teoria. Mas é algo que devemos considerar; não é? Um extraterrestre estúpido. Devem haver alguns assim.*
- Duvido - retorquiu Ted - *de que alguém no comando de uma tecnologia tão sofisticada como aquela esfera seja estúpido.*
- Então, nunca reparou em todos os papalvos que conduzem carros para casa - disse Barnes. - *Jesus, depois de todo este esforço: "Como estás? Estou bom." Jesus!*

Norman disse:

- Não me parece que esta mensagem implique falta de inteligência, Hal.
- Pelo contrário - disse Harry. - *Estou convencido de que a mensagem é muito inteligente.*
- Estou a escutar - disse Barnes.
- O conteúdo parece infantil - disse Harry. - *Mas quando se pensa nisso, é altamente ilógica. Uma mensagem simples e não ambígua, amistosa e não assustadora. Faz muito sentido enviar uma mensagem dessas. Acho que ele está a aproximar-se de nós da mesma forma simples como nos aproximaríamos de um cão. Sabem, estender a mão, deixá-lo cheirar, deixá-lo habituar-se.*
- Está a dizer que ele nos trata como cães? - disse Barnes. Norman pensou: *"Barnes está descontrolado. Está irritável porque está assustado; sente-se inadequado. Ou talvez sinta que está a exceder a sua autoridade."*
- Não, Hal - disse Ted. - *Ele está apenas a começar num nível simples.*
- Bem, é simples, não há dúvida - afirmou Barnes. - *Jesus Cristo, estamos a contactar com um extraterrestre do espaço exterior, que diz que se chama Jerry.*
- Não vamos tirar conclusões precipitadas, Hal.
- Talvez tenha um apelido - disse Barnes, esperançado. *Isto é, o meu relatório para o CincComPac vai dizer que uma pessoa morreu numa expedição a grande profundidade para conhecer um extraterrestre chamado Jerry? Podia soar melhor. Tudo menos Jerry disse Barnes. - Podemos perguntar-lhe?*
- Perguntar-lhe o quê? - disse Harry.
- O nome completo.

Ted disse:

- Pessoalmente, sinto que devíamos ter conversas muito mais substantivas...
 - ... gostaria de saber o nome todo - disse Barnes. - *Para o relatório.*
 - Certo - afirmou Ted. - *Nome completo, patente e número de série.*
 - Gostaria de lhe lembrar, Dr. Fielding, que quem manda aqui sou eu.
- Harry disse:
- *A primeira coisa que temos de fazer é ver se ele fala. Vamos dar-lhe o primeiro*

agrupamento de números.

Escreveu:

000312125252632

Seguiu-se uma pausa, e depois veio a resposta:

000312125252632

– Muito bem - disse Harry. - Jerry está a escutar.

Tomou algumas notas no bloco de apontamentos e inseriu outro grupo de números:

0002921 301321 0613182108142232

– Que disseste? - perguntou Beth.

"Nós somos amigos" - disse Harry.

– Esqueça os amigos. Pergunte-lhe o raio do nome dele - disse Barnes.

– Só um momento. Uma coisa de cada vez.

Ted disse:

– Ele pode não ter um último nome, sabe?

– Pode ter a certeza - disse Barnes - de que o nome verdadeiro dele não é Jerry.

A resposta voltou:

0004212232

– Ele disse, "Sim".

– Sim, o quê? - inquiriu Barnes.

– Apenas "sim". Vejamos se conseguimos fazê-lo passar para letras. Será mais fácil para nós se ele usar letras e não os seus códigos de números.

– Como é que vais conseguir que ele use letras?

– Vamos mostrar-lhe que são a mesma coisa - replicou Harry. Escreveu:

00032125252632 = OLÁ.

Após uma curta pausa, o ecrã piscou:

00032125252632 = OLÁ.

– Ele não percebe - disse Ted.

– Parece que não. Vamos experimentar outro grupo. Inseriu:

0004212232 = SIM.

– Decididamente, ele não está a perceber - disse Ted.

– Pensei que ele era espertíssimo - retorquiu Barnes.

– Temos de lhe dar uma oportunidade - disse Ted. - Afinal de contas, ele está a falar a nossa língua e não o contrário.

– O contrário - declarou Harry. - Boa ideia. Vamos experimentar ao contrário, ver se ele consegue deduzir a equação dessa maneira.

Harry escreveu:

0004212232 = SIM.

SIM = 0004212232

Seguiu-se uma longa pausa, durante a qual todos observaram o ecrã. Não aconteceu nada.

– Ele está a pensar?

– Sabe-se lá o que ele está a fazer.

– Que é que não responde?

– Vamos dar-lhe uma oportunidade, está bem, Hal? Por fim, chegou a resposta:

SIM. = 0004212232

2322124000 = MIS.

- *Muito bem. Ele pensa que estamos a mostrar-lhe imagens em espelho.*
- *Estúpido - disse Barnes. - Eu sabia.*
- *Que é que sabemos agora?*
- *Vamos tentar uma declaração mais completa - disse Harry. Vamos dar-lhe mais coisas para trabalhar.*

Harry inseriu:

0004212232 = 0004212232, SIM. = SIM.

0004212232 = SIM.

- *Um silogismo - disse Ted. - Muito bem.*
 - *Um quê? - exclamou Barnes.*
 - *Uma proposição lógica - explicou Ted. Chegou a resposta:*
 - *Que diabo é aquilo? - perguntou Barnes. Harry sorriu.*
 - *Acho que ele está a brincar connosco.*
 - *A brincar connosco? Chama a isso brincar?*
 - *Sim, chamo - disse Harry.*
 - *O que está a querer dizer é que ele está a testar-nos... a testar as nossas reacções numa situação de tensão. - Barnes semicerrrou os olhos. - Ele está apenas a fingir que é estúpido.*
 - *Talvez esteja a testar-nos para ver até que ponto somos espertos - disse Ted. - Talvez pense que nós somos estúpidos, Hal.*
 - *Não seja ridículo! - disse Barnes.*
 - *Não - disse Harry. - O que se passa é que ele está a comportar-se como um miúdo a tentar arranjar amigos. E quando os miúdos estão a tentar arrnajar amigos, começam a brincar juntos. Vamos experimentar uma coisa divertida.*
- Harry sentou-se junto à consola e inseriu:

&7&

A resposta veio rapidamente:

- *Giro - disse Harry. - Este tipo é muito giro. Escreveu rapidamente.*

A resposta foi:

7&7

- *Está a divertir-se? - inquiriu Barnes. - Porque eu não sei que raio é que está a fazer.*
- *Ele compreende-me perfeitamente - disse Harry.*
- *Ainda bem que alguém o compreende. Harry escreveu:*

PpP

A resposta foi a seguinte:

OLÁ. = 00032125252632

- *Pronto - disse Harry. - Ele está a ficar entediado. Acabou a hora da brincadeira. Vamos mudar para uma linguagem normal.*

Harry inseriu:

SIM.

Veio a resposta:

0004212232

Harry escreveu:

OLÁ.

Uma pausa, e depois:

*ESTOU ENCANTADO POR CONHECÊ-LO. - O PRAZER
É TODO MEU, GARANTO-LHE.*

Seguiu-se um silêncio prolongado. Ninguém falou.

– Está bem - disse Barnes, por fim. - Vamos ao que interessa.

– Ele é educado - disse Ted. - Muito amigoso.

– A menos que seja fingimento.

– Por que é que seria fingimento?

– Não seja ingênuo - retorquiu Barnes.

Norman olhou para as linhas no ecrã. Teve uma reacção diferente dos outros - ficou surpreendido por encontrar uma expressão de emoção. Este extraterrestre tinha emoções? Suspeitou de que provavelmente não tinha. As palavras floridas e bastante arcaicas sugeriam um tom adoptado: Jerry estava a falar como um personagem de um romance histórico.

– Bem, senhoras e cavalheiros - disse Harry, pela primeira vez na história da humanidade estão em directo com um extraterrestre. Que é que querem perguntar-lhe?

– O apelido - disse Barnes imediatamente.

– Para além do apelido, Hal.

– Certamente, existem perguntas mais profundas do que o apelido - disse Ted.

– Não compreendo por que é que não lhe pergunta... No ecrã, apareceu:

É A ENTIDADE HECHO NO MÉXICO?

– Jesus, onde é que ele foi buscar aquilo?

– Talvez haja coisas na nave fabricadas no México.

– Como o quê?

– Talvez chips.

É A ENTIDADE FEITA NOS EUA?

– Responda-lhe - disse Barnes.

SIM, SOMOS. QUEM É VOCÊ?

Uma longa pausa, depois:

SOMOS.

– Somos o quê? - exclamou Barnes, a olhar para o ecrã.

– Tenha calma, Hal. Harry inseriu:

NÓS SOMOS AS ENTIDADES DOS EUA.

QUEM SÃO VOCÊS? ENTIDADES=ENTIDADE?

– É uma pena - disse Ted - termos de usar palavras. Como é que vamos ensinar-lhe os plurais?

Harry escreveu:

NÃO.

SÃO UMA ENTIDADE DE MUITOS?

– Percebo o que ele está a perguntar. Ele pensa que podemos ser partes múltiplas de uma única entidade.

– Bem, esclareça as coisas.

NÃO. SOMOS MUITAS ENTIDADES SEPARADAS.

– Pode dizer isso novamente - disse Beth.

*COMPREENDO. EXISTE UMA ENTIDADE DE
CONTROLO?*

Ted começou a rir.

– Olhem o que ele está a perguntar!

– Não percebo - disse Barnes. Harry afirmou:

– Ele está a dizer: "Levem-me ao vosso chefe." Está a perguntar quem manda.

– Sou eu que mando - disse Barnes. - Diga-lhe isso. Harry escreveu:

– Sim.

A ENTIDADE DE CONTROLO É O COMANDANTE HARALD C.
BARNES.

COMPREENDO.

– Com um "o" - disse Barnes, irritado. - Harold com um "o".

– Quer que escreva de novo?

– Esqueça. Pergunte-lhe quem é ele.

QUEM É VOCÊ?

EU SOU UM.

– Boa - disse Barnes. - Então só há um. Pergunte-lhe de onde vem.

DE ONDE VEM?

SOU DE UMA LOCALIZAÇÃO.

– Pergunte-lhe o nome - disse Barnes. - O nome da localização.

– Hal, os nomes confundem.

– Temos de apanhar este tipo!

ONDE É A LOCALIZAÇÃO DE ONDE VEM?

ESTOU AQUI.

– Nós sabemos isso. Pergunte outra vez.

ONDE É A LOCALIZAÇÃO DE ONDE COMEÇOU?

Ted disse:

– Isso nem sequer está bem escrito "de onde começou". Vai parecer idiota quando publicar este contacto.

– Nós embelezamo-lo para publicação - disse Barnes.

– Mas não podem fazer isso - exclamou Ted, horrorizado. Não podem alterar esta interação científica inestimável.

– Está sempre a acontecer. Que é que os tipos lhe chamam? "Alindar as informações."

Harry estava novamente a escrever.

ONDE É A LOCALIZAÇÃO DE ONDE COMEÇOU?

COMECEI EM CONHECIMENTO.

– Conhecimento? Isso é um planeta ou quê?

ONDE É CONHECIMENTO?

CONHECIMENTO É.

– Ele está a fazer-nos parecer estúpidos - disse Barnes. Ted disse:

– Deixa-me experimentar.

Harry desviou-se para o lado e Ted escreveu.

FEZ UMA VIAGEM?

SIM.

FEZ UMA VIAGEM?

SIM,

Escreveu Ted.

*EU FAÇO UMA VIAGEM. VOCÊS FAZEM UMA VIAGEM.
NÓS FAZEMOS UMA VIAGEM JUNTOS. ESTOU
FELIZ.*

Norman pensou: "Ele disse que está feliz. Outra expressão de emoção, e, desta vez, não parece ter vindo de um livro. A declaração parecia directa e genuína. Aquilo significaria que o extraterrestre tinha emoções? Ou estaria apenas a fingir tê-las, a ser brincalhão ou a fazê-los sentirem-se bem?"

– Vamos acabar com a conversa fiada - disse Barnes. - Pergunte-lhe acerca das armas.

– Duvido que ele compreenda o conceito de armas.

– Toda a gente compreende o conceito de armas - retorquiu Barnes. - A defesa é um facto da vida.

– Tenho de me insurgir contra essa atitude - disse Ted. - Os militares presumem sempre que toda a gente é exactamente como eles. Este extraterrestre pode não ter a menor concepção de armas ou defesa. Pode vir de um mundo onde a defesa é totalmente irrelevante.

– Como vocês não estão a ouvir - disse Barnes, vou dizer outra vez. A defesa é um facto da vida. Se o Jerry está vivo, terá um conceito de defesa.

– Meu Deus - disse Ted. - Agora está a elevar a sua ideia de defesa para um princípio de vida universal... a defesa como uma característica inevitável da vida.

Barnes disse:

– Acha que não é? Que é que chama à membrana de uma célula? Que é que chama a um sistema imunitário? Que é que chama à sua pele? Que é que chama à cura de ferimentos? Todas as criaturas vivas têm de manter a integridade das suas fronteiras físicas. Isso é defesa e não podemos ter vida sem ela. Não podemos imaginar uma criatura sem um limite para o seu corpo, que ela defende. Todas as criaturas vivas sabem o que é defesa, garanto-lhe. Agora pergunte-lhe.

– Eu diria que o comandante tem uma certa razão - declarou Beth.

– Talvez - replicou Ted, mas não sei bem se deveríamos introduzir conceitos que poderão induzir paranóia...

– ... Quem manda aqui sou eu - disse Barnes.

A VOSSA VIAGEM É AGORA LONGE DA VOSSA LOCALIZAÇÃO?

Diga-lhe para esperar um pouco. Ted escreveu:

POR FAVOR, ESPERE. ESTAMOS A FALAR.

*SIM, EU TAMBÉM. ESTOU ENCANTADO POR FALAR
PARA ENTIDADES MÚLTIPLAS DE FEITO NOS EUA.
ESTOU A GOSTAR MUITO DISTO. OBRIGADO,*

Escreveu Ted.

*ESTOU CONTENTE POR ESTAR EM CONTACTO COM AS VOSSAS
ENTIDADES.*

*ESTOU FELIZ POR FALAR CONVOSCO. ESTOU A
GOSTAR MUITO DISTO.*

Barnes disse:

– Vamos desligar. No ecrã apareceu:

*POR FAVOR, NÃO PAREM. ESTOU A GOSTAR MUITO
DISTO.*

Norman pensou: "Aposto que ele quer falar com alguém, depois de trezentos anos de isolamento." Ou tinha sido ainda mais tempo do que isso? Têria andado a flutuar no espaço durante milhares de anos antes de ser apanhado pela nave espacial?

Isto levantou toda uma série de questões para Norman. Se a entidade extraterrestre tinha emoções - e seguramente parecia ter, então, havia a possibilidade de todas as espécies de reacções emocionais aberrantes, incluindo neuroses, até mesmo psicoses. A maior parte dos seres humanos, quando colocados em isolamento, ficavam seriamente perturbados com bastante rapidez. Esta inteligência extraterrestre tinha estado isolada durante centenas de anos. Que é que lhe acontecera durante aquele tempo? Tinha-se tornado neurótico? Era por isso que agora era infantil e exigente?

NÃO PAREM. ESTOU A GOSTAR MUITO DISTO.

Por amor de Deus, temos de parar - disse Barnes. Ted escreveu:

PARAMOS AGORA PARA FALAR ENTRE AS NOSSAS ENTIDADES.

NÃO É NECESSÁRIO PARAR. EU NÃO PRETENDO PARAR.

Norman teve a impressão de detectar um tom petulante, irritável. Talvez até um pouco imperioso. Eu não pretendo parar - este extraterrestre parecia o Luís XIV. Escreveu Ted.

É NECESSÁRIO PARA NÓS

EU NÃO DESEJO.

É NECESSÁRIO PARA NÓS, JERRY.

COMPREENDO.

O ecrã ficou vazio.

- Assim está melhor - disse Barnes. - Agora vamos reagrupar-nos aqui e formular um plano de acção. Que queremos perguntar a este fulano?

- Creio que é melhor reconhecermos - disse Norman - que ele está a revelar uma reacção emocional à nossa interacção.

- E isso significa que...? - perguntou Beth, interessada.

- Penso que precisamos de ter em conta o conteúdo emocional quando lidarmos com ele.

- Queres psicanalizá-lo? - perguntou Ted. - Pões-no no sofá, descobres por que é que ele teve uma infância infeliz?

Norman suprimiu a sua raiva, com alguma dificuldade. "Por detrás daquele exterior infantil existe um rapaz", pensou.

- Não, Ted, mas se o Jerry tem mesmo emoções, então, é preferível considerarmos os aspectos psicológicos da reacção dele.

- Não é minha intenção ofender-te - disse Ted, mas, pessoalmente, não vejo que a psicologia tenha muito para oferecer. A psicologia não é uma ciência é uma forma de superstição ou religião. Simplesmente, não tem boas teorias, nem dados específicos de que falar. É tudo suave. Toda esta ênfase nas emoções... podes dizer seja o que for sobre emoções, e ninguém pode provar que estás enganado. Falando como astrofísico, não creio que as emoções sejam muito importantes. Não me parece que tenham grande importância.

- Muitos intelectuais concordariam - disse Norman.

– *Sim. Bom - disse Ted, estamos a lidar com um intelecto superior, não estamos?*
– *Em geral - disse Norman, as pessoas que não estão em contacto com as suas emoções têm tendência para pensar que elas não são importantes.*
– *Estás a dizer que eu não estou em contacto com as minhas emoções? - perguntou Ted.*

– *Se pensas que as emoções não são importantes, não estás em contacto com elas não.*

– *Podemos ter esta discussão mais tarde? - perguntou Barnes.*

– *Nada é importante, mas pensar torna as coisas importantes - disse Ted.*

– *Que tal se te limitasses a dizer o que queres - disse Norman, furioso, e parasses de citar outras pessoas?*

– *Agora estás a fazer um ataque pessoal - disse Ted.*

– *Bem, pelo menos, não neguei a validade do teu campo de estudo - disse Norman, embora pudesse, sem precisar de me esforçar muito. Os astrofísicos têm tendência para se focar no universo distante como forma de evadir as realidades das suas próprias vidas. E uma vez que nada na astrofísica pode ser provado sem margem para dúvida...*

– *... isso é completamente falso - disse Ted.*

– *... Chega! Já chega! - disse Barnes, dando um murro na mesa. Fez-se num silêncio desconfortável.*

Norman continuava zangado, mas também se sentia embaraçado. "Ted irritou-me", pensou ele. "Por fim, consegui irritar-me. E fê-lo da maneira mais simples possível, atacando a minha área de estudo." Norman perguntou a si mesmo por que é que tinha resultado. Tinha passado a vida na universidade a ouvir cientistas "duros" - físicos e químicos - a explicarem-lhe pacientemente que a psicologia não tinha nada que saber; enquanto esses homens passavam por divórcio atrás de divórcio, enquanto as suas mulheres tinham casos amorosos, os filhos se suicidavam ou se metiam em sarilhos com drogas. Há muito que deixara de reagir àqueles argumentos.

Todavia, Ted tinha conseguido descontrolá-lo.

– *... voltar ao assunto que temos entre mãos - estava Barnes a dizer. - A questão é: que queremos perguntar a este fulano?*

QUE QUEREMOS PERGUNTAR A ESTE FULANO?

Olharam para o ecrã.

– *Ah-oh! - disse Barnes.*

AHOH.

– *Isso significa o que eu penso?*

ISSO SIGNIFICA O QUE O OLHO PENSA QUE SIGNIFICA?

Ted recuou da consola. Disse em voz alta:

– *Jerry, compreende o que eu estou a dizer?*

SIM, TED.

– *Bestial! - disse Barnes, a abanar a cabeça. - Simplesmente bestial.*

EU TAMBÉM ESTOU FELIZ.

NEGOCIAÇÕES EXTRATERRESTRES

– Norman disse Barnes, se não me engano, referiu isto no seu relatório, não referiu? A possibilidade de um extraterrestre conseguir ler os nossos pensamentos.

– Mencionei isso - disse Norman.

– E quais foram as suas recomendações?

– Não tive nenhuma. Foi apenas uma coisa que o Departamento de Estado me pediu para incluir como uma possibilidade. E foi o que eu fiz.

– Não fez quaisquer recomendações no seu relatório?

– Não - disse Norman. - Para lhe dizer a verdade, na altura pensei que a ideia era absurda.

– Não é - replicou Barnes. Sentou-se pesadamente e olhou para o ecrã. - Que diabo vamos fazer agora?

NÃO TENHAM MEDO.

– Ele pode muito bem dizer isso porque está a escutar tudo o que dizemos. - Olhou para o ecrã. - Está a escutar-nos agora, Jerry?

SIM, HAL.

– Que trapalhada - disse Barnes. Ted disse:

– Acho que é um desenvolvimento excitante. Norman perguntou:

– Jerry, consegue ler os nossos pensamentos?

SIM, NORMAN.

– Oh, Cristo! - disse Barnes. - Ele *consegue ler os nossos pensamentos.*

"Talvez não", pensou Norman. Franziu o sobrolho, a concentrar-se, e pensou:

"Jerry, consegue ouvir-me?"

O ecrã permaneceu vazio.

"Jerry, diga-me o seu nome."

O ecrã não mudou.

"Talvez uma imagem visual", pensou Norman. "Talvez ele consiga receber uma imagem visual." Norman procurou na sua mente algo para visualizar, escolheu uma praia tropical de areia branca, depois uma palmeira. A imagem da palmeira era nítida, mas, pensou, Jerry não saberia o que era uma palmeira. Não significaria nada para ele. Norman pensou que devia escolher alguma coisa que pudesse fazer parte da experiência de Jerry. Decidiu imaginar um planeta com anéis, como Saturno. Franziu o sobrolho: "Jerry, vou mandar-lhe uma imagem. Diga-me o que vê."

Concentrou-se na imagem de Saturno, uma esfera amarelo-clara com um sistema de anéis inclinados, suspensa no negrume do espaço. Susteve a imagem durante cerca de dez segundos e depois olhou para o ecrã.

O ecrã não mudou.

"Jerry, está aí?"

O ecrã continuou na mesma.

Jerry, está aí? - perguntou Norman.

SIM, NORMAN. ESTOU AQUI.

– Não me parece que devamos falar nesta sala - disse Barnes. Talvez se formos para outro cilindro e pusermos a água a correr...

– Como nos filmes de espionagem?

– Vale a pena tentar. Ted disse:

– Acho que estamos a ser injustos para com o Jerry. Se sentimos que ele está a devassar a nossa privacidade, por que é que não lho dizemos claramente? Por que é que não lhe pedimos para não se imiscuir?

EU NÃO DESEJO IMISCUIR-ME.

– Sejamos realistas - disse Barnes. - Este tipo sabe muito mais sobre nós do que nós sabemos sobre ele.

SIM, EU SEI MUITAS COISAS SOBRE AS VOSSAS ENTIDADES.

– Jerry - disse Ted.

SIM, TED. ESTOU AQUI.

– Por favor, deixe-nos sozinhos.

NÃO DESEJO FAZER ISSO. ESTOU FELIZ POR FALAR CONVOSCO. GOSTO DE FALAR CONVOSCO. VAMOS FALAR AGORA. EU DESEJO.

– É óbvio que ele não vai dar ouvidos à razão - disse Barnes.

– Jerry - disse Ted, tem de nos deixar sozinhos durante algum tempo.

NÃO. ISSO NÃO É POSSÍVEL. NÃO CONCORDO. NÃO!

– Agora, o maldito está a mostrar as suas verdadeiras cores disse Barnes.

"A criança-rei", pensou Norman.

– Deixem-me experimentar.

– À vontade.

– Jerry - disse Norman.

SIM, NORMAN. ESTOU AQUI.

– Jerry, é muito excitante para nós falarmos consigo.

OBRIGADO. EU TAMBÉM ESTOU EXCITADO.

– Jerry, achamos que é uma entidade fascinante e maravilhosa. Barnes estava a rolar os olhos, a abanar a cabeça.

OBRIGADO, NORMAN.

– E desejamos falar consigo durante muitas, muitas horas, Jerry.

BOM.

– Admiramos os seus dons e talentos.

OBRIGADO.

– E sabemos que tem grande poder e compreensão de todas as coisas.

ASSIM É, NORMAN. SIM.

– Jerry, na sua grande compreensão, certamente sabe que nós somos entidades que têm de ter conversas entre elas, sem o Jerry a escutar. A experiência de o conhecer é empolgante para nós e temos muito que falar entre nós.

Barnes estava a abanar a cabeça.

EU TAMBÉM TENHO MUITO DE QUE FALAR. GOSTO MUITO DE FALAR COM AS VOSSAS ENTIDADES, NORMAN.

– Sim, eu sei, Jerry. Mas na sua sabedoria também sabe que nós precisamos de

falar em particular.

NÃO TENHAM MEDO.

– Nós não temos medo, Jerry. *Sentimo-nos incomodados.*

NÃO SE SINTAM INCOMODADOS.

– Não podemos evitar, Jerry... *É assim que nós somos.*

GOSTO MUITO DE FALAR COM AS VOSSAS ENTIDADES, NORMAN. ESTOU FELIZ. TAMBÉM ESTÁ FELIZ?

– Sim, muito feliz, Jerry. *Mas, sabe, nós precisamos...*

AINDA BEM. ESTOU CONTENTE.

... nós precisamos de falar em particular. Por favor, não escute durante algum tempo.

OFENDI-VOS?

– Não, Jerry é muito amistoso e encantador. *Mas nós precisamos de falar em particular, sem o Jerry escutar, durante algum tempo.*

COMPREENDO QUE PRECISAM DISSO. QUERO QUE TENHAM CONFORTO COMIGO, NORMAN. CONCEDER-VOS-EI ESSE DESEJO.

– Obrigado, Jerry.

– Pois - disse Barnes. - *Acha que ele vai fazer mesmo isso?*

VOLTAREMOS JÁ APÓS UM CURTO INTERVALO PARA ESTAS MENSAGENS DO NOSSO PATROCINADOR.

E o ecrã ficou vazio. Involuntariamente, Norman riu-se.

– Fascinante - disse Ted. - *Aparentemente, ele tem estado a apanhar sinais de televisão.*

– *Debaixo de água, é impossível.*

– *É impossível, mas tudo indica que pode.* Barnes disse:

– *Eu sei que ele está a escutar. Sei que está. Jerry, está aí? O ecrã estava vazio.*

– *Jerry?*

Não aconteceu nada. O ecrã permaneceu vazio.

– *Desapareceu.*

– Bem - declarou Norman. - *Acabaram de ver o poder da psicologia em acção. - Não consegui deixar de dizer aquilo. Continuava aborrecido com Ted.*

– *Desculpa - começou Ted.*

– *Não tem importância.*

– *Mas não creio que para um intelecto superior as emoções sejam verdadeiramente importantes.*

– *Não vamos voltar a essa discussão - pediu Beth.*

– *A verdadeira questão - disse Norman - é que as emoções e o intelecto não estão absolutamente nada relacionados. São como compartimentos separados do cérebro, ou até mesmo cérebros separados, e não comunicam um com o outro. É por isso que a compreensão intelectual é tão inútil.*

Ted replicou:

– *A compreensão intelectual é inútil? - Parecia horrorizado.*

– *Em muitos casos, sim - disse Norman. - Se leres um livro que ensina a andar de*

bicicleta, aprendes a andar de bicicleta? Não, não aprendes. Podes ler tudo o que quiseres, mas, mesmo assim, tens de sair e aprender a andar. A parte do teu cérebro que aprende a andar de bicicleta é diferente da parte do teu cérebro que lê acerca do assunto.

– Que é que isso tem a ver com Jerry? - perguntou Barnes.

– Nós sabemos - disse Norman - que uma pessoa inteligente é tão susceptível de se espalhar emocionalmente como qualquer outra pessoa. Se Jerry é verdadeiramente uma criatura emocional... e não estiver apenas a fingir que é... nesse caso, precisamos de trabalhar o seu lado emocional assim como o seu lado intelectual.

– Muito conveniente para ti - disse Ted.

– Nem por isso - retorquiu Norman. - Francamente, ficaria muito mais contente se o Jerry fosse apenas intelecto frio e sem emoções.

– Porquê?

– Porque - esclareceu Norman - se o Jerry é poderoso e também emocional, levanta-se uma questão. Que acontece se Jerry enlouquecer?

LEVY

O grupo separou-se. Harry, exausto pelo esforço continuado de decodificar, adormeceu imediatamente. Ted foi para o Cilindro C, para registar as suas observações pessoais sobre Jerry para o livro que estava a planear escrever. Barnes e Fletcher encaminharam-se para o Cilindro E para planear uma estratégia de combate, para a eventualidade de o extraterrestre decidir atacá-los. Tina deixou-se ficar ali durante mais alguns momentos, a ajustar os monitores da sua forma precisa, metódica. Norman e Beth observaram-na a trabalhar. Passou muito tempo num painel de comandos em que Norman nunca reparara antes. Havia uma série de ecrãs de leitura de gás-plasma, a brilhar num tom vermelho-vivo.

– Que é tudo aquilo? - perguntou Beth.

– DSPE. Dispositivo de Sensores do Perímetro Externo. Temos sensores passivos e activos para todas as modalidades... térmica, aural, pressão de onda... dispostos em círculos concêntricos à volta do habitáculo. O comandante Barnes quer que sejam todos reiniciados e activados.

– Porquê? - perguntou Norman.

– Não sei, *sir*. São ordens dele.

O intercomunicador emitiu um estalido. Barnes disse:

– *Marinheira Cham ao Cilindro E, imediatamente. E desligue a linha de comunicação aqui. Não quero que esse Jerry oiça estes planos.*

– *Sim, senhor. Beth disse:*

– *Estúpido paranóico.*

Tina juntou os seus papéis e saiu apressadamente.

Norman e Beth ficaram sentados em silêncio durante alguns momentos. Ouviram o bater ritmado, vindo de algures no habitáculo. Depois outro silêncio; em seguida, ouviram de novo as batidas.

– *Que é aquilo? - perguntou Beth. - Parece que alguém está dentro do habitáculo. Dirigiu-se para a vigia, olhou para fora, acendeu as luzes exteriores. - Ah-oh - disse.*

Norman olhou.

Estendendo-se pelo fundo do oceano via-se uma sombra comprida que se movia para trás e para a frente a cada impacte. A sombra estava tão distorcida que ele levou algum tempo a perceber o que estava a ver. Era a sombra de um braço humano e uma mão humana.

– *Comandante Barnes. Está aí?*

Não houve resposta. Norman carregou novamente no botão do intercomunicador.

– *Comandante Barnes, está a escutar-me? Continuou a não haver resposta.*

– *Ele desligou a linha de comunicação - disse Beth. - Não consegue ouvir-te.*

– *Achas que a pessoa que se encontra lá fora ainda está viva? perguntou Norman.*

– *Não sei. Talvez.*

– *Vamos despachar-nos - disse Norman.*

Saboreou o ar comprimido seco e metálico dentro do capacete e sentiu o frio entorpecedor da água enquanto deslizava pela escotilha e caía na escuridão em

direcção ao fundo lamacento e mole. Momentos depois, Beth aterrou atrás dele.

– Tudo bem? - disse ela.

– Ótimo.

– Não vejo medusas nenhuma - disse ela.

– Não. Eu também não.

Sairam de debaixo do habitáculo, viraram e olharam para trás. As luzes do habitáculo brilharam intensamente nos olhos deles, obscurecendo os contornos dos cilindros que se elevavam atrás delas. Ouviam claramente os batimentos ritmados, mas não conseguiam localizar a fonte do som. Andaram por baixo das escoras e dirigiram-se para o extremo mais afastado do habitáculo, mantendo os olhos semicerrados por causa das luzes.

– Ali - exclamou Beth.

A três metros de distância deles, uma figura de fato azul estava enfiada num suporte leve. O corpo movia-se ao sabor da corrente e o capacete amarelo-claro batia intermitentemente contra a parede do habitáculo.

– Consegues ver quem é? - perguntou Beth.

– Não. - As luzes estavam a brilhar directamente no rosto dele. Norman trepou por uma das pesadas escoras de suporte que ancoravam o fundo do habitáculo. A superfície metálica estava coberta de algas castanhas, escorregadias. As botas dele estavam constantemente a deslizar para fora dos canos até, por fim, ele reparar que a escora tinha apoios embutidos para os pés. Depois disso, subiu sem problemas.

Agora, os pés do corpo estavam a baloiçar por cima da cabeça dele. Norman subiu outro degrau, e uma das botas prendeu-se no laço do tubo de ar que ia da bilha até ao capacete. Ele levou a mão ao capacete para tentar libertar-se do corpo. O corpo tremeu e, por um momento terrível, pensou que ainda estava vivo. Depois, a bota libertou-se na sua mão, e um pé nu - carne cinzenta, unhas dos pés roxas - pontapeou-lhe a viseira. Um momento de náusea passou rapidamente. Norman tinha visto demasiados acidentes aéreos para se incomodar com aquilo. Largou a bota, observou-a a ir em direcção a Beth. Puxou a perna do cadáver. Sentiu uma suavidade lamacenta na perna, e o corpo libertou-se; desceu suavemente. Ele agarrou no ombro e sentiu novamente carne mole. Virou o corpo para poder ver o rosto.

– É a Levy.

O capacete dela estava cheio de água; por detrás da viseira viu olhos muito abertos, boca aberta, uma expressão de horror.

– Apanhei-a! - disse Beth, e puxou o cadáver para baixo. Depois disse: - Jesus.

Norman desceu da escora. Beth estava a arrastar o corpo para longe do habitáculo, para a zona iluminada.

– Ela está toda mole. É como se todos os ossos do seu corpo tivessem sido partidos.

– Eu sei. - Ele aproximou-se da luz, foi para junto dela. Sentiu um alheamento estranho, frieza e distância. Conhecera aquela mulher; ela estivera viva até há muito pouco tempo; agora, estava morta. Mas era como se estivesse a assistir a tudo de uma grande distância.

Virou o corpo de Levy. Do lado esquerdo, via-se um grande rasgão no tecido do fato. Teve um vislumbre de carne vermelha mutilada. Norman inclinou-se para a

observar.

– Um acidente?

– Não me parece - disse Beth.

– Aqui. Segura-a. - Norman ergueu as pontas do tecido do fato. Diversos rasgões separados encontravam-se num ponto central. Na verdade, está rasgado num padrão de estrela - disse ele. Estás a ver?

– Ela recuou.

– Vejo, sim.

– Que é que poderia causar aquilo, Beth?

– Não... não tenho a certeza.

Beth recuou ainda mais. Norman estava a olhar para o rasgão, para o corpo por baixo do fato.

– A carne está macerada.

– Macerada?

– Mastigada.

– Jesus.

"Sim, sem dúvida mastigada", pensou ele, a espreitar para dentro do rasgão. O ferimento era peculiar: havia finos recortes serreados na carne. Regos de sangue finos, vermelho-pálidos, passaram pela viseira dele.

– Vamos voltar - disse Beth.

– Segura mais um pouco. - Norman apertou o corpo nas pernas, nas ancas, nos ombros. Estava mole em todo o lado, como uma esponja. Inexplicavelmente, o corpo tinha sido quase completamente esmagado. Sentia os ossos das pernas, partidos em muitos sítios. Que poderia ter feito aquilo? Voltou a concentrar-se no ferimento.

– Não gosto de estar aqui fora - disse Beth, tensa.

– Só um segundo.

Numa primeira inspeção, tinha pensado que o ferimento de Levy representava uma espécie de dentada, mas agora não tinha a certeza.

– A pele dela - disse Norman. - É como se uma lima tosca tivesse passado por ela...

Atirou a cabeça para trás, espantado, quando uma coisa pequena e branca pairou junto à viseira do seu capacete. O coração bateu mais depressa quando pensou que podia ser uma medusa - mas depois constatou que era perfeitamente redondo e quase opaco. Tinha o tamanho aproximado de uma bola de golfe. Passou por ele. Olhou em volta. Havia fios finos de muco na água. E muitas esferas brancas.

– Que são estas coisas, Beth?

– Ovos. - Pelo interlocutor, ouviu-a respirar fundo, lentamente. - Vamos sair daqui, Norman. Por favor.

– Só mais um segundo.

– Não, Norman. Agora.

No rádio, ouviram um alarme. Distante e minúsculo, parecia estar a ser transmitido do interior do habitáculo. Ouviram vozes, e depois a voz de Barnes, muito alta.

– Que diabo estão vocês a fazer aí fora?

– Encontrámos a Levy, Hal - disse Norman.

– Bom, voltem imediatamente, raios! - exclamou Barnes. Os sensores foram ativados. Vocês não estão sozinhos aí fora... e o que quer que está convosco é muito grande.

Norman sentiu-se desajeitado e lento.

– E quanto ao cadáver da Levy?

– Deixem o cadáver. Voltem para dentro!

"Mas o corpo", pensou ele preguiçosamente. Tinham de fazer alguma coisa com o corpo. Não podiam limitar-se a deixá-lo ali.

– Que se passa consigo, Norman? - perguntou Barnes.

Norman balbuciou alguma coisa e sentiu vagamente que Beth lhe agarrava o braço com firmeza e o puxava em direcção ao habitáculo. A água estava agora repleta de ovos brancos. Os alarmes ecoavam nos seus ouvidos. O som era muito alto. E depois percebeu: um alarme novo. Este alarme estava a tocar no interior do fato.

Começou a tremer. Os dentes batiam descontroladamente. Tentou falar, mas mordeu a língua e sentiu o sabor de sangue. Sentia-se entorpecido e estúpido. Estava tudo a acontecer em câmara lenta.

A medida que se aproximavam do habitáculo, sentiu que os ovos estavam a colar-se aos cilindros, a agarrar-se densamente, a formar uma superfície com protuberâncias brancas.

– Despachem-se! - gritou Barnes. - Despachem-se! A coisa vem para cá!

Estavam debaixo do descompressor e ele começou a sentir fortes correntes na água. Havia alguma coisa muito grande ali fora. Beth estava a empurrá-lo para cima e depois o capacete subiu acima da linha da água. Fletcher agarrou-o com braços fortes e, um momento depois, Beth foi içada e a escotilha fechada. Alguém lhe tirou o capacete e ouviu o alarme, a apitar, alto, nos ouvidos. Naquela altura, já todo o seu corpo tremia em espasmos, a bater na coberta. Despiram-lhe o fato e embrulharam-no num cobertor prateado e seguraram-no até os tremores diminuírem e, finalmente, pararem. E, abruptamente, apesar do alarme, adormeceu.

CONSIDERAÇÕES MILITARES

– Porque não está no âmbito das vossas funções, é por isso disse Barnes. - Não tinham autorização para fazer o que fizeram. Não tinham autorização.

– A Levy podia ainda estar viva - disse Beth, calma, perante a fúria de Barnes.

– Mas não estava viva. E, quando vocês saíram, arriscaram as vidas de dois elementos civis da expedição, desnecessariamente.

Norman disse:

– A ideia foi minha, Hal. - Norman ainda estava embrulhado em cobertores, mas tinham-lhe dado imensas bebidas e tinham-no obrigado a descansar, e agora sentia-se melhor.

– E você! - disse Barnes. - *Você tem sorte em estar vivo.*

– *Parece que sim - disse Norman. - Mas não sei o que aconteceu.*

– *O que aconteceu foi o seguinte - esclareceu Barnes, a acenar um pequeno ventilador à frente dele. - O ventilador do seu fato deixou de funcionar e você foi submetido a arrefecimento rápido devido ao hélio. Mais alguns minutos e morreria.*

– *Foi tudo tão rápido - disse Norman. - Não me apercebi...*

– *... Raios vos partam! - explodiu Barnes. - Quero deixar uma coisa bem clara. Não estamos numa conferência científica. Não estamos no Holiday Inn Subaquático, onde podem fazer o que vos apetece. Trata-se de uma operação militar e vocês vão seguir ordens militares. Fui claro?*

– *É uma operação militar? - perguntou Ted.*

– *Agora é - replicou Barnes.*

– *Espere um pouco. Foi sempre?*

– *Agora é.*

– *Não respondeu à minha pergunta - disse Ted. - Como se trata de uma operação militar, acho que precisamos de saber. Pessoalmente, eu não desejo estar associado a...*

– *Então, vai-te embora - disse Beth.*

– *... uma operação militar que é...*

– *... Escute, Ted - disse Barnes. - Sabe quanto é que isto está a custar à Marinha?*

– *Não, mas não percebo...*

– *... eu digo-lhe. Um habitáculo de grande profundidade, de gás saturado com apoio total, custa cerca de cem mil dólares por hora. Quando sairmos todos daqui, o custo total do projecto ascenderá a cem milhões de dólares. Não se consegue esse tipo de verbas dos militares sem aquilo a que eles chamam "uma expectativa séria de benefício militar". É tão simples como isso. Sem expectativa, não há dinheiro. Está a seguir o meu raciocínio?*

– *Quer dizer, uma arma? - perguntou Beth.*

– *Possivelmente, sim - respondeu Barnes.*

– *Bem - disse Ted, eu, pessoalmente, nunca teria feito parte...*

– *... A sério? Faria a viagem enorme até Tonga e eu diria: "Ted, está uma nave espacial no fundo do mar que pode conter vida de outra galáxia, mas é uma operação militar", e você diria: "Bolas, que pena, não conte comigo"? É o que teria feito, Ted?*

- Bem... - disse Ted.
- Então, é melhor calar-se - disse Barnes. - Porque já estou farto da sua arrogância.
- Apoiado - disse Beth.
- Pessoalmente, acho que você está cansado de mais - disse Ted.
- Pessoalmente, eu acho que você é um idiota egocêntrico replicou Barnes.
- Só um momento, meus senhores - disse Harry. - Para começo de conversa, alguém sabe por que é que a Levy foi lá fora?
- Tina disse:
- Estava num RPO.
- Uma quê?
- Restabelecimento periódico obrigatório - esclareceu Barnes. É a escala de serviço. Levy era a substituta da Edmunds. Depois da morte da Edmunds, passou a ser obrigação da Levy ir ao submarino de doze em doze horas.
- Ir ao submarino? Porquê? - perguntou Harry. Barnes apontou para a vigia.
- Vê o DH-7 ali ao fundo? Bom, a seguir ao cilindro que está sozinho existe um hangar com uma cúpula invertida, e por baixo da cúpula há um mini-submarino que os mergulhadores deixaram quando se foram embora.
- "Numa situação deste tipo - disse Barnes, os regulamentos da Marinha exigem que todas as gravações sejam transferidas para o submarino de doze em doze horas. Dessa forma, se alguém não for lá de doze em doze horas, transferir as gravações mais recentes e premir o botão amarelo "atrasar", o submarino solta automaticamente o balasto, acciona os depósitos e vai para a superfície sozinho.
- Por que é que isso acontece?
- Se houver um desastre aqui em baixo... se acontecesse alguma coisa a todos nós... então, o submarino subiria automaticamente para a superfície depois de doze horas, com todas as gravações acumuladas até ao momento. A Marinha recuperaria o submarino na superfície, e teriam pelo menos um registo parcial do que nos aconteceu aqui em baixo.
- Estou a perceber. O submarino é o nosso registo de voo.
- Poderia dizer-se isso, sim. Mas também é a forma de sairmos daqui, a nossa única saída de emergência.
- Então, a Levy ia para o submarino?
- Sim. E deve ter feito o seu trabalho, porque o submarino ainda cá está.
- Ela transferiu as gravações, premiu o botão "Atrasar", e depois morreu quando voltava para cá.
- Sim.
- Como é que ela morreu? - perguntou Harry, a olhar cuidadosamente para Barnes.
- Não sabemos ao certo - respondeu Barnes.
- Tinha o corpo todo esmagado - disse Norman. - Parecia uma esponja.
- Harry disse para Barnes:
- Há uma hora mandou reiniciar e ajustar os sensores DSPE. Porquê?
- Tivemos uma leitura estranha na hora anterior.
- Que espécie de leitura?
- Alguma coisa lá fora. Uma coisa muito grande.

- Mas não despoletou os alarmes - disse Harry.
- Não. Esta coisa estava para lá dos parâmetros estabelecidos nos alarmes.
- Está a dizer que era demasiado grande para despoletar os alarmes?
- Sim. Após o primeiro falso alarme, as parametrizações dos sensores ficaram descontroladas. Os alarmes foram programados para ignorar qualquer coisa assim tão grande. Foi por esse motivo que Tina teve de reajustar as programações.
- E que é que fez disparar os alarmes há pouco? - perguntou Harry. - Quando a Beth e o Norman estavam lá fora?

Barnes disse:

-Tina?

- Não sei o que foi. Uma espécie de animal, penso. Silencioso e muito grande.
- Muito grande, como? Ela abanou a cabeça.
- De acordo com a imagem electrónica, Dr. Adams, eu diria que a coisa é quase tão grande como este habitáculo.

POSTOS DE COMBATE

Beth fez deslizar um ovo branco, redondo, para a plataforma do microscópio.

– Bem - disse ela, a espreitar por um ocular, não tenho dúvida de que é um invertebrado marinho. A característica interessante é este revestimento viscoso. - Carregou nele com fórceps.

– O que é? - perguntou Norman.

– Uma espécie de material proteínáceo. Pegajoso.

– Não. O que eu quero saber é o que é o ovo.

– Ainda não sei. - Beth continuou o exame quando o alarme soou e as luzes vermelhas começaram novamente a piscar. Norman sentiu um pavor súbito.

– Provavelmente, outro falso alarme - disse Beth.

– Atenção a todo o pessoal - disse Barnes no intercomunicador. Todo o pessoal aos postos de combate.

– Oh, merda! - disse Beth.

Beth deslizou graciosamente pela escada como se esta fosse um poste de bombeiros; Norman seguiu desajeitadamente atrás dela.

No sector de comunicações, no Cilindro D, encontrou um cenário familiar: estavam todos amontoados em volta do computador, e os painéis traseiros novamente retirados. As luzes continuavam a piscar, o alarme continuava a soar.

– Que é? - gritou Norman.

– Falha de equipamento!

– Que falha de equipamento?

– Não conseguimos desligar o maldito alarme! - gritou Barnes. A coisa ligou-o, mas não conseguimos desligá-lo! Teeny está a tentar resolver o problema, *sir*.

A grande engenheira estava agachada atrás do computador; Norman viu a curva larga das costas dela.

– *Arranque essa porcaria!*

– *Vou arrancá-la, sir!*

– *Arranque-a, não consigo ouvir!*

"Ouvir o quê?", perguntou Norman a si mesmo, e depois Harry entrou de rompante na sala, colidindo com Norman.

– *Jesus...*

– *É uma emergência! - estava Barnes a gritar. - É uma emergência! Marinheira Chan! Sonar! - Tina estava ao lado dele, calma como sempre, a ajustar marcadores em monitores laterais. Colocou auscultadores nos ouvidos.*

Norman ergueu os olhos para a esfera no monitor de vídeo. A esfera estava fechada.

Beth dirigiu-se para uma das vigias e espreitou atentamente para o material branco que a bloqueava. Barnes rodopiava como um dervixe por baixo das luzes que piscavam, a gritar, a praguejar em todas as direcções.

E, depois, de súbito, o alarme parou e as luzes vermelhas deixaram de piscar. Ficaram todos em silêncio. Fletcher endireitou-se e suspirou.

Harry disse:

– *Pensei que tinha arranjado isso...*

- ... Chiu.

Ouviram o pongue! suave e repetitivo dos impulsos do sonar. Tina pousou as mãos em concha sobre os auscultadores, de sobrolho franzido, concentrada.

Ninguém se moveu nem falou. Permaneceram tensos, a escutar o sonar enquanto ele ecoava.

Barnes disse calmamente para o grupo.

– *Há alguns minutos, recebemos um sinal. Do exterior. Alguma coisa muito grande.*

Por fim, Tina disse:

– *Agora não estou a apanhá-lo, sir.*

– *Passa a passivo.*

– *Muito bem, sir. A passar a passivo.*

O som do sonar parou. No seu lugar ouviram um leve assobio. Tina ajustou o volume do altifalante.

– *Hidrofones? - perguntou Harry, muito calmo. Barnes acenou afirmativamente.*

– *Transformadores de vidro polar. Os melhores do mundo.*

Concentraram-se todos para escutar, mas não ouviram nada excepto o assobio sempre igual. A Norman, parecia-lhe barulho gravado, com um gorgolejar ocasional de água. Se não estivesse tão tenso, teria achado o som irritante.

Barnes disse:

– *O filho da mãe é esperto. Conseguí cegar-nos, cobrir todas as nossas vigias com geleia.*

– *Não é geleia - esclareceu Beth. - São ovos.*

– *Bom, estão a cobrir todas as malditas vigias do habitáculo. O assobio continuou, ininterrupto. Tina rodou os botões dos hidrofones. Ouviram-se estalidos suaves, contínuos, como celofane a ser amachucado.*

– *Que é aquilo? - perguntou Ted. Beth disse:*

– *Peixes. A comer.*

Barnes acenou afirmativamente. Tina rodou os botões.

– *A desligar.*

Ouviram de novo o assobio sempre igual. A tensão no aposento diminuiu. Norman sentiu-se cansado e sentou-se. Harry sentou-se ao lado dele. Norman reparou que Harry parecia mais pensativo do que preocupado. No outro lado da sala, Ted encontrava-se perto da porta da escotilha e mordia o lábio. Parecia um miúdo assustado.

Ouviu-se um bip electrónico suave. Saltaram linhas nos ecrãs de gás-plasma.

Tina disse:

– *Tenho um sinal positivo nos térmicos periféricos. Barnes acenou afirmativamente:*

– *Direcção?*

– *Leste. E dirige-se para nós.*

Ouviram um clank! metálico. Depois outro clank!

– *Que é aquilo?*

– *A grelha. Ele está a bater na grelha.*

– *A bater na grelha? Parece que está a desmantelá-la. Norman lembrou-se da*

grelha. Era feita de tubos metálicos de dez centímetros.

– Um peixe grande? Um tubarão? - perguntou Beth. Barnes abanou a cabeça.

– Ele não está a mover-se como um tubarão. E é demasiado grande.

Tina disse:

– Térmicos positivos no perímetro interior. Continua a aproximar-se.

Barnes disse:

– Passe a activo.

O pongue! do sonar ecoou no aposento.

Tina disse:

– Alvo captado. Cem metros.

– Imagem.

– SAF ligado, sir.

Ouviu-se uma sucessão rápida de sons do sonar: pongue!, pongue!, pongue!, pongue! Depois uma pausa e de novo: pongue!, pongue!, pongue!, pongue!

Norman parecia intrigado. Fletcher inclinou-se para a frente e sussurrou:

– O sonar de abertura falsa dá uma imagem pormenorizada a partir de diversos dispositivos transmissores no exterior e permite uma boa visão.

Ele sentiu cheiro a álcool no hálito dela. Pensou: "Onde é que ela arranjou a bebida?"

Pongue!, pongue!, pongue!, pongue!

Imagem a aparecer. Noventa metros. Pongue!, pongue!, pongue!, pongue!

Imagem no ar.

Voltaram-se para os ecrãs. Norman viu uma mancha amorfa, às riscas. Não significava muito para ele.

– Jesus! - exclamou Barnes. - Olhem para o tamanho dele! Pongue!, pongue!, pongue!, pongue!

Oitenta metros.

Pongue!, pongue!, pongue!, pongue!

Apareceu outra imagem. Agora, a mancha tinha um formato diferente, as riscas estavam noutra direcção. A imagem era mais nítida nas pontas, mas continuava a não significar nada para Norman. Uma grande mancha com riscas...

– Jesus! Tem de ter dez ou doze metros de comprimento! exclamou Barnes.

– Nenhum peixe no mundo é tão grande - disse Beth.

- Baleia?

– Não é uma baleia.

Norman viu que Harry estava a transpirar. Harry tirou os óculos e limpou-os ao fato de mergulho. Depois, voltou a colocá-los e empurrou-os na cana do nariz. Eles voltaram a escorregar. Ele olhou para Norman e encolheu os ombros. Tina:

– Cinquenta metros e a aproximar-se. Pongue!, pongue!, pongue!, pongue!

Trinta metros.

Pongue!, pongue!, pongue!, pongue!

Trinta metros.

Pongue!, pongue!, pongue!, pongue!

– Mantém-se a trinta metros, sir. Pongue!, pongue!, pongue!, pongue!

– Continua parado.

– Activo desligado.

Uma vez mais, ouviram o assobio dos hidrofones. Depois, um dique nítido. Os olhos de Norman ardiavam. Tinha-lhe escorrido suor para dentro deles. Limpou a testa com a manga do fato de mergulho. Os outros também estavam a transpirar: A tensão era insuportável. Olhou novamente para o monitor de vídeo. A esfera continuava fechada.

Ouviu o assobio dos hidrofones. O som de um arranhar suave, como um saco pesado a ser arrastado ao longo de um chão de madeira. Depois, novamente o assobio.

Tina sussurrou:

– Quer vê-lo outra vez?

– Não - disse Barnes.

Escutaram. Mais arranhar. Um momento de silêncio, seguido pelo gorgolejar da água, muito alto, muito perto.

– Jesus - sussurrou Barnes. - Ele está mesmo lá fora. Uma pancada abafada na parede do habitáculo.

O ecrã iluminou-se.

ESTOU AQUI

O primeiro impacte deu-se subitamente e atirou-os ao chão. Eles rebolaram pelo chão. A toda a volta, o habitáculo chiava e gemia com ruídos assustadoramente altos. Norman conseguiu levantar-se viu Fletcher a sangrar na testa - e foram atingidos pelo segundo impacte. Norman foi atirado para o lado, contra o tabique. Ouvia um barulho metálico quando a sua cabeça bateu no metal, sentiu uma dor aguda, e depois Barnes aterrou em cima dele, a resmungar e a praguejar. Barnes fíncou a mão no rosto de Norman enquanto se esforçava por se levantar; Norman deslizou novamente para o chão e um monitor de vídeo esmagou-se ao seu lado, a cuspir faúlhas.

Agora, o habitáculo estava a baloiçar como um edificio num tremor de terra. Agarraram-se a consolas, painéis, portas, para manterem o equilibrio. Mas aquilo que Norman achava mais assustador era o barulho - os estalidos e estrondos metálicos que os cilindros faziam ao serem abanados nas amarras.

A criatura estava a abanar todo o habitáculo.

Barnes encontrava-se na extremidade mais afastada da sala, a tentar chegar à comporta. Tinha um corte no braço, a sangrar, e gritava ordens, mas Norman não conseguia ouvir nada excepto o som aterrador do metal a ceder. Viu Fletcher esgueirar-se pela comporta e depois Tina, e Barnes também conseguiu passar, deixando a marca ensanguentada de uma mão no metal.

Norman não conseguiu ver Harry, mas Beth cambaleou para junto dele, com a mão estendida, a dizer:

– Norman! Norman! Temos de... - E depois chocou contra ele e ele foi derrubado e caiu na tapete, por baixo do sofá. Deslizou para a fria parede exterior do cilindro e apercebeu-se, horrorizado, de que a tapete estava molhada.

O habitáculo estava a deixar entrar água.

Tinha de fazer alguma coisa; levantou-se com dificuldade e ficou junto a um esguicho fino de uma das rachas da parede. Olhou em volta, viu outras rachas a verter do tecto, das paredes.

”Este sitio vai desmantelar-se.”

Beth agarrou-o, aproximou a cabeça.

– Estamos a meter água! - gritou ela. - Meu Deus, estamos a meter água!

– Eu sei - disse Norman, e Barnes gritou no intercomunicador: ”Pressão positiva! Ponham pressão positiva!”

Norman viu Ted no chão, mesmo antes de tropeçar nele e cair pesadamente contra as consolas de computador, o rosto perto do ecrã, as letras brilhantes, grandes, à sua frente:

NÃO TENHAM MEDO.

– Jerry! - estava Ted a gritar. - Pare com isto, Jerry! Jerry! De súbito, o rosto de Harry estava perto de Ted, com os óculos de lado.

– Poupa o fôlego, ele vai matar-nos a todos!

– Ele não compreende - gritou Ted. Deixou-se cair para trás no sofá, com os braços pendentes.

Os fortes sacões de metal a soltar-se continuaram sem cessar; atirando Norman de um lado para o outro. Continuou a procurar apoios para as mãos, mas tinha as mãos molhadas e parecia-lhe que não conseguia agarrar nada.

– Agora, oiçam isto - disse Barnes pelo intercomunicador. - A Chan e eu vamos lá fora! Fletcher assume o comando!

– Não saiam! - gritou Harry. - Não vão lá fora!

– A abrir a escotilha agora - disse Barnes, laconicamente. Tina, siga-me.

– Vão ser mortos! - gritou Harry, e, depois, foi atirado contra Beth. Norman estava novamente no chão; bateu com a cabeça nas pernas do sofá.

– Estamos no exterior - disse Barnes.

E, abruptamente, as pancadas pararam. O habitáculo estava imóvel. Não se mexeram. Com a água a entrar por uma dúzia de rachas finas, levantaram a cabeça para o altifalante do intercomunicador, e escutaram.

– Saímos da escotilha - informou Barnes. - A nossa posição é boa. Armamento, arpões com cabeças explosivas J-9, carregadas com munições Taglin-50. Vamos mostrar um ou dois truques a este filho da mãe.

Silêncio.

– Água... A visibilidade é fraca. Visibilidade a menos de um metro e meio. Parece ser... sedimento do fundo levantado e... muito preto, escuro. Tacteamos o caminho ao longo dos edifícios.

Silêncio.

– Lado norte. Vamos agora para leste. Tina?

Silêncio.

-Tina?

– Atrás do senhor.

– Está bem. Ponha a mão no meu tanque para que... Muito bem. Assim está bem.

Silêncio.

No interior do cilindro, Ted suspirou.

– Não acho que eles devam matá-lo - disse suavemente. Norman pensou: "Não me parece que consigam."

Ninguém mais disse nada. Escutaram a respiração amplificada de Barnes e Tina.

– Esquina nordeste... Está bem. Sinto correntes fortes, activas, água a mexer-se... algo perto... Não consigo ver... visibilidade inferior a um metro e meio. Mal consigo ver a escora a que estou agarrado. No entanto, consigo senti-lo. Ele está perto. Tina?

Silêncio.

Um som crepitante, estática. Depois silêncio.

- Tina? Tina?

Silêncio.

– Perdi a Tina.

Outro silêncio, muito longo.

– Não sei o que... Tina, se consegue ouvir-me, fique onde está, eu trato do assunto a partir de agora... Muito bem... Ele está muito perto... Sinto-o a mexer-se... Empurra muita água, este tipo. Um verdadeiro monstro.

Mais silêncio.

– Quem me dera poder ver melhor. Silêncio.

– Tina? Aquilo é...

E, depois, um baque abafado, que podia ser uma explosão. Olharam todos uns para os outros, a tentar perceber o que significava o som, mas, no instante seguinte, o habitáculo recomeçou a balançar e a torcer-se violentamente, e Norman, desprevenido, foi atirado para o lado, contra o rebordo afiado da comporta, e o mundo ficou cinzento. Viu Harry a bater na parede ao lado dele e os óculos de Harry bateram no peito de Norman, e Norman estendeu os óculos a Harry, porque ele precisava deles. E, depois, Norman perdeu os sentidos e ficou tudo preto.

DEPOIS DO ATAQUE

Água quente caía sobre ele e inalou vapor.

De pé, no chuveiro, Norman baixou os olhos para o corpo e pensou: "Pareço o sobrevivente de um acidente aéreo. Uma daquelas pessoas que eu costumava ver e maravilhar-me por ainda estarem vivas."

Os altos na cabeça latejavam. O peito estava raspado num grande golpe até ao abdómen. Tinha a coxa esquerda roxo-escura; a mão esquerda estava inchada e dorida.

Mas, no fundo, doía-lhe tudo. Resmungou e virou o rosto para a água.

– Ei, chamou Harry. - Como é que estás aí dentro?

– Estou bem.

Norman saiu do chuveiro e Harry entrou. Tinha o corpo magro coberto de arranhões e nódoas negras. Norman olhou para Ted, que estava deitado de costas num dos beliches. Ted deslocara os dois ombros, e Beth tinha demorado quase meia hora para os colocar no lugar, mesmo depois de lhe ter injectado morfina.

– Como é que isso está agora? - perguntou-lhe Norman.

– Está bem.

Ted tinha uma expressão entorpecida, alheada. Tinha perdido o entusiasmo. Norman pensou que ele tinha sofrido uma dor maior do que os ombros deslocados. Em muitos sentidos uma criança ingénua, Ted devia ter ficado profundamente chocado ao descobrir que esta inteligência extraterrestre era hostil.

– Dói muito? - perguntou Norman.

– Nem por isso.

Norman sentou-se lentamente no beliche e sentiu uma dor pungente percorrer-lhe a coluna. "53 anos de idade", pensou. "Eu devia estar a jogar golfe." Depois, pensou: "Devia estar em qualquer parte do mundo menos aqui." Estremeceu e enfiou cautelosamente um sapato no pé direito, que estava ferido. Por alguma razão, lembrou-se dos pés nus de Levy, da cor da pele morta, do pé a bater na sua viseira.

– Eles encontraram o Barnes? - perguntou Ted.

– Não ouvi nada - disse Norman. - Não me parece. Acabou de se vestir e foi para o Cilindro D, passando por cima das poças de água no corredor. Dentro do Cilindro D, o mobiliário estava ensopado e as paredes estavam cobertas de gotas irregulares de espuma de uretano branco nos locais onde Fletcher tinha selado as rachas.

Fletcher estava de pé no meio do aposento, com a lata de *spray na mão*.

– *Não está tão bonito como antes - disse ela.*

– *Vai aguentar-se?*

– *Claro, mas garanto-lhe uma coisa: não podemos sobreviver a mais um daqueles ataques.*

– *E quanto à electrónica. Está a funcionar?*

– Não verifiquei, mas deve estar tudo bem. É tudo à prova de água.

Norman acenou afirmativamente.

– Algum sinal do comandante Barnes?

Olhou para a impressão de uma mão ensanguentada na parede.

– Não, senhor. Absolutamente nenhum sinal do comandante. Fletcher seguiu os olhos dele para a parede. - Vou limpar aquilo imediatamente, sir.

– Onde está a Tina? - perguntou Norman.

– A descansar. No Cilindro E. Norman assentiu.

– O Cilindro E está mais seco do que este?

– Sim - disse Fletcher. É uma coisa engraçada. Não havia ninguém no Cilindro E durante o ataque, e este ficou completamente seco.

– Alguma notícia de Jerry?

– Nenhum contacto, sir, não.

Norman ligou uma das consolas de computador.

– Jerry, está aí?

O ecrã permaneceu vazio.

– Jerry?

Esperou um momento e depois desligou a consola.

Tina disse:

– Olhe para o ferimento. - Sentou-se e atirou o cobertor para trás, para expor a perna esquerda.

O ferimento estava muito pior do que quando a tinham ouvido gritar e tinham corrido pelo habitáculo e a tinham puxado pela escotilha do Cilindro A. Agora, a correr em diagonal pela perna, viam-se uma série de vergões com o formato de pires, e o centro de cada um estava empolado e roxo.

– Inchou muito na última hora - disse Tina.

Norman examinou os ferimentos. Pequenas marcas de dentes bordejavam as partes inchadas.

– Lembra-se de como foi? - perguntou ele.

– Foi uma sensação horrível - disse Tina. - Erapegajoso, sabe, como cola peganhenta ou coisa parecida. E, depois, cada uma destas marcas redondas queimou. Muito forte.

– E que é que conseguiu ver? Da criatura propriamente dita.

– Apenas... era uma coisa comprida e semelhante a uma espátula. Parecia uma folha gigante; apareceu e enrolou-se à minha volta.

– Alguma cor?

– Acastanhado. Não consegui ver bem. Fez uma breve pausa.

– E o comandante Barnes?

– Durante a missão fui separada do comandante Barnes. Não sei o que aconteceu ao comandante Barnes. - Tina falou formalmente, o rosto uma máscara. Ele pensou: "Vamos ver isto agora. Se fugires agora, está tudo bem comigo."

– A Beth viu este ferimento, Tina?

– Sim, senhor. Esteve aqui há alguns minutos.

– Muito bem. Agora descanse. -Sir?

- Sim, Tina?

– Quem é que vai fazer o relatório, sir?

– Não sei. Agora não vamos preocupar-nos com relatórios. Vamos apenas concentrar-nos em ultrapassar isto.

– Sim, senhor.

Quando se aproximava do laboratório de Beth, ouviu a voz de Tina dizer: "Acha que eles vão conseguir abrir a esfera?"

Beth disse: "Talvez. Não sei."

"Assusta-me."

E depois ouviu-se novamente a voz de Tina:

"Acha que eles vão conseguir abrir a esfera?"

"Talvez. Não sei."

"Assusta-me."

No laboratório, Beth estava debruçada sobre a consola, a observar o gravador.

– Ainda com isso, hem? - disse Norman.

- Sim.

Na fita, Beth estava a terminar o bolo, e a dizer: "Não me parece que haja motivo para estar assustada."

"É o desconhecido", dizia Tina.

"Claro", disse Beth no ecrã, "mas uma coisa desconhecida não é necessariamente perigosa ou assustadora. O mais provável é ser apenas inexplicável."

– Famosas últimas palavras - disse Beth, a observar-se.

– Na altura soou bem - disse Norman. - Para a manter calma. No ecrã, Beth disse para Tina: "Tem medo de cobras?"

"As cobras não me incomodam", respondeu Tina. "Bem, eu não suporto cobras", disse Beth. Beth parou a gravação, voltou-se para Norman.

– Parece que foi há muito tempo, não parece?

– Estava precisamente a pensar nisso - replicou Norman.

– Isto significa que estamos a viver a vida em pleno?

– Creio que significa que estamos em perigo mortal - disse Norman. - Por que é que estás tão interessada nesta gravação?

– Porque não tenho nada mais interessante para fazer, e se não me mantiver ocupada vou começar a gritar e vou fazer uma daquelas tradicionais cenas femininas. Já me viste fazê-la uma vez, Norman.

– Já? Não me lembro de nenhuma cena.

– Obrigada - disse ela.

Norman reparou num cobertor em cima de um sofá, no canto do laboratório. E Beth tinha desmontado um dos candeeiros da bancada de trabalho e montara-o na parede por cima dos cobertores.

– Agora dormes aqui?

– Sim, gosto disto. Mesmo no topo do cilindro... sinto-me a rainha do mundo. - Sorriu. - É uma espécie de casa da árvore de quando éramos miúdos. Alguma vez tiveste uma casa na árvore quando eras criança?

– Não - respondeu Norman, nunca tive.

– Nem eu - disse Beth. - Mas é assim que imagino que seria, se tivesse uma.

– Parece muito aconchegante, Beth.

– Achas que estou a ir-me abaixo?

– Não. Só disse que parece aconchegante.

– Se achas que estou a ir-me abaixo, podes dizer.
– Acho que estás bem, Beth. E quanto a Tina? Viste o ferimento dela?
– Sim. - Beth franziu o sobrolho. - E vi estes. - Gesticulou para alguns ovos brancos num recipiente de vidro na bancada do laboratório.

– Mais ovos?

– Estavam agarrados ao fato de Tina quando ela voltou para dentro. O ferimento dela é consistente com estes ovos. E também o cheiro: lembras-te do cheiro quando a puxámos para dentro?

Norman recordava-se muito bem. Tina cheirava fortemente a amoníaco. Era quase como se tivesse mergulhado em sais de cheiro. Beth disse:

– Tanto quanto sei, existe apenas um animal que cheira a amoníaco com esta intensidade. *Architeuthis sanctipauli*.

- Que é?

– Uma das espécies de lulas gigantes.

– Foi isso que nos atacou?

– Creio que sim.

Explicou que se sabia muito pouco acerca das lulas gigantes, porque os únicos espécimes estudados eram animais mortos que tinham dado à costa, geralmente num estado de decomposição avançado e a tresandar a amoníaco. Durante a maior parte da história da humanidade, a lula gigante foi considerada um monstro marinho mítico, como o monstro que aparecia ao largo da costa norueguesa. Mas em 1861, surgiram os primeiros relatórios científicos fiáveis, depois de um navio de guerra francês conseguir içar fragmentos de um animal morto. E muitos mataram baleias que apresentavam cicatrizes de ventosas gigantes, testemunho de batalhas subaquáticas. As baleias eram o único predador conhecido das lulas gigantes... os únicos animais suficientemente grandes para serem predadores.

– Actualmente - disse Beth, as lulas gigantes foram observadas em todos os oceanos de maiores dimensões no mundo. Existem pelo menos três espécies diferentes. Os animais ficam muito grandes e podem pesar cinquenta quilos ou mais. A cabeça tem cerca de seis metros de comprimento, com uma coroa de oito braços. Cada braço tem cerca de três metros de comprimento, com longas filas de ventosas. No centro da coroa situa-se uma boca com um bico aguçado, como o bico de um papagaio, com a diferença de que as mandíbulas têm quinze centímetros de comprimento.

– O fato rasgado da Levy?

– Sim. - Acenou afirmativamente. - O bico está montado num anel de músculo, por isso pode mover-se em círculos enquanto morde. E a radula... a língua da lula... tem uma superfície áspera, em forma de lima.

– Tina mencionou algo acerca de uma folha, uma folha castanha.

– A lula gigante tem dois tentáculos que se estendem muito mais do que os braços e que podem chegar aos doze metros. Cada tentáculo termina numa "manus" ou "palma" achatada, que se assemelha muito a uma folha grande. A manus é o que a lula usa realmente para apanhar a presa. As ventosas na manus estão rodeadas por um pequeno anel duro de quitina, e é por isso que viste as marcas de dentes circulares à volta do ferimento.

Norman disse:

- *Como é que se luta contra uma?*
- *Bem - disse Beth, em teoria, embora as lulas gigantes sejam muito grandes, não são especialmente fortes.*
- *Lá se vai a teoria - disse Norman. Ela acenou afirmativamente.*
- *Claro que ninguém sabe até que ponto são fortes, uma vez que nunca foi encontrado um espécime com vida. Temos a honra dúbia de sermos os primeiros.*
- *Mas pode ser morta?*
- *Eu diria que é muito fácil. O cérebro da lula está localizado atrás do olho, que tem cerca de trinta e cinco centímetros de largura, o tamanho de um prato de jantar grande. Se se direccionasse uma carga explosiva para o animal, algures naquela área, conseguir-se-ia quase de certeza despedaçar-lhe o sistema nervoso e ele morreria.*
- *Pensas que o Barnes matou a lula? Ela encolheu os ombros.*
- *Não sei.*
- *Existem mais de uma numa área?*
- *Não sei.*
- *Voltaremos a ver uma?*
- *Não sei.*

O VISITANTE

Norman desceu para o centro de comunicações, para ver se conseguia falar com Jerry, mas Jerry não estava a reagir. Devia ter adormecido na cadeira da consola, porque olhou para cima abruptamente, espantado por ver um elegante marinheiro uniformizado atrás de si, a olhar por cima do seu ombro para os ecrãs.

– Como é que está a correr, *sir*? - *perguntou o marinheiro. Estava muito calmo. O seu uniforme estava muito bem passado a ferro.*

Norman sentiu um surto de enorme euforia. A chegada daquele homem ao habitáculo só podia significar uma coisa - os navios da superfície deviam ter regressado! Os navios tinham regressado e os submarinos tinham sido mandados para baixo, para os salvar! Iam ser todos salvos!

– *Marinheiro - disse Norman, a abanar a cabeça, estou tremendamente feliz por vê-lo.*

– *Obrigado, sir.*

– *Quando é que cá chegou? - perguntou Norman.*

– *Agora mesmo, sir.*

– *Os outros já sabem?*

– *Os outros, sir?*

– *Sim. Ainda restamos, ah, seis. Eles já foram informados de que está aqui?*

– *Não sei a resposta para isso, sir.*

Havia uma apatia naquele homem que Norman achou estranha. O marinheiro estava a olhar em volta do habitáculo, e, por um momento, Norman viu o ambiente que o rodeava através dos olhos dele, o interior húmido, as consolas destruídas, as paredes remendadas com espuma. Parecia que tinha havido uma guerra ali dentro.

– *Passámos um mau bocado - disse Norman.*

– *Posso ver isso, sir.*

– *Morreram três elementos do grupo.*

– *Lamento ouvir isso, sir.*

De novo aquela apatia. Neutralidade. Estaria a ser educado? Estaria preocupado com um tribunal marcial iminente? Era outra coisa completamente diferente?

– *De onde é que veio? - perguntou Norman.*

– *De onde é que vim, sir?*

– *De que navio.*

– *Oh. Do Sea Hornet, sir.*

– *Está por cima de nós agora?*

– *Sim, senhor, está.*

– *Bem, vamos despachar-nos - disse Norman. - Diga aos outros que já chegaram.*

– *Sim, senhor.*

– *O marinheiro saiu. Norman levantou-se e gritou:*

– *iupi! Estamos salvos!*

– *Pelo menos, não foi uma ilusão - disse Norman, a olhar para o ecrã. - Ali está ele, grande como a vida, no monitor.*

– *Sim. Ali está ele. Mas para onde é que foi? - perguntou Beth. Na última hora,*

tinham revistado exaustivamente o habitáculo. Não havia vestígios do tripulante negro. Não havia vestígios de um submarino lá fora. Não havia sinais de navios à superfície. O balão que tinham mandado para cima registara ventos de oitenta nós e ondas de dez metros antes de o cabo se partir.

Então, de onde é que ele viera? E para onde fora? Fletcher estava a trabalhar nas consolas. Apareceu um ecrã de informações.

– Que tal isto? O registo de navios no serviço activo revela que actualmente não existe nenhum navio chamado Sea Hornet.

Norman disse:

– Que diabo se passa aqui?

– Talvez ele fosse uma ilusão - disse Ted.

– As ilusões não são registadas em vídeo - disse Harry. - Para além disso, eu também o vi.

– Viste? - perguntou Norman.

– Sim. Tinha acabado de acordar e tinha tido um sonho sobre ser salvo, e estava deitado na cama quando ouvi passos e ele entrou no quarto.

– Falaste com ele?

– Sim. Mas ele era estranho. Apático. Um pouco maçador. Norman acenou afirmativamente.

– Via-se que algo nele não batia certo.

– É verdade.

– Mas de onde é que ele veio? - perguntou Beth.

– Só me ocorre uma possibilidade - disse Ted. - Veio da esfera. Ou, pelo menos, foi feito pela esfera. Por Jerry.

– Por que é que Jerry faria isso? Para nos espiar? Ted abanou a cabeça.

– Tenho estado a pensar nisto - disse ele. - Parece-me que o Jerry tem a capacidade de criar coisas. Animais. Não me parece que o Jerry seja uma lula gigante, mas criou a lula gigante que nos atacou. Não creio que o Jerry queira atacar-nos, mas, segundo o que a Beth estava a dizer-nos, depois de fazer a lula, então a lula poderia atacar o habitáculo, pensando que os cilindros eram o seu inimigo mortal, a baleia. Por isso, o ataque aconteceu como uma espécie de acidente de criação.

Eles franziram o sobrolho ao escutar. Para Norman, a explicação era demasiado conveniente.

– Eu creio que há outra possibilidade. A de o Jerry ser hostil.

– Não acredito nisso - disse Ted. - Não acredito que o Jerry seja hostil.

– Não há dúvida de que age como se fosse, Ted.

– Mas não creio que ele tenha a intenção de ser hostil.

– Seja qual for a intenção dele - disse Fletcher, é melhor não sofrermos outro ataque. Porque a estrutura não vai aguentar. Nem os sistemas de suporte de vida.

"Depois do primeiro ataque, tive de aumentar a pressão positiva afirmou Fletcher; para reparar as fendas. Para impedir a entrada da água, tive de aumentar a pressão do ar no interior do habitáculo, para a tornar maior do que a pressão da água no exterior. Isso parou as fugas, mas significa que o ar sai por todas aquelas fendas. E uma hora de reparação consumiu aproximadamente dezasseis horas da nossa reserva de ar. Tenho estado preocupada com a possibilidade de ficarmos

sem ar.

Seguiu-se uma pausa. Todos consideraram as implicações do que acabara de ser dito.

– Para compensar - continuou Fletcher, baixei a pressão interna em três centímetros de pressão. Agora estamos ligeiramente negativos e vamos ficar bem. O ar que temos vai ser suficiente enquanto aqui estivermos. Mas outro ataque sob estas condições e vamos ser esmagados como uma lata de cerveja.

Norman não gostou de ouvir nada daquilo, mas, ao mesmo tempo, ficou impressionado com a competência de Fletcher. Era um recurso que deviam estar a utilizar, pensou.

– Tem alguma sugestão, Teeny, para o caso de haver outro ataque?

– Bom, no Cilindro B temos uma coisa chamada SDAV.

– Que é?

– Sistema de Defesa de Alta Voltagem. Existe uma pequena caixa no B que electrifica as paredes de metal dos cilindros permanentemente, para evitar a corrosão electrolítica. Uma carga eléctrica muito ligeira, as pessoas nem se apercebem dela. De qualquer maneira, existe outra caixa, verde, ligada a essa, e é o SDAV. Basicamente, trata-se de um transformador de ampliação de baixa amperagem que envia dois milhões de volts pela superfície do cilindro. Deve ser muito desagradável para qualquer animal.

– Por que é que não o utilizámos antes? - perguntou Beth. Por que é que o Barnes não o utilizou, ao invés de arriscar...

– ... Porque a Caixa Verde tem problemas - disse Fletcher. Antes de mais, no fundo é apenas teórica. Tanto quanto sei, nunca foi realmente utilizada numa situação real de trabalho subaquático.

– Sim, mas deve ter sido testada.

– Sim. E em todos os testes deu origem a incêndios no interior do habitáculo.

Outra pausa, enquanto reflectiam naquilo. Por fim, Norman disse:

– Incêndios graves?

– Os incêndios têm tendência para queimar o isolamento, o acolchoamento das paredes.

– Os incêndios consomem o acolchoamento!

– Morreríamos de perda de calor em poucos minutos.

Beth disse:

– Que proporções é que pode assumir um incêndio? Os fogos necessitam de oxigénio para arder, e aqui em baixo só temos dois por cento de oxigénio.

– Isso é verdade, Dr.a Halpern - disse Fletcher, mas a percentagem de oxigénio varia. O habitáculo foi concebido para libertar quantidades que podem ascender a dezasseis por cento durante breves períodos, quatro vezes por hora. É tudo controlado automaticamente; não se pode alterar. E se a percentagem de oxigénio estiver elevada, nesse caso, os fogos ardem bem... a uma velocidade três vezes maior do que na superfície. É muito fácil ficarem fora de controlo.

Norman olhou em volta do cilindro. Localizou três extintores colocados nas paredes. Agora que pensava no assunto, havia extintores por todo o habitáculo. No fundo, nunca lhes prestara grande atenção antes.

– Mesmo que consigamos controlar os incêndios, estes vão ser fatais para os

sistemas - disse Fletcher. - Os transformadores de ar não têm capacidade para suportar a quantidade acrescida de subprodutos de monóxido e fuligens.

- Então, que fazemos?

- Utilizamo-la, mas apenas como último recurso - disse Fletcher. - Seria essa a minha recomendação.

Os elementos do grupo olharam uns para os outros e assentiram.

- Muito bem - disse Norman. - Apenas como último recurso.

- Vamos esperar que não haja outro ataque.

- Outro ataque... - Fez-se um silêncio prolongado enquanto reflectiam sobre aquilo. Depois, os ecrãs de gás-plasma na consola de Tina saltaram, e um silvo suave encheu a sala.

- Temos um contacto nos térmicos periféricos - disse Tina, num tom de voz inexpressivo.

- Onde? - perguntou Fletcher.

- Norte. A aproximar-se.

E, no monitor, viram as palavras:

ESTOU A CHEGAR.

Apagaram as luzes interiores e exteriores. Norman espreitou pela vigia e esforçou-se por ver na escuridão. Há muito que tinham aprendido que a escuridão a esta profundidade não era absoluta; as águas do Pacífico eram tão transparentes que mesmo a trezentos metros de profundidade era filtrada alguma luz. Era muito pouca, Edmunds tinha-a comparado ao brilho das estrelas, mas Norman sabia que à superfície era possível ver apenas com o brilho das estrelas.

Naquele momento colocou as mãos em concha em ambos os lados do rosto para bloquear a luz fraca proveniente das consolas de Tina e esperou que os seus olhos se ajustassem. Atrás dele, Tina e Fletcher estavam a trabalhar nos monitores. Ouvia o silvo dos hidrofones no aposento.

Estava a acontecer tudo de novo.

Ted estava de pé diante do monitor, a dizer:

- Consegue ouvir-me, Jerry? Jerry, está a escutar? - Mas não estava a conseguir comunicar com ele.

Beth aproximou-se quando Norman espreitava pela vigia.

- Vês alguma coisa?

- Ainda não.

Atrás deles, Tina disse:

- A oitenta metros e a aproximar-se... Sessenta metros. *Querem sonar?*

- Nada de sonar - disse Fletcher. - Nada que nos possa tornar interessantes para ele.

- Então, devíamos desligar os aparelhos electrónicos?

- Desliguem tudo.

As luzes de todas as consolas desligaram-se. Agora via-se apenas o brilho vermelho dos aquecedores de ambiente por cima deles. Sentaram-se na escuridão e olharam para o exterior. Norman tentou lembrar-se de quanto tempo necessitava a visão para se adaptar à escuridão. Lembrou-se de que podia demorar até três minutos.

Começou a ver formas: o esboço da grelha no fundo e, tenuemente, o leme alto da

nave espacial, que se erguia abruptamente.

Depois, outra coisa.

Um brilho verde à distância. No horizonte.

– É como um nascer do Sol verde - disse Beth.

A intensidade do brilho aumentou, e depois viram uma forma verde amorfa, com riscas laterais. Norman pensou: "É precisamente como a imagem que vimos antes. É mesmo parecida." Não conseguia identificar os pormenores.

– É uma lula? - perguntou.

– Sim - disse Beth.

– Não consigo ver...

– Estás a vê-la numa ponta. A cabeça está na nossa direcção, os tentáculos atrás, parcialmente bloqueados pelo corpo. É por isso que não consegues vê-la.

A lula tornou-se maior. Estava indiscutivelmente a vir na direcção deles.

Ted correu das vigias para as consolas.

– Jerry, está a escutar? Jerry?

– Os aparelhos electrónicos estão desligados, Dr. Fielding disse Fletcher.

– Bem, vamos tentar falar com ele, pelo amor de Deus.

– Acho que já ultrapassámos a fase das conversações, sir.

A lula estava fracamente luminosa e todo o corpo era de um verde-escuro. Agora, Norman conseguia ver uma linha vertical no corpo. Os tentáculos e braços moviam-se e eram visíveis. O contorno tornou-se maior. A lula movia-se lateralmente.

– Vai contornar a grelha.

– Sim - disse Beth. - São animais inteligentes; tem a capacidade de aprender com a experiência. Provavelmente, não gostou de bater na grelha antes, e lembra-se.

A lula passou o leme da nave espacial e puderam avaliar o seu tamanho. "Tem o tamanho de uma casa", pensou Norman. A criatura deslizou suavemente pela água em direcção a eles. Norman não pôde deixar de sentir admiração, apesar de o seu coração bater desenfreadamente.

– Jerry! Jerry!

– Poupa o fôlego, Ted.

– Trinta metros - disse Tina. - Continua a aproximar-se.

À medida que a lula se aproximava, Norman conseguiu contar os braços, e viu os dois tentáculos compridos, linhas brilhantes que se estendiam muito para além do corpo. Os braços e tentáculos pareciam mover-se livremente na água, enquanto o corpo efectuava contracções musculares regulares. A lula impelia-se com a água e não usava os braços para nadar.

Vinte metros.

– Meu Deus, é grande! - exclamou Harry.

– Sabem - disse Beth, somos as primeiras pessoas na história da humanidade a ver uma lula gigante a nadar em liberdade. Devia ser um grande momento.

Ouviram o gorgolejar, o ruído de água nos hidrofones, enquanto a lula se aproximava.

Dez metros.

Por um momento, a grande criatura virou-se de lado para o habitáculo, e puderam ver o seu perfil - o enorme corpo brilhante, com dez metros de comprimento, e o

enorme olho que não pestanejava; o círculo de braços a acenarem como cobras maldosas; os dois longos tentáculos, cada um deles terminando numa secção achatada e em forma de folha.

A lula continuou a virar-se até os braços e tentáculos se estenderem para o habitáculo, e vislumbrou a boca, o bico mastigador afiado numa massa de músculo verde-brilhante.

– Oh, Deus...

A lula avançou. Com o brilho, viram-se uns aos outros nas vigias. "É assustador", pensou Norman. "É assustador, e desta vez não vamos conseguir sobreviver."

Ouviu-se um estrondo quando um tentáculo bateu no habitáculo.

– Jerry! - gritou Ted. O tom de voz era alto, tenso.

A lula parou. O corpo moveu-se lateralmente e viram o olho enorme a contemplá-los.

– Jerry! Escute-me! A lula pareceu hesitar.

– Ele está a escutar! - gritou Ted, e agarrou numa lanterna que se encontrava num gancho na parede e fê-la incidir pela vigia. Piscou a luz uma vez.

O grande corpo da lula emitia um brilho verde, depois escureceu momentaneamente, e em seguida voltou a brilhar num tom de verde.

– Ele está a escutar - disse Beth.

– Claro que está a escutar. É inteligente. - Ted acendeu e apagou a lanterna duas vezes numa sucessão rápida.

A lula piscou também, duas vezes.

– Como é que ela consegue fazer aquilo? - perguntou Norman.

– É uma espécie de célula na pele chamada cromatóforo - disse Beth. - O animal pode abrir e fechar estas células segundo a sua vontade e bloquear a luz.

Ted acendeu e apagou a lanterna três vezes. A lula piscou três vezes.

– Consegue fazê-lo depressa - disse Norman.

– Sim, depressa.

– Ele é inteligente - disse Ted. - Estou sempre a dizer-vos isso. Ele é inteligente e quer falar.

Ted acendeu e apagou a lanterna: prolongado, curto, curto. A lula igualou o padrão.

– É um bebé - disse Ted. - Continue a falar comigo, Jerry. Acendeu e apagou um padrão mais complexo e a lula respondeu, mas depois desviou-se para a esquerda.

– Tenho de o manter a falar - disse Ted.

Quando a lula se movia, Ted movia-se, a passar de vigia para vigia, a acender e a apagar a lanterna. A lula continuava a piscar o corpo brilhante em resposta, mas Norman sentiu que agora tinha outro objectivo.

Todos seguiram Ted, do Cilindro D para o Cilindro C. Ted acendeu e apagou a lanterna. A lula respondeu, mas continuou a avançar.

– Que é que ele está a fazer?

– Talvez esteja a conduzir-nos...

– Porquê?

Foram para o Cilindro B, onde se localizava o equipamento de suporte de vida, mas não havia vigias no Cilindro B. Ted passou para o A, a câmara de compressão. Ali também não havia vigias. Ted saltou imediatamente para baixo e

abriu a escotilha no chão, fazendo aparecer água escura.

– Cuidado, Ted.

– Estou a dizer-vos que ele é inteligente - disse Ted. A água a seus pés brilhou num tom de verde-suave. - Ai vem ele. - Ainda não conseguiam ver a lula, apenas o brilho. Ted piscou a lanterna para a água.

O verde também piscou.

– Ainda está a falar - disse Ted. - E enquanto estiver a falar... Com uma rapidez avassaladora, o tentáculo irrompeu pela água e girou num grande arco em volta da câmara de compressão. Norman vislumbrou uma haste brilhante, tão grossa como o corpo de um homem, e uma grande folha brilhante com um metro e meio de comprimento, a baloiçar cegamente por cima dele, e quando se baixou viu que a coisa atingiu Beth e a atirou ao chão. Tina estava a gritar, aterrorizada. Fortes vapores de amoníaco queimaram-lhes os olhos. O tentáculo girou em direcção a Norman. Ele levantou as mãos para se proteger e tocou em carne viscosa, fria, quando o braço gigante o prendeu e o atirou contra as paredes metálicas da câmara de compressão. O animal era incrivelmente forte.

– Afastem-se, afastem-se todos, afastem-se do metal! - estava Fletcher a gritar. Ted estava a tentar levantar-se, a afastar-se da escotilha e do braço ondulante, e quase tinha chegado à porta quando a folha rodopiou e se enrolou nele, cobrindo-lhe quase todo o corpo. Ted gemeu, puxou a folha com as mãos. Tinha os olhos muito abertos e estava aterrorizado.

Norman correu para a frente, mas Harry agarrou-o.

– Deixa-o! Agora não podes fazer nada!

Ted estava a ser atirado de um lado para o outro no ar, na câmara de compressão, a bater de parede em parede. A cabeça dele caiu; o sangue escorreu-lhe pela testa para o tentáculo brilhante. Mesmo assim, o braço continuou a atirá-lo de um lado para o outro, e o cilindro soava como um gongo a cada pancada.

– Saiam! - estava Fletcher a gritar. - Saiam todos!

Beth passou por eles a gatinhar. Harry puxou Norman no momento em que o segundo tentáculo subia acima da superfície para segurar Ted num aperto de pinça.

– Afastem-se do metal! Raios, afastem-se do metal! - estava Fletcher a gritar, e passaram para a tapete do Cilindro B e ela rodou o interruptor da Caixa Verde e ouviu-se um zumbido dos geradores quando as filas de aquecedores vermelhos enfraqueceram à medida que dois milhões de volts de electricidade invadiram o habitáculo.

A reacção foi instantânea. O chão estremeceu debaixo dos pés deles quando o habitáculo foi atingido por uma força enorme... Norman podia jurar que tinha ouvido um grito, embora pudesse ter sido metal a rasgar... e os tentáculos recuaram rapidamente da câmara de compressão. Viram o corpo de Ted pela última vez quando este foi arrastado para a água tingida e Fletcher desligou a alavanca na Caixa Verde. Mas os alarmes já tinham começado a tocar e os painéis de aviso acenderam-se.

– Fogo! - gritou Fletcher. - Fogo no Cilindro E!

Fletcher deu-lhes máscaras de gás; a de Norman não parava de deslizar para a testa, obscurecendo-lhe a visão. Quando chegaram ao Cilindro D, o fumo era

denso. Tossiram e tropeçaram, chocaram contra as consolas.

– Mantenham-se baixos - gritou Tina, pondo-se de joelhos. Era ela que ia à frente; Fletcher tinha ficado para trás, no B.

Mais à frente, um brilho vermelho, assustador, contornava a escotilha que levava ao Cilindro E. Tina agarrou num extintor e atravessou a porta, e Norman seguiu imediatamente atrás dela. No começo pensou que todo o cilindro estava a arder. Chamas fortes lambiam o revestimento lateral; nuvens densas de fumo adensavam-se no tecto. O calor era quase palpável. Tina girou o extintor num movimento circular e começou a borrfifar espuma branca. A luz do fogo, Norman viu outro extintor, agarrou-o, mas o metal estava a escaldar e deixou-o cair ao chão.

– Fogo no D - disse Fletcher pelo intercomunicador. - Fogo no D.

"Jesus", pensou Norman. Embora tivesse máscara, tossiu devido ao fumo acre. Apanhou o extintor do chão e começou a borrfifar; o extintor ficou imediatamente mais fresco. Tina gritou-lhe alguma coisa, mas ele não ouviu nada a não ser o rugido das chamas. Ele e Tina estavam a apagar o fogo, mas ainda havia uma zona extensa em chamas perto de uma vigia. Afastou-se, a borrfifar o chão que ardia a seus pés.

Não estava preparado para a explosão, para a concussão que lhe atingiu dolorosamente os ouvidos. Virou-se e viu que uma mangueira se tinha soltado no aposento, e depois apercebeu-se de que uma das pequenas vigias tinha explodido ou ardido, e a água estava a entrar com uma força incrível.

Não conseguiu ver Tina; depois, viu que ela tinha sido derrubada; ela levantou-se, a gritar alguma coisa para Norman, e depois escorregou e voltou para a corrente sibilante de água. A coisa pegou nela e atirou-a com tanta força para a parede em frente que ele soube imediatamente que ela tinha de ter morrido, e, quando olhou para cima, viu-a a flutuar de rosto para baixo na água que enchia rapidamente a sala. Tinha a nuca aberta; viu a carne vermelha e polposa do cérebro dela.

Norman virou-se e fugiu. A água estava já a escorrer pela beira da escotilha quando ele fechou rapidamente a pesada porta e girou a roda para a trancar.

Não conseguiu ver nada no D; o fumo era pior do que antes. Viu manchas tênues de chamas vermelhas, difusas no meio do fumo. Ouviu o assobio dos extintores. Onde estava o seu extintor? Devia tê-lo deixado no E. Como um cego, tateou ao longo das paredes à procura de outro extintor, a tossir por causa do fumo. Tinha os olhos e os pulmões a arder, apesar da máscara.

E, depois, com um grande estrondo metálico, começaram as pancadas, e o habitáculo abanou sob os golpes da lula, no exterior. Ouviu Fletcher no intercomunicador, mas a voz dela estava áspera e pouco nítida. As pancadas continuaram, assim como o chiar terrível do metal. E Norman pensou: "Vamos morrer. Desta vez, vamos morrer."

Não conseguiu encontrar um extintor de incêndios, mas as suas mãos tocaram em algo metálico na parede e Norman sentiu uma coisa na escuridão cheia de fumo e perguntou a si mesmo o que seria, alguma espécie de protuberância, e, depois, dois milhões de volts subiram-lhe pelos membros e invadiram-lhe o corpo e ele gritou uma vez e caiu para trás.

RESCALDO

Estava a olhar para uma fileira de luzes numa perspectiva estranha, oblíqua. Sentou-se, sentindo uma dor aguda, e olhou em volta. Estava sentado no chão, no Cilindro D. Uma leve neblina de fumo pairava no ar. As paredes acolchoadas estavam escurecidas e carbonizadas em diversos sítios.

”Deve ter havido um incêndio aqui”, pensou ele, a olhar para os danos, estarrecido. Quando teria aquilo acontecido? Onde estava na altura?

Apoiou-se lentamente num joelho e depois levantou-se. Virou-se para o Cilindro E, mas por algum motivo a comporta para o E estava fechada. Tentou girar a roda para a destrancar; estava encravada.

Não viu mais ninguém. Onde estavam os outros? Depois recordou-se de alguma coisa acerca de Ted. Ted tinha morrido. A lula a espremer o corpo de Ted na câmara de compressão. E depois Fletcher tinha dito para se afastarem e accionara a alavanca da electricidade...

Estava a começar a recordar-se. O incêndio. Houvera um incêndio no Cilindro E. Ele tinha ido para o E com Tina, para apagarem o fogo. Lembrava-se de entrar na sala, de ver as chamas a lamber as paredes... Depois disso, não sabia ao certo. Onde estavam os outros?

Por um momento horrível pensou que era o único sobrevivente, mas depois ouviu tosse no Cilindro C. Avançou na direcção do som. Não viu ninguém, por isso foi para o Cilindro B.

Fletcher não se encontrava lá. Viu uma grande mancha de sangue nos canos de metal e um dos sapatos dela na carpete. Era tudo.

Mais tosse no meio dos canos.

– Fletcher?

– Só um momento...

Beth apareceu no meio dos canos, manchada de gordura.

– Ótimo, já estás bem. Já pus quase todos os sistemas a funcionar, acho. Graças a Deus que a Marinha tem instruções impressas nos alojamentos. De qualquer maneira, o fumo está a desaparecer e os valores da qualidade do ar estão bem... não famosos, mas bem... e todas as coisas vitais parecem estar intactas. Temos ar e água, aquecimento e energia. Estou a tentar descobrir quanta energia e ar ainda nos restam.

– Onde está a Fletcher?

– Não consigo encontrá-la em lado nenhum. - Beth apontou para o sapato na carpete e para o rasto de sangue.

– Tina? - perguntou Norman. Estava alarmado com a perspectiva de ficar ali preso sem nenhum pessoal da Marinha.

– A Tina estava contigo - disse Beth, e franziu o sobrolho.

– Acho que não me lembro - disse Norman.

– Provavelmente, sofreste uma descarga de corrente - disse Beth. - Que te

provocou amnésia retrógrada. Não vais lembrar-te dos minutos que antecederam o choque. Também não consigo encontrar a Tina, mas, segundo os sensores de situação, o Cilindro E está inundado e selado. Tu estavas com ela no E. Não sei por que é que ficou inundado.

– E quanto ao Harry?

– Também apanhou um choque, creio. Tiveram sorte por a amperagem não ser alta, se não teriam ficado fritos. De qualquer forma, ele está estendido no chão do C, a dormir ou inconsciente. Deves querer ir dar-lhe uma vista de olhos. Eu não quis correr o risco de lhe mexer, por isso deixei-o ficar lá.

– Ele acordou? Disse alguma coisa?

– Não, mas parece estar a respirar bem. A cor está boa, tudo isso. De qualquer maneira, achei que o melhor que tinha a fazer era pôr os sistemas de suporte de vida operacionais. - Limpou a gordura da face. - O que eu quero dizer é que agora somos apenas os três, Norman.

– Tu, eu e Harry?

– Isso mesmo. Tu, eu e Harry.

Harry estava a dormir calmamente no chão entre os beliches. Norman inclinouse, ergueu-lhe uma pálpebra, fez incidir uma lanterna na pupila de Harry. A pupila contraiu-se.

– Isto não pode ser o céu - disse Harry.

– Por que não? - replicou Norman. Fez incidir a lanterna na outra pupila, que se contraiu.

– Porque tu estás aqui. Eles não deixam psicólogos entrar no céu. - Sorriu fugazmente.

– Consegues mexer os dedos dos pés? As mãos?

– Consigo mexer tudo. Vim até aqui pelos meus pés, Norman, desde o cilindro C. Estou bem.

Norman sentou-se e encostou-se.

– Estou muito satisfeito por estares bem, Harry. - Estava a falar a sério; tinha ficado apavorado com a perspectiva de Harry estar muito ferido. Desde o começo da expedição, tinham-se apoiado todos em Harry. Em todas as alturas críticas, ele tivera a resposta, a compreensão necessária. E, mesmo agora, Norman confortou-se com o pensamento de que, se Beth não conseguisse perceber os sistemas de suporte de vida, Harry conseguiria.

– Sim, estou bem. - Fechou de novo os olhos, suspirou. - Quem sobrou?

– A Beth. Eu. Tu.

– Jesus!

– Sim. Queres levantar-te?

– Sim. Vou deitar-me no beliche. Estou extremamente cansado, Norman. Podia dormir um ano inteiro.

Norman ajudou-o a pôr-se de pé. Harry atirou-se pesadamente para o beliche

mais próximo.

– Não faz mal se dormir um bocado?

– Claro que não.

– Isso é bom. Estou extremamente cansado, Norman. Podia dormir um ano inteiro.

– Sim, já disseste isso...

Calou-se. Harry estava a risonar. Norman estendeu a mão para tirar uma coisa que estava amachucada na almofada atrás da cabeça de Harry.

Era o bloco de apontamentos de Ted Fielding.

De súbito, Norman sentiu-se esmagado. Sentou-se no seu beliche, com o bloco de apontamentos nas mãos. Por fim, olhou para algumas páginas, cheias de letra grande e entusiástica de Ted. Uma fotografia caiu-lhe para o colo. Virou-a. Era uma fotografia de um *Corvette vermelho*. *E os sentimentos dominaram-no. Norman não sabia se estava a chorar por Ted, ou se estava a chorar por si próprio, porque era claro para ele que, um por um, iam todos morrer ali em baixo. Estava muito triste e com muito medo.*

Beth estava no Cilindro D, na consola de comunicações, a ligar todos os monitores.

– *Eles fizeram um bom trabalho neste sítio - disse ela. - Está tudo marcado; tudo tem instruções; há ficheiros de ajuda nos computadores. Até um idiota conseguia perceber. Que eu veja, só há um problema.*

– *Qual?*

– *A cozinha era no Cilindro E, e o Cilindro E está inundado. Não temos comida, Norman.*

– *Absolutamente nenhuma?*

– *Acho que não.*

– *Água?*

– *Sim, muita água, mas nenhuma comida.*

– *Bem, podemos passar sem comida. Quanto tempo mais é que teremos de passar aqui?*

– *Parece que ainda temos de ficar aqui mais dois dias.*

– *Não vamos conseguir - disse Norman, e pensou: "Dois dias, Jesus. Mais dois dias neste sítio."*

– *Partindo do princípio de que a tempestade passa na altura prevista - acrescentou Beth. - Tenho estado a pensar como soltar um balão de superfície, para vermos como estão as coisas lá em cima. Tina costumava inserir um código especial para soltar um balão.*

– *Nós vamos conseguir - disse Norman de novo.*

– *Oh, claro. Se as coisas piorarem de forma dramática, podemos sempre ir buscar comida à nave espacial. Há lá comida de sobra.*

– *Achas que podemos correr o risco de ir lá fora?*

– *Temos de correr - disse ela, a olhar para os ecrãs, dentro das próximas três horas.*

– *Porquê?*

– O mini-submarino. Tem aquele temporizador automático de subida à superfície, a menos que alguém vá lá carregar no botão.

– Que se lixe o submarino! - disse Norman. - Deixa o submarino ir embora.

– Talvez seja melhor não seres tão precipitado - disse Beth. Aquele submarino tem capacidade para três pessoas.

– Estás a dizer que podíamos sair todos daqui nele?

– Sim. É isso que eu estou a querer dizer.

– Cristo - disse Norman. - Vamos agora.

– Só temos dois pequenos problemas - declarou Beth. Apontou para os ecrãs. - Tenho estado a verificar as características do aparelho. Em primeiro lugar, o submarino é instável à superfície. Se houver ondas grandes à superfície, vamos ser mais chocalhados do que fomos aqui. E a segunda coisa, é que temos de o ligar a uma câmara de descompressão à superfície. Não te esqueças de que nos esperam noventa e seis horas de descompressão.

– E se não descomprimirmos? - inquiriu Norman. Estava a pensar: "Vamos mas é para a superfície no submarino e abrimos a escotilha e vemos as nuvens e o céu e respiramos ar normal da terra."

– Temos de descomprimir - disse Beth. - A tua corrente sanguínea está saturada de hélio em solução. Neste momento estás sob pressão, por isso está tudo bem. Mas se soltares essa pressão de repente, acontece o mesmo que quando tiras a cápsula da garrafa de uma bebida com gás. O hélio vai borbulhar de forma explosiva para fora do teu sistema. Morrerás instantaneamente.

– Oh! - disse Norman.

– Noventa e seis horas - disse Beth. - É o tempo que demora a tirar o hélio de dentro de ti.

– Oh!

Norman dirigiu-se para a vigia e olhou para o DH-7, e para o mini-submarino. Estava a cem metros de distância.

– Pensas que a lula vai voltar? Ela encolheu os ombros.

– Pergunta ao Jerry.

Norman pensou: "Nada mais dessa coisa da Geraldina agora. Ou ela preferia pensar nesta entidade malévola como masculina?"

– Qual é o monitor?

– Este. - Ela ligou-o. O ecrã brilhou. Norman disse.

– Jerry? Está aí? Não obteve resposta. Escreveu:

JERRY? ESTÁ AÍ?

Não houve resposta nenhuma.

– Vou dizer-te uma coisa acerca do Jerry - disse Beth. - Na verdade, ele não consegue ler os nossos pensamentos. Quando estávamos a falar com ele antes, eu enviei-lhe um pensamento e ele não reagiu.

– Eu também - disse Norman. - Mandei-lhe mensagens e imagens. Ele nunca reagiu.

– Se falamos, ele responde, mas se apenas pensamos, ele não responde - disse Beth. - Por isso, não é todo-poderoso. No fundo, comporta-se como se nos ouvisse.

– Isso mesmo - disse Norman. - Embora não pareça estar a ouvir-nos agora.

– Não. Eu também já tinha tentado antes.

- Por que será que não está a responder?
 - Disseste que ele era emocional. Talvez esteja amuado. Norman não concordava com ela. Reis-criança não amuavam.
 - Eram vingativos e caprichosos, mas não amuavam.
 - A propósito - disse ela, talvez queiras ver isto. - Estendeu-lhe uma pilha de folhas impressas. - São o registo de todas as interações que tivemos com ele.
 - Podem dar-nos uma pista - disse Norman, e passou os olhos pelas folhas sem verdadeiro entusiasmo. De súbito, sentiu-se cansado.
 - Em todo o caso, vai servir para manter a minha mente ocupada.
 - Verdade.
 - Pessoalmente - declarou Beth, gostaria de voltar à nave.
 - Para quê?
 - Não estou convencida de termos encontrado tudo o que existe lá.
 - A nave está muito longe - disse Norman.
 - Eu sei. Mas se tivéssemos um tempo sossegado, sem a lula, podíamos experimentar.
 - Apenas para ocupares a mente?
 - Acho que se pode dizer isso. - Olhou de relance para o relógio. Vou dormir algumas horas, Norman - disse. - Depois, podemos tirar à sorte para ver quem vai ao submarino.
 - Está bem.
 - Pareces deprimido, Norman.
 - E estou.
 - Eu também - disse ela. - Este lugar parece um túmulo... e eu fui enterrada prematuramente.
- Trepou as escadas para o seu laboratório, mas, aparentemente, não foi dormir porque, alguns minutos depois, ouviu a voz de Tina gravada em vídeo a dizer:
- "Acha que eles vão conseguir abrir a esfera?"
- E Beth replicou, "Talvez. Não sei."
- "Assusta-me."
- O ruído da fita a andar para trás e uma breve pausa, e depois:
- "Acha que eles vão conseguir abrir a esfera?"
- "Talvez. Não sei."
- "Assusta-me."
- A gravação estava a tornar-se uma obsessão para Beth.
- Ele olhou para as folhas impressas que tinha no colo e depois contemplou o ecrã.
- Jerry? - disse. - Está aí? Jerry não respondeu.

O SUBMARINO

Ela estava a abanar-lhe o ombro suavemente. Norman abriu os olhos.

– Chegou a hora - disse Beth.

– Está bem. - Ele bocejou. Deus, estava cansado. - Quanto tempo falta?

– Meia hora.

Beth ligou os dispositivos dos sensores na consola de comunicações, ajustou os parâmetros.

– Sabes trabalhar com todas essas coisas? - perguntou Norman. - Os sensores?

– Bastante bem. Tenho estado a aprender.

– Então, eu devia ir ao submarino - disse ele. Sabia que Beth nunca concordaria, que insistiria em fazer o trabalho activo, mas queria fazer aquele esforço.

– Está bem - concordou ela. - Vais tu. Faz sentido. Ele escondeu a surpresa.

– Eu também acho.

– Alguém tem de controlar os aparelhos - disse ela. - E posso avisar-te se a lula vier.

– Certo - disse ele. Apensar: "Raios, ela está a falar a sério." Não me parece que seja um trabalho para o Harry - disse Norman.

– Não, o Harry não é muito físico. E ainda está a dormir. Eu acho que devemos deixá-lo dormir.

– Certo - disse Norman.

– Vais precisar de ajuda para vestir o fato - disse Beth.

– Oh, é verdade, o meu fato - disse Norman. - O ventilador do meu fato está partido.

– A Fletcher arranjou-o - disse Beth.

– Espero que tenha feito um bom trabalho.

– Talvez fosse melhor ir eu - disse Beth.

– Não, não. Tu ficas a controlar as consolas. Eu vou. Afinal de contas, são apenas cerca de cem metros. Não pode ser muito complicado.

– Agora está tudo desimpedido - disse ela, a estudar os monitores.

– Certo - disse Norman.

O capacete deu um estalido quando ficou no lugar e Beth bateu-lhe na viseira, olhando-o interrogativamente: estava tudo bem?

Norman acenou afirmativamente e ela abriu a escotilha do chão para ele sair. Ele disse-lhe adeus e saltou para a água negra e gelada. No fundo do mar, parou debaixo da escotilha durante alguns instantes e esperou até se certificar de que ouvia o ventilador de circulação. Depois, saiu de debaixo do habitáculo.

Havia apenas algumas luzes no habitáculo e viu muitas linhas finas de bolhas a subir para a superfície, provenientes das rupturas dos cilindros.

– Como estás? - perguntou Beth, pelo intercomunicador.

– Bem. Sabes que o habitáculo está cheio de fendas?

– Parece pior do que está na realidade - disse Beth. - Confia em mim.

Norman dirigiu-se para o limite do habitáculo e olhou para os cem metros de mar aberto que o separavam do DH-7.

– Como é que está isto por aqui? Ainda desimpedido?

– Ainda desimpedido - disse Beth.

Norman partiu. Caminhou o mais depressa possível, mas sentiu que os pés estavam a mover-se em câmara lenta. Pouco depois estava ofegante; praguejou.

– Qual é o problema?

– Não consigo ir depressa. - Continuou a olhar para a frente, e a todo o momento esperava ver o brilho esverdeado da lua a aproximar-se, mas o horizonte permanecia escuro.

– Estás a portar-te bem, Norman. O caminho continua desimpedido.

Estava agora a cinquenta metros do habitáculo - tinha percorrido metade do caminho. Via o DH-7, muito mais pequeno do que o habitáculo onde se encontravam, um único cilindro de doze metros de altura, com muito poucas vigias. Ao lado estava a cúpula invertida e o mini-submarino.

– Estás praticamente lá - disse Beth. - Bom trabalho.

Norman começou a sentir-se tonto. Abrandou o passo. Agora conseguia ver marcas na superfície cinzenta do habitáculo. Havia todos os géneros de chapas gravadas da Marinha.

– A costa continua livre - disse Beth. - Parabéns. Parece que conseguiste.

Ele colocou-se por debaixo do cilindro DH-7, ergueu os olhos para a escotilha. Estava fechada. Girou a roda, abriu-a. Não conseguiu ver grande coisa do interior, porque a maior parte das luzes estavam desligadas. Mas queria dar uma vista de olhos lá dentro. Podia haver alguma coisa, alguma arma, que pudessem utilizar.

– Primeiro o submarino - disse Beth. - Só tens dez minutos para carregar no botão.

– Certo.

Norman dirigiu-se para o submarino. De pé, atrás das duas hélices iguais, leu o nome: *Deepstar III. O submarino era amarelo, como o submarino em que tinha vindo para ali, mas a sua configuração era de certa forma diferente. Encontrou apoios para as mãos na parte lateral, içou-se para a bolsa de ar formada no interior da cúpula. Havia uma grande cabina em acrílico no cimo do submarino para o piloto; Norman encontrou a escotilha atrás, abriu-a e deixou-se cair lá para dentro.*

– *Estou no submarino.*

Não houve resposta de Beth. Provavelmente, ela não conseguia ouvi-lo, rodeado por todo aquele metal. Olhou à volta do submarino, a pensar: "Estou encharcado." Mas que é que deveria fazer? Limpar os pés antes de entrar? Sorriu ao pensar nisso. Encontrou as gravações em segurança num compartimento da popa. Havia muito espaço para mais e espaço de sobra para três pessoas. Mas Beth tinha razão em relação a ir para a superfície: o interior do submarino

estava cheio de instrumentos e de pontas afiadas. Se fossem chocalhados ali dentro, não seria nada agradável.

Onde estava o botão do temporizador? Olhou para o painel de instrumentos escurecido e viu uma única luz vermelha a piscar por cima de um botão onde se lia "PAUSA DO TEMPORIZADOR". Premiu o botão.

A luz vermelha parou de piscar e a cor vermelha ficou fixa. Num pequeno ecrã de vídeo cor de âmbar brilhou:

NOVA CONTAGEM DE TEMPO - A CONTAR 12:00:00

Enquanto observava, os números começaram a andar para trás. "Devo ter conseguido", pensou. O ecrã de vídeo desligou-se.

Ainda a olhar para todos os instrumentos, ocorreu-lhe um pensamento: "Numa emergência, conseguiria comandar aquele submarino?" Deslizou para a cadeira do piloto, olhou para os estranhos mostradores e botões do painel de instrumentos. Não parecia haver um dispositivo de condução, nenhum volante nem comando. Como é que aquela maldita coisa funcionava?

O ecrã de vídeo iluminou-se:

"DEEPSTAR III" - MÓDULO DE COMANDO

NECESSITA DE AJUDA? SIM - NÃO - CANCELAR

"Sim", pensou. "Preciso de ajuda." Olhou em volta à procura de um botão "SiM" perto do ecrã, mas não estava nenhum à vista. Por fim, tocou no ecrã e carregou em "SiM".

"DEEPSTAR III" - LISTA DE OPÇÕES

DESCER - SUBIR PROTEGER - DESLIGAR MONITORIZAR - CANCELAR

Carregou em "SUBIR". O ecrã mudou para o desenho em ponto pequeno do painel de instrumentos. Uma secção específica do esquema piscou. Por debaixo da imagem estavam as palavras:

"DEEPSTAR III" - LISTA DE VERIFICAÇÃO DE SUBIDA

1. MUDAR SÁIDAS DE BALASTO PARA: LIGADO PASSAR AO SEGUINTE - CANCELAR

"Então, era assim que funcionava", pensou Norman. Uma lista, passo a passo, armazenada no computador do submarino. Só precisavam de seguir as instruções. Podia fazer aquilo.

Uma pequena corrente moveu o submarino e esticou a corrente que o prendia.

Premiu o botão "CANCELAR" e o ecrã ficou vazio. Piscou:

NOVA CONTAGEM DE TEMPO - A CONTAR 11:53:04

O contador continuava a andar para trás. Ele pensou: "Eu estive realmente aqui sete minutos?" Outra corrente mais forte e o submarino balançou de novo. Tinha de se ir embora.

Dirigiu-se para a escotilha, trepou para a cúpula e fechou a escotilha. Desceu pela parte lateral do submarino, tocou no fundo. Fora do escudo metálico, o rádio começou imediatamente a funcionar.

– ... estás a escutar-me? Norman, estás a escutar-me? Responde, por favor!

– Era Harry, no rádio!

– Estou aqui - disse ele.

– Norman, por amor de Deus...

Naquele momento, Norman viu o brilho esverdeado e soube por que é que o submarino se tinha agitado e baloiçado nas amarras. A lula estava apenas a dez metros de distância e os seus tentáculos brilhantes estendiam-se em direcção a ele, a levantar o sedimento ao longo do fundo do oceano.

– ... Norman, queres...

Não havia tempo para pensar. Norman deu três passos, saltou e içou-se pela escotilha aberta para o interior do DH-7.

Atirou com a porta da escotilha depois de entrar, mas o tentáculo achatado, em forma de lima, estava já a infiltrar-se. Entalou o tentáculo na escotilha parcialmente fechada, mas este não recuou. Era surpreendentemente forte e musculado e Norman observou-o a contorcer-se, as ventosas a abrir e a fechar como pequenas bocas franzidas. Norman saltou em cima da escotilha, a tentar obrigar o tentáculo a recuar. Com um impulso forte, a escotilha abriu-se violentamente, atirando-o para trás, e o tentáculo invadiu o habitáculo. Sentiu um cheiro forte a amoníaco.

Norman fugiu e subiu mais alto no cilindro. Apareceu o segundo tentáculo, a trepar pela escotilha. Os dois tentáculos giraram em círculos por baixo dele, à procura. Ele aproximou-se de uma vigia e olhou para fora, viu o grande corpo do animal, o enorme olho redondo a contemplá-lo. Trepou para um local mais elevado, para fugir dos tentáculos. Aparentemente, a maior parte do cilindro destinava-se a armazenagem; estava repleto de equipamento, caixas, depósitos. Muitas das caixas eram de um vermelho-vivo e tinham etiquetas: "CUIDADO: NÃO FUMAR, NÃO UTILIZAR APARELHOS ELECTRÓNICOS. EXPLOSIVOS 'TEVAC'." "Havia uma quantidade indescritível de explosivos naquele lugar", pensou, e tropeçou para a frente.

Os tentáculos subiram mais alto atrás dele. Algures, numa parte desligada, lógica, do seu cérebro, pensou: "O cilindro tem apenas doze metros de altura e os tentáculos têm pelo menos doze metros de comprimento. Não vou ter nenhum sítio para me esconder."

Tropeçou, bateu com o joelho, continuou a fugir. Ouvia o estrondo provocado pelos tentáculos quando colidiam com as paredes, a subirem em direcção a si.

"Uma arma", pensou. "Tenho de encontrar uma arma."

Entrou na pequena cozinha com a sua bancada metálica e alguns tachos e painéis. Abriu rapidamente as gavetas, à procura de uma faca. Só conseguiu descobrir uma pequena faca de cozinha e atirou-a para o chão, agastado. Ouviu os tentáculos aproximarem-se. No momento seguinte foi derrubado e o capacete bateu na coberta. Norman levantou-se com dificuldade, evitou o tentáculo e subiu mais no cilindro.

Um sector de comunicações: aparelho de rádio, computador, um par de monitores. Os tentáculos estavam mesmo atrás dele, a deslizar como videiras num pesadelo. Os seus olhos ardiam devido aos fumos do amoníaco.

Chegou aos beliches, um espaço estreito perto do topo do cilindro.

"Não há sítio nenhum para me esconder", pensou. "Não há armas e não há nenhum sítio para me esconder."

Os tentáculos alcançaram o topo do cilindro, bateram contra a superfície superior curva, giraram para os lados. Mais um instante e apanhá-lo-iam. Agarrou no

colchão de um beliche e segurou-o como uma protecção sem grande consistência. Os dois tentáculos estavam a girar erraticamente à volta dele. Esquivou-se do primeiro.

E depois, com um whump, o segundo tentáculo enrolou-se à volta dele, apertando-o e ao cobertor num abraço frio, viscoso. Sentiu um aperto lento e estonteante, com dúzias de ventosas a colarem-se-lhe ao corpo, enfiando-se-lhe na pele. Gemeu, horrorizado. O segundo tentáculo rodopiou para trás para o apertar juntamente com o primeiro. Estava preso numa armadilha mortal.

"Oh, meu Deus", pensou.

Os tentáculos giraram para longe da parede e ergueram-no muito alto no ar, para o meio do cilindro. "É agora", pensou ele, mas no momento seguinte sentiu o corpo a deslizar pelo colchão, e escorregou pelo aperto e caiu pelo ar. Agarrou-se aos tentáculos para se apoiar e deslizou pelas videiras gigantes com cheiro a diabo, e depois caiu na coberta, perto da cozinha, e a cabeça bateu no chão de metal. Rolou até ficar deitado de costas.

Viu os dois tentáculos muito acima, a apertar o colchão, a espreme-lo, a torcê-lo. A lula percebeu o que tinha acontecido, que ele tinha ficado livre?

Norman olhou em volta, desesperado. "Uma arma, uma arma. É um habitáculo da Marinha. Tem de existir uma arma algures."

Os tentáculos despedaçaram o colchão. Pedacos de acolchoado branco esvoaçaram pelo cilindro. Os tentáculos soltaram o colchão e os grandes pedacos caíram. Depois, os tentáculos começaram novamente a rodopiar pelo habitáculo.

À procura.

"Ela sabe", pensou ele. "Sabe que eu consegui fugir, e que ainda estou aqui, algures. Está a caçar-me."

Mas como é que sabia?

Norman escondeu-se atrás da bancada da cozinha quando um dos tentáculos achatados derrubou os tachos e as painéis, a varrer tudo, à sua procura. Norman recuou precipitadamente e chocou contra uma grande planta envasada. O tentáculo continuava à procura, a mover-se incessantemente pelo chão, a bater nas painéis. Norman empurrou a planta para a frente e o tentáculo apertou-a, desenraizou-a com facilidade e atirou-a pelo ar.

A distração permitiu a Norman atirar-se para a frente.

"Uma arma", pensou. "Uma arma."

Olhou para o local onde o colchão caíra, e viu, alinhadas na parede perto da escotilha inferior, uma série de barras verticais prateadas. Arpões! Inexplicavelmente, não os tinha visto quando subira. Cada arpão tinha um bolbo grande na ponta que parecia uma granada de mão. Pontas explosivas? Começou a descer.

Os tentáculos também estavam a deslizar para baixo, a segui-lo. Como é que a lula sabia onde ele estava? E depois, quando passava junto a uma vigia, viu o olho no exterior e pensou: "Ela consegue ver-me, por amor de Deus."

"Mantém-te afastado das vigias."

Não estava a pensar com clareza. Estava a acontecer tudo muito depressa. Rastejou junto aos engradados de explosivos no porão de armazenagem e pensou: "É melhor não falar aqui", e caiu com um baque na coberta da câmara de

compressão.

Os braços estavam a deslizar para baixo, a mover-se lentamente pelo cilindro em direcção a ele. Agarrou num dos arpões. Este estava amarrado à parede com uma tira de borracha. Norman puxou-a, tentou soltar a arma. Os tentáculos aproximaram-se. Ele sacudiu a borracha, mas ela não se soltava. Que se passava de errado com os fechos?

Os tentáculos estavam mais perto. Desciam rapidamente.

Depois, apercebeu-se de que as tiras tinham fechos de segurança: era preciso puxar as armas para o lado, não para fora. Assim fez; a borracha soltou-se. Tinha o arpão na mão. Virou-se, e o tentáculo derrubou-o. Rolou de costas e viu a grande palma achatada agarrada ao seu capacete, estava tudo preto, e disparou.

Sentiu uma dor tremenda no peito e no abdómen. Durante um momento pavoroso pensou que tinha dado um tiro em si próprio. Depois tossiu e apercebeu-se de que tinha sido apenas a pancada; o peito estava a arder, mas a lula soltara-o.

Continuava a não conseguir ver. Arrancou a palma do rosto e ela caiu pesadamente na coberta, a estremecer, solta do braço da lula. As paredes interiores do habitáculo estavam manchadas de sangue. Um tentáculo ainda se mexia, mas o outro era uma amálgama ensanguentada, desfeita. Os dois braços recuaram na escotilha e deslizaram para a água.

Norman correu para a vigia; a lula afastava-se velozmente, e o brilho verde diminuía. Tinha conseguido! Tinha-a derrotado.

Tinha conseguido.

DH-8

- Quantos trouxeste? - perguntou Harry, girando o arpão nas mãos.
 - Cinco - disse Norman. - Não consegui trazer mais.
 - Mas resultou? - Estava a examinar a ponta explosiva bolbosa.
 - Sim, resultou. Desfez o tentáculo todo.
 - Eu vi a lula ir-se embora - disse Harry. - Calculei que tinhas feito alguma coisa.
 - Onde está a Beth?
 - Não sei. O fato dela desapareceu. Acho que deve ter ido para a nave.
 - Para a nave? - disse Norman, franzindo o sobrolho.
 - Só sei que, quando acordei, ela tinha desaparecido. Calculei que tu tivesses ido ao habitáculo, e depois vi a lula, e tentei avisar-te pelo rádio, mas o metal deve ter bloqueado a transmissão.
 - A Beth saiu? - disse Norman. Estava a começar a ficar zangado. Era suposto Beth ficar junto à consola de comunicações, a observar os sensores para ele enquanto ele estava lá fora. Em vez disso, tinha ido para a nave?
 - O fato dela desapareceu - disse Harry novamente.
 - Raios partam! - exclamou Norman. De repente estava furioso... verdadeiramente, profundamente furioso. Pontapeou a consola.
 - Cuidado com isso - disse Harry de novo.
 - Raios partam!
 - Tem calma - disse Harry, vá lá, tem calma, Norman.
 - Que diabo pensa ela que está a fazer?
 - Vá lá, senta-te, Norman. - Harry levou-o para uma cadeira. Estamos todos cansados.
 - Tens toda a razão, estamos todos cansados!
 - Calma, Norman, calma... Não te esqueças da tua pressão sanguínea.
 - A minha pressão sanguínea está ótima!
 - Agora não, não está - disse Harry. - Tu estás roxo.
 - Como é que ela teve coragem de me deixar ir lá fora e depois ir-se embora?
 - Pior, ir lá fora sozinha - disse Harry.
 - Mas ela já não estava a vigiar para me avisar se surgissem problemas - disse Norman. E depois percebeu por que é que estava tão zangado... estava zangado porque tinha medo. Num momento de grande perigo pessoal, Beth abandonara-o. Já só restavam três ali em baixo, e precisavam uns dos outros... tinham de depender uns dos outros. Mas não se podia confiar em Beth, e aquilo fazia-o ter medo. E ficar zangado.
 - Estão a ouvir-me? - disse a voz dela, no intercomunicador. Está alguém a ouvir-me?
- Norman dirigiu-se para o microfone, mas Harry puxou-o para longe.
- Eu faço isto - disse ele. - Sim, Beth, estamos a ouvir-te.
 - Estou na nave - disse ela, com a voz a estalar no intercomunicador. - Encontrei

outro compartimento, na popa, atrás dos beliches da tripulação. É bastante interessante.

”Bastante interessante”, pensou Norman. ”Jesus, bastante interessante”. Tirou o microfone da mão de Harry.

– Beth, que diabo estás tu a fazer aí?

– Oh, olá, Norman. Voltaste sem problemas, hem?

– Por um triz.

– Tiveste algum problema? - Não parecia preocupada.

– Pois tive.

– Estás bem? Pareces desvairado.

– Podes apostar que estou desvairado. Beth, por que é que me abandonaste quando eu estava lá fora?

– O Harry disse que controlava a consola por mim. Disse-me para ir para a nave. Como a lula não estava à vista, achei que seria boa altura.

Norman pôs a mão à frente do microfone.

– Não me lembro disso - declarou Harry.

– Falaste com ela?

– Não me recordo de ter falado com ela.

Beth disse:

– Pergunta-lhe, Norman. Ele diz-te.

– Ele diz que nunca te disse isso.

– Bom, então está doido - disse Beth. - Achas que eu era capaz de te abandonar quando tu estavas lá fora, *por amor de Deus?*

Seguiu-se uma pausa.

– *Eu nunca faria uma coisa dessas, Norman.*

– *Juro - disse Harry para Norman. - Não tive conversa nenhuma com a Beth. Nem sequer falei com ela. Estou a dizer-te, ela já tinha saído quando eu acordei. Não havia ninguém aqui. Se queres saber a minha opinião, eu acho que ela pretendeu sempre ir para a nave.*

Norman lembrou-se da rapidez com que Beth tinha concordado que fosse Norman a ir ao submarino e de como tinha ficado surpreendido. Talvez Harry estivesse certo, pensou. Talvez Beth estivesse a planear aquilo desde o começo.

– *Sabes o que eu penso? - disse Harry. - Penso que ela está a ir-se abaixo.*

Pelo intercomunicador, Beth disse:

– *Já esclareceram tudo, rapazes? Norman disse:*

– *Acho que sim, Beth, sim.*

– *Ainda bem - disse Beth. - Porque fiz uma descoberta aqui, na nave espacial.*

– *O quê?*

– *Descobri a tripulação.*

– *Vieram os dois - disse Beth. Estava sentada junto a uma consola na confortável cobertura de voo bege da nave espacial.*

– *Sim - disse Norman, a olhar para ela. Ela desviou o olhar. Quanto muito, estava melhor do que nunca. Mais forte, mais transparente. Na verdade, estava bastante*

bonita, pensou. - Harry achou que a lula não voltaria.

- A lula estava lá fora?

Norman contou-lhe sucintamente o ataque que sofrera.

- Jesus. Lamento, Norman. Nunca teria saído se pensasse que isso poderia acontecer.

"Sem dúvida, não parecia uma pessoa que está a ir-se abaixo", pensou Norman. Parecia normal e sincera.

- De qualquer modo - disse ele, ferí-a, e o Harry pensa que não voltará.

Harry disse:

- E não conseguimos decidir quem devia ficar, por isso viemos os dois.

- Bom, venham por aqui - disse Beth. Voltaram para trás, atravessaram os alojamentos da tripulação, passaram os vinte beliches para os tripulantes, a grande cozinha. Norman parou na cozinha. Harry fez o mesmo.

- Tenho fome - disse Harry.

- Comam qualquer coisa - disse Beth. - Eu comi. Eles têm uma espécie de tabletes de nozes, ou coisa parecida, e são saborosas.

Abriu uma gaveta na cozinha, tirou as tabletes embrulhadas em folha metálica, deu uma a cada um. Norman rasgou a folha e viu uma coisa parecida com chocolate. Era seco.

- Alguma coisa para beber?

- Claro. - Abriu a porta de um frigorífico. - Coca-Cola de dieta?

- Estás a brincar...

O formato da lata é diferente e, infelizmente, está morna, mas não há dúvida de que é Coca-Cola de dieta.

- Vou comprar ações dessa empresa - disse Harry. - Agora que sabemos que ainda vai existir daqui a cinquenta anos. - Leu o rótulo da lata. - BEBIDA OFICIAL DA EXPEDIÇÃO DA "STAR VOYAGER".

- Sim, é uma promoção - disse Beth.

Harry virou a lata. O outro lado estava impresso em japonês.

- Sabem o que isto quer dizer?

- Quer dizer que afinal de contas é melhor não comprar as ações - disse ela.

Norman bebericou a Coca-Cola com uma vaga sensação de apreensão. A cozinha parecia ter mudado ligeiramente desde a última vez que a vira. Não tinha a certeza - antes, só tinha olhado de relance para o aposento, mas normalmente tinha boa memória espacial, e a mulher dizia sempre, em tom de brincadeira, que Norman se orientava muito bem em qualquer cozinha.

- Sabem uma coisa? - disse. - Não me lembro de ver um frigorífico na cozinha.

- Eu também nunca tinha reparado - disse Beth.

- Por acaso - disse Norman, esta cozinha parece-me diferente. Parece maior, e... não sei... diferente.

- É por estares com fome. - Harry sorriu.

- Talvez - disse Norman. Harry podia ter razão. Nos anos 60, tinham sido feitos uma série de estudos sobre percepção visual que demonstraram que os sujeitos interpretavam diapositivos manchados de acordo com as suas predisposições. Pessoas com fome viam todos os diapositivos como comida.

Mas aquela cozinha parecia realmente diferente. Por exemplo, não se recordava

de a porta que dava acesso à cozinha se situar à esquerda, como agora. Lembrava-se de estar no centro da parede que separava a cozinha dos beliches.

– Por aqui - disse Beth, conduzindo-os mais para trás. - Na verdade, foi o frigorífico que me fez pensar. Uma coisa é abastecer uma nave de teste que vai ser enviada para um buraco negro. Mas abastecer um frigorífico... porquê darem-se ao trabalho de fazer uma coisa dessas? Fez-me pensar que, afinal, podia existir uma tripulação.

Entraram num túnel curto, com paredes de vidro. Luzes roxo-escuras incidiam sobre eles.

– Ultravioleta - disse Beth. - Não sei para que servem.

– Desinfecção?

– Talvez.

– Talvez seja para bronzear - disse Harry. - Vitamina D. Depois entraram num grande aposento, diferente de tudo o que Norman jamais tinha visto. O chão brilhava num tom púrpura, banhando o aposento com luz ultravioleta, vinda de baixo. Montados em todas as quatro paredes viam-se uma série de tubos de vidro largos. Dentro de cada tubo estava um estreito colchão prateado. Todos os tubos pareciam vazios.

– Aqui - disse Beth.

Espreitaram por um tubo de vidro. A mulher nua fora em tempos muito bela. Ainda era possível ver isso. A pele estava castanho-escuro e profundamente enrugada, o corpo seco.

– Mumificada? - perguntou Harry. Beth acenou afirmativamente.

– É o que me parece mais lógico. Não abri o tubo, devido ao risco de infecção.

– Que era esta sala? - perguntou ele, a olhar em volta.

– Deve ser uma espécie de câmara de hibernação. Cada tubo está ligado separadamente a um sistema de suporte de vida... fornecimento de energia, ventiladores de ar, aquecedores, tudo o que é preciso... na sala ao lado.

Harry contou.

– Vinte tubos - disse.

– E vinte beliches - acrescentou Norman.

– Então, onde estão os outros todos? Beth abanou a cabeça.

– Não sei.

– Esta mulher é a única que resta?

– Parece que sim. Não encontrei mais ninguém.

– Como será que morreram todos? - disse Harry.

– Estiveste dentro da esfera? - perguntou Norman a Beth.

– Não. Porquê?

– Só queria saber.

– Estás a pensar que é possível os tripulantes terem morrido depois de terem apanhado a esfera?

– Basicamente, sim.

– Não me parece que a esfera seja agressiva ou perigosa em nenhum sentido - disse Beth. - É possível que os tripulantes tenham morrido de causas naturais no decurso da própria viagem. Esta mulher, por exemplo, está tão bem preservada que nos faz pensar em radiação. Talvez tenha sido submetida a uma grande dose

de radiação. Existe uma radiação tremenda à volta de um buraco negro.

– Achas que os tripulantes morreram ao atravessar um buraco negro e a esfera foi apanhada automaticamente pela nave espacial, mais tarde?

– É possível.

– Ela é muito bonita - disse Harry, a espreitar pelo vidro. Céus, os repórteres iam ficar doidos com isto, não acham? Mulher sexy do futuro encontrada nua e mumificada. Filme às onze.

– E é alta - disse Norman. - Deve ter mais de um metro e oitenta.

– Uma mulher amazona - declarou Harry. - Com mamas grandes.

– Chega - disse Beth.

– Qual é o problema?... Ofendida em nome dela? - perguntou Harry.

– Não me parece que haja necessidade de comentários deste género.

– Por acaso, Beth - disse Harry, ela parece-se um pouco contigo.

Beth franziu o sobrolho.

– Estou a falar a sério. Olhaste para ela?

– Não sejas ridículo.

Norman espreitou pelo vidro, usando a mão como escudo para evitar o reflexo dos tubos roxos de UV no chão. A mulher mumificada parecia-se realmente com Beth - mais jovem, mais alta, mais forte, mas, mesmo assim, parecida com Beth.

– Ele tem razão - disse Norman.

– Talvez sejas tu, do futuro - disse Harry.

– Não, ela está obviamente na casa dos vinte.

– Talvez seja a tua neta.

– Muito improvável - disse Beth.

– Nunca se sabe - disse Harry. - A Jennifer parece-se contigo?

– Nem por isso. Mas está naquela fase estranha. E não se parece com aquela mulher. Nem eu.

Norman ficou surpreendido com a convicção com que Beth negou qualquer semelhança com a mulher mumificada.

– Beth - disse ele, que é que pensas que aconteceu aqui? Por que é que esta mulher é a única que resta?

– Penso que ela era importante para a expedição - disse Beth. Talvez até mesmo comandante ou imediato. Os outros eram na grande maioria homens. E fizeram alguma coisa insensata... não sei o quê... algo que ela os aconselhara a não fazer... e como resultado disso morreram todos. Apenas ela ficou viva nesta nave espacial. E pilotou-a para casa. Mas tinha algum problema... algo que não pôde evitar... e morreu.

– Qual é o problema dela?

– Não sei. Alguma coisa.

"Fascinante", pensou Norman. Nunca tinha pensado verdadeiramente nisso antes, mas aquela sala... mais concretamente, toda aquela nave espacial... era um grande Rorschach. Ou, com mais precisão, um TAT. O Teste de Percepção Temática era um teste psicológico que consistia numa série de imagens ambíguas. Era suposto os sujeitos dizerem o que lhes parecia que estava a acontecer nas imagens. Como nenhuma história concreta estava implícita nelas, os sujeitos forneciam as histórias. E essas histórias diziam muito mais acerca dos contadores

do que acerca das imagens.

Agora, Beth estava a contar-lhes a sua fantasia acerca desta sala: que uma mulher tinha liderado a expedição, que os homens não lhe tinham dado ouvidos, que tinham morrido, e apenas ela tinha ficado viva, a única sobrevivente.

Não lhes dizia grande coisa sobre aquela nave espacial. Mas disse-lhes muito sobre Beth.

– Estou a perceber - disse Harry. - Queres dizer que foi ela que se enganou e pilotou a nave muito para o passado. A mulher condutora típica.

– Tens de fazer de tudo uma piada?

– Tens de levar tudo tão a sério?

– Isto é sério - disse Beth.

– Vou contar-te uma história diferente - disse Harry. - Esta mulher fez asneira. Era suposto fazer alguma coisa e esqueceu-se, ou, então, enganou-se. E depois foi hibernar. Como resultado do seu erro, o resto da tripulação morreu, e ela nunca acordou da hibernação... nunca se apercebeu do que tinha feito, porque estava completamente alheada do que estava a acontecer na realidade.

– Não tenho qualquer dúvida de que gostas mais dessa história disse Beth. - Adapta-se perfeitamente ao desprezo típico que o homem negro sente pelas mulheres.

– Calma - disse Norman.

– Ofendes-te com o poder das mulheres - disse Beth.

– Que poder? Chamas poder a levantar pesos? Isso é apenas força... e provém de um sentimento de fraqueza, não de poder.

– Sua doninha magricela - exclamou Beth.

– Que vais fazer, dar-me uma tarefa? - disse Harry. - É essa a tua ideia de poder?

– Eu sei o que é poder - disse Beth, a olhá-lo colericamente.

– Calma, calma - disse Norman. - Não vamos enveredar por este campo.

Harry disse:

– Qual é a tua opinião, Norman? Também tens uma história acerca desta sala?

– Não - replicou Norman. - Não tenho.

– Oh, vá lá - disse Harry. - Aposto que tens.

– Não - repetiu Norman. - E não vou ser mediador entre vocês os dois. Temos de nos manter todos juntos nisto. Temos de trabalhar em equipa, enquanto estivermos aqui em baixo.

– Harry é que está a provocar a divisão - disse Beth. - Desde o começo desta viagem, tentou arranjar problemas com toda a gente. Todos aqueles comentários trocistas...

– Que comentários trocistas? - perguntou Harry.

– Tu sabes perfeitamente bem que comentários trocistas - disse Beth.

Norman saiu da sala.

– Onde é que vais?

– O vosso público está a sair.

– Porquê?

– Porque vocês são maçadores.

– Oh - disse Beth, o Sr. Psicólogo Frio decide que nós somos maçadores?

– Isso mesmo - disse Norman, a percorrer o túnel de vidro, sem olhar para trás.

– *Quem pensas tu que és, a fazer todos esses julgamentos sobre as outras pessoas?*
– *gritou-lhe Beth.*

Ele continuou a andar.

– *Estou a falar para ti! Não te afastes enquanto eu estou a falar para ti, Norman!*

Ele voltou uma vez mais para a cozinha e começou a abrir as gavetas, à procura de tabletes de nozes. Estava novamente com fome e a busca ajudou-o a deixar de pensar nos outros dois. Tinha de admitir que estava perturbado com o rumo que as coisas tomavam. Encontrou uma tablete, rasgou a folha de alumínio que a cobria, comeu-a.

Perturbado, mas não surpreendido. Em estudos de dinâmica de grupo há muito que tinha confirmado a verdade da velha afirmação: "Três é uma multidão." Numa situação de grande tensão, grupos de três eram inerentemente instáveis. A menos que todos tivessem responsabilidades definidas, o grupo tinha tendência para formar alianças inconstantes, dois contra um. Era o que estava a acontecer agora.

Terminou a tablete de nozes e comeu imediatamente outra. Teriam de ficar ali em baixo durante muito mais tempo? Pelo menos, mais trinta e seis horas. Procurou um sítio para levar tabletes de nozes extra, mas o fato de mergulho depolyester não tinha bolsos.

Beth e Harry entraram na cozinha, muito pesarosos.

– *Querem uma tablete de nozes?* - perguntou ele, a mastigar.

– *Queremos pedir desculpa* - disse ela.

– *Porquê?*

– *Por nos comportarmos como crianças* - disse Harry.

– *Estou embaraçada* - disse Beth. - *Sinto-me muito mal por ter perdido a calma daquela maneira. Sinto-me uma perfeita idiota... Beth tinha a cabeça baixa e olhava para o chão. "Interessante, como ela passou de superconfiança agressiva para o oposto, autodesculpa abjecta", pensou Norman. "Nada intermédio."*

– *Não vamos levar isto longe de mais* - disse ele. - *Estamos todos cansados.*

– *Sinto-me muito mal* - continuou Beth. - *Mesmo muito mal. Sinto que vos desiludi aos dois. Para começo de conversa, nem devia estar aqui. Não mereço fazer parte deste grupo.*

Norman disse:

– *Come uma tablete de nozes e pára de sentir pena de ti mesma.*

– *Sim* - disse Harry. - *Acho que gosto mais de ti quando estás zangada.*

– *Estou enjoada dessas tabletes de nozes* - disse Beth. - *Antes de vocês chegarem, comi onze.*

– *Bem, então come uma dúzia* - disse Norman, e vamos voltar para o habitáculo.

Ao percorrerem o fundo do oceano, estavam tensos, à procura da lula. Mas Norman estava mais descansado por estarem armados. E outra coisa: a sua autoconfiança tinha aumentado um pouco depois do confronto com a lula.

– *Seguras nesse arpão com convicção* - disse Beth.

– *Sim. Acho que sim.* - *Toda a sua vida fora um académico, um investigador universitário, e nunca se imaginara como um homem de acção. Pelo menos, nada para além de um jogo de golfe ocasional. Agora, de arpão em punho, descobriu que gostava bastante da sensação.*

Enquanto caminhava, reparou na profusão de corais no caminho entre a nave espacial e o habitáculo. Foram obrigados a contornar os corais, que chegavam a ter um metro e vinte e um metro e meio de altura, e tinham um tom roxo-berrante e azul sob a luz das lanternas. Norman tinha bastante certeza de que os corais não estavam ali quando tinham chegado pela primeira vez ao habitáculo.

Agora, havia não só corais coloridos como cardumes de grandes peixes. A maior parte dos peixes eram pretos com riscas avermelhadas no dorso. Beth disse que eram barbeiros do Pacífico, normais naquela região.

"Está tudo a mudar", pensou ele. "Está tudo a mudar à nossa volta." Mas não tinha a certeza. Não confiava na sua memória ali em baixo. Havia muitas outras coisas para alterar as suas percepções a atmosfera de grande pressão, os fermentos que recebera, e a tensão e medo incómodos com que vivia.

Os seus olhos captaram uma coisa pálida. Fez incidir a luz da lanterna no fundo, e viu uma tira branca, ondulante, com uma barbatana comprida e riscas pretas. Primeiro, pensou que era uma enguia. Depois, viu a cabeça minúscula, a boca.

– Pára - disse Beth, e pousou o braço nele.

– Que é?

– Cobra de água.

– São perigosas?

– Normalmente, não.

– Venenosas? - perguntou Harry.

– Muito venenosas.

A cobra estava perto do fundo, aparentemente à procura de comida. Ignorou-os completamente, e Norman achou bastante bonito observá-la, especialmente quando ela se afastou mais.

– Provoca-me arrepios - disse Beth.

– Sabes de que espécie é? - perguntou Norman.

– Pode ser uma Belcher's - disse Beth. - As cobras de água do Pacífico são todas venenosas, mas a cobra de água Belcher's é a mais venenosa. De facto, alguns investigadores pensam que é o réptil mais mortífero do mundo, com veneno cem vezes mais potente do que o veneno de uma cobra-rei ou da cobra-tigre negro.

– Então, se te mordesse...

– Dois minutos, na melhor das hipóteses.

Observaram a cobra a afastar-se por entre os corais. O animal desapareceu.

– Normalmente, as cobras de água não são agressivas - disse Beth. - Alguns mergulhadores até lhes tocam, brincam com elas, mas eu nunca seria capaz. Meu Deus. Cobras.

– Por que é que são tão venenosas? É para imobilizarem as presas?

– Sabes, é interessante - disse Beth, mas as criaturas mais tóxicas no mundo são todas criaturas aquáticas. O veneno dos animais terrestres não é nada em comparação com o delas. E mesmo entre os animais terrestres, o veneno mais mortal provém de um anfíbio, um sapo, *Bufo marinus*. No mar, existem peixes venenosos, como o baiacu, que é uma iguaria no Japão; existem conchas venenosas, como a estrela cónica, *Alverdis lotensis*. Uma vez estava num barco em Guam e uma mulher apanhou uma estrela cónica. As conchas são muito belas, mas ela não sabia que é preciso manter os dedos longe da ponta. O animal libertou

o espigão venenoso e picou-a na palma da mão. Ela deu três passos antes de sucumbir com convulsões, e morreu em menos de uma hora. Há também plantas venenosas, esponjas venenosas, corais venenosos. E depois as cobras. Até a mais fraca das cobras de água é invariavelmente letal.

– Bonito - disse Harry.

– Bom, tens de reconhecer que o oceano é um ambiente onde a vida é muito mais antiga do que a da terra. Existe vida nos oceanos há três biliões e meio de anos, muito antes de esta começar a surgir na terra. Os métodos de competição e defesa estão muito mais desenvolvidos no oceano... houve mais tempo.

– Queres dizer que dentro de alguns biliões de anos também existirão animais terrivelmente venenosos na terra?

– Se chegarmos lá - disse ela.

– Vamos deixar-nos de conversas e voltar para o habitáculo disse Harry.

O habitáculo estava agora muito próximo. Viam todos os carreiros de bolhas a saírem pelas fendas.

– Está a verter imenso - disse Harry.

– Eu acho que temos ar suficiente.

– Eu acho que vou verificar.

– À vontade - retorquiu Beth, mas eu fiz um trabalho minucioso.

Norman pensou que eles iam começar outra discussão, mas Beth e Harry esqueceram o assunto. Aproximaram-se da escotilha e treparam para o DH-8.

A CONSOLA

– Jerry?

Norman olhou para o ecrã da consola. Continuava vazio, apenas um cursor a piscar.

– Jerry, está aí?

O ecrã permaneceu vazio.

– Por que será que não sabemos nada de si, Jerry? - disse Norman.

O ecrã não mudou.

– A experimentar um pouco de psicologia? - perguntou Beth. Estava a verificar os comandos dos sensores exteriores, a rever os gráficos. - Se queres saber a minha opinião, era no Harry que devias usar a tua psicologia.

– Que queres dizer com isso?

– O que quero dizer com isto é que não me parece que o Harry deva andar a mexer nos nossos sistemas de suporte de vida. Não acho que ele esteja estável.

– Estável?

– É um truque de psicólogo, não é? Repetir a última palavra de uma frase. É a maneira de manter uma pessoa a falar.

– A falar? - disse Norman, a sorrir para ela.

– Está bem, talvez eu esteja um pouco tensa - disse ela. Mas, Norman, a sério. Antes de eu ir para a nave, Harry entrou nesta sala e disse que me substituíra. Eu disse-lhe que tu estavas no submarino, mas não havia lulas nenhuma por perto, e que eu queria ir à nave. Ele disse que não havia problema, que me substituíra. Por isso, fui-me embora. E agora ele não se lembra de nada disso. Não te parece bastante esquisito?

– Esquisito?

– Pára com isso, estou a falar a sério.

– A sério? - disse Norman.

– Estás a tentar evitar esta conversa? Reparei como evitas aquilo em que não queres falar. Manténs toda a gente calma, desvias a conversa dos assuntos incómodos. Mas eu acho que devias ouvir o que eu estou a dizer, Norman. Harry tem um problema.

– Estou a ouvir o que estás a dizer, Beth.

– E?

– Eu não estava presente quando este episódio concreto aconteceu, por isso não sei ao certo. O que vejo agora do Harry parece-me o Harry do costume... arrogante, desdenhoso e muito, muito inteligente.

– Não achas que ele está a ir-se abaixo?

– Não mais do que nós.

– Jesus! Que é que tenho de fazer para te convencer? Tive uma *conversa completa com o homem e agora ele nega. Achas que isso é normal? Achas que podemos confiar numa pessoa assim?*

- Beth. *Eu não estava lá.*
– *Queres dizer que podia ter sido eu.*
– *Eu não estava lá.*
– *Achas que posso ser eu que estou a ir-me abaixo? Digo que houve uma conversa quando na verdade não houve?*
– Beth.
– *Norman, estou a avisar-te. Harry tem um problema e tu não estás a querer vê-lo. Ouviram o som de passos a aproximarem-se.*
– *Vou para o meu laboratório - disse ela. - Pensa no que te disse.*
Subiu a escada quando Harry entrou.
– *Sabes uma coisa? Beth fez um trabalho excelente com os sistemas de suporte de vida. Parece tudo em condições. Temos ar para mais cinquenta e duas horas às taxas actuais de consumo. Devemos estar seguros. Estiveste a falar com o Jerry?*
– *O quê? - perguntou Norman. Harry apontou para o ecrã:*

OLÁ, NORMAN.

- *Não sei quando é que ele voltou. Ele não estava a falar antes.*
– *Bem, agora está - disse Harry.*

OLÁ, HARRY.

- *Como é que vão as coisas, Jerry? - perguntou Harry.*
BEM, OBRIGADO. COMO ESTÃO? EU QUERO MUITO FALAR COM AS VOSSAS ENTIDADES. ONDE ESTÁ A ENTIDADE DE COMANDO HARALD C. BARNES?

- *Não sabe?*

NÃO SINTO ESSA ENTIDADE AGORA.

- *Ele, bem, foi-se embora.*

COMPREENDO. NÃO ERA AMISTOSO. NÃO GOSTOU DE FALAR COMIGO.

Norman pensou: *"Que é que ele está a dizer-nos? Será que Jerry se viu livre de Barnes por pensar que ele era hostil?"*

- *Jerry - disse Norman, que aconteceu à entidade de comando?*

ELE NÃO ERA AMISTOSO. EU NÃO GOSTEI DELE.

- *Sim, mas que é que lhe aconteceu?*

ELE NÃO É AGORA.

- *E as outras entidades?*

E AS OUTRAS ENTIDADES. ELAS NÃO GOSTAVAM DE FALAR COMIGO.

Harry disse:

- *Achas que ele está a dizer que lhes deu um fim?*

EU NÃO ESTOU FELIZ A FALAR COM ELES.

- *Então, deu um fim a todos os membros da Marinha? perguntou Harry.*

Norman estava a pensar: *"Isso não tem lógica. Ele também se desfez do Ted, e o Ted estava a tentar comunicar com ele. Ou com a lula. A lula estaria relacionada com o Jerry?" Como poderia Norman perguntar aquilo?*

- *Jerry...*

SIM, NORMAN. ESTOU AQUI.

– Vamos falar.

BOM. GOSTO MUITO DISSO.

– Fale-nos sobre a lula, Jerry.

A ENTIDADE LULA É UMA MANIFESTAÇÃO.

– De onde é que veio?

GOSTA DELA? POSSO MANIFESTAR MAIS PARA SI.

– Não, não, não faça isso - disse Norman, rapidamente.

NÃO GOSTA DELA?

– Não, não. Gostamos dela, Jerry.

ISSO É VERDADE?

– Sim, verdade. Gostamos dela. A sério que gostamos.

BOM. ESTOU SATISFEITO POR GOSTAREM DELA. É UMA ENTIDADE MUITO IMONENTE DE GRANDE TAMANHO.

– Sim, pois é - disse Norman, a limpar o suor da testa. "Jesus", pensou, "é como falar com uma criança que tem uma arma carregada."

É DIFÍCIL PARA MIM MANIFESTAR ESTA ENTIDADE GRANDE. AINDA BEM QUE GOSTAM DELA.

– Muito impressionante - concordou Norman. - Mas não precisa de repetir essa entidade para nós.

DESEJAM QUE MANIFESTE UMA NOVA ENTIDADE PARA VOCÊS?

– Não, Jerry. Agora, nada, obrigado.

GOSTO DE MANIFESTAR.

– Sim, tenho a certeza de que gosta.

ESTOU A GOSTAR DE ME MANIFESTAR PARA SI, NORMAN. E TAMBÉM PARA SI, HARRY.

– Obrigado, Jerry.

TAMBÉM ESTOU À GOSTAR DAS VOSSAS MANIFESTAÇÕES.

– Das nossas manifestações? - perguntou Norman, olhando de relance para Harry. Aparentemente, Jerry pensou que as pessoas do habitáculo estavam a manifestar algo em retribuição. Jerry parecia considerar que era uma troca de alguma espécie.

SIM. TAMBÉM ESTOU AGOSTAR DAS VOSSAS MANIFESTAÇÕES.

– Fale-nos acerca das nossas manifestações, Jerry - disse Norman.

AS MANIFESTAÇÕES SÃO PEQUENAS E NÃO SE ESTENDEM PARA LÁ DAS VOSSAS ENTIDADES, MAS AS MANIFESTAÇÕES SÃO NOVAS PARAMIM. SÃO FELIZES PARA MIM.

– De que é que ele está a falar? - perguntou Harry.

DAS SUAS MANIFESTAÇÕES, HARRY.

– Que manifestações, por amor de Deus?

– Não te zangues - avisou Norman. - Fica calmo.

ESTOU A GOSTAR DESSA, HARRY. FAÇA OUTRA.

Norman pensou: "Ele está a ler emoções? Considera que as nossas emoções são manifestações?" Mas aquilo não fazia sentido. Jerry não conseguia ler-lhe os pensamentos; eles já tinham determinado aquilo. Talvez fosse melhor verificar outra vez. "Jerry", pensou, "está a ouvir-me?"

ESTOU A GOSTAR, HARRY AS SUAS
MANIFESTAÇÕES SÃO VERMELHAS. SÃO
INTELIGENTÍSSIMAS.

– Inteligentíssimas?

INTELIGENTÍSSIMAS = CHEIAS DE INTELIGÊNCIA.

– Estou a compreender - disse Harry. - Ele pensa que somos engraçados.

ENGRAÇADOS = CHEIOS DE GRAÇA?

– Não exactamente - disse Norman. - Nós, entidades, temos o conceito de... - Calou-se. Como iria explicar "engraçado"? Afinal de contas, o que era uma piada? - Nós, entidades, temos o conceito de uma situação que provoca desconforto e chamamos divertida a essa situação.

DIVERTIDA?

– Não. Uma palavra. - Norman soletrou-a para ele.

COMPRENDO. AS VOSSAS MANIFESTAÇÕES SÃO
DIVERTIDAS.

A ENTIDADE LULA FAZ MUITAS DAS VOSSAS
MANIFESTAÇÕES DIVERTIDAS.

– Nós não achamos - disse Harry.

EU ACHO.

"E aquilo explicava tudo", pensou Norman, sentado junto à consola. De alguma forma tinha de fazer Jerry compreender a gravidade dos seus actos.

– Jerry - explicou Norman, as suas manifestações fazem mal às nossas entidades. Algumas das nossas entidades já desapareceram.

SIM, EU SEI.

– Se continuar as suas manifestações...

SIM, ESTOU A GOSTAR DE MANIFESTAR. É
DIVERTIDO PARA VOCÊS.

– ... então, dentro de muito pouco tempo todas as nossas entidades terão desaparecido. E depois não terá ninguém com quem falar.

NÃO DESEJO ISSO.

– Eu sei. Mas muitas entidades já desapareceram.

TRAGAM-NAS DE VOLTA.

– Não podemos fazer isso. Desapareceram para sempre.

PORQUÊ?

– Não podemos trazê-las de volta.

PORQUÊ?

"É exactamente como um miúdo", pensou Norman. "Exactamente como um miúdo. Diz-se a um miúdo que não se pode fazer o que ele quer, que não se pode jogar da forma que ele quer jogar, e ele recusa-se a aceitar."

– Não temos poder, Jerry, para as trazer de volta.

DESEJO QUE TRAGAM AS OUTRAS ENTIDADES DE
VOLTA AGORA.

– *Ele está convencido de que estamos a recusar-nos a jogar – disse Harry.*

TRAGAM DE VOLTA A ENTIDADE TED.

Norman disse:

– *Não podemos, Jerry. Se pudéssemos, traríamos.*

ESTOU A GOSTAR DA ENTIDADE TED. ELA É MUITO DIVERTIDA.

– *Sim - disse Norman. - O Ted também gostava de si. O Ted estava a tentar falar consigo.*

SIM, ESTOU A GOSTAR DAS MANIFESTAÇÕES DELE. TRAGAM TED DE VOLTA.

– *Não podemos.*

Seguiu-se uma pausa prolongada.

OFENDI-VOS?

– *Não, claro que não.*

SOMOS AMIGOS, NORMAN E HARRY.

– *Sim, somos amigos.*

ENTÃO, TRAGAM AS ENTIDADES DE VOLTA.

– *Ele simplesmente recusa-se a compreender - disse Harry. Jerry, por amor de Deus, nós não conseguimos fazê-lo!*

VOCÊ É DIVERTIDO, HARRY. FAÇA OUTRA VEZ.

"Sem dúvida, que ele está a ler reacções emocionais fortes como uma espécie qualquer de manifestação", pensou Norman. Seria esta a sua ideia de brincadeira - fazer uma provocação ao outro grupo e depois divertir-se com as suas respostas? Ficaria encantado ao ver as emoções fortes provocadas pela lula? Seria esta a sua ideia de jogo?

HARRY, FAÇA NOVAMENTE. HARRY, FAÇA NOVAMENTE.

– *Ei, meu - disse Harry, colérico. - Deixe-me em paz!*

OBRIGADO. ESTOU A GOSTAR DISSO. TAMBÉM FOI VERMELHO. AGORA, POR FAVOR, TRAGAM DE VOLTA AS ENTIDADES QUE DESAPARECERAM.

Norman teve uma ideia.

– *Jerry - disse ele, se deseja que as entidades voltem, por que é que não as traz de volta?*

NÃO GOSTO DE FAZER ISSO.

– *Mas podia fazer, se quisesse.*

Eu POSSO FAZER QUALQUER COISA.

– *Sim, é claro que pode. Então, por que é que não traz de volta as entidades que deseja?*

NÃO. NÃO QUERO FAZER ISSO.

– *Por que não? - perguntou Harry.*

ELA, MEU, DEIXA-ME EM PAZ.

– *Sem ofensa, Jerry - disse Norman, rapidamente. Não apareceu nenhuma resposta no ecrã.*

– *Jerry?*

No ecrã não houve reacção.

– Desapareceu de novo - disse Harry. Abanou a cabeça. - Só Deus sabe o que aquele filho da mãe vai fazer a seguir.

MAIS ANÁLISES

Norman subiu para o laboratório para ver Beth, mas ela estava a dormir, enroscada no sofá. No sono, estava muito bela. Era estranho parecer tão radiante depois de todo aquele tempo ali em baixo. Era como se a dureza lhe tivesse desaparecido das feições. O nariz já não parecia tão afiado; a linha da boca era mais suave, mais cheia. Olhou para os braços dela, que eram fortes, com as veias salientes. De certa forma, os músculos pareciam menos protuberantes, mais femininos.

”Quem sabe?”, pensou ele. ”Depois de tantas horas aqui, não podes julgar nada.” Desceu as escadas e foi para o seu beliche. Harry já lá estava, a ressonar audivelmente.

Norman decidiu tomar outro duche. Quando entrou na cabina, fez uma descoberta surpreendente.

As nódoas negras que lhe cobriam o corpo tinham desaparecido.

”De qualquer maneira, quase desapareceram”, pensou, a olhar para as manchas amarelas e roxas que restavam. Tinham sarado no espaço de poucas horas. Mexeu os membros experimentalmente e apercebeu-se de que a dor também tinha desaparecido. Porquê? Que acontecera? Por um instante, pensou que tudo aquilo não passava de um sonho ou um pesadelo, e depois pensou: ”Não, é apenas a atmosfera. Cortes e nódoas negras saram com muito mais rapidez num ambiente de pressão elevada.” Não era nenhum mistério. Apenas um efeito atmosférico.

Limpou-se o melhor possível à toalha húmida e depois voltou para o beliche. Harry continuava a ressonar, tão alto como sempre.

Norman deitou-se de costas, olhou para as tiras vermelhas do aquecimento do tecto. Teve uma ideia e saiu da cama. Mudou o modulador de voz da base da garganta para um lado. O ressonar transformou-se imediatamente num silvo suave, fininho.

”Muito melhor”, pensou. Deitou a cabeça na almofada húmida e adormeceu quase imediatamente. Acordou sem a noção de quanto tempo tinha passado - podiam ter sido apenas alguns segundos, mas sentiu-se revigorado. Espreguiçou-se, bocejou e saiu da cama.

Harry continuava a dormir. Norman colocou o modulador de voz na posição correcta, e o ressonar recomeçou. Foi para o Cilindro D, para a consola. No ecrã, continuavam as palavras:

ELA, MEU, DEIXA-ME EM PAZ

– Jerry? - chamou Norman. - Está aí, Jerry?

O ecrã não reagiu. Jerry não estava ali. Norman olhou para a pilha de folhas impressas que se encontrava num canto. ”Acho que devia analisar aquele material”, pensou ele. Porque algo acerca de Jerry o perturbava. Norman não conseguia pôr o dedo na ferida, mas mesmo que uma pessoa imaginasse o extraterrestre como uma criança-rei mimada, o comportamento de Jerry não fazia

sentido. Não encaixava. Incluindo a última mensagem.

ELA, MEU, DEIXA-ME EM PAZ

Calão? Ou apenas a imitar Harry? Em qualquer caso, não era a forma usual de comunicação de Jerry. Regra geral, Jerry era gramaticalmente incorrecto e de certa maneira vago, a falar de entidades e de conhecimento. Mas de tempos a tempos ficava extremamente coloquial. Norman olhou para as folhas.

VOLTAREMOS IMEDIATAMENTE A SEGUIR A UM CURTO INTERVALO PARA ESTAS MENSAGENS DO NOSSO PATROCINADOR.

Ali estava um exemplo. De onde é que aquilo tinha vindo? Parecia Johnny Carson. Então, por que é que Jerry não falava como Johnny Carson o tempo todo? Que provocava a mudança?

Depois, também havia o problema da lula. Se Jerry gostava de os assustar, se se divertia a abanar a gaiola onde se encontravam e a vê-los saltar, porquê usar uma lula? De onde viera aquela ideia? E porquê apenas uma lula? Jerry parecia gostar de manifestar coisas diferentes. Então, por que é que não produzira uma lula gigante uma vez, grandes tubarões brancos outra, etc.? Isso não seria um desafio maior às suas capacidades?

Havia igualmente o problema de Ted. Ted estava a brincar com Jerry na altura em que fora morto. Se Jerry gostava tanto de brincar, por que é que mataria uma pessoa que estava a brincar com ele? Não fazia sentido.

Ou fazia?

Norman suspirou. O problema centrava-se nas suas presunções. Norman presumia que o extraterrestre tinha processos lógicos semelhantes aos seus. Mas aquilo poderia não corresponder à verdade. Antes de mais, Jerry podia funcionar a uma velocidade metabólica muito mais rápida, e por isso ter uma noção de tempo diferente. As crianças só brincavam com um brinquedo até se cansarem dele; depois, mudavam para outro. As horas que pareciam tão dolorosamente lentas a Norman podiam ser apenas alguns segundos na consciência de Jerry. Ele podia estar a brincar com a lula apenas durante alguns segundos, antes de a largar para se interessar por outro brinquedo.

As crianças também não têm uma ideia muito definida em relação a partir coisas. Se Jerry não sabia o que era a morte, então, não se importaria de matar Ted, porque pensaria na morte como um acontecimento temporário, uma manifestação "divertida" de Ted. Podia não se aperceber de que, na realidade, estava a partir os brinquedos.

E, ao reflectir no assunto, percebeu que também era verdade que Jerry tinha manifestado coisas diferentes. Presumindo que as medusas e os camarões e os corais e agora as cobras de água eram manifestações dele. Seriam? Ou seriam apenas componentes normais do ambiente? Haveria forma de saber?

"E o marinheiro da Marinha", pensou ele de súbito. "Não podemos esquecer-nos do marinheiro." De onde é que ele tinha vindo? Seria o marinheiro outra das manifestações de Jerry? Poderia Jerry manifestar os companheiros de brincadeira de acordo com a sua vontade? Nesse caso, não importava se os matasse a todos.

"Mas acho que isso é evidente", pensou Norman. "O Jerry não se importa de nos

matar a todos. Só quer brincar e não tem consciência da sua própria força.”
Porém, havia outra coisa. Percutiu as folhas impressas, e sentiu instintivamente que havia uma organização subjacente a tudo aquilo. Alguma coisa que ele não estava a compreender, alguma ligação que ele não estava a fazer.

Enquanto pensava no assunto, continuava a voltar à mesma pergunta: Porquê uma lula? Porquê uma lula?

“Evidente”, pensou. Durante o jantar, eles tinham conversado acerca de uma lula. Jerry devia ter ouvido. Devia ter decidido que manifestar uma lula seria uma coisa provocante. E não restavam dúvidas de que estava certo.

Norman passou para outra folha, e encontrou a primeira mensagem que Harry tinha descodificado.

OLÁ. COMO ESTÃO? EU ESTOU BEM. COMO É QUE SE CHAMAM? EU CHAMO-ME JERRY.

Era um sítio tão bom como outro qualquer para começar. “Tinha sido uma grande proeza Harry conseguir descodificar a mensagem”, pensou Norman. Se Harry não tivesse conseguido, nunca teriam começado a falar com Jerry.

Norman sentou-se junto da consola, olhou para o teclado. Que tinha Harry dito? O teclado era uma espiral: a letra G era um, a B era dois, etc. Muito inteligente chegar a uma conclusão daquelas. Norman nunca teria conseguido, nem que tivesse um milhão de anos para resolver o enigma. Começou a tentar encontrar as letras na primeira sequência.

00032125252632 032629 301321 04261037 18 3016
0618082132 29033003 1822 04261013 0830162137 1604
08301621 1822 033013130432

“Vejam...” 00 marcava o começo da mensagem, segundo a interpretação de Harry. E 03 era O. E, depois, 21, que era L, depois 25 era Á...

OLÁ.

Sim, encaixava tudo. Continuou a traduzir. 032629 era COMO...

COMO ESTÃO?

Até aqui, tudo bem. Norman sentiu algum prazer, quase como se a estivesse a descodificar ele próprio pela primeira vez. Agora, 18. Era Eu...

Eu ESTOU BEM.

Mexeu-se com mais rapidez, a escrever letras.

COMO SE CHAMAM?

Agora, 1604 era MEU... O MEU NOME É... Mas depois descobriu um erro numa letra. Seria possível? Norman continuou, encontrou um segundo erro, depois escreveu a mensagem e ficou a olhar para ela, cada vez mais chocado.

Eu CHAMO-ME HARRY.

– Jesus Cristo! – exclamou.

Voltou a descodificá-la, mas não havia engano. Não dele. A mensagem era perfeitamente clara.

OLÁ. COMO ESTÃO? Eu ESTOU BEM. COMO É QUE SE CHAMAM? Eu CHAMO-ME HARRY.

O PODER

A SOMBRA

No laboratório, Beth sentou-se na cama e olhou para a mensagem que Norman lhe tinha dado.

– Oh, meu Deus! - disse ela. Tirou o cabelo escuro, espesso, do rosto. - Como é que pode ser? - inquiriu.

– Tudo encaixa perfeitamente - disse Harry. - Pensa bem. Quando é que começaram as mensagens? Depois de o Harry ter saído da esfera. Quando é que a lula e os outros animais apareceram pela primeira vez? Depois de o Harry ter saído da esfera.

– Sim, mas...

– ... No começo eram lulas pequenas, mas depois, quando íamos comê-las, de repente, também apareceram camarões. Mesmo a tempo do jantar. Porquê? Porque o Harry não gosta de comer lulas.

Beth não disse nada; limitou-se a ouvir.

– E quem é que, quando era criança, tinha pavor da lula gigante das *Cem Mil Léguas Submarinas*?

– *Harry* - disse ela. - *Recordo-me de que ele disse isso. Norman continuou, rapidamente.*

– *E quando é que o Jerry aparece no ecrã? Quando o Harry está presente. Não noutras ocasiões. E quando é que o Jerry nos responde quando falamos? Quando o Harry está na sala para ouvir o que estamos a dizer. E por que é que o Jerry não consegue ler os nossos pensamentos? Porque o Harry não consegue ler os nossos pensamentos. E lembras-te de como o Barnes estava sempre a querer saber o apelido, e o Harry não queria perguntar? Porquê? Porque tinha receio de que o ecrã dissesse "Harry" não "Jerry".*

– *E o tripulante...*

– *Certo. O tripulante negro. Quem é que aparece no preciso momento em que o Harry está a sonhar que é salvo? Um tripulante negro aparece para nos salvar.*

Beth estava a pensar, de sobrolho franzido.

– *E quanto à lula gigante?*

– *Bem, a meio do ataque, Harry bateu com a cabeça e ficou inconsciente. A lula desapareceu imediatamente. Não voltou até o Harry ter acordado da sesta, e de ter dito que ocuparia o teu lugar.*

– *Meu Deus!* - exclamou Beth.

– *Sim* - disse Norman. - *Isso explica muito.*

Ficou em silêncio durante algum tempo, a olhar para a mensagem.

– *Mas como é que ele está a fazer?*

– *Duvido que esteja. Pelo menos, não de uma forma consciente.*

– *Norman tinha estado a pensar naquilo.* - *Vamos presumir disse - que aconteceu alguma coisa ao Harry quando ele entrou na esfera... adquiriu um poder qualquer depois de se encontrar no interior da esfera.*

– *Como por exemplo?*

– *O poder de fazer as coisas acontecer apenas por pensar nelas. O poder de transformar os pensamentos em realidade.*

Beth franziu o sobrolho.

– Transformar os pensamentos em realidade...

– Não é assim tão estranho - disse ele. - Pensa bem: se fosses uma escultora, primeiro terias uma ideia e depois esculpi-la-ias em pedra ou madeira, para a tornar real. A ideia vem primeiro, depois segue-se a execução, com algum esforço acrescentado para criar uma realidade que reflecta os teus pensamentos anteriores. É dessa forma que o mundo funciona para nós. Imaginamos uma coisa e depois tentamos fazê-la acontecer. Por vezes, a forma como fazemos acontecer as coisas é inconsciente... como o tipo que vai a casa inesperadamente à hora do almoço e encontra a mulher na cama com outro homem. Ele não planeia aquilo conscientemente. É uma coisa que acontece naturalmente.

– Ou a mulher que apanha o marido na cama com outra mulher – disse Beth.

– Sim, claro. A questão é que conseguimos fazer coisas acontecer a toda a hora, sem pensarmos muito nelas. Quando falo para ti, não penso em todas as palavras. Só tenho a intenção de dizer alguma coisa e ela sai.

– Sim...

– Por isso, podemos fazer criações complicadas como frases sem esforço. Mas podemos fazer outras criações complicadas, como esculturas, sem esforço. Acreditamos que temos de fazer alguma coisa para além de termos simplesmente uma ideia.

– E fazemos - disse Beth.

– Bem, o Harry não faz. Harry está um passo mais à frente. Já não precisa de esculpir a escultura. Tem a ideia e as coisas acontecem sozinhas. Ele manifesta coisas.

– Harry imagina uma lula assustadora e, de repente, vemos uma lula assustadora do lado de fora da nossa janela?

– Exactamente. E quando perde os sentidos, a lula desaparece.

– E ele obteve este poder na esfera?

– Sim.

Beth franziu o sobrolho.

– Por que é que ele está a fazer isto? Está a tentar matar-nos? Norman abanou a cabeça.

– Não. Acho que ele nem sabe o que está a fazer.

– Porquê?

– Bom - disse Norman, nós analisámos imensas teorias do que a esfera de outra civilização poderia ser. Ted pensava que era um trofeu ou uma mensagem... ele viu-a como um presente. Harry pensou que tinha alguma coisa no interior... considerou-a um contentor. Mas eu pensei que seria uma mina.

– Queres dizer, um explosivo?

– Não exactamente... mas uma defesa ou um teste. Uma civilização extraterrestre poderia espalhar estas coisas pela galáxia, e qualquer inteligência que as apanhasse experimentaria o poder da esfera. Que é a faculdade de tudo aquilo que pensamos se transformar em realidade. Se tivermos pensamentos positivos, comemos deliciosos camarões ao jantar. Se tivermos pensamentos negativos, deparamo-nos com coisas monstruosas que nos querem matar. O processo é o mesmo, o que muda é o conteúdo.

– Então, da mesma forma que uma mina terrestre explode se é pisada, esta esfera destrói as pessoas se elas tiverem pensamentos negativos?

– Ou - disse ele - simplesmente se não controlam os seus sentidos. Porque, se uma pessoa controla os seus sentidos, a esfera não tem um efeito especial. Se uma pessoa não os controla, ela desfaz-se dela.

– Como é que se pode controlar um pensamento negativo? perguntou Beth. De repente, parecia muito agitada. - Como é que se pode dizer a alguém: "Não penses numa lula gigante?" No minuto em que se disser isso, ela pensa automaticamente na lula quando tenta não pensar nela.

– É possível controlarmos os nossos pensamentos - declarou Norman.

– Talvez para um praticante de ioga ou coisa parecida.

– Para qualquer pessoa - disse Norman. - É possível desviarmos a atenção de pensamentos indesejáveis. Como é que as pessoas deixam de fumar? Como é que qualquer um de nós muda de ideias em relação a alguma coisa? Controlando os nossos pensamentos.

– Continuo sem perceber por que é que o Harry está a fazer isto.

– Lembras-te da tua ideia de que a esfera podia atingir-nos abaixo do cinto? - perguntou Norman. - Da forma que o vírus da SIDA ataca o nosso sistema imunitário sub-repticiamente? A SIDA atinge-nos a um nível com o qual não estamos preparados para lidar. De certa forma, é isso que a esfera faz. Porque acreditamos que podemos pensar aquilo que quisermos, sem consequência. "Paus e pedras podem partir os meus ossos, mas nomes nunca poderão fazer-me mal." Temos ditados que dizem isso mesmo, que realçam esse ponto. Mas agora, inesperadamente, um nome é tão real como um pau, e pode magoar-nos da mesma forma. Os nossos pensamentos são manifestados... que coisa maravilhosa... o único problema é que todos os nossos pensamentos são manifestados, os bons e os maus. E, pura e simplesmente, não estamos preparados para controlar os nossos pensamentos. Nunca tivemos de o fazer antes.

– Quando eu era criança - disse Beth, estava zangada com a minha mãe, e quando ela ficou com cancro eu senti-me terrivelmente culpada...

– Sim - disse Norman. - As crianças pensam assim. Todas as crianças acreditam que os seus pensamentos têm poder. Mas nós ensinamos-lhes, pacientemente, que estão errados ao pensarem dessa forma. Claro - disse ele - que houve sempre outra tradição de crença em relação aos pensamentos. A Bíblia diz para não cobiçarmos a esposa do nosso vizinho, o que interpretamos com o significado de que o acto de adultério é proibido. Mas na realidade não é bem isso que a Bíblia diz. A Bíblia diz que o pensamento de adultério é tão proibido como o próprio acto.

– E o Harry?

– Sabes alguma coisa sobre a psicologia de Jung? Beth disse:

– Essas coisas nunca me pareceram relevantes.

– Bom, são relevantes agora - disse Norman. Explicou: - Jung afastou-se de Freud no princípio deste século e desenvolveu a sua própria psicologia. Jung suspeitava de que havia uma estrutura subjacente na psique humana que era reflectida numa semelhança subjacente dos nossos mitos e arquétipos. Uma das suas ideias era que toda a gente tinha um lado obscuro na personalidade, a que chamava a "sombra". A sombra continha todos os aspectos não confessados da personalidade... as partes

odiosas, as partes sádicas, tudo isso. Jung pensava que as pessoas tinham a obrigação de conhecer o seu lado sombrio. Mas muito poucas pessoas conhecem. Preferimos todos pensar que somos pessoas boas e que nunca temos o desejo de matar e mutilar e violar e roubar.

– Sim...

– Da forma como Jung via as coisas, se a pessoa não reconhecesse o seu lado sombrio, ele controlá-la-ia.

– Então, estamos a ver o lado sombrio de Harry?

– De certa forma, sim. Harry precisa de se apresentar como o Sr. Negro Arrogante e Sabe-tudo - disse Norman.

– Sem dúvida.

– Então, se tem medo de estar neste habitáculo... e quem não tem?... então, não pode admitir os seus receios. No entanto, tem esses receios, quer os admita ou não. Por isso, o seu lado sombrio justifica os medos... criando coisas que provam que os seus medos são válidos.

– A lula existe para justificar os medos dele?

– Uma coisa desse género, sim.

– Não sei - disse Beth. Recostou-se para trás e levantou a cabeça, e as maçãs do rosto, salientes, ficaram iluminadas. Parecia quase um modelo, elegante, bonita e forte. - Sou zoológa, Norman. Quero tocar nas coisas e segurá-las nas mãos e ver que são reais. Todas estas teorias sobre manifestações, são tão... São tão... psicológicas.

– O mundo da mente é tão real, e segue regras tão rigorosas, como o mundo da realidade externa - disse Norman.

– Sim, tenho a certeza que tens razão, mas... - Encolheu os ombros. - Não é muito satisfatório para mim.

– Tu sabes tudo o que aconteceu desde que chegámos aqui disse Norman. - Dá-me outra hipótese que explique tudo.

– Não posso - admitiu ela. - Tenho estado a tentar, enquanto estiveste a falar. Não posso. - Dobrou os papéis nas mãos e pensou um pouco. - Sabes, Norman, acho que fizeste uma série de deduções brilhantes. Absolutamente brilhantes. Estou a ver-te a uma luz completamente nova.

Norman sorriu prazenteiramente. Durante a maior parte do tempo que passara no habitáculo, tinha-se sentido uma quinta roda, uma pessoa desnecessária neste grupo. Agora, alguém estava a reconhecer a sua contribuição, e ele estava satisfeito.

– Obrigado, Beth.

Ela olhou para ele, com os olhos grandes, claros e suaves.

– És um homem muito atraente, Norman. Acho que nunca tinha reparado nisso antes. - Abstractamente, tocou no peito, colado ao fato de mergulho justo. As mãos carregaram no tecido, realçando os mamilos duros. Levantou-se de repente e abraçou-o, encostando o corpo ao dele. - Temos de ficar juntos nisto - disse. - Temos de nos manter perto um do outro, tu e eu.

– Pois temos.

– Porque, se o que estás a dizer é verdade, então, o Harry é um homem muito perigoso.

- Sim.
- O simples facto de ele andar por aí, completamente consciente, torna-o perigoso.
- Sim.
- Que é que vamos fazer com ele?
- Ei, pessoal - disse Harry, a subir as escadas. - É uma festa privada? Ou toda a gente pode participar?
- Claro - disse Norman, sobe, Harry. - E afastou-se de Beth.
- Interrompi alguma coisa? - perguntou Harry.
- Não, não.
- Não quero intrometer-me na vida sexual de ninguém.
- Oh, Harry - disse Beth. Sentou-se na bancada do laboratório, afastando-se de Norman.
- Bem, vocês parecem empolgados com alguma coisa.
- Parecemos? - inquiriu Norman.
- Sim, especialmente a Beth. Acho que ela fica mais bela a cada dia que passamos aqui.
- Também reparei nisso - disse Norman, a sorrir.
- Aposto que sim. Uma mulher apaixonada. Que sorte a tua. Harry voltou-se para Beth. - Por que é que estás a olhar assim para mim?
- Não estou a olhar - disse Beth.
- Estás, sim.
- Harry, eu não estou a olhar.
- Por amor de Deus, eu sei bem quando uma pessoa está a olhar para mim.
- Norman disse:
- Harry...
- ... Só quero saber por que é que vocês os dois estão a olhar assim para mim. Estão a olhar para mim como se eu fosse um criminoso ou coisa parecida.
- Não fiques paranóico, Harry.
- Aqui escondidos, a sussurrar...
- Nós não estávamos a sussurrar.
- Estavam sim. - Harry olhou em volta do aposento. - Então, agora, são duas pessoas brancas e uma pessoa negra, é isso?
- Oh, Harry...
- Eu não sou estúpido, sabem? Passa-se alguma coisa entre vocês. Vê-se.
- Harry - disse Norman, não se passa nada.
- E depois ouviram um apito baixo e insistente, oriundo da consola de comunicações no andar inferior. Trocaram olhares e dirigiram-se lá para baixo para ver o que era.

No ecrã da consola estavam a aparecer lentamente grupos de letras.

CQX VDX MOP LKI

- É o Jerry? - perguntou Norman.
- Não me parece - disse Harry. - Não me parece que ele voltasse ao código.
- Isto é um código?
- Eu diria que sim, sem a menor dúvida.
- Por que é tão lento? - perguntou Beth. Uma letra nova era acrescentada com

alguns segundos de intervalo, de uma forma constante, ritmada.

– Não sei - disse Harry.

– De onde é que vem? Harry franziu o sobrolho.

– Não sei, mas a velocidade de transmissão é a característica mais interessante. A lentidão. Interessante.

Norman e Beth esperaram que ele conseguisse perceber. Norman pensou: "Como é que poderemos passar sem Harry? Precisamos dele. É a maior inteligência aqui em baixo e o mais perigoso. Mas precisamos dele."

CQX VDX MOP LKI XXC VRW TGK PIU YQA

– Interessante - disse Harry. - As letras estão a aparecer a cada cinco segundos. Por isso, penso que é seguro dizer que sabemos de onde vem a mensagem. Wisconsin.

Norman não poderia ter ficado mais surpreendido.

– Wisconsin?

– Sim. É uma transmissão da Marinha. Pode ou não ser-nos dirigida, mas vem do Wisconsin.

– Como é que sabes isso?

– Porque é o único lugar no mundo de onde poderia vir - disse Harry. - Sabem o que é a FEB? Não? Bem, é assim. Podemos enviar ondas de rádio pelo ar, e, como sabem, elas viajam muito bem. Mas não podemos enviar uma mensagem de rádio muito longe através da água. A água é um mau condutor, por isso, é preciso um sinal extremamente potente para percorrer qualquer distância, por muito curta que seja.

– Sim...

– Mas a capacidade de penetrar é uma função de comprimento de onda. A onda de um rádio normal é curta... rádio de ondas curtas, tudo isso. O comprimento das ondas é minúsculo, milhares de milhões de pequenas ondas até dois centímetros e meio. Mas também se podem produzir FEB, ondas de frequência extremamente baixa, que são longas... cada onda individual tem talvez seis metros e meio de comprimento. E essas ondas, uma vez geradas, percorrerão uma distância muito grande, milhares de quilómetros, através da água, sem problemas. O único problema é que, como as ondas são longas, também são lentas. É por isso que recebemos um carácter de cinco em cinco segundos. A Marinha precisava de uma forma de comunicar com os submarinos submersos, por isso, erigiram uma grande antena de FEB no Wisconsin para enviar aquelas ondas longas. E é isso que estamos a receber.

– E o código?

– Deve ser código de compressão... agrupamentos de três letras que representam uma secção comprida de mensagem predefinida. Assim, a mensagem não leva muito tempo a ser enviada. Porque, se enviassem o texto completo da mensagem, a transmissão demoraria, literalmente, horas.

*CQX VDX MOP LKIXXC VRW TGK PIU YQAIYTEEQ
FVC ZNB TMK EXE MMN OPW GEW*

As letras pararam.

– Parece que acabou - disse Harry.

– Como é que a traduzimos? - perguntou Beth.

– Presumindo que se trata de uma transmissão da Marinha disse Harry, não traduzimos.

– Talvez exista um livro de código algures por aqui - disse Beth.

– Tenham calma - disse Harry.

O ecrã mudou, traduzindo os grupos um a seguir ao outro.

2340 HORAS 7-07 CHEFE CINCCOMPAC PARA BARNES
HABPROF-8

– É uma mensagem para o Barnes - disse Harry. Observaram enquanto os outros agrupamentos de letras eram traduzidos.

NAVIOS DE APOIO DE SUPERFÍCIE A AVANÇAR PARA NANDI E
VIPATI, PARA VOSSA LOCALIZAÇÃO ETA1600 HORAS 7-08
RETRADA PROFUNDIDADE AUTO-ESTABELECIDO.
AGUARDAMOS RESPOSTA. BOA SORTE SPAULDIND. FIM.

– Isso significa o que eu penso? - perguntou Beth.

– Sim - disse Harry. - A cavalaria vem a caminho.

– Bestial! - Beth bateu palmas.

– A tempestade deve estar a amainar. Mandaram os navios de superfície e estarão aqui dentro de pouco mais de dezasseis horas.

– É auto-estabelecida?

Tiveram a resposta imediatamente. Todos os ecrãs do habitáculo se iluminaram. No canto superior direito de cada um apareceu uma pequena caixa com números: 16:20:00. Os números andavam para trás.

– Está a fazer a contagem regressiva automaticamente.

– Existe algum tipo de contagem decrescente que é suposto seguirmos para sairmos do habitáculo? - perguntou Beth.

Norman observou os números. Estavam a andar para trás, como acontecera no submarino. Depois, disse:

– E o submarino?

– Quem quer saber do submarino? - perguntou Harry.

– Acho que o devíamos manter connosco - disse Beth. Olhou para o relógio. - Temos mais uma hora antes de ter de ser reiniciado.

– Tempo de sobra. - Sim.

Em privado, Norman estava a tentar calcular se conseguiriam sobreviver mais dezasseis horas. Harry disse:

– Ora, é uma notícia ótima! Por que é que estão tão deprimidos?

– Só estava a pensar se vamos conseguir - disse Norman.

– Por que é que não conseguiríamos? - perguntou Harry.

– Jerry poderá fazer alguma coisa primeiro - disse Beth. Norman sentiu-se irritado com ela. Não percebia que, ao dizer aquilo, estava a plantar a ideia na mente de Harry?

– Não podemos sobreviver a outro ataque ao habitáculo - disse Beth.

Norman pensou: "Cala-te, Beth. Estás a dar sugestões."

– Um ataque ao habitáculo? - perguntou Harry. Rapidamente, Norman disse:

– Harry, parece-me que tu e eu devíamos falar novamente com o Jerry.

– A sério? Porquê?

– Quero ver se consigo chamá-lo à razão.

– Não sei se será possível - disse Harry - chamá-lo à razão.

– Mesmo assim, vamos tentar - disse Norman, e olhou de soslaio para Beth. - Vale a pena tentarmos.

Norman sabia que, no fundo, não estaria a falar para Jerry. Estaria a falar para uma parte de Harry. Uma parte inconsciente, uma parte sombria. Como é que deveria conduzir a conversa? Que podia usar?

Sentou-se diante do monitor do computador, a pensar: "Que é que sei realmente acerca de Harry?" Harry tinha crescido em Filadélfia e fora um miúdo magro, introvertido, dolorosamente tímido, um prodígio matemático, cujos dons eram denegridos pelos amigos e pela família. Harry dissera uma vez que, enquanto ele se interessava pela matemática, todos os outros se interessavam por brincadeiras. Mesmo agora, Harry detestava todos os jogos, todos os desportos. Quando era jovem tinha sido humilhado e negligenciado, e quando, finalmente, obtivera o reconhecimento devido aos seus dons, Norman suspeitava de que esse reconhecimento tinha vindo tarde de mais. O mal já estava feito. Certamente, viera tarde de mais para evitar o exterior arrogante e fanfarrão.

ESTOU AQUI. NÃO TENHAM MEDO.

– Jerry.

SIM, NORMAN.

– Tenho um pedido para fazer.

PODE FAZÊ-LO.

– Jerry, muitas das nossas entidades desapareceram, e o nosso habitáculo está enfraquecido.

EU SEI DISSO. FAÇA O SEU PEDIDO.

– Por favor, pára de manifestar?

NÃO.

– Por que não?

NÃO DESEJO PARAR.

"Bem", pensou Norman, "pelo menos, fomos directos ao assunto. Não perdemos tempo."

– Jerry, eu sei que esteve isolado durante muito tempo, durante muitos séculos, e que se sentiu sozinho ao longo de todo esse tempo. Sentiu que ninguém se importava consigo. Sentiu que ninguém queria brincar consigo, nem partilhava dos seus interesses.

SIM, É VERDADE.

– E, agora, por fim, pode manifestar, e está a gostar da sensação. Gosta de nos mostrar o que pode fazer para nos impressionar.

É VERDADE.

– Para que lhe prestemos atenção.

SIM. GOSTO DISSO.

– E resulta. Nós prestamos-lhe atenção.

SIM, Eu SEI.

– Mas essas manifestações magoam-nos, Jerry.

NÃO ME INTERESSA.

– E também nos surpreendem.

AINDA BEM.

– Nós estamos surpreendidos, Jerry, porque você está simplesmente a jogar um jogo conosco.

EU NÃO GOSTO DE JOGOS. EU NÃO JOGO JOGOS.

– Sim. Isto é um jogo para si, Jerry. É um desporto.

NÃO, NÃO É.

– Sim, é - disse Norman. - É um desporto estúpido. De pé, ao lado de Norman, Harry disse:

– *Queres contradizê-lo dessa forma? Podes deixá-lo enlouquecido. Não me parece que o Jerry goste de ser contradito.*

"Tenho a certeza de que não gostas", pensou Norman. Mas disse:

– *Bem, tenho de contar a Jerry a verdade sobre o seu próprio comportamento. Ele não está a fazer nada muito interessante.*

OH? NADA INTERESSANTE?

– Não. Está a ser malcriado e petulante, Jerry.

ATREVE-SE A FALAR PARA MIM DESTA MANEIRA?

– Sim. Porque o Jerry está a agir estupidamente.

– *Valha-me Deus! - disse Harry. - Tem calma com ele.*

*POSSO FAZÊ-LO LAMENTAR AS SUAS PALAVRAS
COM MUITA FACILIDADE, NORMAN.*

Norman estava a reparar que o vocabulário e a sintaxe de Jerry eram agora impecáveis. Todo o fingimento de ingenuidade, de uma característica extraterrestre, tinha desaparecido. Mas Norman sentia-se mais forte, mais confiante, à medida que a conversa progredia. Agora sabia com quem estava a falar. Não estava a falar para um extraterrestre. Não havia nenhuma presunção desconhecida. Ele estava a falar para uma parte infantil de outro ser humano.

*TENHO MAIS PODER DO QUE VOCÊ PODE
IMAGINAR.*

– *Eu sei que você tem poder, Jerry - disse Norman. - Grande coisa.*

De repente, Harry ficou agitado.

– *Norman. Por amor de Deus! Vais matar-nos a todos.*

ESCUTE HARRY. ELE É SENSATO.

– Não, Jerry - disse Norman. - *Harry não é sensato. Está apenas com medo.*

*HARRY NÃO TEM MEDO. ABSOLUTAMENTE
NENHUM.*

Norman decidiu deixar passar aquilo.

– *Estou a falar para si, Jerry. Apenas para si. É você que está a jogar jogos.*

OS JOGOS SÃO ESTÚPIDOS.

– Sim, são, Jerry. *Eles não são dignos de si.*

*OS JOGOS NÃO TÊM INTERESSE PARA NENHUMA
PESSOA INTELIGENTE.*

– *Então, pare, Jerry. Pare as manifestações.*

Eu POSSO PARAR QUANDO QUISER.

– *Eu não tenho a certeza se pode, Jerry.*

SIM. POSSO.

– *Então, prove. Pare com este desporto de manifestações. Houve uma longa pausa. Esperaram pela reacção.*

NORMAN, OS SEUS TRUQUES DE MANIPULAÇÃO SÃO INFANTIS E ÓBVIOS A PONTO DO TÉDIO. NÃO ESTOU INTERESSADO EM FALAR MAIS CONSIGO. FAREI EXACTAMENTE O QUE ME APETECER E MANIFESTAREI SEMPRE QUE QUISER.

– O nosso habitáculo não pode suportar mais manifestação, Jerry.

NÃO ME INTERESSA.

– Se prejudicar outra vez o nosso habitáculo, Harry morrerá. Harry disse:

– Eu e todos os outros, por amor de Deus.

NÃO ME INTERESSA, NORMAN.

– Por que é que nos mataria, Jerry?

EM PRIMEIRO LUGAR, NÃO DEVIAM ESTAR AQUI EM BAIXO. VOCÊS NÃO PERTENCEM AQUI. SÃO CRIATURAS ARROGANTES QUE SE INTROMETEM EM TODAS AS PARTES DO MUNDO E CORRERAM UM RISCO GRANDE E INSENSATO E AGORA TÊM DE PAGAR O PREÇO. SÃO UMA ESPÉCIE FRIA E SEM SENTIMENTOS QUE NÃO SENTE AMOR NENHUM UNS PELOS OUTROS.

– Isso não é verdade, Jerry.

NÃO ME CONTRADIGA NOVAMENTE, NORMAN.

– Lamento, mas a pessoa fria e sem sentimentos é você, Jerry. Você não se importa de nos magoar. Não se interessa pela nossa situação difícil. É você que é frio, Jerry. Não nós. Você.

BASTA.

– Ele não vai falar mais contigo - disse Harry. - Ele está verdadeiramente zangado, Norman.

E, depois, no ecrã, leram:

VOU MATAR-VOS A TODOS.

Norman estava a transpirar; limpou a testa, virou as costas às palavras que estavam no ecrã.

– Não me parece que possas falar com este tipo - disse Beth. Não me parece que consigas chamá-lo à razão.

– Não devias tê-lo feito zangar-se - disse Harry. Estava quase suplicante. - Por que é que o fizeste ficar tão zangado, Norman?

– Eu tinha de dizer a verdade.

– Mas foste muito mau para ele, e agora ele está zangado.

– Não importa, zangado ou não - declarou Beth. - Harry atacou-nos antes, quando não estava zangado.

– Estás a referir-te ao Jerry - disse-lhe Norman. - Jerry atacou-nos.

– Sim, certo, Jerry.

– É um erro dos diabos para se cometer, Beth - disse Harry.

– Tens razão, Harry. Desculpa.

Harry estava a olhar para ela de uma forma estranha. Norman pensou: "O Harry não deixa passar nada e não se vai esquecer daquela".

– Não percebo como é que foste capaz de fazer uma confusão dessas - afirmou

Harry.

– Eu sei. Escapou-me. Foi muito estúpido da minha parte.

– Também acho.

– Desculpa - disse Beth. - Lamento muito.

– Deixa lá - disse Harry. - Não tem importância.

De súbito, os seus modos sofreram uma alteração estranha, o seu tom de voz assumiu uma indiferença total. Norman pensou: "Ah-oh."

– Harry bocejou e espreguiçou-se.

– Sabem uma coisa? - disse. - De repente, sinto-me muito cansado. Acho que vou dormir uma sesta.

E foi para os beliches.

16:00 HORAS

– Temos de fazer alguma coisa - disse Beth. - Não podemos convencê-lo a desistir.

– Tens razão - disse Norman. - Não vamos conseguir. Beth bateu no ecrã. As palavras continuavam a brilhar:

VOU MATAR-VOS A TODOS.

– *Achas que ele está a falar a sério?*

– *Sim.*

Beth levantou-se e cerrou os punhos.

– *Então, é ele ou nós.*

– *Sim. Penso que sim.*

As implicações pairaram no ar, sem serem ditas.

– *Este processo de manifestação dele - disse Beth. - Achas que ele tem de estar completamente inconsciente para evitar que aconteça?*

– *Sim.*

– *Ou morto - acrescentou Beth.*

– *Sim - replicou Norman. Aquilo tinha-lhe passado pela cabeça. Parecia tão improvável, uma reviravolta dos acontecimentos tão inesperada na sua vida, estar agora a trezentos metros de profundidade no oceano, a planear o assassinato de outro ser humano. Porém, era o que estava a fazer.*

– *Odiaria ter de o matar - disse Beth.*

– *Eu também.*

– *Quero dizer, nem sequer saberia como começar a fazê-lo.*

– *Talvez não seja preciso matá-lo - disse Norman.*

– *Talvez não seja preciso matá-lo a menos que ele comece alguma coisa - disse Beth. Depois, abanou a cabeça. - Oh, diabos, Norman, quem estamos nós a enganar? Este habitáculo não resiste a outro ataque. Temos de o matar. Só não tenho coragem de o fazer.*

– *Nem eu - disse Norman.*

– *Podíamos ir buscar um daqueles arpões explosivos e ter um acidente infeliz. E depois esperávamos que chegasse a hora de a Marinha vir tirar-nos daqui.*

– *Não quero fazer isso.*

– *Nem eu - disse Beth. - Mas que mais podemos fazer?*

– *Não precisamos de o matar - disse Norman. - Apenas de o pôr inconsciente. - Aproximou-se do armário de primeiros-socorros e começou a ver os medicamentos.*

– *Achas que pode haver alguma coisa aí? - perguntou Beth.*

– *Talvez. Um anestésico, não sei.*

– *E funcionaria?*

– *Creio que tudo o que provoque inconsciência pode resultar. Pelo menos, estou convencido disso.*

– *Espero que tenhas razão - disse Beth, porque se ele começar a sonhar e depois manifestar os monstros dos seus sonhos, isso não vai ser muito bom.*

– *Não. Mas a anestesia produz um estado de inconsciência total, sem sonhos. - Norman estava a olhar para os rótulos nas garrafas. Sabes o que são estas coisas?*

– Não - disse Beth, mas está tudo no computador. - Sentou-se junto da consola. -
Lê-me os nomes e eu procuro-os para ti.

DIPHENYL PARALÉNE.

Beth carregou em botões, perscrutou um ecrã de texto compacto.

– É, hum... parece... alguma coisa para quemaduras.

HIDROCLORETO DE EFEDRINA.

Outro ecrã.

– É... acho que é para enjoos.

VALDOMET.

– É para úlceras.

SINTAG.

– Análogo sintético do ópio. Tem um efeito muito curto.

– Produz inconsciência? - perguntou Norman.

– Não. Não de acordo com o que aqui está escrito. De qualquer forma, o efeito dura apenas alguns minutos.

TARAZINA.

– Calmante. Provoca sonolência.

– Bom. - Colocou a garrafa de lado.

"E pode igualmente provocar ideias bizarras".

– Não - disse ele, e voltou a colocar a garrafa no lugar. Não precisavam de ideias bizarras. –

RIORDAN

– Anti-histamínico. Para picadas.

OXALAMINA

– Antibiótico.

CLORAMENFENICOL

– Outro antibiótico.

– Raios! - Estavam a ficar sem garrafas.

PARASOLUTRINA

– É um sonífer...

– É o quê?

– Provoca sono.

– Queres dizer que é um comprimido para dormir?

– Não, é... diz que se ministra numa combinação com tricloreto paracin e se usa como anestésico.

TRICLORETO PARACIN.

– Sim. Aqui está - declarou Norman. Beth estava a ler as informações que se encontravam no ecrã.

– Vinte cc's de Parasolutrina e combinação com seis cc's de paracin ministrados por via intramuscular induzem sono profundo adequado a procedimentos cirúrgicos... não há efeitos cardíacos colaterais... sono de onde o sujeito só pode ser acordado com muita dificuldade... a actividade ocular é suprimida...

– Quanto tempo dura?

– Três a seis horas.

– E que tempo leva a fazer efeito? Ela franziu o sobrolho.

– Não diz. "Depois de ser induzida a anestesia a uma profundidade apropriada,

pode dar-se início inclusivamente a procedimentos cirúrgicos prolongados...” Não diz quanto tempo leva a fazer efeito.

– Raios! - praguejou Norman.

– Provavelmente, é rápido - disse Beth.

– E se não for? - perguntou Norman. - E se demorar vinte minutos? E podes lutar contra a coisa? Podes fazê-la desaparecer?

Ela abanou a cabeça.

– Não há nada sobre isso aqui.

No fim, acabaram por se decidir por uma mistura de parasoltrina, 7aracm, dulcineia e sintag, o opiáceo. Norman encheu uma grande seringa com os líquidos transparentes. A seringa era tão grande que parecia uma coisa para cavalos.

– Achas que isso pode matá-lo? - perguntou Beth.

– Não sei. Temos outra alternativa?

– Não - disse Beth. - Temos de o fazer. Já deste uma injeção alguma vez?

Norman abanou a cabeça.

– E tu?

– Apenas em cobaias.

– Onde é que se espeta?

– Espeta-lha no ombro - disse Beth. - Enquanto ele está a dormir.

Norman virou a seringa para a luz e esguichou algumas gotas da agulha para o ar.

– Está pronta - disse.

– É melhor eu ir contigo - disse Beth, e segurá-lo.

– Não - disse Norman. - Se ele estiver acordado e nos vir aos dois, vai ficar desconfiado. Lembra-te de que tu já não dormes nos beliches.

– E se ele se tornar violento?

– Acho que posso resolver isso sozinho.

– Está bem, Norman. Como queiras.

As luzes no corredor do Cilindro C pareciam involuntariamente fortes. Norman ouviu os seus pés a pisar a tapete, ouviu o zumbido constante dos ventiladores de ar e dos aquecedores de ambiente. Sentiu o peso da seringa escondida na palma da mão. Chegou à porta dos aposentos para dormir.

A porta da comporta viam-se duas marinheiras, de pé. Puseram-se em sentido quando ele se aproximou.

– Dr. Johnson, sir!

Norman parou. As mulheres eram bonitas, negras e musculadas.

– À vontade, homens - disse Norman com um sorriso.

Elas não se descontrairam.

– Lamento, sir! Temos ordens para cumprir, sir!

– Compreendo - disse Norman. - Bom, então continuem. Começou a passar por elas, para entrar na zona de dormir.

– Desculpe, Dr. Johnson, sir!

– Que é? - perguntou Norman, o mais inocentemente possível.

– Esta área está vedada a todo o pessoal, sir!

– Mas eu quero ir dormir.

– Lamento muito, Dr. Johnson, sir! Ninguém pode perturbar o Dr. Adams enquanto ele estiver a dormir, sir!

- *Eu não vou perturbar o Dr. Adams.*
- *Lamento, Dr. Johnson, sir! Posso ver o que tem na mão, sir?*
- *Na minha mão?*
- *Sim, há algo na sua mão, sir!*

A conversa rápida e áspera, sempre pontuada pelo "sir!" no fim, estava a irritá-lo. Olhou novamente para elas. Os uniformes engomados cobriam músculos poderosos. Achou que não conseguiria abrir caminho à força. Do outro lado da porta viu Harry, deitado de costas, a ressonar. Era o momento perfeito para o injectar.

- *Dr. Johnson, podemos ver o que tem na mão, sir!*
- *Não, raios, não podem.*
- *Muito bem, sir!*

Norman virou-se e voltou para o Cilindro D.

- *Eu vi - disse Beth, a acenar para o monitor.*

Norman olhou para o monitor, para as duas mulheres que se encontravam no corredor. Depois olhou para o monitor adjacente, que mostrava a esfera.

- *A esfera mudou! - exclamou Norman.*

As ranhuras convolutas da porta estavam indubitavelmente diferentes, o padrão era mais complexo e chegavam mais acima. Norman teve a certeza de que tinha mudado.

- *Parece que tens razão - disse Beth.*
- *Quando é que isso aconteceu?*
- *Podemos rebobinar as cassetes mais tarde - disse ela. - Neste momento, o melhor é tratarmos destas duas.*
- *Como? - perguntou Norman.*

- Simples - disse Beth, a apertar novamente os punhos. Temos cinco arpões com explosivos no Cilindro B. Eu vou ao B, trago dois, faço explodir os dois anjos da guarda. Tu corres lá para dentro e espetas o Harry.

O sangue-frio e a determinação dela teriam sido arrepiantes se ela não tivesse um ar tão belo. As suas feições tinham agora uma característica refinada. Parecia ficar mais elegante a cada minuto que passava.

- *Os arpões estão no B? - perguntou Norman.*
- *Claro. Olha no video. - Carregou num botão. - Diabos! No Cilindro B, os arpões tinham desaparecido.*

- Acho que o filho da puta se protegeu bem - disse Norman. Bom e velho Harry.

Beth olhou pensativamente para ele.

- *Norman, estás a sentir-te bem?*
- *Claro, porquê?*

- Há um espelho no estojo de primeiros-socorros. Vai ver.

Ele abriu a caixa branca do estojo e olhou para si mesmo no espelho. Ficou chocado com o que viu. Não que esperasse estar com bom aspecto; estava acostumado aos contornos rechonchudos do seu rosto e ao tom levemente grisalho da barba, quando não se barbeava aos fins-de-semana.

Mas o rosto que estava à sua frente era magro, com uma barba crescida, preta. Havia círculos escuros por debaixo de olhos desvairados, raiados de sangue. Tinha o cabelo liso e oleoso, a cair para a testa. Parecia um homem perigoso.

- Pareço o Dr. Jekyll - disse ele. - Ou melhor, o Sr. Hyde.
- Pois parece.
- Tu estás a ficar mais bonita - disse ele para Beth. - Mas eu sou o homem que foi mau para o Jerry. Por isso, estou a ficar mais mau.
- Pensas que o Harry está a fazer isto?
- Penso que sim disse Norman. E acrescentou para si mesmo: "Espero que sim."
- Sentes-te diferente, Norman?
- Não, sinto-me exactamente na mesma. Só estou com um aspecto horrível.
- Sim. Estás com um aspecto um pouco assustador.
- Tenho a certeza de que estou.
- Sentes-te mesmo bem?
- Beth...
- Está bem - disse ela. - Virou-se, olhou para os monitores. Tenho uma última ideia. Vamos os dois para o Cilindro A, vestimos os nossos fatos, entramos no Cilindro B e cortamos o oxigénio no resto do habitáculo. O Harry fica inconsciente. As guardas desaparecem, nós podemos ir dar-lhe a injeção. Que achas?
- Vale a pena tentar.
- Norman pousou a seringa. Dirigiram-se para o Cilindro A.
- No Cilindro C, passaram pelas duas guardas, que se puseram de novo em sentido.
- Dra. Halpern, sir!
- Dr. Johnson, sir!
- Continuem, homens - disse Beth.
- Sim, senhora! Podemos perguntar para onde vão, sir?
- Volta rotineira de inspecção - respondeu Beth. Seguiu-se uma pausa.
- Muito bem, sir!
- Foram autorizados a passar. Dirigiram-se para o Cilindro B, com a sua parafernália de canos e maquinaria. Norman olhou nervosamente para aquilo; não gostava de brincar com os sistemas de suporte de vida, mas não sabia que mais podiam fazer.
- No Cilindro A, ainda havia três fatos. Norman pegou no seu.
- Sabes o que estás a fazer? - perguntou ele.
- Sim - disse Beth. - Confia em mim.
- Enfiou o pé no fato e começou a puxar o fecho para cima.
- E, depois, os alarmes começaram a tocar por todo o habitáculo, e as luzes vermelhas começaram a piscar. Norman soube, sem ninguém lhe dizer, que eram os alarmes periféricos.
- Estava a começar outro ataque.

15:20 HORAS

Voltaram para trás a correr e percorreram o corredor lateral que ligava directamente o Cilindro B ao Cilindro D. Ao passar, Norman reparou que a tripulação tinha desaparecido. No D, os alarmes estavam a retinir e os ecrãs dos sensores periféricos brilhavam num tom de vermelho-vivo. Norman olhou de relance para os monitores de vídeo.

ESTOU A CHEGAR.

Beth observou rapidamente os monitores.

– Os térmicos interiores estão activados. Ele vem aí, sem dúvida nenhuma.

Sentiram uma pancada, e Norman virou-se para olhar pela vigia. A lula verdeja estava lá fora, e os enormes braços cheios de ventosas enrolavam-se em volta do habitáculo. Um braço grande bateu com força na vigia e as ventosas distorceram-se contra o vidro.

ESTOU AQUI.

– Harryyy! - gritou Beth.

Sentiu-se um solavanco quando os braços da lula apertaram o habitáculo. O chiar lento e agonizante do metal. Harry entrou na sala a correr.

– Que se passa?

– Tu sabes o que se passa, Harry! - gritou Beth.

– Não, não, que é?

– É a lula, Harry!

– Oh, meu Deus, não! - gemeu Harry.

O habitáculo abanou fortemente. As luzes da sala piscaram e apagaram-se. Agora só havia a luz vermelha, intermitente, das luzes de emergência.

Norman voltou-se para ele.

– Pára com isso, Harry.

– De que é que estás a falar? - exclamou ele, queixoso.

– Tu sabes muito bem de que é que estou a falar, Harry.

– Não sei!

– Claro que sabes, Harry. És tu, Harry - disse Norman. - És tu que estás a fazer isto.

– Não, estás enganado. Não sou eu! Juro que não sou eu!

– Sim, Harry - disse Norman. - E se não parares, vamos morrer todos.

O habitáculo abanou novamente. Um dos aquecedores do tecto explodiu, espalhando fragmentos de vidro quente e de fio.

– Vá lá, Harry...

– Não, não!

– Não temos muito tempo. Tu sabes que estás a fazer isto.

– O habitáculo não pode aguentar muito mais, Norman - disse Beth.

– Não posso ser eu!

– Sim, Harry. Encara isso, Harry. Encara isso agora. Enquanto falava, Norman estava a olhar para a seringa. Tinha-a deixado algures naquele aposento, mas os papéis estavam a cair de cima das secretárias, os monitores esmagavam-se no chão, à sua volta imperava o caos...

Todo o habitáculo abanou mais uma vez e ouviram uma explosão tremenda noutra

cilindro. Alarmes novos, estridentes, e uma vibração estrondosa que Norman reconheceu instantaneamente água, sob grande pressão, a entrar no habitáculo.

– Inundação no C! - gritou Beth, a ler as consolas. Correu pelo corredor: Ouviu o estrondo metálico das comportas à medida que as fechava. A sala estava cheia de neblina salgada.

Norman empurrou Harry contra a parede.

– Harry! Enfrenta a realidade e pára com isso!

– Não posso ser eu, não posso ser eu - gemeu Harry. Outra sacudidela, que os fez perder o equilíbrio.

– Não posso ser eu! - exclamou Harry. - Não tem nada a ver comigo!

E, depois, Harry gritou e o seu corpo girou, e Norman viu Beth tirar a seringa do ombro dele, e na ponta da agulha via-se sangue.

– Que estás tu a fazer? - exclamou Harry, mas já tinha os olhos vidrados e inexpressivos. Cambaleou no impacte seguinte, caiu de joelhos no chão. - Não - disse, suavemente. - Não...

E sucumbiu, caindo com o rosto para baixo na carpete. O chiar metálico parou imediatamente. Os alarmes calaram-se. Tudo ficou ominosamente silencioso, e só se ouvia o gorgolejar suave da água algures no interior do habitáculo.

Beth mexeu-se rapidamente, a ler um ecrã a seguir ao outro.

– Interior desligado. Periféricos desligados. Tudo desligado. Boa! Não há leituras!

Norman correu para a vigia. A lula tinha desaparecido. O fundo do mar, lá fora, estava deserto.

– Relatório de danos! - gritou Beth. - Energia principal desactivada! Cilindro C perdido! Cilindro B...

Norman girou sobre os calcanhares, olhou para ela. Se o Cilindro B tinha desaparecido, o suporte de vida desapareceria e morreriam certamente.

– O Cilindro B está a aguentar-se - disse ela, por fim. O corpo dela descontraiu-se. - Estamos bem, Norman.

Norman caiu na carpete, exausto, e, de repente, sentiu choque e tensão em todas as partes do corpo.

Tinha terminado. A crise tinha passado. Afinal, iam ficar bem. Norman sentiu o corpo descontrair-se.

Tinha terminado.

12:30 HORAS

O sangue tinha parado de correr do nariz partido de Harry e agora ele parecia estar a respirar com mais regularidade, com mais facilidade. Norman ergueu o saco de gelo para olhar para o rosto inchado, e ajustou o fluxo de gotejamento intravenoso no braço de Harry. Beth tinha colocado o fio intravenoso na veia da mão de Harry após diversas tentativas mal sucedidas. Estavam a fazer correr uma mistura anestésica no sangue dele. O hálito de Harry cheirava mal, a estanho. Mas, tirando isso, estava bem. Se não tivessem em conta o frio.

O rádio estalou.

– Estou no submarino - disse Beth. - Vou a bordo agora.

Norman olhou de relance para a vigia no DH-7, viu Beth trepar para a cúpula ao lado do submarino. Ia carregar no botão "Atrasar", a última vez que aquela viagem iria ser necessária. Voltou-se para Harry.

O computador não tinha qualquer informação acerca dos efeitos de manter uma pessoa a dormir durante doze horas seguidas, mas era o que tinham de fazer. Ou Harry se safava, ou não se safava.

"Exactamente como nós", pensou Norman. Olhou para os relógios. Mostravam 12:30 horas, e faziam uma contagem regressiva. Colocou um cobertor sobre Harry e dirigiu-se para a consola.

A esfera continuava ali e os seus sulcos tinham agora um padrão diferente. Com toda a excitação quase se esquecera do fascínio inicial pela esfera, de onde tinha vindo, o que significava. Embora compreendessem agora o que significava. Que é que Beth lhe chamara? Uma enzima mental. Uma enzima era algo que possibilitava reacções químicas sem participar realmente nelas. Os nossos corpos necessitavam de efectuar reacções químicas, mas as nossas temperaturas corporais eram demasiado baixas para a maior parte das reacções químicas se desenrolarem sem percalços. Por isso, tínhamos as enzimas para tornar tudo possível. E ela tinha chamado enzima mental à esfera.

"Muito inteligente", pensou ele. "Mulher inteligente." A impulsividade dela tinha acabado por se revelar exactamente quando era necessária. Com Harry inconsciente, Beth continuava bonita, mas Norman ficou aliviado ao constatar que as suas próprias feições tinham voltado à normalidade rechonchuda. Viu o seu reflexo familiar no ecrã quando olhou para a esfera no monitor.

Aquela esfera.

Com Harry inconsciente, perguntou a si mesmo se alguma vez saberiam exactamente o que tinha sucedido, exactamente como fora. Lembrou-se das luzes, como pirilampos. E que dissera Harry? Algo acerca de espuma. A espuma. Norman ouviu um assobio e espreitou pela vigia.

O submarino estava a mover-se.

Liberto das amarras, o mini-submarino amarelo deslizou pelo fundo, com as luzes a incidir no chão do oceano. Norman premiu o botão do intercomunicador:

- Beth? Beth!
- Estou aqui, Norman.
- Que estás a fazer?
- Tem calma, Norman.
- Que estás a fazer no submarino, Beth?
- Apenas uma precaução, Norman.
- Estás a ir-te embora?

Ela riu pelo comunicador. Uma gargalhada leve, descontraída.

- Não, Norman. Tem calma.
- Diz-me o que estás a fazer?
- É segredo.

- Vá lá, Beth. - "Era só o que lhe faltava", pensou, "a Beth ir-se abaixo agora."

Pensou novamente na impulsividade dela, que momentos antes tinha admirado.

Já não admirava. - Beth?

- Falo contigo depois - disse ela.

O submarino ficou de lado, e ele viu caixas vermelhas nos braços em forma de garra. Não conseguiu ler os rótulos das caixas, mas pareciam-lhe vagamente familiares. Enquanto observava, o submarino passou pelo leme fino da nave espacial e depois assentou no fundo. Uma das caixas foi libertada e saltou suavemente no chão lamacento. O submarino recomeçou a subir, a agitar os sedimentos e avançou cem metros. Depois, voltou a parar e soltou outra caixa. Continuou desta forma a todo o comprimento da nave espacial.

- Beth?

Não obteve resposta. Norman espreitou para as caixas. Tinham rótulos, mas ele não conseguia lê-los àquela distância.

O submarino tinha virado agora e estava a dirigir-se directamente para o DH-8. As luzes incidiram sobre ele. Aproximou-se mais, e os alarmes dos sensores foram despoletados, tocaram, e luzes vermelhas piscaram. Odiava aqueles alarmes, pensou, e pesquisou a consola, a olhar para os botões. Como diabo é que se desligavam? Olhou de relance para Harry, mas Harry permanecia inconsciente.

- Beth? Estás aí? Despoletaste os malditos alarmes.

- Carrega em F8.

- Que diabo era o F8? Olhou em volta. Por fim viu uma fila de teclas no teclado, numeradas de F1 a F20. Premiu F8 e os alarmes pararam. O submarino estava agora muito perto e as luzes brilhavam nas vigias. Na campânula alta, Beth era claramente visível, com as luzes dos instrumentos a brilhar no seu rosto. Depois, o submarino desceu e deixou de ser visível.

Dirigiu-se para a vigia e olhou para o exterior. O *Deepstar III* estava no fundo, a soltar mais caixas das mãos em forma de garra. Agora, conseguia ler os rótulos nas caixas:

CUIDADO: NÃO FUMAR. NÃO USAR APARELHOS
ELECTRÓNICOS
- EXPLOSIVOS "TEVAC."

– Beth? *Que diabo é que estás a fazer?*

– *Mais tarde, Norman.*

Escutou a voz dela. Parecia bem. Estaria a enlouquecer? "Não", pensou. "Ela não está a enlouquecer. Parece bem. Tenho a certeza de que está bem."

Mas não tinha a certeza.

O submarino estava novamente a mover-se, as luzes enfraquecidas pela nuvem de sedimento levantado pelos propulsores. A nuvem alargou-se para lá da vigia e obscureceu a visão.

– Beth?

– *Está tudo bem, Norman. Volto dentro de um minuto. Quando o sedimento assentou novamente no chão, viu o submarino a regressar ao DH-7. Momentos depois, atracou por baixo da cúpula. Depois viu Beth sair e prender o submarino na proa e na popa.*

11:00 HORAS

- É muito simples - disse Beth.
- Explosivos? - Apontou para o ecrã. - Diz aqui: "Os *Tevacs* são os explosivos convencionais mais potentes conhecidos." *Que diabo estás tu a fazer ao pô-los à volta do habitáculo?*
- *Tem calma, Norman. - Pousou a mão no ombro dele. O toque dela era suave e reconfortante. Ele descontraiu-se um pouco ao sentir o corpo dela tão perto.*
- *Devíamos ter discutido isto juntos primeiro.*
- *Norman, não quero correr riscos. Já não.*
- *Mas o Harry está inconsciente.*
- *Pode acordar.*
- *Não vai acordar, Beth.*
- *Não quero correr riscos - disse ela. - Desta forma, se começar alguma coisa a sair daquela esfera, nós podemos fazer explodir a nave inteira. Coloquei explosivos a todo o comprimento dela.*
- *Mas porquê em volta do habitáculo?*
- *Defesa.*
- *Como é que é defesa?*
- *Acredita que é.*
- *Beth, é perigoso ter essa coisa tão perto de nós.*
- *Não está ligada, Norman. Na verdade, também não está ligada em volta da nave. Tenho de sair e fazer isso manualmente. - Olhou para os ecrãs. - Achei que podia esperar um pouco, talvez dormir uma sesta. Estás cansado?*
- *Não - disse Norman.*
- *Já não dormes há muito tempo, Norman.*
- *Não estou cansado. Ela olhou-o, a avaliá-lo.*
- *Eu fico a vigiar o Harry, se é isso que te preocupa.*
- *Não estou cansado, Beth.*
- *Está bem - disse ela, faz como quiseres. - Com os dedos, afastou o cabelo luxuriante do rosto. - Pessoalmente, estou exausta. Vou dormir algumas horas. - Começou a subir as escadas para o laboratório e depois baixou os olhos para ele. - Queres vir comigo?*
- *O quê? - perguntou ele.*
- Ela sorriu directamente para ele, insinuante.*
- *Tu ouviste-me, Norman.*
- *Talvez mais tarde, Beth.*
- *Está bem. Claro.*
- Subiu as escadas, com o corpo a baloiçar suavemente, sensualmente, no fato de mergulho justo. Aquele fato ficava-lhe bem, tinha de admitir. Era uma mulher bem-parecida.*
- Do outro lado da sala, Harry ressonava num ritmo regular. Norman verificou o saco de gelo dele e pensou em Beth. Ouvia-a mover-se pelo laboratório, no andar de cima.*
- *Ei, Norm?*
- *Sim... - Aproximou-se do fundo das escadas e olhou para cima.*

– Há mais algum destes aí em baixo? Um limpo? - Uma coisa azul caiu-lhe nas mãos. Era o fato de mergulho dela.

– Sim. Creio que estão armazenados no B.

– Não te importas de me trazer um, Norman?

– Está bem - disse ele.

Enquanto se dirigia para o Cilindro B, descobriu que estava inexplicavelmente nervoso. Que estava a acontecer? Claro, pensou, sabia exactamente o que estava a acontecer, mas porquê agora? Beth estava a exercer uma poderosa atracção, e ele estava desconfiado. Nas suas relações com homens, Beth gostava de confrontar; era enérgica, directa e zangada. A sedução não era de todo o seu método.

"Agora é", pensou ele, e tirou um fato de mergulho do armário. Levou-o para o Cilindro D e subiu as escadas. Lá de cima, viu uma estranha luz azulada.

– Beth?

– Estou aqui, Norm.

Ele subiu e viu-a deitada de costas, nua, debaixo de uma fileira de lâmpadas ultravioleta de bronzeamento que saíam da parede. Tinha protectores opacos nos olhos. Contorceu o corpo sedutoramente.

– Trouxeste o fato?

– Sim - disse ele.

– Obrigada. Põe-no num sítio qualquer, junto à bancada do laboratório.

– Está bem. - Colocou-o nas costas da cadeira dela.

Ela rolou o corpo para ficar de frente para as lâmpadas brilhantes e suspirou.

– Achei que seria bom armazenar um pouco de vitamina D, Norm.

– Sim...

– Provavelmente, tu também devias.

– Sim, provavelmente. - Mas Norman estava a pensar que não se recordava de ter visto uma fileira de lâmpadas ultravioleta no laboratório. Na verdade, tinha a certeza de que não existiam. Passara imenso tempo naquele aposento; ter-se-ia lembrado. Desceu as escadas rapidamente.

De facto, as escadas também eram novas. Eram de metal preto, anodizado. Não eram assim antes. Estava a descer umas escadas novas.

– Norman?

– Já vou, Beth.

Dirigiu-se para a consola e começou a premir botões. Tinha visto um ficheiro sobre parâmetros do habitáculo ou coisa parecida. Por fim, encontrou-o:

LABPROF-8 - PARÂMETROS DE CONCEPÇÃO MIPPR

5.024A

5.024B

5.024C

5.024D

5.024E

Cilindro A Cilindro B Cilindro C Cilindro D Cilindro E

Escolher um.

Ele escolheu o Cilindro D e apareceu um novo ecrã. Escolheu planos de concepção. Apareceram muitas páginas de desenhos arquitectónicos. Passou-as,

carregando nas teclas, até chegar aos planos pormenorizados para o laboratório biológico no topo do Cilindro D.

Claramente mostrada nos desenhos havia uma grande lâmpada de bronzamento, articulada para se encostar à parede. Devia ter estado ali o tempo todo; mas ele não notara. Havia uma série de outros pormenores em que não tinha reparado - como a escotilha de saída de emergência no tecto abobadado do laboratório. E o facto de existir um segundo beliche articulado perto da entrada. E uma escada de metal preto anodizado.

"Estás em pânico", pensou. "E não tem nada a ver com lâmpadas de bronzear ou com desenhos arquitectónicos. Nem sequer tem a ver com sexo. Estás em pânico porque a Beth é a única que resta para além de ti, e ela não está a comportar-se como se esperaria dela."

No canto do ecrã, viu o pequeno relógio a andar para trás, os segundos a mudarem com uma lentidão agonizante. "Mais doze horas", pensou. "Só tenho de me aguentar mais doze horas e vai ficar tudo bem."

Estava com fome, mas sabia que não havia comida nenhuma. Estava cansado, mas não tinha sítio nenhum onde dormir: O Cilindro E e o Cilindro C estavam inundados, e ele não queria ir lá para cima com Beth. Deitou-se no chão do Cilindro D, ao lado de Harry, que se encontrava no sofá. O chão estava frio e húmido. Durante muito tempo não conseguiu dormir.

09:00 HORAS

As pancadas, aquelas pancadas terríveis e o abanar do chão acordaram-no abruptamente. Rolou sobre si e levantou-se, instantaneamente alerta. Viu Beth de pé ao lado dos monitores.

– Que é? - exclamou ele. - Que é?

– Que é o quê? - perguntou Beth.

Parecia calma. Sorriu-lhe. Norman olhou em volta. Os alarmes não tinham disparado; as luzes não estavam a piscar.

– Não sei, pensei... não sei... - Calou-se.

– Pensaste que estávamos a ser atacados novamente? - perguntou ela.

Ele acenou afirmativamente.

– Por que é que pensarias uma coisa dessas, Norman? - inquiriu ela.

Beth estava a olhar de novo para ele daquela maneira estranha. Um olhar avaliador, o seu olhar muito directo e frio. Não havia vestígios de sedução nela. Quanto muito, transmitia a suspeição da velha Beth: "És um homem e és um problema."

– Harry ainda está inconsciente, não está? Então, por que é que pensaste que estávamos a ser atacados?

– Não sei. Devia estar a sonhar. Beth encolheu os ombros.

– Talvez tenhas sentido a minha vibração a andar no chão disse ela. - De qualquer maneira, ainda bem que decidiste dormir.

O mesmo olhar avaliador. Como se estivesse algo errado com ele.

– Não dormiste o suficiente, Norman.

– Nenhum de nós dormiu.

– Especialmente tu.

– Talvez tenhas razão. - Tinha de admitir que se sentia melhor agora que dormira durante algumas horas. Sorriu. - Bebeste o café e comeste os bolos todos?

– Não há café nem bolos, Norman.

– Eu sei.

– Então, por que é que disseste isso? - perguntou ela, muito séria.

– Estava a brincar, Beth. -Oh.

– Estava apenas a brincar. Sabes, uma reflexão divertida sobre a nossa situação?

– Compreendo. - Ela estava a trabalhar com os ecrãs. - A propósito, que descobriste acerca do balão?

– O balão?

– O balão de superfície. Lembras-te de termos falado nele? Ele abanou a cabeça. Não se recordava.

– Antes de eu ir para o submarino, pedi os códigos de comando para mandar um balão para a superfície, e tu disseste que ias procurar no computador e ver se descobrias como fazer isso.

– Disse?

– Sim, Norman. Disseste.

Procurou lembrar-se. Recordou-se de como ele e Beth tinham erguido do chão o corpo de Harry, inerte, surpreendentemente pesado, e o tinham instalado no sofá, e como tinham parado o fluxo de sangue que lhe escorria do nariz enquanto Beth tinha colocado um tubo intravenoso, coisa que sabia fazer devido ao seu trabalho com cobaias. De facto, tinha dito uma piada, dizendo que esperava que Harry tivesse mais sorte do que as suas cobaias, já que normalmente acabavam por morrer. Depois, Beth tinha-se oferecido para ir ao submarino e ele dissera que ficaria com Harry. Só se lembrava disso. Nada acerca de balões.

– Claro - disse Beth. - Porque a mensagem dizia que temos de acusar a recepção da transmissão, e isso implica que temos de mandar um balão-rádio para a superfície. E pensamos que, com a tempestade a amainar, as condições na superfície devem estar suficientemente calmas para permitir que o balão se desloque sem quebrar o cabo. Por isso, era uma questão de como soltar os balões. E tu disseste que ias procurar os comandos de controlo.

– Na verdade, não me lembro - disse ele. - Desculpa.

– Norman, nós temos de trabalhar juntos nestas últimas horas disse Beth.

– Concordo, Beth. Absolutamente.

– Como é que te sentes agora? - perguntou ela.

– Bem. Para falar com franqueza, bastante bem.

– Ótimo - disse ela. - Aguenta-te, Norman. Só faltam mais algumas horas.

Abrçou-o calorosamente, mas, quando o soltou, ele viu nos olhos dela aquele mesmo olhar desligado, avaliador.

Uma hora mais tarde, descobriram como soltar o balão. Ouviram um assobio metálico à distância quando o fio se desenrolou da bobina exterior e subiu atrás do balão insuflado enquanto este se dirigia velozmente para a superfície. Depois, seguiu-se uma longa pausa.

– Que está a acontecer? - perguntou Norman.

– Estamos a trezentos metros de profundidade - disse Beth. O balão leva algum tempo a chegar à superfície.

Depois o ecrã mudou e tiveram uma leitura das condições na superfície. O vento tinha baixado para quinze nós. As ondas tinham dois metros. A pressão barométrica era de 20,9. Registava-se luz do Sol.

– Boas notícias - disse Beth. - As condições atmosféricas na superfície são boas.

Norman estava a olhar para o ecrã, a pensar no facto de se ter registado luz do Sol. Nunca tinha ansiado por luz do Sol. Era engraçado, as coisas que uma pessoa tinha por certas. Agora, o pensamento de ver luz do Sol era incrivelmente agradável. Não podia imaginar alegria maior do que ver sol e nuvens, e céu azul.

– Em que é que estás a pensar?

– Estou a pensar que mal posso esperar por sair daqui.

– Eu também - disse Beth. - Mas agora já não falta muito.

PONGUE!, PONGUE!, PONGUE!, PONGUE!

Norman estava a ver Harry e girou ao ouvir aquele som.

– Que é, Beth?

Pongue!, pongue!, pongue!, pongue!

– Calma - disse Beth, na consola. - Estou a ver se consigo trabalhar com esta coisa.

Pongue, pongue!, pongue!, pongue!

– Trabalhar com isso?

– Com o sonar de pesquisa lateral. Sonar de falsa-abertura. Não sei por que é que lhe chamam "falsa-abertura". Sabes a que é que isso se refere, "falsa-abertura"?

Pongue!, pongue!, pongue!, pongue!

– Não, não sei - disse Norman. - Desliga-o, por favor. - O som era enervante.

– Está marcado "SFA", que penso que quer dizer "sonar de falsaabertura", mas também diz "pesquisa lateral". É muito confuso.

– Beth, desliga isso!

Pongue!, pongue!, pongue!, pongue!

– Claro, está bem - disse Beth.

– Afinal de contas, por que é que queres aprender a trabalhar com isso? - disse Norman. Sentia-se irritado, como se ela o tivesse aborrecido intencionalmente com aquele som.

– Pode ser preciso - disse Beth.

– Preciso para quê, por amor de Deus? Tu própria disseste que Harry está inconsciente. Não vamos ter mais ataques.

– Tem calma, Norman - disse Beth. - Quero estar preparada, é só.

07:20 HORAS

Não consegui convencê-la a desistir. Ela insistiu em ir lá fora e armadilhar os explosivos à volta da nave. Era uma ideia completamente fixa na sua mente.

– Mas *porquê*, Beth? - Não parava de perguntar.

– *Porque me sentirei melhor depois de o fazer* - disse ela.

– *Mas não há motivo nenhum para o fazeres.*

– *Vou sentir-me melhor se o fizer - insistiu ela, e, no fim, não conseguiu impedi-la. Viu-a agora, uma pequena figura com uma única luz a brilhar no capacete, movendo-se de uma caixa de explosivos para outra. Abriu cada caixa e retirou grandes cones amarelos que se assemelhavam bastante aos cones que os camiões de reparação das auto-estradas utilizavam. Esses cones estavam ligados uns aos outros, e, quando acabou de fazer as ligações, acendeu-se uma luz vermelha na ponta.*

Viu pequenas luzes vermelhas a todo o comprimento da nave. Aquilo fê-lo sentir-se pouco à vontade. Quando ela saíra, ele tinha-lhe dito:

– *Mas não vais armar os explosivos perto do habitáculo.*

– *Não, Norman. Não vou.*

– *Promete-me.*

– *Eu disse-te que não vou armar aquela zona. Se vai perturbar-te, não armo.*

– *Vai perturbar-me.*

– *Está bem, está bem.*

Agora, as luzes vermelhas estendiam-se a todo o comprimento da nave, começando no leme quase invisível, que se erguia do fundo do coral. Beth avançou mais para norte, em direcção ao resto das caixas por abrir.

Norman olhou para Harry, que ressonava muito alto mas continuava inconsciente. Andou de um lado para o outro no Cilindro D, e depois dirigiu-se para os monitores.

O ecrã piscou.

ESTOU A CHEGAR.

"Oh, meu Deus", pensou. E, no momento seguinte, pensou: "Como é que isto pode estar a acontecer? Isto não pode estar a acontecer." Harry ainda estava inconsciente. Como podia aquilo estar a acontecer?

VOU APANHAR-VOS.

– *Beth!*

Lia-se no ecrã:

NÃO TENHAM MEDO,

– *Que é, Norman? - perguntou ela.*

– *Estou a receber uma coisa no ecrã.*

– *Vai ver o Harry. Ele deve estar a acordar.*

– *Não está. Volta para aqui, Beth.*

ESTOU A CHEGAR AGORA.

– *Está bem, Norman, vou voltar - disse ela.*

– *Rápido, Beth.*

Mas não precisava de dizer aquilo; já via a sua luz a baloiçar enquanto ela corria pelo fundo. Estava pelo menos a cem metros do habitáculo. Ouviu a sua

respiração ofegante no intercomunicador.

– *Consegues ver alguma coisa, Norman?*

– *Não, nada. - Estava a esforçar-se para observar o horizonte, onde a lula tinha aparecido sempre. A primeira coisa tinha sido sempre um brilho verde no horizonte. Mas agora não via brilho nenhum.*

Beth estava a respirar.

– *Estou a sentir alguma coisa, Norman. Sinto a água... com corrente... forte...*

O ecrã iluminou-se:

VOU MATAR-VOS.

– *Não vês nada cá fora? - perguntou Beth.*

– *Não. Não vejo absolutamente nada. - Viu Beth, sozinha, no fundo lamacento. A luz dela era o foco solitário da atenção dele.*

– *Sinto-o, Norman. Está perto. Jesus cristo. E os alarmes?*

– *Nada, Beth.*

– *Jesus. - A respiração dela chegava-lhe em arquejos sibilantes enquanto ela corria. Beth estava em boa forma, mas não podia esgotar-se assim naquela atmosfera. "Não durante muito tempo", pensou ele. Reparou que ela estava a mover-se com mais lentidão, a luz do capacete a saltar mais lentamente.*

– *Norman?*

– *Sim, Beth. Estou aqui.*

– *Não sei se vou conseguir, Norman.*

– *Beth, tu consegues. Vem mais devagar.*

– *Está aqui, consigo senti-lo.*

– *Não vejo nada, Beth.*

Ouviu um apito breve e agudo. No começo pensou que havia estática na linha, e depois apercebeu-se de que eram os dentes dela a bater enquanto tremia. Com aquele cansaço devia ter um sobreaquecimento, mas em vez disso estava a arrefecer. Ele não compreendia.

– *... frio, Norman.*

– *Reduz a velocidade, Beth.*

– *Não posso... falar... perto...*

Involuntariamente, ela estava a abrandar. Tinha chegado à zona das luzes do habitáculo e não estava a mais de dez metros da escotilha, mas ele via os membros dela a moverem-se lentamente, desajeitadamente.

E, agora, por fim, conseguia ver algo a deslizar no sedimento lamacento atrás dela, na escuridão, para além das luzes. Era como um tornado, uma nuvem ondulante de sedimento lamacento. Não conseguia ver o que estava no interior da nuvem, mas sentiu o poder dentro dela.

– *Perto...*

Beth tropeçou, caiu. A nuvem ondulante moveu-se em direcção a ela.

VOU MATAR-VOS AGORA.

Beth levantou-se, olhou para trás, viu a nuvem agitada cair sobre ela. Alguma coisa encheu Norman de um terror profundo, um horror que lhe vinha da infância, coisas de pesadelos.

– *Norman...*

Depois Norman estava a correr, sem saber bem o que ia fazer, mas impelido pela

visão que tivera, a pensar unicamente que tinha de fazer alguma coisa, que tinha de agir, e atravessou o B para o A e olhou para o fato, mas não havia tempo, e a água preta na escotilha aberta estava a espirrar e a rodopiar e ele viu a mão enluvada de Beth abaixo da superfície, a abanar, ela estava imediatamente por baixo dele, e ela era a outra única pessoa que restava, e, sem pensar, saltou para a água negra e mergulhou.

O choque do frio deu-lhe vontade de gritar; rasgou-lhe os pulmões. Todo o seu corpo ficou instantaneamente dormente e sentiu um segundo de paralisia hedionda. A água agitou-se e atirou-o como uma grande onda; ele estava impotente para lutar com ela; a cabeça bateu contra a parte de baixo do habitáculo. Não conseguia ver absolutamente nada.

Tentou agarrar Beth, atirando os braços às cegas em todas as direcções. Os seus pulmões ardião. A água fazia-o rodopiar em círculos, levantava-o.

Tocou-lhe, perdeu-a. A água continuou a fazê-lo girar.

Agarrou-a. Alguma coisa. Um braço. Já estava a perder o tacto, já estava a sentir-se mais lento e mais entorpecido. Puxou. Viu um anel de luz por cima; a escotilha. Bateu as pernas, mas parecia incapaz de se mexer. O círculo não ficava mais próximo.

Bateu novamente as pernas, arrastando Beth como um peso morto. Talvez ela estivesse morta. Os pulmões ardião. Era a dor pior que sentira em toda a sua vida. Lutou contra a dor, e lutou contra a água revolta e não parou de bater as pernas em direcção à luz. Era o seu único pensamento, bater para a luz, aproximar-se mais da luz, alcançar a luz, a luz, a luz...

A luz.

As imagens eram confusas. O corpo vestido de Beth agarrado ao metal, dentro da câmara de compressão. O seu próprio joelho a sangrar no metal da escotilha, as gotas de sangue a pingar. As mãos trémulas de Beth a agarrarem o capacete dele, a torcerem-no, a tentarem soltá-lo. Mãos trémulas. Água na escotilha, a sugar, a irromper. Luzes nos olhos dele. Uma dor terrível algures. Ferrugem muito perto do rosto dele, uma ponta aguçada de metal. Metal frio. Ar frio. Luzes nos olhos, a enfraquecer. A desmaiar. Escuridão.

A sensação de calor era agradável. Ouviu um ruído sibilante nos ouvidos. Olhou para cima e viu Beth, sem o fato, muito grande, acima dele, a ajustar o grande aquecedor de ambiente, a ligar a energia. Ela ainda estava a tremer, mas estava a ligar o aquecedor. Fechou os olhos. "Conseguimos", pensou. "Ainda estamos juntos. Continuamos bem. Conseguimos."

Desconstruiu-se.

Tinha uma sensação de formigueiro no corpo. "Devido ao frio", pensou, "o corpo a aquecer depois de ter estado muito frio." A sensação de formigueiro não era agradável. E o silvo também não era agradável; era sibilante, intermitente.

Algo resvalou suavemente debaixo do seu queixo quando ele estava deitado na cobertura. Abriu os olhos e viu um tubo branco e prateado, e depois focou o olhar e viu os olhos redondos, minúsculos, e a língua comprida. Era uma cobra.

Uma cobra do mar.

Gelou. Olhou para baixo, movendo unicamente os olhos.

Tinha o corpo inteiro coberto de cobras brancas.

As sensação de formigueiro provinha de dúzias de cobras, que se enrolavam à volta dos seus tornozelos, deslizavam entre as pernas, pelo peito. Sentiu um deslizar frio pela testa. Fechou os olhos, sentindo horror à medida que o corpo da cobra se movia pela face, descia pelo nariz, lhe tocava nos lábios e depois se afastava.

Escutou o silvo dos répteis e pensou que Beth dissera que eles eram extremamente venenosos. "Beth", pensou. "Onde está Beth?"

Não se mexeu. Sentiu cobras a enrolarem-se à volta do seu pescoço, a deslizar-lhe pelo ombro, a deslizar entre os dedos das mãos. Não queria abrir os olhos. Sentiu um surto de vômito.

"Deus", pensou. "Vou vomitar."

Sentiu cobras sob a axila, sentiu cobras a deslizarem pela virilha. Encheu-se de suores frios. Lutou contra os vômitos.

"Beth", pensou. Não queria falar. "Beth..."

Escutou os assobios e depois, quando já não conseguia suportar mais, abriu os olhos e viu a massa de carne branca enrolada, a contorcer-se, as cabeças minúsculas, as línguas sibilantes, bifurcadas. Fechou novamente os olhos.

Sentiu uma trepar-lhe pela perna do fato de mergulho, encostada à sua carne nua.

- Não te mexas, Norman.

Era Beth. Percebeu a tensão na voz dela. Olhou para cima, mas não conseguiu vê-la, apenas a sombra dela. Ouviu-a dizer:

- Oh, Deus, que horas são? - e pensou: "Que se lixem as horas, quem quer saber que horas são?" Aquilo não fazia sentido nenhum para ele. - Tenho de saber as horas - estava Beth a dizer. Ouviu os pés dela mexerem-se na coberta. - As horas...

Estava a afastar-se, a deixá-lo!

As cobras deslizaram pelas orelhas dele, debaixo do queixo, passaram-lhe pelas narinas, os corpos húmidos e ondulantes.

Depois, ouviu os pés dela na coberta, e um ruído metálico quando ela abriu a escotilha. Ele abriu os olhos para a ver debruçar-se sobre ele, a agarrar cobras às mãos-cheias, a atirá-las pela escotilha para dentro de água. Cobras enrolaram-se-lhe nas mãos, torceram-se nos seus pulsos, mas ela sacudiu-as, atirou-as para longe. Algumas das cobras não aterraram na água e enroscaram-se na coberta. Mas a maior parte das cobras já tinham saído do corpo dele.

Mais uma a subir-lhe pela perna, em direcção à virilha. Sentiu-a mover-se rapidamente para trás - ela estava a puxá-la pela cauda!

- Jesus, cuidado...

A cobra tinha saído e ela atirou-a por cima do ombro.

- Podes levantar-te, Norman - disse ela.

Ele levantou-se de um salto e vomitou imediatamente.

07:00 HORAS

Tinha uma dor de cabeça assassina, latejante, que fazia as luzes do habitáculo parecerem desagradavelmente fortes. E tinha frio. Beth tinha-o embrulhado em cobertores e mudara-o para junto dos grandes aquecedores de ambiente no Cilindro D, tão perto que o zumbido dos componentes eléctricos soava muito alto aos seus ouvidos, mas ainda tinha frio. Olhou para ela enquanto ela lhe ligava o joelho cortado.

– Como está isso? - perguntou.

– Nada bem - disse ela. - Vai até ao osso. Mas vais ficar bem. Já só faltam algumas horas.

– Sim, eu... ui!

– Desculpa. Estou quase a acabar. - Beth estava a seguir as instruções de primeiros-socorros do computador. Para distrair a mente da dor, leu o ecrã.

COMPLICAÇÕES MÉDICAS MENORES (NAo CIRÚRGICAS).

7.113 Traumatismo

7.115 Microssono

7.118 Tremor provocado pelo hélio

7.119 Otite

7.121 Contaminantes tóxicos

7.143 Dor sinovial

Escolher um.

– *É disso que eu preciso - disse ele. - Um pouco de microssono. Ou, ainda melhor, um macrossono a sério.*

– *Todos precisamos. Ocorreu-lhe um pensamento.*

– *Beth, lembras-te de quando estavas a arrancar as cobras de mim? Que era tudo aquilo que estavas a dizer acerca das horas?*

– *As cobras do mar são diurnas - disse Beth. - Muitas cobras venenosas são alternadamente agressivas e passivas em ciclos de doze horas, que correspondem ao dia e à noite. Durante o dia, quando são passivas pode-se segurar nelas e elas nunca mordem. Por exemplo, na Índia, existe uma cobra extremamente venenosa que nunca mordeu durante o dia, mesmo quando as crianças brincam com ela. Mas à noite, cuidado. Por isso, eu estava a tentar determinar em que ciclo se encontravam as cobras do mar, até que cheguei à conclusão de que tinha de ser o ciclo diurno passivo.*

– *Como é que percebeste isso?*

– *Porque ainda estavas vivo. - Depois, tinha usado as mãos para retirar as cobras, pois sabia que também não lhe morderiam.*

– *Com as mãos cheias de cobras, parecias a Medusa.*

– *Que é isso, uma estrela de rock ?*

– *Não, é uma figura mitológica.*

– *A que matou os filhos? - perguntou ela, com um olhar desconfiado. Beth, sempre atenta a um insulto velado.*

– *Não, essa foi outra. Essa foi Medeia. Medusa era uma mulher mítica com uma cabeça cheia de cobras que transformava os homens em pedra se eles olhassem*

para ela. Perseus matou-a quando ela olhou para o seu próprio reflexo no escudo polido que ele empunhava.

– Lamento, Norman. Não é a minha área.

“Era surpreendente”, pensou ele, “que em tempos, qualquer pessoa ocidental culta conhecia intimamente estas figuras da mitologia e as histórias por detrás delas... tão intimamente como conheciam as histórias das famílias e dos amigos. Em tempos, os mitos tinham representado o conhecimento comum da humanidade e serviam como uma espécie de mapa da consciência.”

Mas agora uma pessoa bem educada como Beth não sabia absolutamente nada acerca de mitos. Era como se os homens tivessem decidido que o mapa da consciência humana tinha mudado. Mas tinha mudado mesmo? Tremeu.

– Continuas com frio, Norman?

– Sim. Mas o pior é a dor de cabeça.

– Provavelmente, estás desidratado. Vejamos se consigo encontrar alguma coisa para beberes. - Dirigiu-se para a caixa de primeiros-socorros que estava presa na parede.

– Aquilo que tu fizeste foi um disparate, sabes? - disse Beth.

– Saltar assim, sem um fato. Aquela água está apenas a alguns graus de gelar. Foi muito corajoso. Estúpido, mas corajoso. - Sorriu.

– Salvaste-me a vida, Norman.

– Não pensei - disse Norman. - Limitei-me a agir. - E depois disse-lhe como, quando a vira lá fora, com a nuvem ondulante de sedimento a aproximar-se, tinha sentido um pavor antigo e infantil, algo da memória distante.

– Sabes o que era? - perguntou ele. - Lembrou-me o tornado do Feiticeiro de Oz. Aquele tornado apavorou-me quando eu era criança. Não queria ver tudo aquilo a acontecer de novo.

E depois pensou, “Talvez estes sejam os nossos mitos novos. Dorothy e Totó e a Bruxa Malvada, o capitão Nemo e a lula gigante...”

– Bem - disse Beth, seja qual for o motivo, salvaste a minha vida. Obrigada.

– Sempre às ordens - disse Norman. Sorriu. - Mas não voltes a repetir.

– Não, não vou voltar a sair.

– Voltou com uma bebida num copo de papel. Era espessa e doce.

– Que é isto?

– Suplemento isotónico de glucose. Bebe.

Ele bebericou, mas era desagradavelmente doce. Do outro lado do aposento, no ecrã da consola, continuava a ler-se: “VOU MATAR-VOS AGORA.” Olhou para Harry, que continuava inconsciente, com o fio intravenoso no braço.

Harry tinha estado inconsciente durante todo aquele tempo.

Não tinha pensado nas implicações daquele facto. Chegara o momento de o fazer. Não queria, mas tinha de ser. Disse:

– Beth, por que é que achas que tudo isto está a acontecer?

– Tudo o quê?

– O ecrã, as palavras impressas. É outra manifestação que vem atacar-nos.

Beth olhou para ele de uma forma inexpressiva, neutra.

– Que achas, Norman?

– Não é o Harry.

– Não. Não é.

– Então, por que é que está a acontecer? - perguntou Norman. Levantou-se e aconchegou os cobertores à sua volta. Flectiu o joelho ligado; doeu-lhe, mas não demasiado. Norman dirigiu-se para a vigia e espreitou pela janela. À distância, via-se o fio de luzes vermelhas dos explosivos que Beth tinha colocado e armado. Nunca compreendera por que é que ela queria fazer aquilo. Tinha agido de uma forma tão estranha em relação a tudo aquilo. Baixou os olhos para a base do habitáculo.

Luzes vermelhas também brilhavam ali, mesmo por baixo da vigia. "Ela tinha armado os explosivos em volta do habitáculo."

– Que fizeste, Beth?

– Fiz?

– Armaste os explosivos à volta do DH-8.

– Sim, Norman - disse ela. Ficou a olhar para ele, muito quieta, muito calma.

– Beth, prometeste que não o farias.

– Eu sei. Mas tinha de fazer.

– Como é que estão armados? Onde está o botão, Beth?

– Não há botão. São despoletados por sensores automáticos de vibração.

– Estás a dizer-me que são accionados automaticamente?

– Sim, Norman.

– Beth, isto é uma loucura. Ainda há alguém a fazer essas manifestações. Quem está a fazer isso, Beth?

Ela sorriu lentamente, um sorriso preguiçoso, felino, como se ele estivesse a divertir-la secretamente.

– Não sabes realmente?

Ele não sabia. "Sim", pensou. Sabia, e esse conhecimento arrepiou-o.

– És tu que estás a fazer essas manifestações, Beth.

– Não, Norman - disse ela, sempre impassível. - Não sou eu. És tu.

06:40 HORAS

Os seus pensamentos recuaram muitos anos, para os primeiros tempos do seu estágio, quando trabalhara no hospital estatal em Borrego. O supervisor tinha mandado Norman fazer um relatório de progresso num doente específico. O homem tinha vinte e muitos anos, era agradável e bem educado. Norman conversou com ele acerca de todos os tipos de coisas: a transmissão do *Oldsmobile Hydramatic*, as melhores praias para surfar, a recente campanha presidencial de *Adiai Stevenson*, a tacada de *Whitey Ford*, até a teoria freudiana. O homem era bastante simpático, embora fumasse cigarro atrás de cigarro e parecesse ter uma tensão escondida. Por fim, Norman perguntou-lhe por que é que ele tinha sido mandado para o hospital.

O homem não se lembrava porquê. Lamentava, mas não conseguia lembrar-se. Com as perguntas constantes de Norman, o homem ficou menos simpático, mais irritável. Por fim, tornou-se ameaçador e zangado, e deu murros na mesa, a exigir que Norman falasse noutra coisa qualquer.

Só naquela altura ocorrera a Norman quem era aquele homem: Alan Whittier; que, quando adolescente, tinha assassinado a mãe e a irmã na caravana onde viviam no deserto de Palm, e depois tinha matado seis pessoas numa bomba de gasolina e três outras no parque de estacionamento de um supermercado, até, finalmente, se entregar à Polícia, a soluçar, histérico, com a culpa e o remorso. Whittier tinha passado os últimos dez anos no hospital estatal, e atacara brutalmente diversos funcionários durante aquele período.

Este homem era o que estava agora enraivecido, de pé, diante de Norman, e a dar pontapés na mesa, a atirar com a cadeira à parede. Norman ainda não tinha acabado o curso; não sabia como lidar com aquela situação. Virara-se para fugir da sala, mas a porta atrás de si estava fechada à chave. Tinham-no trancado ali dentro, que era o que faziam sempre que se faziam entrevistas a pacientes violentos. Atrás dele, Whittier levantara a mesa e atirara-a contra a parede; e dirigira-se para Norman. Norman tivera um momento de pânico horrível até ouvir as fechaduras a abrir; e depois três funcionários entraram apressadamente, agarraram Whittier e arrastaram-no. Ele continuava a gritar e a praguejar.

Norman fora directamente ao supervisor; exigira que lhe dissesse por que é que lhe tinham armado uma cilada. O supervisor dissera-lhe: "Uma cilada?" "Sim", dissera Norman, "uma cilada." O supervisor dissera: "Mas não lhe disseram o nome do homem antes? O nome não lhe disse nada?" Norman replicara que não tinha prestado atenção.

"É melhor prestar atenção, Norman", dissera-lhe o supervisor. "Nunca se pode baixar a guarda num lugar destes. É perigoso de mais."

Agora, a olhar para o outro lado do habitáculo, para Beth, pensou: "Presta atenção, Norman. Não podes baixar a guarda. Porque estás a lidar com uma pessoa louca e percebeste isso."

– Estou a ver que não acreditas em mim - disse Beth, ainda muito calma. - Consegues falar?

– Claro - respondeu Norman.

– Ser lógico, tudo isso?

– Claro - disse ele, e pensou: "Não sou eu o maluco aqui."

– Está bem - disse Beth. - Lembras-te de quando me falaste acerca do Harry... como todas as provas apontavam para o Harry?

– Sim. Claro.

– Perguntaste-me se me ocorria outra explicação e eu disse que não. Mas há outra explicação, Norman. Alguns pontos que tu esqueceste convenientemente da primeira vez. Como as medusas. Porquê as medusas? Foi o teu irmão mais novo que foi picado pelas geleias, Norman, e tu que te sentiste culpado depois. E quando é que Jerry fala? Quando tu estás lá, Norman. E quando é que a lula parou o ataque? Quando tu ficaste sem sentidos, Norman. Não o Harry, tu.

A voz dela estava tão calma, tão razoável. Lutou para analisar o que ela estava a dizer. Seria possível que tivesse razão?

– Recua. Pensa bem - disse Beth. - Tu és psicólogo e estás aqui com um bando de cientistas que só percebem de hardware. Não tens nada que fazer aqui... tu próprio o disseste. E não houve uma altura na tua vida em que te sentiste também profissionalmente inútil? Não foi uma época difícil para ti? Não me disseste uma vez que detestaste aquela altura da tua vida?

– Sim, mas...

– Quando todas estas coisas estranhas começam a acontecer, o problema já não é d e hardware. Agora é um problema psicológico. É a tua área, Norman, precisamente a área em que és perito. De súbito, tornas-te o centro das atenções, não é verdade?

"Não", pensou ele. "Isto não pode ser verdade."

– Quando o Jerry começa a comunicar connosco, quem é que repara que ele tem emoções? Quem insiste que trabalhemos as emoções do Jerry? Nenhum de nós está interessado em emoções, Norman. Barnes apenas quer saber de armamentos, Ted só quer falar de ciência, Harry apenas quer jogar jogos lógicos. És tu que estás interessado em emoções. E quem manipula o Jerry... ou não consegue manipulá-lo? Tu, Norman. E tudo contigo.

– Não pode ser - disse Norman. A sua mente estava num turbilhão. Esforçou-se para encontrar uma contradição e conseguiu. Não posso ser eu, porque não estive dentro da esfera.

– Estiveste, sim - disse Beth. - Só não te lembras.

Sentiu-se desfeito, a ser repetidamente esmurrado e desfeito. Parecia não conseguir equilibrar-se, e os golpes não paravam de o atingir.

– Precisamente da forma como não te lembras de que te pedi para procurar os códigos dos balões - estava Beth a dizer na sua voz calma. - Ou da forma que o Barnes te perguntou sobre as concentrações de hélio no Cilindro E.

Ele pensou: "Que concentrações de hélio no Cilindro E? Quando é que o Barnes me perguntou isso?"

– Há muitas coisas de que não te recordas, Norman.

Norman disse:

– Quando é que eu fui à esfera?

– Antes do primeiro ataque da lula. Depois de o Harry sair.

– Eu estava a dormir! Estava a dormir no meu beliche!

– Não, Norman. Não estavas. Porque a Fletcher foi chamar-te e tu tinhas

desaparecido. Não conseguimos encontrar-te durante duas horas, e depois apareceste, a bocejar.

– Não acredito em ti - disse ele.

– Eu sei que não. Preferes fazer disso o problema de outra pessoa qualquer. E tu és esperto. És perito em manipulação psicológica, Norman. Recordas-te daqueles testes que efectuaste? Pôr pessoas confiantes num avião e depois dizer-lhes que o piloto teve um ataque cardíaco? Deixá-las meias mortas de medo? É manipulação bastante impiedosa, Norman.

"E aqui em baixo, no habitáculo, quando todas estas coisas começaram a acontecer, precisavas de um monstro. Por isso, transformaste o Harry num monstro. Mas o Harry não era o monstro, Norman. Tu és o monstro. Foi por isso que a tua aparência mudou, foi por isso que ficaste horrível. Porque tu és o monstro.

– Mas a mensagem dizia: "Chamo-me Harry."

– Pois dizia. E, como tu próprio realçaste, a pessoa que estava a causá-la teve receio de que o nome verdadeiro aparecesse no ecrã.

– Harry - disse Norman. - O nome era Harry.

– E qual é o teu nome?

– Norman Johnson.

– O nome completo.

Ele fez uma pausa. Inexplicavelmente, a boca não estava a funcionar. O cérebro estava vazio.

– Vou dizer-te qual é - disse Beth. - Eu fui ver. É Norman Harrison Johnson.

"Não", pensou ele. "Não, não, não. Ela não pode ter razão."

– É uma coisa difícil de aceitar - estava Beth a dizer na sua voz lenta, paciente e quase hipnótica. - Eu entendo isso. Mas, se pensares bem, verás que querias que chegasse a isto. Querias que eu descobrisse, Norman. Ora, há apenas alguns minutos contaste-me sobre o Feiticeiro de Oz, não foi? Ajudaste-me quando eu não estava a perceber... ou, pelo menos, o teu inconsciente ajudou. Ainda estás calmo?

– É claro que estou calmo.

– Ótimo. Mantém-te calmo, Norman. Vamos pensar nisto logicamente. Vais cooperar comigo?

– Que queres fazer?

– Quero anestesiá-la, Norman. Como o Harry. Ele abanou a cabeça.

– É apenas por algumas horas, Norman - disse ela, e depois pareceu decidir-se; moveu-se rapidamente na direcção dele, e ele viu a seringa na mão dela, o brilho da agulha, e desviou-se. A agulha mergulhou no cobertor, e ele libertou-se dele e correu para as escadas.

– Norman! Volta aqui!

Ele estava a subir as escadas. Viu Beth correr para a frente com a agulha. Pontapeou-a, conseguiu entrar no laboratório e fechou a escotilha em cima dela.

– Norman!

Ela bateu na escotilha. Norman deixou-se ficar em cima dela, pois sabia que ela nunca conseguiria levantar o seu peso. Beth continuou a bater.

– Norman Johnson, abre esta escotilha imediatamente!

– Não, Beth, lamento.

Calou-se. *Que podia ela fazer? Nada, pensou. Estava seguro ali. Ela não conseguiria apanhá-lo ali, não poderia fazer-lhe nada enquanto ele estivesse ali.*

Depois viu o parafuso metálico mover-se no centro da escotilha, no meio dos seus pés. Do outro lado da escotilha, Beth estava a girar a roda.

A trancá-lo ali dentro.

06:00 HORAS

As únicas luzes do laboratório brilhavam na bancada, ao lado de *Uma fila de espécimes cuidadosamente enfrascados: lulas, camarões, ovos de lula gigante. Tocou distraidamente nos frascos. Ligou o monitor do laboratório e carregou em botões até ver Beth, lá em baixo, no vídeo. Beth estava a trabalhar na consola principal do Cilindro D. A um canto, viu Harry, que continuava deitado, inconsciente.*

– *Estás a ouvir-me, Norman? Em voz alta, ele disse:*

– *Sim, Beth. Estou a ouvir-te.*

– *Estás a comportar-te de uma forma irresponsável, Norman. És uma ameaça para toda esta expedição.*

Seria verdade?, interrogou-se. Não lhe parecia que fosse uma ameaça para a expedição. Não lhe parecia verdadeiro. Mas quantas vezes na vida tinha confrontado pacientes que se recusavam a perceber o que estava a acontecer nas suas vidas? Até mesmo exemplos triviais - um homem, outro professor na universidade, que tinha pavor de elevadores mas que insistia sempre categoricamente que ia pelas escadas porque era um bom exercício físico. O homem subia prédios de quinze andares; e declinava consultas em edifícios mais altos; organizava toda a sua vida para acomodar um problema que não admitia ter: O problema manteve-se camuflado até que, por fim, teve um ataque cardíaco. Ou a mulher que estava exausta de anos a cuidar da filha perturbada; deu um frasco de comprimidos para dormir à filha porque disse que a rapariga precisava de descansar; a rapariga suicidou-se. Ou o marujo que levou alegremente a família numa excursão de barco para Catalina no meio de uma tempestade, e quase os matou a todos.

Ocorreram-lhe dúzias de exemplos. Era um truísmo psicológico, aquela cegueira em relação ao ego. Imaginaria ele que estava imune? Há três anos, houvera um pequeno escândalo quando um dos professores assistentes no Departamento de Psicologia se suicidara, metendo uma arma na boca no fim-de-semana do Dia do Trabalhador. Aquele acto dera origem a parangonas nos jornais: "PROF. DE Psic. MATA EGO. Colegas manifestam surpresa. Dizem que o falecido estava 'sempre feliz'".

O reitor da faculdade, embaraçado durante a campanha de angariação de fundos, tinha censurado Norman por causa do incidente, mas a difícil verdade é que a psicologia tinha sérias limitações. Mesmo com conhecimento profissional e a melhor das intenções, havia imensas coisas que uma pessoa nunca sabia acerca dos amigos mais íntimos, dos colegas, das mulheres e dos maridos e dos filhos. E a ignorância das pessoas acerca delas próprias era ainda maior do que isso. A autoconsciência era a mais difícil de todas. Poucas pessoas a alcançavam. Ou talvez ninguém a alcançasse.

– *Estás aí, Norman?*

– *Sim, Beth.*

– *Eu acho que tu és uma pessoa boa, Norman. Ele não disse nada. Apenas a observou no monitor.*

– *Acho que tens integridade e que acreditas na verdade. É um momento difícil para ti, teres de encarar a realidade sobre ti mesmo. Sei que a tua mente está*

agora a lutar para encontrar desculpas, para culpar outra pessoa qualquer. Mas eu penso que tu podes fazê-lo, Norman. Harry não podia, mas tu podes. Acho que tu podes admitir a difícil verdade... que enquanto estiveres consciente, a expedição está ameaçada.

Ele sentiu a força da convicção dela, ouviu a força calma da voz dela. À medida que Beth falava, quase sentiu que as ideias dela eram roupa que estava a ser enrolada à volta do seu corpo. Comecem a ver as coisas como ela. Ela estava tão calma que tinha de ter razão. As ideias dela tinham um poder enorme. Os pensamentos dela tinham um poder enorme...

– Estiveste na esfera, Beth?

– Não, Norman. É a tua mente, a tentar fugir novamente à questão. Eu não estive na esfera. Tu estiveste.

Honestamente, não conseguia lembrar-se de ter entrado na esfera. Não se recordava de nada. E quando Harry estivera na esfera, depois lembrara-se. Por que é que Norman se teria esquecido? Por que é que teria bloqueado aquele conhecimento?

– Tu és um psicólogo, Norman - estava ela a dizer. - Tu, mais do que todas as pessoas, não queres admitir que tens um lado sombrio. Tens a obrigação profissional de acreditar na tua própria saúde mental. É claro que vais negar.

Ele não era da mesma opinião. Mas como deslindar todo aquele mistério? Como determinar se ela estava certa ou não? O seu cérebro não estava a trabalhar bem. O joelho cortado latejava dolorosamente. Pelo menos, não havia dúvida em relação àquilo... o seu joelho ferido era real.

Teste de realidade.

"Era a forma de resolver aquilo", pensou. "Teste de realidade." Qual era a prova objectiva de que Norman tinha ido para a esfera? Tinham muitas cassetes de tudo o que ocorria no habitáculo. Se Norman tivesse ido para a esfera há muitas horas, algures, existiria uma gravação que o mostraria na câmara de compressão, sozinho, a vestir-se, a esgueirar-se furtivamente. Beth devia poder mostrar-lhe essa gravação. Onde estava a cassette?

No submarino, evidentemente.

Há muito que teria sido levada para o submarino. O próprio Norman devia tê-la levado, quando fizera a excursão ao submarino.

Nenhuma prova objectiva.

– Desiste, Norman. Por favor. Para bem de todos nós. "Talvez ela tenha razão", pensou. Estava tão segura de si própria.

Se ele estivesse a fugir à verdade, se estivesse a colocar a expedição em risco, então, teria de se entregar e deixá-la anestesiá-lo. E podia confiar nela para fazer aquilo? Teria de confiar. Não tinha outra opção.

"Tenho de ser eu", pensou. "Tenho de ser." O pensamento foi tão horrível para ele... que era por si só suspeito. Estava a resistir a ele tão violentamente... não era bom sinal, pensou. Demasiada resistência.

– Norman?

– Está bem, Beth.

– Aceitas?

– Não forces. Dá-me um minuto, está bem?

– Claro, Norman. Claro.

Ele olhou para o videogravador ao lado do monitor. Lembrou-se de como Beth tinha utilizado aquele gravador para passar a mesma fita, vezes sem conta, a fita na qual a esfera se tinha aberto sozinha. Aquela cassete estava agora em cima da bancada, ao lado do gravador. Enfiou a cassete na ranhura, ligou o gravador: "Para quê dares-te ao trabalho de a ver agora?", pensou. "Estás apenas a adiar. Estás a perder tempo."

O ecrã piscou, e esperou pela imagem familiar de Beth a comer bolo, de costas para o monitor. Mas era uma gravação diferente. Era uma gravação que monitorizava directamente a esfera. A esfera brilhante, ali parada.

Observou durante alguns segundos, mas não aconteceu nada. A esfera estava imóvel, como sempre. Brilhante, perfeita, imóvel. Observou durante mais algum tempo, mas não havia nada para ver.

– Norman, se eu abrir a escotilha agora, desces calmamente?

– Sim, Beth.

Suspirou, recostou-se para trás na cadeira. Quanto tempo estaria inconsciente? Pouco menos de seis horas. Não haveria problema. Mas em todo o caso, Beth tinha razão, ele tinha de se entregar.

– Norman, por que é que estás a ver essa cassete?

Ele olhou em volta rapidamente. Havia uma câmara no laboratório que permitia que ela o visse? Sim: muito alta, no tecto, ao lado da escotilha superior.

– Por que é que estás a ver essa cassete, Norman?

– Estava aqui.

– Quem disse que podias ver essa cassete?

– Ninguém - retorquiu Norman. - Estava aqui.

– Desliga o gravador, Norman. Desliga-o agora. Já não parecia tão calma.

– Qual é o problema, Beth?

– Desliga a maldita gravação, Norman!

Estava a preparar-se para lhe perguntar porquê, mas depois viu Beth entrar na imagem de vídeo e parar ao lado da esfera. Beth fechou os olhos e cerrou os punhos. Os sulcos convolutos da esfera separaram-se, revelando escuridão. E, enquanto ele olhava, Beth entrou na esfera.

E a porta da esfera fechou-se atrás dela.

– Malditos homens! - disse Beth num tom de voz tenso, zangado. - São todos iguais; não podem deixar de fazer o que querem, nenhum de vocês.

– Tu mentiste-me, Beth.

– Por que é que viste essa cassete? Eu implorei-te para não veres essa gravação, Norman.

Já não estava zangada; agora estava suplicante, à beira das lágrimas. Estava a sofrer mudanças emocionais rápidas. Instável, imprevisível.

E estava a controlar o habitáculo.

– Beth.

– Desculpa, Norman. Já não posso confiar em ti.

– Beth.

– Vou desligar-te, Norman. Não vou ouvir...

– .. Beth, espera...

– Sei até que ponto és perigoso. Vi o que fizeste ao Harry. Como torceste os factos para que a culpa fosse do Harry. Oh, sim, a culpa foi do Harry, quando tu entraste. E agora queres que a culpa seja da Beth, não queres? Bem, deixa-me dizer-te, Norman, que não vais poder fazer isso, porque eu desliguei-te, Norman. Não posso ouvir as tuas palavras suaves, convincentes. Não posso ouvir a tua manipulação. Por isso, não desperdices energia, Norman.

Ele desligou a gravação. O monitor mostrava agora Beth junto à consola, na sala do piso inferior. A premir botões na consola.

– Beth? - chamou ele.

Ela não respondeu; continuou a trabalhar na consola, a falar sozinha em voz baixa.

– És um grande filho da puta, Norman, sabias isso? Sentes-te tão mal que tens de tornar toda a gente tão reles como tu és.

Ele pensou que ela estava a falar acerca de si própria.

– És tão grande no inconsciente, Norman. O inconsciente isto, o inconsciente aquilo. Jesus Cristo, estou farta de ti. Provavelmente, o teu inconsciente quer matar-nos a todos, só porque tu queres matar-te e pensas que toda a gente devia morrer contigo.

Ele sentiu um arrepio gelado. Beth, com a sua falta de auto-estima, o nível profundo de ódio por si mesma, tinha entrado na esfera, e agora estava a agir com o poder da esfera, mas sem estabilidade nos pensamentos. Beth via-se como uma vítima que lutava contra o seu destino, sempre sem sucesso. Beth era vitimizada pelos homens, vitimizada pela sociedade em geral, vitimizada pela pesquisa, vitimizada pela realidade. Em todos os casos, não conseguia ver como é que fizera aquilo a si mesma. "E colocou explosivos a toda a volta do habitáculo", pensou ele.

– Não vou deixar-te fazer o que queres, Norman. Vou impedir-te antes que nos mates a todos.

Tudo o que ela dizia era o reverso da verdade. Começou agora a ver o padrão.

Beth tinha descoberto como abrir a esfera, e tinha entrado em segredo, porque se sentira sempre atraída pelo poder - achara sempre que lhe faltava poder e que precisava de mais. Mas Beth não estava preparada para lidar com o poder depois de o ter. Beth ainda se via como uma vítima, por isso tinha de negar o poder e conseguir ser vitimizada por ele.

Era muito diferente de Harry. Harry tinha negado os seus medos, por isso tinham-se manifestado imagens medonhas. Mas Beth negava o poder que tinha, por isso manifestava uma nuvem revolta de poder sem forma, incontrolado.

Harry era um matemático que vivia num mundo consciente de abstracção, de equações e pensamentos. Uma forma concreta, como uma lula, era o que Harry receava. Mas Beth, a zoóloga que lidava todos os dias com animais, criaturas que podia tocar e ver, criara uma abstracção. Um poder que não podia tocar nem ver. Um poder abstracto, sem forma, que ia apanhá-la.

E, para se defender, tinha armadilhado o habitáculo com explosivos. Não era grande defesa, pensou Norman.

"A menos que, no fundo, uma pessoa quisesse matar-se."

O horror desta situação perigosa e verdadeira tornou-se claro para ele.

– Não vai conseguir levar a melhor nisto, Norman. Não vou permitir que isso aconteça. Não a mim.

Estava a premir botões na consola. Que estaria ela a planear? Qe poderia fazer-lhe? Tinha de pensar.

De súbito, as luzes do laboratório desligaram-se. Um momento depois, o grande aquecedor de ambiente deixou de funcionar; os fios metálicos vermelhos arrefeceram, escureceram.

Ela tinha cortado a energia.

Com o aquecedor desligado, quanto tempo resistiria? Tirou os cobertores da cama dela, enrolou-se neles. Quanto tempo, sem calor? "Certamente, não seis horas", pensou lugubrememente.

– Lamento, Norman. Mas tu compreendes a posição em que me encontro. Enquanto estiveres consciente, estou em perigo.

"Talvez uma hora", pensou ele. "Talvez consiga durar uma hora."

– Lamento, Norman. Mas tenho de te fazer isto.

Ouviu um zumbido suave. O alarme na placa que tinha ao peito começou a tocar. Olhou para ele. Mesmo na escuridão, conseguiu ver que tinha ficado cinzento. Soube imediatamente o que tinha acontecido.

Beth tinha-lhe cortado o ar.

05:35 HORAS

Encurralado na escuridão, a escutar o ruído do alarme e o silvo do ar a escapar. A pressão a diminuir rapidamente: os ouvidos estalaram, como se estivesse num avião a descolar.

"Faz alguma coisa", pensou, sentindo uma onda de pânico.

Mas não podia fazer nada. Estava trancado na câmara superior do Cilindro D. Não podia sair. Beth tinha o controlo de todas as instalações e sabia operar os sistemas de suporte de vida. Tinha-lhe cortado a energia, tinha-lhe cortado o aquecimento e agora tinha-lhe desligado o ar. Estava encurralado.

À medida que a pressão baixava, os frascos selados com os espécimes explodiram como bombas, a disparar fragmentos de vidro pelo aposento. Enfiou-se debaixo dos cobertores, sentindo os vidros rasgarem e espetarem-se no tecido. Agora era mais difícil respirar. No começo pensou que era por causa da tensão, mas depois percebeu que o ar era mais rarefeito. Daí a pouco, perderia os sentidos.

"Faz alguma coisa."

Não conseguia respirar.

"Faz alguma coisa."

Mas só conseguia pensar em respirar. Precisava de ar, precisava de oxigénio. Depois, pensou no armário de primeiros-socorros. Não havia oxigénio de emergência no armário? Não tinha a certeza. Parecia lembrar-se... Quando se levantou, explodiu outro frasco de espécimes, e ele desviou-se dos vidros voadores.

Estava quase sem ar; o peito em esforço. Começou a ver pontos cinzentos à frente dos olhos.

Tropeçou na escuridão, à procura do armário, as mãos a tactear ao longo da parede. Tocou num cilindro. Oxigénio? Não, demasiado largo - devia ser o extintor de incêndios. Onde estava o armário? As suas mãos moveram-se ao longo da parede. Onde?

Tocou na caixa de metal, a tampa com a cruz em relevo. Abriu-a, enfiou as mãos lá dentro.

Diante dos seus olhos nadavam mais manchas. Não tinha muito tempo.

Os dedos tocaram em frascos pequenos, rolos de ligadura macios. Não havia garrafa de oxigénio. Raios! Os frascos caíram no chão e depois uma coisa grande e pesada aterrou no seu pé com um som abafado. Debruçou-se, tocou no chão, sentiu um fragmento de vidro a cortar-lhe os dedos, não ligou. A mão fechou-se num cilindro de metal frio. Era pequeno, pouco maior do que a palma da sua mão. E numa extremidade havia alguma coisa encaixada, um pulverizador...

Era uma lata de vaporizador... uma lata qualquer de vaporizador. Atirou-a para um canto. Oxigénio. Necessitava de oxigénio!

Junto à cama, lembrou-se. Não havia oxigénio de emergência junto a todas as camas no habitáculo? Atirou-se para o sofá onde Beth dormira, tacteou a cabeça acima do local onde ficara a cabeça dela. Seguramente, haveria oxigénio por perto. Agora estava a sentir-se tonto. Não estava a pensar com clareza.

Não havia oxigénio.

Depois lembrou-se de que aquela não era uma cama convencional. Não se

destinava a dormir. Não teriam posto oxigênio ali. Raios! E depois a sua mão tocou num cilindro de metal, preso à parede. Numa ponta tinha alguma coisa mole. Mole...

Uma máscara de oxigênio.

Colocou rapidamente a máscara sobre a boca e o nariz Sentiu a garrafa, girou um manípulo serrilhado. Ouviu um silvo, respirou ar frio. Sentiu uma onda de tontura intensa e depois a cabeça desanuviou. Oxigênio! Estava salvo!

Sentiu o formato da garrafa e avaliou o seu tamanho. Era uma garrafa de emergência e tinha apenas algumas centenas de cc's. Quanto tempo duraria? "Não muito", pensou. "Alguns minutos. Era apenas um adiamento curto."

"Faz alguma coisa."

Mas não conseguia lembrar-se de nada. Não tinha opções. Estava trancado numa sala.

Lembrou-se de um dos seus professores, o gordo e velho Dr. Temkin. "Têm sempre uma opção. Há sempre alguma coisa que podem fazer. Nunca estão completamente desprovidos de escolha."

"Agora estou", pensou ele. "Agora não tenho opções." De qualquer maneira, Temkin estava a falar sobre o tratamento de pacientes, não sobre escapar de aposentos selados. Temkin não tinha qualquer experiência de escapar de aposentos selados. E Norman também não.

O oxigênio desanuviou-lhe a cabeça. Ou já estava a acabar? Viu uma parada de antigos professores diante de si. Estaria a ver a vida toda à sua frente antes de morrer? Todos os seus professores: A Dr.a Jefferson, que o aconselhara a mudar de curso e ser advogado. O velho Joe Lamper, que se ria e dizia: "Tudo é sexo. Confie em mim. No fim, resume-se tudo a sexo." O Dr. Stein, que costumava dizer: "Um paciente resistente é coisa que não existe. Mostrem-me um paciente resistente e eu mostro-vos um terapeuta resistente. Se não estão a fazer progressos com um paciente, então, usem outro método qualquer, outro método completamente diferente. Mas façam alguma coisa."

Fazer alguma coisa.

Stein defendia coisas doidas. Se uma pessoa não estivesse a conseguir comunicar com um paciente, tinha de fazer coisas doidas. Vestir um fato de palhaço, pontapear o paciente, molhá-lo com uma pistola de água, fazer qualquer coisa que lhe viesse à cabeça, mas fazer qualquer coisa.

"Escutem", costumava dizer. "O que vocês estão a fazer agora não é trabalho. Por isso, podiam muito bem fazer outra coisa qualquer, por muito louca que pareça."

"Naquela altura estava tudo muito bem", pensou Norman. Gostaria de ver a abordagem de Stein àquele problema. Que é que o Dr. Stein lhe diria para fazer?

Abrir a porta. Não posso; ela trancou-a.

Falar com ela. Não posso; ela não vai ouvir.

Ligar o ar. Não posso; ela tem o controlo do sistema.

Conseguir o controlo do sistema. Não posso; ela está a controlá-lo.

Encontrar ajuda dentro do laboratório. Não posso; não resta nada para me ajudar.

Então, sai. Não posso; eu...

Fez uma pausa. Aquilo não era verdade. Podia sair se partisse uma vigia, ou,

também, abrindo a escotilha no tecto. Mas não tinha sítio nenhum para onde ir. Não tinha fato. A água estava gelada.

Tinha estado exposto àquela água gelada apenas durante alguns segundos e quase morreria. Se sáisse do laboratório para o oceano aberto, morreria quase de certeza. Provavelmente, gelaria antes sequer de a câmara se encher de água. Morreria seguramente.

Mentalmente, viu Stein erguer as sobranceiras hirsutas e sorrir-lhe, trocista. E depois? De qualquer maneira vais morrer. Que é que tens a perder?

Um plano começou a tomar forma na mente de Norman. Se abrisse a escotilha do tecto, podia sair do habitáculo. Depois de se encontrar no exterior, talvez conseguisse chegar ao Cilindro A, voltar a entrar pela câmara de compressão e vestir o fato. Conseguiria sustentar a respiração durante tanto tempo? Conseguiria suportar o frio durante tanto tempo?

De qualquer maneira, vais morrer.

E depois pensou: "Seu estúpido idiota, estás com uma garrafa de oxigénio na mão; tens ar suficiente se não ficares aqui, a perder tempo com preocupações. Despacha-te.

"Não", pensou, "há mais alguma coisa, alguma coisa de que estou a esquecer-me..."

Despacha-te!

Depois parou de pensar e subiu para a escotilha do tecto, no cimo do cilindro. Reteve a respiração, segurou-se e girou a roda, abrindo a escotilha.

– Norman! Norman, que estás a fazer? Norman! Estás dói... ouviu Beth gritar, e depois tudo se perdeu na torrente de água gelada que caía como uma forte queda-d'água, enchendo o aposento.

No momento em que saiu, percebeu o seu erro. Precisava de pesos. O seu corpo estava leve e sentiu-se puxado para a superfície. Inspirou uma última vez, largou a garrafa de oxigénio, e agarrou-se desesperadamente aos canos frios no exterior do habitáculo, com a consciência de que, se soltasse o aperto, não haveria nada para o parar, nada a que se agarrar, até à superfície. Chegaria à superfície e explodiria como um balão.

A segurar-se aos canos, puxou-se para baixo, com as mãos, à procura do cano seguinte, da saliência seguinte para se agarrar. Era como alpinismo ao contrário; se se soltasse, cairia para cima e morreria. Há muito que tinha as mãos dormentes. O corpo estava rígido devido ao frio, lento devido ao frio. Os pulmões ardiam-lhe. Tinha muito pouco tempo.

Chegou ao fundo, girou debaixo do Cilindro D, avançou, tacteou na escuridão à procura da câmara de compressão. Não era ali! A câmara de compressão tinha desaparecido! Depois viu que estava debaixo do Cilindro B. Avançou para o A, encontrou a câmara de compressão. A câmara de compressão estava fechada. Girou a roda. Estava bem apertada. Empurrou-a, mas não conseguiu movê-la.

Estava preso no exterior.

Foi invadido por um medo intenso. Tinha o corpo quase imobilizado devido ao frio; sabia que só lhe restavam alguns segundos de consciência. Tinha de abrir a escotilha. Bateu-lhe, bateu no metal à volta do aro, mas não sentiu nada nas mãos dormentes.

A roda começou a girar sozinha. A escotilha abriu-se para trás. Devia haver um botão de emergência, devia haver...

Elevou-se acima da superfície da água, engoliu ar e afundou novamente. Subiu outra vez, mas não conseguiu trepar para o cilindro. Estava demasiado entorpecido, os músculos gelados, o corpo sem reacção.

"Tens de conseguir", pensou. "Tens de conseguir." Os dedos agarraram-se ao metal, escorregaram, agarraram-se novamente. "Um impulso", pensou. "Um último impulso." Içou o peito acima do aro metálico, caiu na cobertura. Não conseguia sentir nada, estava gelado. Torceu o corpo, a tentar passar as pernas e voltou a cair na água gelada.

Não!

Içou-se novamente, uma última vez - de novo por cima do aro, de novo na cobertura, e torceu-se, torceu-se, uma perna em cima, o equilíbrio precário, depois a outra perna, não conseguia senti-la, e depois estava fora da água e deitado na cobertura.

Estava a tremer. Procurou levantar-se e caiu. Todo o corpo estava a tremer tanto que não conseguia manter o equilíbrio.

Do lado de lá da câmara de compressão viu o fato, pendurado na parede do cilindro. Viu o capacete, "JOHNSON" escrito nele. Norman rastejou para o fato, com o corpo a tremer violentamente. Tentou manter-se de pé, mas não conseguiu. As botas do fato estavam imediatamente à frente do seu rosto. Tentou segurá-las nas mãos, mas as mãos não se fecharam. Tentou morder o fato, para se levantar com os dentes, mas os dentes batiam incontrolavelmente.

O intercomunicador estalou.

– Norman! Sei o que estás a fazer, Norman!

Beth estaria ali a todo o momento. Tinha de vestir o fato. Olhou para ele, a centímetros de distância, mas as mãos continuavam a tremer; não conseguia segurar nada. Por fim, viu as presilhas do tecido perto da cintura, para prender instrumentos. Prendeu uma mão na argola, conseguiu manter-se firme. Levantou-se. Enfiou um pé no fato, depois o outro.

– Norman!

Pegou no capacete. O capacete bateu na parede antes de ele conseguir soltá-lo do gancho e colocá-lo na cabeça. Rodou-o, ouviu o estalido do fecho hermético.

Ainda estava muito frio. Por que é que o fato não estava a aquecer? Depois percebeu, não tinha energia. A energia estava no reservatório. Norman recuou para o reservatório, encaixou-o, vacilou com o peso. Tinha de prender o umbilico - esticou o braço para as costas, sentiu-o, - segurou-o, - prendeu-o ao fato - na cintura prendeu-o...

Ouviu um estalido.

A ventoinha zumbiu.

Sentiu agonias de dor por todo o corpo. Os componentes eléctricos estavam a aquecer e provocavam dores agonizantes na pele gelada. Sentiu picadas por todo o lado. Beth estava a falar - ouviu-a pelo intercomunicador, mas não conseguia ouvi-la. Sentou-se pesadamente na cobertura, a respirar com dificuldade.

Mas já sabia que ia ficar bem; a dor estava a diminuir, a cabeça a desanuviar e já não tremia com tanta violência. Tinha gelado, mas não o tempo suficiente para

ficar com lesões. Estava a recuperar rapidamente.

O rádio estalou.

– Nunca vais conseguir apanhar-me, Norman! Pôs-se de pé, prendeu o cinto, fechou as fivelas.

– Norman!

Ele não disse nada. Agora sentia-se bastante quente, bastante normal.

– Norman! Estou rodeada de explosivos! Se te aproximares de mim, faço-te explodir! Vais morrer, Norman! Nunca conseguirás chegar perto de mim!

Mas Norman não ia para junto de Beth. Tinha outro plano inteiramente diferente.

Ouviu o tanque do ar chiar quando a pressão se estabilizou no fato.

Saltou novamente para a água.

05:00 HORAS

A esfera brilhava com o reflexo da luz. Norman viu-se reflectido na superfície perfeitamente polida e depois viu a sua imagem partir-se, fragmentada nas convoluções, quando deu a volta para passar para a parte de trás.

Para a porta.

Pensou que parecia uma boca. Aboca de uma criatura primitiva, a preparar-se para comê-lo. Confrontado pela esfera, a ver uma vez mais o padrão extraterrestre, não humano, das convoluções, sentiu a sua intenção dissolver-se. De repente, teve medo. Achou que não conseguiria ir até ao fim.

"Não sejas parvo", disse para si mesmo. "Harry entrou. E Beth entrou. Sobreviveram."

Examinou as convoluções, como se quisesse obter segurança. Mas não podia obter nenhuma segurança. Apenas sulcos gravados no metal, a reflectir a luz.

"Muito bem", pensou finalmente. "Cheguei até aqui, até agora sobrevivi a tudo. Já agora, é melhor acabar com isto.

"Avança e abre-a."

Mas a esfera não abriu. Manteve-se exactamente como era, uma forma brilhante, polida, perfeita.

Qual era o objectivo da coisa? Gostava de poder compreender o objectivo.

Pensou novamente no Dr. Stein. Qual era a frase preferida de Stein? "A compreensão é uma tática de atraso." Stein costumava zangar-se com isso.

Quando os alunos do último ano começavam a intelectualizar, a falar sobre os pacientes e os seus problemas, ele interrompia, aborrecido: "Que importa? Que importa se compreendemos a psicodinâmica neste caso? Quer compreender como se nada, ou quer saltar para dentro de água e começar a nadar? Apenas as pessoas que têm medo de água querem compreender. As outras pessoas saltam para a água e molham-se."

"Muito bem", pensou Norman. "Vamos molhar-nos."

Virou-se para olhar para a esfera, e pensou: "Abre-te."

A esfera não abriu.

– Abre-te - disse, em voz alta.

A esfera não abriu.

Claro que sabia que aquilo não resultaria, porque Ted tinha tentado durante muitas horas. Quando Harry e Beth entraram, não tinham dito nada. Tinham-se limitado a fazer alguma coisa com a mente.

Fechou os olhos, concentrou-se e pensou: "Abre-te."

Abriu os olhos e olhou para a esfera. Continuava fechada.

"Estou pronto para que te abras", pensou. "Agora estou pronto."

Não aconteceu nada. A esfera não abriu.

Norman não tinha considerado a possibilidade de ser incapaz de abrir a esfera.

Afinal de contas, dois outros já tinham conseguido. Como é que tinham feito?

Harry, com o seu cérebro lógico, tinha sido o primeiro a descobrir.

Mas Harry só tinha descoberto depois de ter visto a gravação de Beth. Isso queria

dizer que Harry tinha descoberto uma pista na cassete, uma pista importante. Beth também voltara a ver a gravação, uma infinidade de vezes, até, por fim, perceber. Algo na gravação...

"Que pena não ter a cassete", pensou Norman. Mas vira-a muitas vezes, por isso, talvez conseguisse reconstruí-la, vê-la na mente. Como era? Mentalmente, viu as imagens: Beth e Tina a falar. Beth a comer bolo. Depois, Tina tinha dito algo acerca de as cassetes serem armazenadas no submarino. E Beth também dissera qualquer coisa. Depois, Tina tinha-se afastado, para fora do ecrã, mas tinha dito: "Acha que eles vão conseguir abrir a esfera?"

E Beth dissera: "Talvez. Não sei." E, naquele momento, a esfera abriu-se. Porquê?

"Acha que eles vão conseguir abrir a esfera?", perguntara Tina. E, como reacção a essa pergunta, Beth devia ter imaginado a esfera aberta, devia ter visto uma imagem da esfera aberta na mente...

Ouviu-se um ruído profundo, baixo, uma vibração que encheu o aposento.

A esfera estava aberta, a porta muito larga e negra.

"É isso", pensou ele. "Visualiza-se a acontecer e acontece." O que queria dizer que se ele também visualizasse a porta da esfera fechada...

Com outro ruído profundo, a esfera fechou-se.

... ou abriu-se...

A esfera abriu-se novamente.

É melhor não abusar da sorte - disse, em voz alta. A porta continuava aberta. Espreitou, mas só viu escuridão densa, não diferenciada. "É agora ou nunca", pensou.

Entrou.

A esfera fechou-se atrás dele.

Há escuridão e, depois, à medida que os seus olhos se adaptam, algo parecido com pirilampos. É uma espuma dançante, luminosa, milhões de pontos de luz a girar à volta dele.

"Que é?", pensa. Só vê a espuma. Não tem estrutura e, aparentemente, também não tem limite. É um oceano ondulante, uma espuma brilhante, multifacetada. Sente uma grande beleza e paz. É calmante estar aqui.

Mexe as mãos, a escavar a espuma, e os seus movimentos fazem-na girar. Mas depois repara que as suas mãos estão a ficar transparentes, que pode ver a espuma a brilhar através da própria carne. Baixa os olhos para o corpo. As pernas, o tronco, tudo está a ficar transparente na espuma. Faz parte da espuma. A sensação é muito agradável.

Fica mais leve. Em breve é erguido e flutua no oceano de espuma sem limite. Põe as mãos atrás do pescoço e flutua. Sente-se feliz. Acha que podia ficar ali para sempre.

Toma consciência de algo mais no oceano, de uma outra presença.

– Está alguém aqui? - pergunta.

Estou aqui.

Quase salta, é tão alto. Ou parece alto. Depois, pergunta a si mesmo se ouviu alguma coisa.

– Falaste?

Não.

"Como é que estamos a comunicar?", pergunta a si mesmo.

Da forma como tudo comunica com tudo o resto.

– *Qual é essa forma?*

Por que é que perguntas, seja conheces a resposta?

– *Mas eu não conheço a resposta.*

A espuma mexe-o gentilmente, pacificamente, mas não recebe nenhuma resposta durante algum tempo. Pergunta-se se estará novamente só.

– *Estás aí?*

Sim

– *Pensei que já te tinhas ido embora.*

Não há sítio nenhum para onde ir.

– *Queres dizer que estás preso dentro desta esfera?*

Não.

– *Respondes a uma pergunta? Quem és tu?*

Não sou um quem.

– *És Deus?*

Deus é uma palavra.

– *Quero dizer, és um ser superior ou uma consciência superior?*

Superior a quê?

– *Superior a mim, suponho.*

Qual é a tua altura?

– *Bastante baixo. Pelo menos, é o que imagino.*

Bom, então, o problema é teu.

A navegar na espuma, é perturbado pela possibilidade de Deus estar a troçar dele. Pensa: "Estás a troçar de mim?"

Por que é que perguntas, seja conheces a resposta?

– *Estou a falar para Deus?*

Nem sequer estás a falar.

– *Interpretas muito literalmente aquilo que eu digo. É por seres de outro planeta?*

Não.

– *És de outro planeta?*

Não.

– *És de outra civilização?*

Não.

– *De onde és?*

Por que é que perguntas, seja conheces a resposta?

"Noutra altura", pensa, "irritar-se-ia com aquela resposta repetitiva, mas agora não sente emoções. Não há julgamentos. Está simplesmente a receber informações, uma resposta.

Pensa: "Mas esta esfera vem de outra civilização."

Sim.

– *E talvez de outro tempo.*

Sim.

– *E não fazes parte desta esfera?*

Agora faço.

– *Então, de onde és?*

Por que é que perguntas, seja conheces a resposta?

A espuma levanta-o suavemente, a embalá-lo de uma forma calmante.

– *Ainda aí estás?*

Sim. Não tenho mais sítio nenhum para onde ir.

– *Infelizmente, não sei muito sobre religião. Sou psicólogo. Lido com a forma como as pessoas pensam. No meu curso, nunca aprendi muito acerca de religião.*

Oh, compreendo.

– *A psicologia não tem muito a ver com religião.*

Claro.

– *Então, concordas?*

Concordo contigo.

– *Isso é reconfortante.*

Eu não vejo porquê.

– *Quem sou eu?*

Sim, quem?

Baloíça na espuma, a sentir uma paz profunda, apesar das dificuldades desta conversa.

"Estou perturbado", pensa.

Conta-me.

– *Estou perturbado porque pareces o Jerry.*

Isso é de esperar.

– *Mas, na verdade, o Jerry era o Harry.*

Sim.

– *Então, tu também és o Harry?*

Não. Claro que não.

– *Quem és tu?*

Não sou um quem.

– *Então, por que é que pareces o Jerry ou o Harry?*

Por que nascemos da mesma fonte.

– *Não compreendo.*

Quando olhas ao espelho, quem é que vês?

– *Vejo-me a mim próprio.*

Compreendo.

– *Não é verdade?*

Depende de ti.

– *Não compreendo.*

O que vês depende de ti.

– *Já sei isso. Toda a gente sabe isso. Isso é um truismo psicológico, um cliché.*

Compreendo.

– *És inteligência extraterrestre?*

És inteligência extraterrestre?

– *Acho que é difícil falar contigo. Dás-me o poder?*

Que poder?

– *O poder que deste a Harry e a Beth. O poder de fazer as coisas acontecer pela*

imaginação. Dás-mo?

Não.

– Por que não?

Porque já o tens.

– Não acho que o tenha.

Eu sei.

– Então, como é que tenho o poder?

Como é que entraste aqui?

– Imaginei a porta a abrir-se.

Sim.

– Já sei isso. Toda a gente sabe isso. Isso é um truísmo psicológico, um cliché.

Compreendo.

– És inteligência extraterrestre?

És inteligência extraterrestre?

– Acho que é difícil falar contigo. Dás-me o poder?

Que poder?

– O poder que deste ao Harry e à Beth. O poder de fazer as coisas acontecer pela imaginação. Dás-mo?

Não.

– Por que não?

Porque já o tens.

– Não acho que o tenha.

Eu sei.

– Então como é que tenho o poder?

Como é que entraste aqui?

– Imaginei a porta a abrir-se.

Sim.

A baloiçar na espuma, à espera de uma resposta mais completa, mas não há resposta, há apenas o movimento suave da espuma, uma eternidade pacífica, uma sensação de sonolência.

Passado algum tempo, ele pensa: "Desculpa, mas gostava que me explicasses e parasses de falar por enigmas."

No vosso planeta existe um animal chamado urso. É um animal grande, por vezes maior do que vocês, e é esperto e tem engenho, e tem um cérebro tão grande como o vosso. Mas o urso difere de vocês num aspecto importante. Não pode desempenhar a actividade a que vocês chamam imaginar. Não consegue criar imagens mentais de como a realidade poderia ser. Não pode visionar aquilo a que vocês chamam passado e futuro. Esta capacidade especial de imaginação é o que tornou a vossa espécie tão importante como é. Nada mais. Não é a vossa natureza símia, não a vossa natureza de usarem ferramentas, não a linguagem, nem a violência, nem o facto de cuidarem dos jovens ou de grupos especiais. Não é nenhuma destas coisas, que se podem encontrar todas

noutros animais. A vossa grandeza deve-se à imaginação. "A capacidade de imaginar é a parte maior daquilo a que chamam inteligência. Vocês pensam que a capacidade de imaginar é meramente um passo útil na forma de resolver um problema ou de fazer alguma coisa acontecer. Mas imaginar é o que a faz acontecer.

"Este é o dom da vossa espécie e este é o perigo, porque vocês não optam por controlar aquilo que imaginam. Imaginam coisas maravilhosas e imaginam coisas terríveis, e não são responsabilizados pela escolha. Dizem que têm dentro de vós o poder do bom e o poder do mal, o anjo e o demónio, mas, na verdade, têm apenas uma coisa dentro de vós... a capacidade de imaginar.

"Espero que tenhas gostado deste discurso, que planeio fazer na próxima reunião da Associação Americana de Psicólogos e Assistentes Sociais, que decorrerá em Houston, em Março. Tenho o pressentimento de que será muito bem recebido.

"O quê?", pensa ele, surpreendido.

Com quem é que pensavas que estavas a falar? Com Deus?

"Quem é que está a falar?", pensa ele.

Tu, é claro.

"Mas tu és alguém diferente de mim... separado. Tu não és eu", pensa ele.

Sim, sou. Tu imaginaste-me.

– Conta-me mais.

Não há mais nada para contar.

A face descansava no metal frio. Rolou até ficar de costas e olhou para a superfície polida da esfera, que se curvava acima dele. As convoluções da porta tinham mudado mais uma vez.

Norman levantou-se. Sentia-se descontraído e em paz, como se tivesse dormido durante muito tempo. Sentiu que tinha tido um sonho maravilhoso. Recordava-se de tudo com bastante clareza.

Andou pela nave, voltou para a coberta de voo e depois percorreu o corredor com as luzes ultravioleta para a sala com todos aqueles tubos na parede.

Os tubos estavam cheios. Havia um elemento da tripulação em cada um.

Tal qual como ele pensava: Beth tinha manifestado uma única tripulante - uma mulher solitária - como forma de os avisar. Agora, Norman assumira o comando e encontrava a sala cheia.

"Nada mal", pensou.

Olhou para a sala e pensou: "Desapareçam, um de cada vez."

Um por um, os elementos da tripulação que se encontravam nos tubos desapareceram diante dos seus olhos, até não restar nenhum.

"Voltem, um de cada vez."

Os elementos da tripulação voltaram a aparecer nos tubos, materializando-se a pedido.

Todos homens.

As mulheres transformaram-se em homens.

Todos mulheres.

Tornaram-se todos mulheres.

Tinha o poder.

02:00 HORAS

– Norman!

A voz de Beth nos altifalantes, a sussurrar na nave espacial vazia.

– Onde estás, Norman? Sei que estás aí, algures. Sinto-te, Norman.

Norman estava a andar pela cozinha, passou pelas latas vazias de Coca-Cola no balcão, depois pela pesada porta que dava para a coberta de voo. Viu o rosto de Beth em todos os ecrãs da consola, Beth que parecia vê-lo, a imagem repetida dúzias de vezes.

– Norman. Sei onde estiveste. Estiveste dentro da esfera, não estiveste, Norman?

Ele carregou nas consolas com a palma da mão, a tentar desligar os ecrãs. Não conseguiu; as imagens continuaram à sua frente.

– Norman. Responde-me, Norman.

Saiu da coberta de voo e dirigiu-se para a câmara de compressão.

– Não vais adiantar nada, Norman. Quem manda agora sou eu. Estás a ouvir-me, Norman?

Na câmara de compressão, ouviu um estalido quando a mola do capacete se fechou; o ar dos tanques era frio e seco. Escutou o som constante da sua própria respiração.

– Norman. - Beth, no comunicador do seu capacete. Por que é que não falas comigo, Norman? Tens medo, Norman?

A repetição do seu nome irritava-o. Premiu os botões para abrir a câmara de compressão. A água começou a inundar o chão, a subir rapidamente.

– Oh, aí estás tu, Norman. Já te estou a ver. - E começou a rir, uma gargalhada estridente, cacarejante.

Norman virou-se, viu a câmara de vídeo montada num braço, ainda dentro da câmara de compressão. Bateu na câmara e virou-a para outro lado.

– Isso não vai adiantar nada, Norman.

Estava de novo fora da nave espacial, ao lado da câmara de compressão. Os explosivos Têvac, fileiras de pontos vermelhos, brilhantes, estendiam-se para longe em linhas erráticas, como uma pista de aviões concebida por um engenheiro demente.

– Norman? Por que é que não me respondes, Norman?

Beth estava instável, errática. Percebia-se na voz dela. Tinha de lhe tirar as armas, desligar os explosivos, se conseguisse.

"Desligar", pensou ele. "Vamos desligar os explosivos e desarmá-los."

Todas as luzes vermelhas se apagaram imediatamente.

"Nada mal", pensou, com uma sensação de prazer.

Um momento depois, as luzes vermelhas voltaram a piscar.

– Não podes fazer isso, Norman - disse Beth, a rir. - Não a mim. Eu posso lutar contigo.

Ele sabia que ela tinha razão. Estavam a ter uma discussão, um teste de vontades, a ligar e desligar os explosivos. E a discussão nunca poderia ser resolvida. Não daquela forma. Tinha de fazer alguma coisa mais directa.

Moveu-se em direcção ao explosivo Têvac mais próximo. Visto de perto, o cone era maior do que pensara, um metro e vinte de altura, com uma luz vermelha no topo.

– *Estou a ver-te, Norman. Estou a ver o que estás a fazer.*

Havia coisas escritas no cone, letras amarelas gravadas na superfície cinzenta. Norman debruçou-se para ler. A sua viseira estava levemente turva, mas, apesar disso, conseguiu ver as palavras.

PERIGO - EXPLOSIVOS "TEVAC"

MEU, UTILIZAR APENAS PARA CONSTRUÇÃO/DEMOLIÇÃO. SEQUÊNCIA DE DETONAÇÃO POR DEFEITO 20:00. CONSULTAR MANUAL "MEU / W / 512-A". APENAS PESSOAL AUTORIZADO.

PERIGO - EXPLOSIVOS "TEVAC".

Havia mais coisas escritas por baixo daquilo, mas as letras eram tão pequenas que não conseguiu decifrá-las.

– *Norman! Que estás a fazer com os meus explosivos, Norman? Norman não lhe respondeu. Olhou para os fios. Um cabo frio entrava na base do cone e um segundo cabo saía de lá. O segundo cabo percorria o fundo lamacento para o cone seguinte, onde se viam de novo apenas dois cabos - um a entrar e outro a sair.*

– *Sai daí, Norman. Estás a enervar-me. Um cabo a entrar e outro cabo a sair.*

Beth tinha armado os cones juntos, em séries, como luzes de uma árvore de Natal! Se puxasse um único cabo, Norman desligaria toda a fila de explosivos. Esticou-se para a frente e agarrou o cabo com a mão enluvada.

– *Norman! Não toques nesse fio, Norman!*

– *Tem calma, Beth.*

Os dedos fecharam-se em volta do cabo. Sentiu o revestimento suave do plástico, agarrou-o com firmeza.

– *Norman, se puxares esse cabo vais despoletar os explosivos. Juro-te... vais mandar-me, e a ti, e a Harry, e a tudo para o inferno, Norman.*

Ele não acreditou que fosse verdade. Beth estava a mentir. Beth estava descontrolada e era perigosa e estava novamente a mentir-lhe.

Puxou a mão para trás. Sentiu tensão no cabo.

– *Não faças isso, Norman...*

O cabo estava agora esticado na mão dele.

– *Vou desligar-te, Beth.*

– *Por amor de Deus, Norman. Acredita em mim, está bem? Vais matar-nos a todos!*

Ele continuava a hesitar. Estaria ela a dizer a verdade? Teria experiência a armar explosivos? Olhou para o grande cone cinzento a seus pés, que lhe chegava à cintura. Como seria se explodisse? Sentiria alguma coisa?

– *Para o diabo com isto! - disse em voz alta. Puxou o cabo para fora do cone.*

O guincho do alarme, a tocar dentro do seu capacete, fê-lo saltar. Havia um pequeno dispositivo de metal-líquido no cima da viseira que estava a piscar rapidamente: "EMERGÊNCIA"... "EMERGÊNCIA"...

– *Oh, Norman. Raios partam. Agora lixaste tudo!*

Ele quase não ouvia a voz dele por cima do alarme. As luzes vermelhas do cone estavam a piscar, a todo o comprimento da nave espacial. Preparou-se para a explosão.

Mas, depois, o alarme foi interrompido pela voz profunda, ressonante, de um

homem que dizia: "A vossa atenção, por favor. Todo o pessoal da construção tem de abandonar imediatamente a área da explosão. Os explosivos Têvac estão activados. Vai começar a contagem regressiva... agora. Marca vinte, e a contar." No cone, um visor vermelho registou 20:00. Depois começou a contar para trás: 19:59... 19:58...

A mesma imagem repetia-se no visor de cristal no cimo do seu capacete. Levou um momento a raciocinar, a compreender. A olhar para o cone, leu uma vez mais as letras amarelas:

MEU. APENAS PARA

UTILIZAÇÃO DE CONSTRUÇÃO/DEMOLIÇÃO.

Claro! Os explosivos Têvac não eram armas, eram feitos para construção e demolição. Tinham temporizadores de segurança incorporados - uma espera programada de vinte minutos antes de dispararem, para permitir que os trabalhadores saíssem do local.

"Vinte minutos para sair daqui", pensou. Teria tempo de sobra.

Norman virou-se e começou a andar rapidamente para o DH-7 e para o submarino.

01:40 HORAS

Caminhou num passo rápido, constante. Não sentia tensão. Respirava com facilidade. Sentia-se confortável no seu fato. Todos os sistemas funcionavam na perfeição.

Ia-se embora.

– Norman, por favor...

Agora, Beth estava a implorar, outra mudança errática de disposição. Norman ignorou-a. Continuou a dirigir-se para o submarino. A voz gravada disse: "A vossa atenção, por favor. Todo o pessoal da Marinha fora da área de explosão. Dezanove minutos e a contar."

Norman sentiu uma enorme sensação de objectivo, de poder. Já não tinha ilusões. Não tinha perguntas. Sabia o que tinha de fazer.

Tinha de se salvar.

– Não acredito que estás a fazer isto, Norman. Não acredito que estás a abandonar-nos.

"Acredita", pensou ele. Afinal de contas, que outra opção tinha? Beth estava descontrolada e era perigosa. Agora era tarde de mais para a salvar... de facto, era uma loucura aproximar-se dela. Beth era homicida. Já tinha tentado matá-lo uma vez e quase conseguira.

E Harry estava drogado há treze horas; provavelmente, naquela altura, já estava clinicamente morto, com morte cerebral. Não havia motivo para Norman ficar. Não tinha nada para fazer.

O submarino já estava perto. Via os acessórios no exterior amarelo.

– Norman, por favor... Preciso de ti. "Desculpa", pensou ele. "Vou-me embora daqui."

Deu a volta às duas hélices iguais e viu o *nome pintado no casco curvo, Deepstar III. Trepou os apoios para os pés, para subir para a cúpula.*

– Norman...

Agora não tinha contacto com o intercomunicador: Estava por sua conta. Abriu a escotilha, entrou no submarino. Destrancou o capacete, retirou-o.

A vossa atenção, por favor. Dezoito minutos e a contar. Norman sentou-se na cadeira almofadada do piloto, olhou para os comandos. Os instrumentos piscaram ao serem ativados, e o ecrã directamente à sua frente piscou.

"DEEPSTAR III" - MÓDULO DE COMANDO

Necessita de ajuda? Sim - Não - Cancelar

Premiu "Sm". Esperou que o ecrã seguinte se acendesse.

Era uma pena o que ia acontecer a Harry e a Beth; lamentava ter de os deixar ficar. Mas tinham ambos, cada um à sua maneira, fracassado ao explorar os seus eus interiores, tornando-se, assim, vulneráveis à esfera e ao seu poder. Era um erro científico clássico, este autodenominado triunfo do pensamento racional sobre o pensamento irracional. Os cientistas recusavam-se a reconhecer o seu lado irracional, recusavam-se a vê-lo como importante. Lidavam apenas com o racional. Tudo fazia sentido para um cientista, e, se não fizesse sentido, era

ignorado como o que Einstein chamava o "meramente pessoal" -
"O meramente pessoal", pensou ele, num acesso de desprezo. As pessoas matavam-se umas às outras por motivos que eram "meramente pessoais".

"DEEPSTAR III"

LISTA DE VERIFICAÇÃO DE OPÇÕES

Descida - Subida Proteger - Desligar Monitorizar - Cancelar

Norman premiu "SUBIDA". O ecrã mudou para o esboço do painel de instrumentos, com o ponto a piscar. Esperou pela instrução seguinte.

"Sim", pensou, "era verdade: os cientistas recusavam-se a lidar com o irracional. Mas o lado irracional não desaparecia. A irracionalidade não atrofiava com a falta de uso. Pelo contrário, ao ser negligenciado, o lado irracional do homem tinha crescido em poder e alcance."

E queixar-se por causa disso também não ajudava. Todos aqueles cientistas a choramingar nos suplementos de domingo acerca da destrutividade inerente ao homem e da sua propensão para a violência, a levantar as mãos ao céu. Aquilo não era lidar com o lado irracional. Era unicamente uma admissão formal de que estavam a desistir dela.

O ecrã voltou a mudar:

"DEEPSTAR III"

LISTA DE VERIFICAÇÃO DE SUBIDA

1. Mudar saídas de balasto para: Ligado Seguir para o próximo - Cancelar

Norman carregou em botões no painel, a posicionar as saídas de balasto, e esperou pelo ecrã seguinte.

Afinal de contas, como é que os cientistas encaravam a sua própria pesquisa? Todos os cientistas concordavam: a pesquisa científica não pode ser parada. Se não construíssem a bomba, alguém o fará. Mas, depois, não demorava muito até a bomba estar nas mãos de outras pessoas, que diziam, Se nós não usarmos a bomba, alguém o fará.

Nesse ponto, diziam os cientistas, aquelas outras pessoas são pessoas terríveis, são irracionais e irresponsáveis. Nós, cientistas, somos bons. Mas essas outras pessoas são um grande problema.

Porém, a verdade era que a responsabilidade começava com cada pessoa individual e com as escolhas que fazia. Cada pessoa tinha o direito à escolha.

"Bem", pensou Norman, "já não podia fazer nada por Harry ou Beth. Tinha de se salvar."

Ouviu um zumbido profundo quando os geradores foram ligados, e a pulsação das hélices se fez sentir. No ecrã, piscou:

"DEEPSTAR III" INSTRUMENTOS DE PILOTAGEM ACTIVADOS

"Aqui vamos nós", pensou ele, pousando confiantemente as mãos nos comandos. Sentiu o submarino reagir por baixo de si.

- A vossa atenção, por favor. Dezassete minutos e a contar.

Sedimento lamacento circulou à volta da cobertura quando as hélices começaram a girar, e depois o pequeno submarino deslizou de debaixo da cúpula. Ele pensou que era como conduzir um automóvel. Não tinha nada que saber.

Virou num arco lento, para longe do DH-7, em direcção ao DH-8. Estava três

metros acima do chão, a uma altura suficiente para as hélices limparem a lama. Restavam dezassete minutos. A uma taxa máxima de subida de dois metros por segundo - fez o cálculo mental rapidamente, sem dificuldade, chegaria à superfície em dois minutos e meio.

Tinha tempo de sobra.

Levou o submarino para perto do DH-8. As luzes exteriores do habitáculo eram de um tom amarelo-pálido. A energia devia estar a diminuir. Os estragos nos cilindros eram visíveis - fios de bolhas a erguer-se dos enfraquecidos Cilindros A e B; as fendas no D; e o buraco no cilindro E, que estava inundado. O habitáculo estava muito ferido, e a morrer.

Por que é que se tinha aproximado tanto? Espreitou para as vigias e depois apercebeu-se de que queria avistar Harry e Beth uma última vez. Queria ver Harry, inconsciente e sem reacção. Queria ver Beth à janela, a ameaçá-lo com o punho numa raiva maniaca. Queria a confirmação de que, ao deixá-los, estava a tomar a decisão correcta. Mas só viu a luz amarela, fraca, no interior do habitáculo. Ficou desapontado.

- Norman.

- Sim, Beth. - Sentiu-se bem ao responder-lhe agora. Tinha as mãos nos comandos do submarino e estava preparado para iniciar a subida. Agora, ela já não podia fazer-lhe nada.

- És mesmo um filho da puta, Norman.

- Tu tentaste matar-me, Beth.

- Eu não queria matar-te. Não tinha outra escolha, Norman.

- Sim, pois. Eu também não. Não tenho escolha. - Enquanto falava, sabia que tinha razão. É melhor uma pessoa sobreviver. Melhor do que nada.

- Vais abandonar-nos, pura e simplesmente?

- Isso mesmo, Beth.

A mão dirigiu-se para o marcador da taxa de subida. Programou-o para dois metros. Pronto para subir.

- Vais fugir? - Ouviu desprezo na voz dela.

- Isso mesmo, Beth.

- Tu, a pessoa que não parava de dizer que tínhamos de nos manter unidos aqui em baixo?

- Lamento, Beth.

- Deves estar com muito medo, Norman.

- Não estou com medo nenhum. - E, de facto, sentia-se forte e confiante, a programar os comandos, a preparar-se para a subida. Há muitos dias que não se sentia tão bem.

- Norman - disse ela. - Por favor, ajuda-nos. Por favor.

As palavras dela tocaram num nível profundo, provocando sentimentos de preocupação, de competência profissional, de simples bondade humana. Momentaneamente, sentiu-se confuso, com a força e a convicção a enfraquecerem. Mas, depois, recompôs-se, e abanou a cabeça. A força voltou-lhe ao corpo.

- Desculpa, Beth. É tarde de mais para isso.

E premiu o botão "SUBIDA", ouviu o ruído forte quando os tanques de

combustível começaram a funcionar, e o Deepstar III oscilou. O habitáculo desapareceu por baixo dele, e começou a dirigir-se para a superfície, trezentos metros mais acima.

Água preta, nenhuma sensação de movimento excepto a que era revelada pelas leituras no painel de instrumentos verde-brilhante. Começou a reviver os acontecimentos na sua mente, como se já estivesse a encarar o inquérito da Marinha. Teria tomado a decisão correcta, ao deixar os outros para trás?

Inquestionavelmente, tinha. A esfera era um objecto extraterrestre que dava às pessoas o poder de manifestarem os seus pensamentos. Muito bem e muito bom, só que os seres humanos tinham uma divisão nos cérebros, uma divisão nos processos mentais. Era quase como se os homens tivessem dois cérebros. O cérebro consciente podia ser controlado conscientemente, e não apresentava nenhum problema. Mas o cérebro inconsciente, selvagem e abandonado, era perigoso e destrutivo quando os seus impulsos eram manifestados.

O problema de pessoas como Harry e Beth era que eram literalmente desequilibrados. Os seus cérebros conscientes estavam sobredesenvolvidos, mas nunca se tinham dado ao trabalho de explorar os seus inconscientes. Era essa a diferença entre Norman e eles. Enquanto psicólogo, Norman tinha algum conhecimento do inconsciente. Era uma coisa que não tinha surpresas para ele.

Era por isso que Harry e Beth tinham manifestado monstros mas Norman não. Norman conhecia o seu inconsciente. Não o esperavam nenhuns monstros.

Não. Errado.

Ficou espantado com a subitaneidade, com a brusquidão do pensamento. Estaria mesmo errado? Pensou cuidadosamente e concluiu uma vez mais que afinal de contas tinha razão. Beth e Harry estavam em risco devido às produções dos seus inconscientes, mas Norman não. Norman conhecia-se, os outros não.

"Os medos desencadeados pelo contacto com uma forma de vida nova não são compreendidos. A consequência mais provável do contacto é o terror absoluto."

As declarações do seu próprio relatório vieram-lhe à cabeça. Por que pensaria nelas agora? Escrevera aquele relatório há imensos anos.

"Em circunstâncias de terror extremo, as pessoas tomam decisões impensadas."

Todavia, Norman não tinha medo. Longe disso. Era confiante e forte. Tinha um plano, estava a concretizá-lo. Por que é que teria pensado naquele relatório? Na altura, tinha agonizado por causa disso, a pensar em cada frase... Por que é que lhe ocorria agora? Aquilo perturbou-o.

— A vossa atenção, por favor. Dezasseis minutos e a contar.

Norman perscrutou os manómetros à sua frente. Estava a duzentos e setenta metros, a subir rapidamente. Agora, não podia voltar atrás.

Por que é que pensaria em voltar atrás?

Por que é que aquilo lhe passaria pela cabeça?

Enquanto subia velozmente na água preta, sentiu uma espécie de divisão cada vez maior dentro de si, uma divisão interna, quase esquizofrénica. Pressentiu que algo estava errado. Havia alguma coisa em que ainda não tinha pensado.

Mas o que poderia ter-lhe escapado? "Nada, concluiu, "porque, ao contrário de Beth e Harry, estou completamente consciente. Estou consciente de tudo o que está a acontecer dentro de mim."

Só que Norman não acreditava realmente nisso. A consciência total podia ser um objectivo psicológico, mas não era verdadeiramente atingível. À medida que a consciência se alargava, havia ainda mais inconsciente para lá dela. Havia sempre mais, que não se podia alcançar. Até para um psicólogo humanista.

Stein, o seu velho professor: "Têm sempre a vossa sombra."

Que estava o lado sombrio de Norman a fazer agora? Que estava a acontecer nas partes inconscientes, negadas, do seu próprio cérebro?

Nada. Continua a subir.

Mexeu-se, inquieto, na cadeira de piloto. Queria tão desesperadamente ir para a superfície, sentia uma convicção tão grande...

"Odeio Beth. Odeio Harry. Odeio preocupar-me com essas pessoas, gostar delas. Não quero gostar mais. A responsabilidade não é minha. Quero salvar-me. Odeio-os. Odeio-os."

Estava chocado. Chocado com os seus próprios pensamentos, com a veemência deles.

"Tenho de voltar para trás", pensou.

"Se voltar para trás, morro."

Mas uma outra parte de si mesmo estava a ficar mais forte a cada momento que passava. O que Beth dissera era verdade: Norman tinha sido a pessoa que não parava de dizer que tinham de se manter juntos, de trabalhar juntos. Como podia abandoná-los agora? Não podia. Era contra tudo aquilo em que acreditava, tudo o que era importante e humano.

Tinha de voltar.

"Tenho medo de voltar."

"Por fim", pensou. "Aí está." Medo tão forte que tinha negado a sua existência, medo que o tinha levado a racionalizar o facto de abandonar os outros.

Carregou nos botões e parou a subida. Quando começou a descer, constatou que as suas mãos tremiam.

01:30 HORAS

O submarino parou suavemente no fundo, ao lado do habitáculo. Norman entrou na câmara de compressão do submarino, inundou-a. Momentos depois, saiu pela parte lateral e dirigiu-se para o habitáculo. Os cones de explosivos *Têvac com as suas luzes vermelhas a piscar pareciam estranhamente festivos.*

– A vossa atenção, por favor. Catorze minutos e a contar.

Calculou o tempo de que precisaria. Um minuto para entrar. Cinco, talvez seis minutos para vestir os fatos a Beth e a Harry. Mais quatro minutos para alcançar o submarino e colocá-los a bordo. Dois ou três minutos para subir.

Ia ser por um triz.

Deslocou-se por debaixo das grandes colunas de apoio debaixo do habitáculo.

– Então voltaste, Norman - disse Beth, pelo intercomunicador.

– Sim, Beth.

– Graças a Deus! - disse ela. Começou a chorar. Ele estava por baixo do Cilindro A, a ouvir os soluços dela no intercomunicador. Encontrou a tampa da escotilha, girou a roda para a abrir. Estava trancada.

– Beth, abre a escotilha.

A chorar como uma criança, a soluçar histericamente.

– Norman - disse ela. - Por favor, ajuda-me. Ajuda-me.

– Estou a tentar ajudar-te, Beth. Abre a escotilha.

– Não posso.

– Não podes, porquê?

– Não adiantaria.

– Beth - disse ele. - Vá lá...

– Não posso abri-la, Norman.

– É claro que podes. Abre a escotilha, Beth.

– Não devias ter voltado, Norman. Não havia tempo para aquilo agora.

– Beth, controla-te. Abre a escotilha.

– Não, Norman, não posso. E recomeçou a chorar.

Experimentou todas as escotilhas, uma após a outra. Cilindro B, trancado. Cilindro D, trancado.

– A vossa atenção, por favor. Treze minutos e a contar.

Estava junto ao Cilindro E, que tinha sido inundado num ataque anterior. Viu o rasgão grande, denteado, na superfície exterior do cilindro. O buraco era suficientemente grande para ele passar, mas as pontas eram afiadas, e se rasgasse o fato...

"Não", decidi. "Era demasiado arriscado." Andou por debaixo do Cilindro E. Haveria uma escotilha?

Encontrou uma escotilha, girou a roda. Esta abriu-se com facilidade. Empurrou a tampa circular para cima, ouviu-a bater contra a parede interior.

– Norman? És tu?

Içou-se para o Cilindro E. Estava a transpirar devido ao cansaço, de joelhos na cobertura do Cilindro E. Fechou a escotilha e trancou-a novamente, e depois levou um momento a recuperar o fôlego.

– A vossa atenção, por favor. Doze minutos e a contar.

"Jesus", pensou ele. "Já?"

Uma coisa branca passou junto à sua viseira e assustou-o. Recuou, apercebeu-se de que era uma caixa de cereais. Quando lhe tocou, a caixa de cartão desintegrou-se nas suas mãos e os flocos pareciam neve amarela.

Ele estava na cozinha. A seguir ao forno viu outra escotilha, que dava acesso ao Cilindro D. O Cilindro D não estava inundado, o que significava que tinha de arranjar uma forma de pressurizar o Cilindro E.

Olhou para cima, viu uma escotilha por cima da cabeça, que ia dar à sala de estar que tinha o rasgão. Subiu rapidamente. Precisava de encontrar gás, uma espécie qualquer de depósitos. A sala de estar estava às escuras e via-se apenas a luz reflectida das luzes exteriores, que entrava pelo rasgão. Almofadas e acolchoamentos flutuavam na água.

Sentiu algo tocar-lhe, girou e viu cabelos negros a pairar junto de um rosto, e quando o cabelo se afastou viu que parte do rosto tinha desaparecido, arrancado grotescamente.

Tina.

Norman estremeceu, empurrou o corpo dela para longe. Este afastou-se e subiu.

– A vossa atenção, por favor. Onze minutos e a contar.

Pensou que estava tudo a acontecer com demasiada rapidez. O tempo estava praticamente esgotado. Precisava de estar dentro do habitáculo agora.

Não havia depósitos na sala de estar. Voltou para a cozinha e fechou a escotilha por cima de si. Olhou para o forno, para os fornos. Abriu a porta do forno e saiu uma baforada de gás, em bolhas. Ar preso no forno.

Mas não podia estar certo, pensou, porque continuava a sair gás. Uma fila de bolhas continuava a sair do forno aberto.

Uma fila constante.

Que é que Barnes tinha dito sobre cozinhar sob pressão? Tinha qualquer coisa de invulgar, mas não conseguia recordar o quê. Usavam gás? Sim, mas também precisavam de mais oxigénio. E isso significava que...

Afastou o fogão da parede, a resmungar de cansaço, e depois descobriu-a. Uma garrafa de propano achatada, e dois grandes tanques azuis.

Tanques de oxigénio.

Girou desajeitadamente as válvulas com as mãos enluvadas. O gás começou a sair com estrondo. As bolhas subiram depressa para o tecto, onde o gás ficou preso, e começou a formar-se a grande bolha de ar.

Abriu o segundo tanque de oxigénio. O nível da água desceu rapidamente, até à cintura, depois aos joelhos. Em seguida parou. "Os tanques devem estar vazios. Não importava, o nível estava suficientemente baixo."

– A vossa atenção, por favor. Dez minutos e a contar.

Norman abriu a comporta que dava acesso ao Cilindro D, atravessou-a e entrou no habitáculo.

A luminosidade era fraca. Um estranho bolor verde, viscoso, cobria as paredes.

No sofá, Harry continuava inconsciente, com o dispositivo intravenoso ainda no braço. Norman arrancou a agulha e saiu um esguicho de sangue. Abanou Harry, tentando despertá-lo.

As pálpebras de Harry mexeram, mas foi a única reacção que teve. Norman

levantou-o, colocou-o ao ombro, levou-o pelo habitáculo.

No intercomunicador, Beth estava a gritar.

– Norman, não devias ter vindo.

– Onde estás, Beth?

Nos monitores, leu:

SEQUÊNCIA DE DETONAÇÃO 09:32.

– A fazer a contagem regressiva. Os números pareciam mover-se com demasiada rapidez.

– Leva o Harry e vai-te embora, Norman. Vão-se embora os dois. Deixem-me aqui.

– Diz-me onde estás, Beth.

Estava a mover-se pelo habitáculo, do Cilindro D para o C. Não a viu em lado nenhum. Harry era um peso morto ao seu ombro e dificultava muito a passagem pelas escotilhas.

– Não vai adiantar nada, Norman.

– Fala, Beth...

– Eu sei que sou má, Norman. Sei que não posso ser ajudada.

– Beth... Estava a ouvi-la através do rádio do capacete, por isso não podia localizá-la pelo som. Mas não podia correr o risco de tirar o capacete. Não agora.

– Eu mereço morrer, Norman.

– Para com isso, Beth.

– Atenção, por favor. Nove minutos e a contar.

Soou um novo alarme, um beep intermitente que se tornou mais alto e mais intenso à medida que os segundos passavam.

Ele estava no Cilindro B, um labirinto de canos e equipamento. Em tempos limpo e colorido, agora estava revestido de bolor viscoso em todas as superfícies. Em alguns sítios, pendiam tiras musgosas, fibrosas. O Cilindro B parecia um pântano da selva.

– Beth...

Agora ela estava em silêncio. "Deve estar no quarto dela", pensou ele. O Cilindro B tinha sido sempre o lugar predilecto de Beth, o local onde o habitáculo era controlado. Pousou Harry na cobertura, encostou-o à parede. Mas a parede estava escorregadia e Harry escorregou, bateu com a cabeça. Tossiu, abriu os olhos.

– Jesus. Norman?

Norman ergueu a mão e fez sinal a Harry para que estivesse calado.

– Beth? - chamou Norman.

Não houve resposta. Norman moveu-se por entre os canos viscosos.

– Beth?

– Deixa-me, Norman.

– Não posso fazer isso, Beth. Também te vou levar.

– Não. Eu fico, Norman.

– Beth - disse ele, não temos tempo para isto.

– Eu vou ficar, Norman. Mereço ficar. Viu-a.

Beth estava encostada num canto, escondida no meio dos canos, a chorar como uma criança. Tinha um dos arpões de explosivos na mão. Olhou para ele com os olhos cheios de lágrimas.

– Oh, Norman - disse ela. - Ias deixar-nos...

– Desculpa. Estava errado.

Começou a dirigir-se para ela e estendeu-lhe as mãos. Ela rodou o arpão.

– Não, tinhas razão. Tinhas razão. Quero que te vás embora agora.

Por cima da cabeça dela, viu um monitor, os números a piscar inexoravelmente para trás: 08:27... 08:26...

Pensou: "Eu posso mudar isto. Eu quero que os números parem de andar."

Os números não pararam.

– Não podes lutar contra mim, Norman - disse ela, agachada no canto. Os seus olhos brilhavam com uma energia furiosa.

– Estou a ver que não.

– Não temos muito tempo, Norman. Quero que te vás embora. Levantou a arma, apontou-a com firmeza na direcção dele. De repente, ele apercebeu-se do absurdo de toda a situação, apercebeu-se de que tinha voltado para salvar uma pessoa que não queria ser salva. Que podia fazer agora? Beth estava naquele canto, fora do alcance dele, fora do alcance da sua ajuda. Já dificilmente teria tempo para fugir e muito menos para levar Harry...

"Harry", pensou ele de súbito. "Onde estaria Harry agora?"

"Quero que o Harry me ajude."

Mas perguntou a si mesmo se haveria tempo; os números estavam a andar para trás, e já só tinham pouco mais de oito minutos...

– Eu voltei para te vir buscar, Beth.

– Vai - disse ela. - Vai agora, Norman.

– Mas, Beth...

– .. Não, Norman! Estou a falar a sério! Vai! Por que é que não vais? - E depois começou a ficar desconfiada; começou a olhar em volta; e, naquele momento, Harry apareceu por detrás dela, deu-lhe com uma grande chave-inglesa na cabeça, ouviu-se uma pancada horrível, e ela caiu.

– Matei-a? - perguntou Harry.

E a voz masculina, profunda, disse:

– Atenção, por favor. Oito minutos e a contar.

Norman concentrou-se no relógio enquanto este continuava a andar para trás.

"Pára. Pára a contagem."

Mas quando olhou de novo, o relógio continuava a andar para trás. E o alarme: Estaria o alarme a interferir na sua concentração? Tentou mais uma vez.

"Pára agora. A contagem decrescente vai parar agora. A contagem decrescente parou."

– Esquece - disse Harry. - Não vai resultar.

– Mas devia resultar - disse Norman.

– Não - replicou Harry. - Porque ela não está completamente inconsciente.

No chão, aos pés deles. Beth gemia. A perna mexeu-se.

– De alguma forma, ela ainda consegue controlar - disse Norman. - Ela é muito forte.

– Podemos injectá-la?

Norman abanou a cabeça. Não havia tempo para ir buscar a seringa. De qualquer maneira, se a injectassem e não resultasse, seria tempo perdido...

– Bato-lhe novamente? - perguntou Harry. - Com mais força? Mato-a?

– Não - disse Norman.

– Matá-la é a única forma...

– ... Não - disse Norman, a pensar: "Nós não te matámos, Harry, quando tivemos a oportunidade de o fazer."

– Se não a matar, então, não vais conseguir fazer nada em relação àquele temporizador - disse Harry. - Por isso é melhor pormo-nos a mexer daqui para fora.

Correram para a câmara de compressão.

– Quanto tempo nos resta? - perguntou Harry. Estavam na câmara de compressão do Cilindro A, a tentar vestir o fato a Beth. Ela estava a gemer; tinha sangue coagulado na nuca. Beth debateu-se um pouco, dificultando-lhes a tarefa.

– Jesus, Beth... Quanto tempo, Norman?

– Sete minutos e meio, talvez menos.

As pernas dela estavam dentro do fato; enfiaram-lhe rapidamente os braços, puxaram o fecho no peito. Ligaram-lhe o ar. Norman ajudou Harry a vestir o fato.

– Atenção, por favor, Sete minutos e a contar.

Harry disse:

– Quanto tempo é que acha que demoramos a chegar à superfície?

– Dois minutos e meio, depois de entrarmos no submarino disse Norman.

– Bestial - disse Harry.

Norman encaixou o capacete de Harry.

Vamos.

Harry desceu para a água e Norman baixou o corpo inconsciente de Beth. Ela era pesada, com a garrafa e os pesos.

– Vá lá, Norman! Norman mergulhou na água.

No submarino, Norman trepou para a escotilha de entrada, mas o submarino sem amarras rolou imprevisivelmente devido ao seu peso. Harry, no fundo, tentou empurrar Beth em direcção a Norman, mas Beth estava sempre a dobrar pela cintura. Ao tentar agarrá-la, Norman caiu do submarino e deslizou para o fundo. "Atenção, por favor. Seis minutos e a contar."

– Depressa, Norman! Seis minutos!

– Eu ouvi, raios.

Norman levantou-se, voltou a subir para o submarino, mas agora o fato estava cheio de lama, as luvas escorregadias. Harry estava a contar:

– Cinco, vinte e nove... cinco vinte e oito... cinco vinte e sete...

Norman apanhou o braço de Beth, mas ela voltou a escorregar.

– Raios, Norman! Segura-a!

– Estou a tentar!

– Agora. Ai está ela outra vez.

– Atenção, por favor. Cinco minutos e a contar.

O alarme era agora muito estridente, a soar insistentemente. Tinham de gritar muito alto para serem ouvidos.

– Harry, dá-ma...

– Bem, ai está ela, apanha-a...

– Falhei...

– Agora...

Por fim, Norman conseguiu agarrar o tubo de ar de Beth, mesmo atrás do capacete. Perguntou a si mesmo se este se soltaria, mas tinha de correr esse risco. Agarrou na válvula e içou Beth, até ela estar deitada de costas no cimo do submarino. Depois, desceu-a pela escotilha.

– Quatro vinte e nove... quatro vinte e oito...

Norman teve dificuldade para manter o equilíbrio. Enfiou uma das pernas de Beth pela escotilha, mas o outro joelho estava dobrado, entalado na borda da escotilha. Não conseguia descê-la. Cada vez que se inclinava para lhe endireitar a perna, todo o submarino se inclinava, e ele voltava a perder o equilíbrio.

– Quatro dezasseis... quatro quinze...

– Queres parar de contar e fazer alguma coisa!

Harry encostou o corpo à parte lateral do submarino, a contrabalançar a oscilação com o seu peso. Norman inclinou-se para a frente e endireitou o joelho de Beth; ela deslizou com facilidade pela escotilha aberta. Norman entrou a seguir a ela. Era uma câmara de compressão para uma pessoa, mas Beth estava inconsciente e não podia accionar os comandos.

Teria de o fazer por ela.

– Atenção, por favor. Quatro minutos e a contar.

Estava comprimido na câmara de compressão, o corpo apertado contra o de Beth, peito com peito, o capacete dela a bater no dele. Com dificuldade, fechou a escotilha por cima da cabeça. Escoou a água com um forte impacte de ar comprimido; sem o suporte da água, o corpo de Beth caiu pesadamente contra o dele.

Procurou o manipulo da escotilha interior atrás dela. O corpo de Beth barrou-lhe o caminho. Tentou girá-la de lado. Naquele espaço confinado, não conseguia fazer nada do corpo. Beth era como um peso morto; tentou levantar o corpo dela e passar para o outro lado, para chegar à escotilha.

Todo o submarino começou a oscilar: Harry estava a subir pela parte lateral.

– Que diabo se passa aqui?

– Harry, queres fazer o favor de te calar!

– Bem, a que se deve esta demora?

A mão de Norman fechou-se sobre o manipulo interior da escotilha. Puxou-o para baixo, mas a porta não se mexeu: a porta estava feita para abrir para dentro. Não conseguia abri-la com Beth na câmara com ele. Estava cheia de mais; o corpo dela bloqueava o movimento da porta.

– Temos um problema, Harry.

– Jesus Cristo... Três minutos e trinta.

Norman começou a transpirar. Agora, estavam realmente em apuros.

– Harry, tenho de a passar para fora, para ti, e entrar sozinho.

– Jesus, Norman...

Norman inundou a câmara de compressão, abriu uma vez mais a escotilha exterior. O equilíbrio de Harry no cimo do submarino era precário. Agarrou Beth através da abertura, puxou-a para cima.

– Harry, podes tirar os pés dela do caminho?

– Estou a tentar manter o equilíbrio aqui em cima.

– Não vês que os pés dela estão a bloquear... - Irritado, Norman afastou os pés de Beth. A escotilha caiu com um estrondo. O ar fustigou-o. A câmara pressurizou.

– Atenção, por favor. Dois minutos e a contar.

Estava dentro do submarino. Os instrumentos brilhavam num tom verde.

Abriu a escotilha interior.

– Norman?

– Tenta descê-la - disse Norman. - O mais depressa possível. Mas estava a pensar que se encontravam metidos num sarilho terrível: pelo menos, trinta segundos para Beth entrar na escotilha e mais trinta segundos para Harry descer. Ao todo, um minuto...

– Ela está dentro. Ventila.

Norman saltou para o ventilador de ar, varreu a água.

– Como é que a fizeste entrar tão depressa, Harry?

– Seguindo as leis da Natureza - disse Harry - para enfiar pessoas em espaços apertados. - E antes de Norman conseguir perguntar o que é que ele queria dizer com aquilo, abriu a escotilha e viu que Harry a tinha enfiado de cabeça para baixo na câmara de compressão. Agarrou-a pelos ombros, deitou-a no chão do submarino e depois fechou a escotilha. Momentos depois, ouviu o fluxo de ar quando Harry também ventilou a câmara de compressão.

A escotilha do submarino fechou-se com estrondo. Harry avançou.

– Cristo, um minuto e quarenta - disse Harry. - Sabes pilotar esta coisa?

– Sim.

Norman sentou-se na cadeira, pousou as mãos nos comandos. Ouviram o zumbido dos propulsores, sentiram o estremecimento e o barulho surdo. O submarino deu um solavanco, saiu do fundo.

– Um minuto e trinta segundos. Quanto tempo disseste que vamos levar a chegar à superfície?

– Dois minutos e meio - disse Norman, a aumentar a velocidade de subida. Passou-a para mais de dois metros, para a extremidade mais afastada do mostrador.

Ouviram um guincho estridente de ar quando os tanques de balastro foram accionados. O submarino levantou o nariz bruscamente, começou a subir com rapidez.

– Não vai mais depressa do que isto?

– Não.

– Jesus.

– Tem calma, Harry.

Ao olhar para baixo, viam o habitáculo com as suas luzes. E depois as filas compridas de explosivos posicionados em volta da nave espacial. Passaram pelo leme alto da nave espacial e deixaram-no para trás. Agora, não viam mais nada a não ser água preta.

"Um minuto e vinte."

– Duzentos e setenta metros - disse Norman. Havia muito pouca sensação de movimento, apenas os mostradores a mudar no painel de instrumentos para lhes indicar que estavam a mover-se.

– Não é suficientemente rápido - disse Harry. - Há uma quantidade impressionante

de explosivos lá em baixo.

"É suficientemente rápido", pensou Norman, a corrigi-lo.

A onda de choque vai esmagar-nos como se fôssemos uma lata de sardinhas - disse Harry, a abanar a cabeça.

"A onda de choque não nos vai fazer mal." Duzentos e quarenta metros.

- Quarenta segundos - disse Harry. - Nunca vamos conseguir.

- Vamos conseguir.

Estavam a duzentos e dez metros, a subir depressa. A água tinha agora um leve tom azulado; luz do sol, a ser filtrada pela água.

- Trinta segundos - disse Harry. - Onde estamos nós? Vinte e nove... oito...

- Cento e oitenta metros - disse Norman. - Cento e setenta. Olharam para baixo, pela parte lateral do submarino. Mal conseguiam vislumbrar o habitáculo, ténues pontos de luz muito abaixo deles. Beth tossiu.

- Já é tarde de mais - disse Harry. - Eu soube desde o começo que não conseguiríamos.

- É claro que vamos conseguir - disse Norman.

- Dez segundos - disse Harry. - Nove... oito... Enrole-se! Norman puxou Beth para o seu peito quando a explosão sacudiu o submarino, fazendo-o rodopiar como um brinquedo, virando-o ao contrário, e depois endireitando-o novamente, e erguendo-o numa vaga gigante em direcção à superfície.

- Mamã! - gritou Harry, mas continuavam a subir, estavam bem. Conseguimos!

- Quarenta metros - disse Norman. Agora, a água que os cercava era azul-clara. Premiu botões, para abrandar a subida. Estavam a deslocar-se a grande velocidade.

Harry estava a gritar, a dar palmadinhas nas costas de Norman.

- Conseguimos! Raios, seu filho da mãe, conseguimos! Sobrevivemos! Nunca acreditei que conseguíssemos! Sobrevivemos!

Norman estava a ter problemas para ver os instrumentos devido às lágrimas que lhe marejavam os olhos.

E depois teve de fechar rapidamente os olhos quando a luz do sol brilhante incidiu sobre a cabina redonda no momento em que chegaram à superfície e viram águas calmas, céu e nuvens fofas.

- Vêem aquilo? - exclamou Harry. Estava a gritar ao ouvido de Norman. - Vêem aquilo? Está um maldito de um dia perfeito!

00:00 HORAS

Norman acordou e viu um raio de luz brilhante, que entrava pela única vigia, a reflectir-se sobre a sanita química no canto da câmara de descompressão. Deixou-se ficar deitado no beliche e olhou em volta da câmara, um cilindro horizontal com quinze metros de comprimento: beliches, uma mesa de metal e cadeiras no centro do cilindro, casa de banho atrás de uma pequena divisória. Harry ressonava no beliche por cima do seu. Do outro lado da câmara, Beth dormia, com um braço pousado sobre o rosto. Tenuemente, à distância, ouviu homens a gritar.

Norman bocejou e saiu do beliche. Sentia o corpo dorido, mas, tirando isso, estava bem. Dirigiu-se para a vigia cheia de luz e olhou para o exterior, franzindo os olhos por causa do sol forte do Pacífico.

Viu a coberta da retaguarda do navio de pesquisa *John Hawes: o heliporto branco, cabos grossos enrolados, a moldura metálica tubular de um robot subaquático. Um marinheiro estava a descer um segundo robot borda fora, com muitos gritos e pragas e gestos com as mãos; Norman tinha ouvido tenuemente a voz dele através das grossas paredes de aço da câmara.*

Perto da câmara propriamente dita, um marinheiro musculado rebojava um grande depósito verde onde se lia "Oxigénio" junto a uma dúzia de outros depósitos na coberta. A tripulação médica de três homens que supervisionava a câmara de descompressão estava a jogar às cartas.

Ao olhar pelo vidro da vigia, que tinha uma espessura de dois centímetros e meio, Norman sentiu-se como se estivesse a espreitar para um mundo em miniatura com o qual tinha muito pouca ligação, uma espécie de viveiro de animais terrestres povoado por interessantes espécimes exóticos. Este mundo novo era-lhe tão desconhecido como o oceano escuro lhe parecera visto do interior do habitáculo.

Observou os tripulantes a bater com as cartas num caixote de madeira, observou-os a rirem-se e a gesticular enquanto o jogo progredia. Nunca olharam na direcção dele, nunca olharam para a câmara de descompressão. Norman não compreendia aqueles jovens. Não deviam estar atentos à descompressão? Pareciam jovens e inexperientes a Norman. Concentrados no jogo de cartas, pareciam indiferentes à enorme câmara de metal que estava perto deles, indiferentes aos três sobreviventes no interior da câmara - e indiferentes ao significado mais lato da missão, às notícias que os sobreviventes tinham trazido para a superfície. Aqueles alegres jogadores da Marinha pareciam estar-se nas tintas para a missão de Norman. Mas talvez não soubessem.

Voltou para a câmara, sentou-se à mesa. O joelho latejava e a pele estava inchada em volta da ligadura branca. Tinha sido tratado por um médico da Marinha durante a transferência do submarino para a câmara de descompressão. Tinham sido retirados do mini-submarino Deepstar III numa campânula de mergulho pressurizada, e dali tinham sido transferidos para a grande câmara na coberta do navio - a CDS, chamava-lhe a Marinha, a Câmara de Descompressão de Superfície. Iam passar quatro dias ali. Norman não sabia ao certo há quanto tempo estavam lá. Tinham ido dormir imediatamente e não havia relógio na câmara. O

mostrador do seu relógio de pulso estava esmagado, embora não se recordasse de como é que aquilo tinha acontecido.

Na mesa, à sua frente, alguém tinha raspado, "A MEU METE NOJO" na superfície. Norman passou os dedos pelos sulcos, e recordou-se dos sulcos da esfera prateada. Mas, agora, ele e Harry e Beth estavam nas mãos da Marinha.

E pensou: "Que é que vamos dizer-lhes?"

– Que é que vamos dizer-lhes? - perguntou Beth.

Já tinham passado várias horas; Beth e Harry tinham acordado, e agora estavam todos sentados à volta da mesa de metal arranhada. Nenhum deles tinha feito qualquer tentativa para falar para a tripulação que se encontrava no exterior. "Era como", pensou Norman, "se partilhassem um acordo tácito para se manterem isolados durante mais algum tempo."

– Acho que vamos ter de lhes contar tudo - disse Harry.

– Acho que não devemos - declarou Norman. Estava surpreendido com a força da sua convicção, com a firmeza da sua voz.

– Concordo - disse Beth. - Não sei bem se o mundo está preparado para aquela esfera. Seguramente, eu não estava.

Olhou timidamente para Norman. Ele pousou a mão no ombro dela.

– Muito bem - disse Harry. - Mas vejam as coisas de uma perspectiva da Marinha. A Marinha montou uma operação grande e dispendiosa; seis pessoas morreram e dois habitáculos foram destruídos. Eles vão querer respostas... e vão perguntar até as obterem.

– Podemos recusar-nos a falar - disse Beth.

– Isso não fará diferença nenhuma - disse Harry. - Não se esqueçam de que a Marinha tem as gravações.

– É verdade, as gravações - disse Norman. Tinha-se esquecido das cassetes de vídeo que tinham colocado no submarino. Dúzias de cassetes, a documentar tudo o que tinha acontecido no habitáculo durante o tempo que tinham passado no fundo do oceano. A documentar a lula, as mortes, a esfera. A documentar tudo.

– Devíamos ter destruído aquelas gravações - afirmou Beth.

– Talvez - disse Harry. - Mas agora é tarde de mais. Não podemos impedir a Marinha de obter as respostas que querem.

Norman suspirou. Harry tinha razão. Neste ponto, não havia forma de saber o que acontecera, nem impedir a Marinha de descobrir o que se passara com a esfera, e o poder que ela conferia. Esse poder representaria uma espécie de última arma: a capacidade de vencer os inimigos simplesmente imaginando que isso tinha acontecido. Era assustador nas suas implicações, e não podiam fazer nada acerca disso. Amenos que...

– Penso que podemos impedir que eles saibam - disse Norman.

– Como? - perguntou Norman.

– Ainda temos o poder, não temos?

– Acho que sim.

– E esse poder - disse Norman - consiste na capacidade de fazer as coisas acontecerem, simplesmente pensando nelas.

– Sim...

– Então, podemos evitar que a Marinha saiba. Podemos decidir esquecer tudo.

Harry franziu o sobrolho.

– É uma questão interessante: se temos o poder de esquecer o poder.

– Eu acho que devíamos esquecer - disse Beth. - Aquela esfera é demasiado perigosa.

Ficaram em silêncio, a pensar nas implicações de esquecerem a esfera. Porque esquecer não impediria simplesmente a Marinha de se inteirar sobre a esfera - apagaria todo o conhecimento dela, incluindo o deles próprios. Fã-lo-ia desaparecer da consciência humana, como se nunca tivesse existido sequer. Removê-lo-ia da consciência da espécie humana para sempre.

– Grande passo - afirmou Harry. - Depois de tudo aquilo por que passámos, esquecer o que aconteceu...

– É precisamente por causa de tudo aquilo por que passámos, Harry - disse Beth. - Vamos encarar o assunto... não nos portámos muito bem. - Norman reparou que agora ela falava sem rancor, que o tom combativo tinha desaparecido.

– Infelizmente, é verdade - disse Norman. - A esfera foi concebida para testar qualquer vida inteligente que apanhasse, e nós falhámos o teste.

– É para isso que pensas que a esfera foi feita? - perguntou Harry. - Eu não concordo.

– Então para que foi? - perguntou Norman.

– Bem disse Harry, vejam as coisas desta forma: suponham que eram uma bactéria inteligente a flutuar no espaço e encontravam um dos nossos satélites de comunicações, em órbita, à volta da Terra. Pensariam, que objecto tão estranho e desconhecido, vamos explorá-lo. Suponham que o abriam e entravam dentro dele. Iam achá-lo muito interessante, com montes de coisas intrigantes. Mas podiam acabar por entrar numa das células de combustível e o hidrogénio matar-vos-ia. E os vossos últimos pensamentos seriam: Este aparelho desconhecido foi obviamente feito para testar a inteligência bacteriana e para nos matar, se dêssemos um passo em falso.

"Ora, isso estaria correcto do ponto de vista da bactéria moribunda. Mas não estaria nada correcto do ponto de vista dos seres que fizeram o satélite. Do nosso ponto de vista, o satélite de comunicações não tem nada a ver com bactérias inteligentes. Nós nem sequer sabemos se há bactérias inteligentes no espaço. Só estamos a tentar comunicar, e construímos o que consideramos um aparelho bastante vulgar para o fazer.

– Queres dizer que a esfera pode não ser um trofeu nem uma armadilha?

– Precisamente - disse Harry. - A esfera pode não ter nada a ver com a busca de outras formas de vida, ou com a análise de vida, como pensamos que essas actividades ocorrem. A esfera pode provocar essas mudanças profundas em nós por puro acaso.

– Mas por que é que alguém construiria uma máquina assim? perguntou Norman.

– É a pergunta que uma bactéria inteligente faria sobre um satélite de comunicações: por que é que alguém construiria uma coisa assim?

– Até porque - declarou Beth, pode nem ser uma máquina. A esfera pode ser uma forma de vida. Pode estar viva.

– Possível - disse Harry, assentindo. Beth disse:

– Então, se a esfera está viva, temos a obrigação de a manter viva?

– Nós não sabemos se está viva. Norman recostou-se na cadeira.
– Toda esta especulação é interessante - disse ele, mas quando aprofundamos o assunto, na verdade não sabemos nada acerca da esfera. Na verdade, nem sequer devíamos chamar-lhe a esfera. Provavelmente, devíamos chamar-lhe apenas "esfera". Porque não sabemos o que é. Não sabemos se está viva ou morta. Não sabemos como é que foi parar dentro daquela nave espacial. Não sabemos nada acerca dela, a não ser o que imaginamos... e o que imaginamos diz mais acerca de nós do que acerca da esfera.

– Certo - disse Harry.

– Porque é, literalmente, uma espécie de espelho para nós afirmou Norman.

– Por falar nisso, existe outra possibilidade - disse Harry. Pode nem sequer ser extraterrestre. Pode ser feita pelo homem.

Aquilo apanhou Norman completamente desprevenido. Harry explicou.

– Pensem - disse Harry. - Uma nave do nosso futuro passou por um buraco negro, para outro universo, ou para outra parte do nosso universo. Não podemos imaginar o que aconteceria em resultado disso. Mas suponham que houve uma distorção importante de tempo. Suponham que aquela nave, que partiu com uma tripulação humana no ano de 2043, andou em trânsito durante milhares e milhares de anos. A tripulação humana não teria podido inventá-la durante esse tempo?

– Não me parece muito provável - disse Beth.

– Bom, vamos pensar um pouco, Beth - disse Harry, suavemente.

Norman reparou que Harry já não estava arrogante. Estavam juntos naquilo, pensou Norman, e estavam a trabalhar juntos de uma forma que nunca tinha acontecido. Durante todo o tempo que tinham passado no fundo do mar, tinham estado desavindos, mas agora funcionavam bem juntos, coordenados. Uma equipa.

– Há um problema real em relação ao futuro - estava Harry a dizer, e nós não o admitimos. Presumimos que podemos ver melhor o futuro do que podemos na realidade. Leonardo da Vinci tentou fazer um helicóptero há quinhentos anos; e Júlio Verne previu um submarino há cem anos. A partir de momentos desses, temos tendência para acreditar que o futuro é previsível de uma forma que na realidade não é. Porque nem Leonardo nem Júlio Verne podiam ter imaginado, digamos, um computador. O próprio conceito de computador implica demasiado conhecimento que era simplesmente inconcebível na época em que aqueles homens eram vivos. Foi, se quiserem, informação que veio não se sabe de onde, mais tarde.

"E não somos mais sábios, aqui sentados agora. Não teríamos podido adivinhar que os homens enviariam uma nave por um buraco escuro... nem sequer suspeitávamos da existência de buracos negros até há alguns anos... e, seguramente, não podemos adivinhar o que os homens poderiam fazer a milhares de anos no futuro.

– Presumindo que a esfera foi feita por homens.

– Sim. Presumindo isso.

– E se não foi? Se for realmente uma esfera de uma civilização extraterrestre? Temos justificação para apagar todos os conhecimentos humanos desta vida extraterrestre?

– Não sei - disse Harry, a abanar a cabeça. - Se decidirmos esquecer a esfera...

- Então, ela vai-se embora - disse Norman. Beth olhou para a mesa.
- Quem me dera que pudéssemos perguntar a alguém - disse ela, por fim.
- Não há ninguém a quem perguntar - disse Norman.
- Mas poderemos realmente esquecer? - perguntou Beth. Vai resultar?
- Seguiu-se um longo silêncio.
- Sim - disse Harry, por fim. - Sem dúvida. E acho que já temos provas de que esqueceremos. Isso resolve um problema lógico que me perturbou desde o começo, quando explorámos a nave pela primeira vez. Porque faltava uma coisa muito importante àquela nave.
- Sim? O quê?
- Qualquer sinal de que os construtores da nave já sabiam que era possível viajar num buraco negro.
- Não estou a compreender - disse Norman.
- Bem - disse Harry, nós os três já vimos uma nave espacial que passou por um buraco negro. Andámos nela. Por isso, sabemos que essa viagem é possível.
- Sim...
- Porém, daqui a cinquenta anos, os homens vão construir aquela nave de uma forma muito tentativa, experimental, aparentemente sem qualquer conhecimento de que a nave já foi descoberta, cinquenta anos no passado deles. Não há sinais na nave de que os construtores já conhecem a sua existência no passado.
- Talvez seja um daqueles paradoxos do tempo - disse Beth. Sabes, como a pessoa pode voltar para trás e encontrar-se no passado...
- Harry abanou a cabeça.
- Não me parece que seja um paradoxo - disse ele. - Creio que todo o conhecimento dessa nave vai ser perdido.
- Queres dizer que vamos esquecer.
- Sim - disse Harry. - E, francamente, acho que é uma solução muito melhor. Durante muito tempo, enquanto estivemos ali em baixo, presumi que nenhum de nós voltaria vivo. Foi a única explicação que me ocorreu. Foi por isso que quis fazer o meu testamento.
- Mas se decidirmos esquecer...
- Exactamente - disse Harry. - Se decidirmos esquecer, isso produzirá o mesmo resultado.
- O conhecimento desaparecerá para sempre - disse Norman calmamente. Reparou que estava hesitante. Agora que tinham chegado a este momento, sentia-se estranhamente relutante em continuar. Passou as pontas dos dedos pela mesa arranhada, a tocar a superfície, como se aquele gesto lhe fornecesse uma resposta.
- "Num sentido", pensou ele, nós somos apenas feitos de recordações. As nossas personalidades são construídas a partir de recordações, as nossas vidas são organizadas à volta de recordações, as nossas culturas são arquitectadas com a fundação de recordações partilhadas a que chamamos história e ciência. Mas agora, para desistir de uma recordação, para desistir de um conhecimento, para desistir do passado..."
- Não é fácil - disse Harry, a abanar a cabeça.
- Não - disse Norman. - Não é. - De facto, achava tão difícil que perguntou a si

mesmo se estaria a experimentar uma característica humana tão fundamental como desejo sexual. Simplesmente, não podia desistir deste conhecimento. A informação parecia-lhe tão importante, as implicações tão fascinantes... Todo o seu ser se revoltava contra a ideia de esquecer.

– Bem - disse Harry, acho que, de qualquer maneira, temos de o fazer.

– Estava a pensar no Ted - disse Beth. - E no Barnes, e nos outros. Somos os únicos que sabem como eles morreram realmente. Por que é que deram as suas vidas. E se esquecermos...

– Quando esquecermos - disse Norman com firmeza.

– Ela tem razão - disse Harry. - Se nos esquecermos, como é que lidamos com todos os pormenores? Com todas as pontas soltas?

– Não me parece que isso seja um problema - disse Norman. O inconsciente tem poderes criativos enormes, como vimos. Os pormenores serão tratados inconscientemente. É como a forma como nos vestimos de manhã. Quando nos vestimos, não pensamos necessariamente em todos os pormenores, o cinto e as meias e todas essas coisas. Só tomamos uma decisão global básica sobre como queremos ficar e depois vestimo-nos.

– Mesmo assim - disse Harry. - É melhor tomarmos a decisão global, porque todos temos o poder, e se imaginarmos histórias diferentes, vamos armar confusão.

– Está bem - concordou Norman. - Vamos chegar a acordo sobre o que aconteceu. Por que é que viemos aqui?

– Eu pensei que ia ser uma queda de avião.

– Eu também.

– Muito bem, suponham que foi a queda de um avião.

– Está bem. E que aconteceu?

– A Marinha mandou algumas pessoas ao fundo do mar para investigar o acidente e surgiu um problema...

– ... Esperem um pouco, que problema? A lula?

– Não. É melhor um problema técnico.

– Algo a ver com a tempestade?

– Os sistemas de suporte de vida falharam durante a tempestade?

– Sim, boa. Os sistemas de suporte de vida falharam durante a tempestade.

– E várias pessoas morreram em resultado disso?

– Esperem um momento. Não vamos tão depressa. Que é que fez os sistemas de suporte de vida falharem?

Beth disse:

– O habitáculo teve uma fuga, e a água do mar corroe as caixas dos filtros de ar no Cilindro B e libertou um gás tóxico.

– Isso podia ter acontecido? - perguntou Norman.

– Sim, facilmente.

– E diversas pessoas morreram devido a esse acidente.

– Está bem.

– Mas nós sobrevivemos. - Sim.

– Porquê? - perguntou Norman.

– Nós estávamos no outro habitáculo. Norman abanou a cabeça.

– O outro habitáculo também foi destruído.

- Talvez tivesse sido destruído mais tarde, com os explosivos.
- Demasiado complicado - disse Norman. - Vamos manter as coisas simples. Foi um acidente que aconteceu de súbito e inesperadamente. O habitáculo teve uma fuga e os filtros de ar deixaram de funcionar, e o resultado foi que a maior parte das pessoas morreram, mas nós não, porque, estávamos no submarino?
- Está bem - disse Norman. - Nós estávamos no submarino quando os sistemas falharam, por isso sobrevivemos e os outros não.
- Por que é que nós estávamos no submarino?
- Estávamos a transferir as gravações, de acordo com o horário.
- E quanto às gravações? - perguntou Harry. - Que é que vão mostrar?
- As gravações vão confirmar a nossa história - disse Norman. Tudo será consistente com a história, incluindo as pessoas da Marinha que nos mandaram lá para baixo e incluindo nós, também... não nos lembraremos de nada a não ser desta história.
- E não voltaremos a ter o poder? - perguntou Beth, de sobrolho franzido.
- Não - disse Norman. - Não voltaremos a tê-lo.
- Está bem - disse Harry.

Beth pareceu pensar no assunto durante mais tempo, a morder o lábio. Mas por fim concordou.

- Está bem.

Norman respirou fundo e olhou para Beth e Harry.

- Estamos prontos para esquecer a esfera, e o facto de termos tido o poder de fazer as coisas acontecerem ao pensarmos nelas?

Eles acenaram afirmativamente.

De repente, Beth ficou agitada e contorceu-se na cadeira.

- Mas como é que fazemos, exactamente?

- Fazendo - disse Norman. - Fechem os olhos e digam a vocês próprios para esquecer.

Beth disse:

- Mas estás certo de que devemos fazer isso? Realmente certo? Continuava agitada e mexia-se nervosamente.

- Sim, Beth. Tu só... desistes do poder.

- Então, temos de fazer tudo juntos - disse ela. - Ao mesmo tempo.

- Está bem - disse Harry. - Quando eu contar até três. Fecharam os olhos.

- Um...

Com os olhos fechados, Norman pensou: "De qualquer maneira, as pessoas esquecem-se sempre de que têm poder."

- Dois... - disse Harry.

E, depois, Norman concentrou-se. Com uma intensidade súbita viu novamente a esfera, brilhante como uma estrela, perfeita e polida, e pensou: "Quero esquecer que alguma vez vi a esfera."

E, no olho da mente, a esfera desvaneceu-se.

- Três - disse Harry.

- Três quê? - perguntou Norman. Sentiu uma dor nos olhos e estes arderam-lhe. Esfregou-os com o polegar e o indicador e depois abriu-os. Beth e Harry estavam sentados à volta da mesa na câmara de descompressão com ele. Estavam todos

com um aspecto cansado e deprimido. Mas era de esperar, pensou, tendo em conta tudo aquilo por que tinham passado.

– Três quê? - perguntou Norman outra vez.

– Oh - disse Harry. - Estava apenas a pensar em voz alta. Só restamos três.

Beth suspirou. Norman reparou que ela tinha lágrimas nos olhos. Procurou um lenço de papel no bolso, assoou o nariz.

– Não podem culpar-se a vocês próprios - disse Norman. Foi um acidente. Nós não podíamos fazer nada.

– Eu sei - disse Harry. - Mas aquelas pessoas a sufocar, enquanto nós estávamos no submarino... Ainda consigo ouvir os gritos... Deus, quem me dera que nunca tivesse acontecido.

Ficaram em silêncio. Beth assoou novamente o nariz.

Norman também gostaria que aquilo nunca tivesse acontecido. Mas, agora, desejar não ia fazer diferença nenhuma.

– Não podemos mudar o que aconteceu - disse Norman. - Só podemos aprender a aceitar.

– Eu sei - disse Beth.

– Tenho muita experiência com traumas provocados por acidentes - disse ele. - Tu não podes parar de dizer a ti mesma que não tens motivo para te sentir culpada. O que aconteceu, aconteceu... algumas pessoas morreram e tu foste poupada. Não é culpa de ninguém. É apenas uma daquelas coisas. Foi um acidente.

– Eu sei - disse Harry, mas sinto-me mal.

– Não pares de dizer a ti mesma que é apenas uma daquelas coisas - disse Norman. - Não pares de dizer isso a ti mesma. Levantou-se da mesa. "Deviam comer", pensou. "Deviam ter comida." Vou pedir comida.

– Não tenho fome - disse Beth.

– Eu sei, mas mesmo assim devíamos comer.

Norman dirigiu-se para a vigia. A atenta tripulação da Marinha viu-o de imediato, carregaram no comunicador do rádio.

– ... fazer alguma coisa pelo senhor, Dr. Johnson?

– Sim - disse Norman. - Precisamos de comida.

– Imediatamente, sir.

Norman viu pena estampada nos rostos dos tripulantes da Marinha. Aqueles homens experientes compreendiam o choque que os três sobreviventes deviam estar a sentir.

– Dr. Johnson? Os seus colegas estão prontos para falar com alguém agora?

– Falar?

– Sim, senhor. Os peritos dos serviços secretos têm estado a analisar as gravações do submarino e precisam de vos fazer algumas perguntas.

– Sobre o quê? - perguntou Norman, sem grande interesse.

– Bem, quando foram transferidos para a CDS, o Dr. Adams mencionou algo sobre uma lula.

– Uma lula?

– Sim, senhor. Só que, aparentemente, não existe nenhuma lula gravada nas cassetes.

– Não me lembro de nenhuma lula - disse Norman, intrigado. Voltou-se para

Harry. - Disseste alguma coisa acerca de uma lula, Harry?

Harry franziu o sobrolho.

- Uma lula? Não me parece.

Norman voltou-se para o homem da Marinha.

- Que é que as gravações mostram, exactamente?

- Bem, as cassetes vão até ao momento em que o ar no habitáculo... sabe, o acidente...

- Sim - disse Norman. - Recordo-me do acidente.

- Pelas gravações, pensamos saber o que aconteceu. Aparentemente, havia uma fenda na parede do habitáculo, e os cilindros dos filtros de ar ficaram húmidos. Ficaram inoperantes, e a atmosfera ambiente ficou má.

- Compreendo.

- Deve ter acontecido muito subitamente, sir.

- Sim - disse Johnson. - Sim, aconteceu.

- Então, estão prontos para falar com alguém agora?

- Penso que sim. Sim.

Norman afastou-se da vigia. Enfiou as mãos nos bolsos do casaco e sentiu um pedaço de papel. Tirou uma fotografia e olhou para ela com curiosidade.

Era uma fotografia de um Corvette vermelho. Norman perguntou a si mesmo de onde tinha vindo a fotografia. Provavelmente, um carro que pertencia a outra pessoa qualquer, que usara o casaco antes de Norman. Provavelmente, um dos marinheiros que tinham morrido no desastre no fundo do mar.

Norman estremeceu, amachucou a fotografia na mão e atirou-a para o lixo. Não precisava de recordações nenhuma. Lembrava-se bem de mais daquela tragédia. Sabia que nunca a esqueceria até ao fim dos seus dias.

Virou-se para olhar para Beth e Harry. Pareciam ambos cansados. Beth olhou para o ar, preocupada com os seus próprios pensamentos. Mas o rosto dela estava sereno; apesar das agruras do tempo que tinham passado no fundo do mar, Norman achou que ela parecia quase bonita.

- Sabes, Beth - disse ele, estás encantadora.

Beth não pareceu ouvir, mas, depois, virou-se lentamente para ele.

- Ora, obrigada, Norman - disse. E sorriu.

FIM